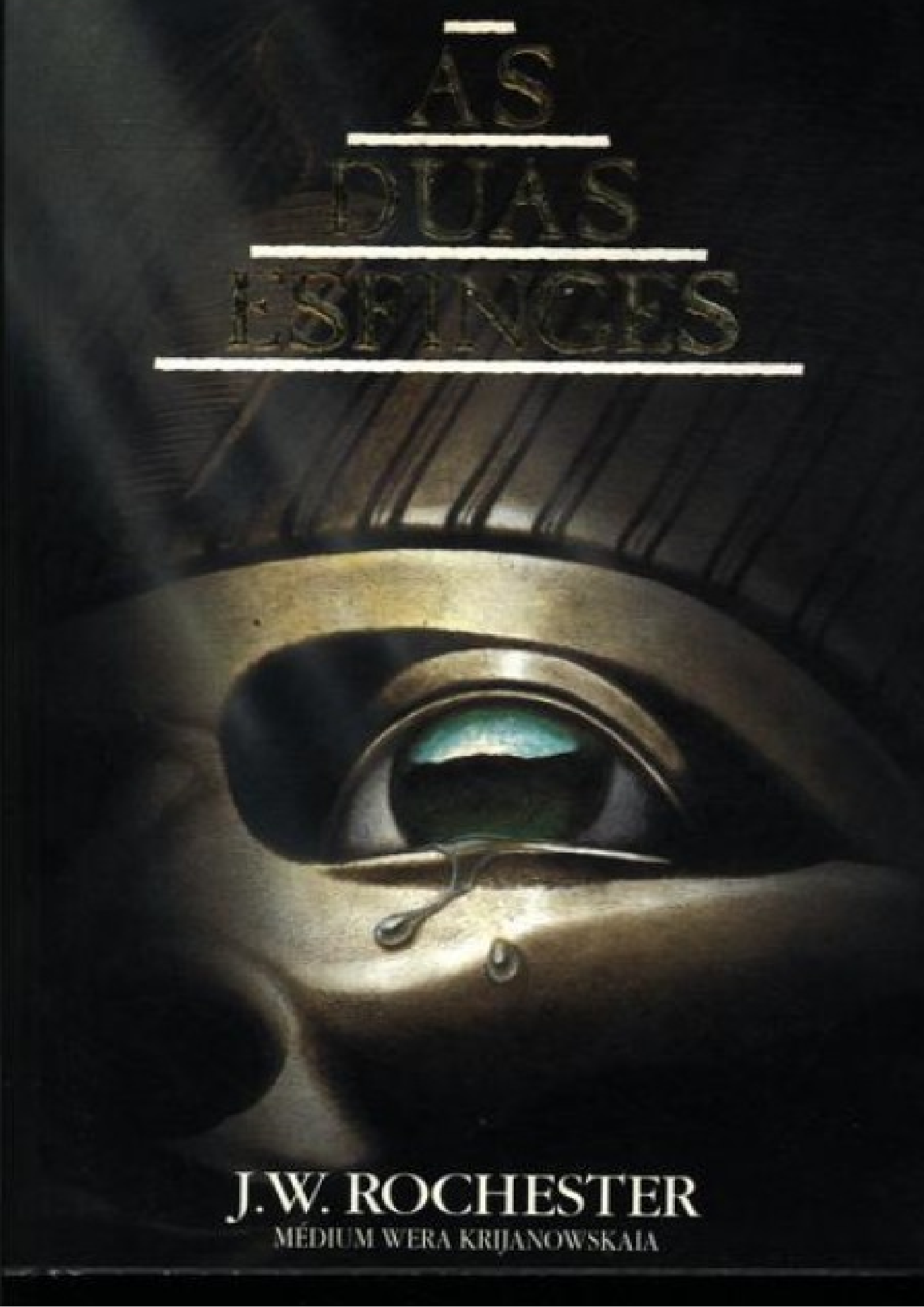
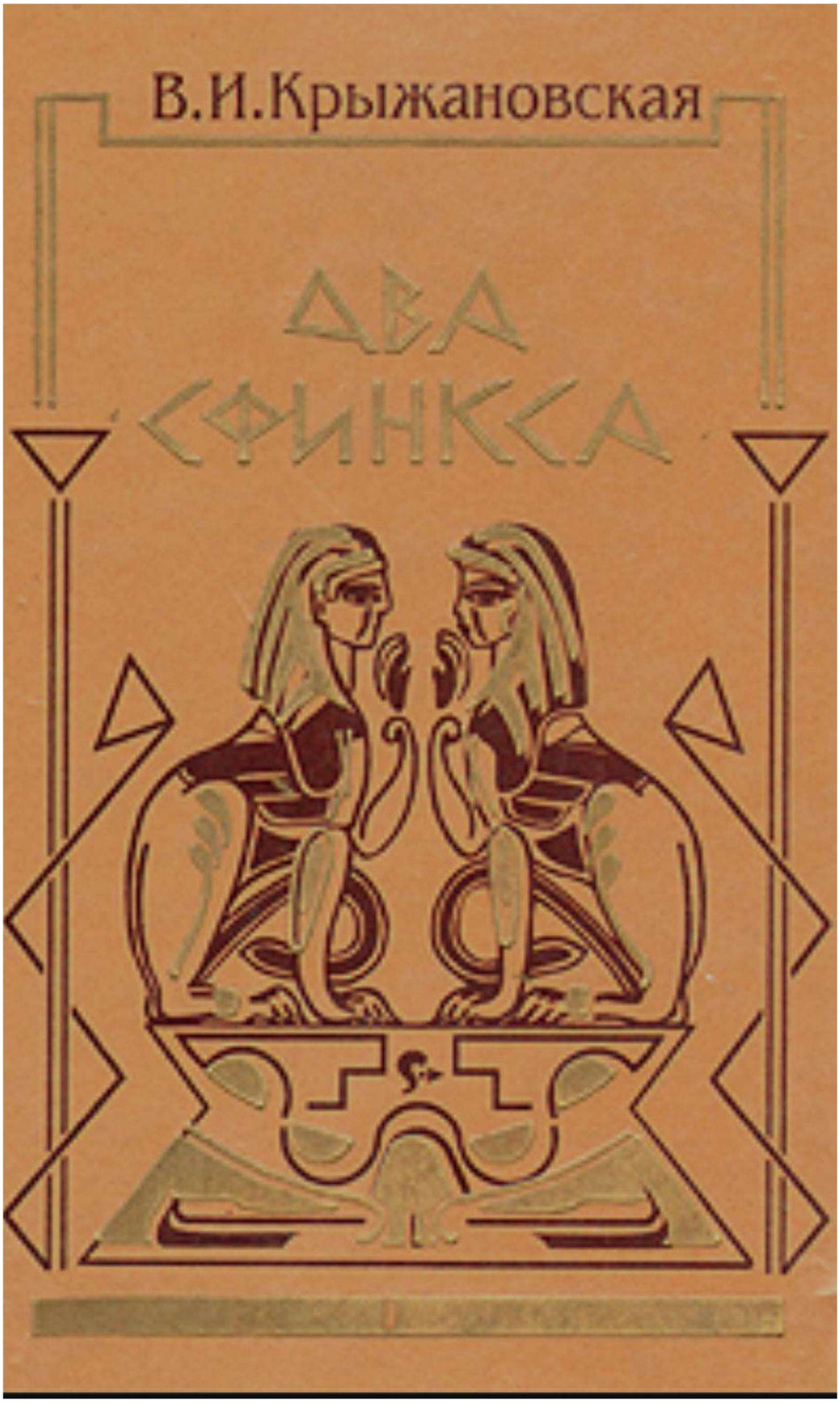
AS DUAS ESFINGES



J.W. ROCHESTER

MÉDIUM WERA KRIJANOWSKAIA


В.И.Крыжановская
ДВА
СФИНКСА

J. W. ROCHESTER
MÉDIUM WERA KRIJANOWSKAIA

AS DUAS ESFINGES

BOA NOVA
LIVRARIA ESPÍRITA
LÚMEN

Sumário

Primeira Parte

I. 9
II. 27

Segunda Parte

I. 57
II. 73
III. 103
IV. 121
V. 141
VI. 161
VII. 189

Terceira Parte

I. 225
II. 243
III. 265
IV. 281
V. 303
VI. 323
VII. 339
VIII. 367
IX. 389
X. 411

Primeira Parte

O Mago

I.

Num dos quarteirões de Menfis, longe do centro densamente povoado da antiga capital, havia uma bela casa, ladeada por um grande jardim. A casa fora erguida na própria margem do rio Pila, sobre um outeiro artificial de onde se divisava uma maravilhosa vista da margem oposta, com o rio salpicado de barcos. Do terraço, cercado por uma balaustrada, via-se, impondo-se sobre a cidade, a Fortaleza Branca, cujos templos, palácios e obeliscos reverberavam em cores douradas e púrpuras à luz do sol poente.

Atrás da casa, contigua ao jardim, estendia-se um imenso pátio, cheio de palmeiras e figueiras, que servia, pelo visto, de oficina a um escultor, pois nele estavam espalhados pedaços de granito, barro, basalto; viam-se estátuas quebradas e, sob uma cobertura, junto à parede, havia obras acabadas. No meio do pátio, sobre altos pedestais de basalto preto, repousavam duas esfinges e, diante delas, sentado num banquinho de armar, o seu artista-criador, que, aparentemente, acabara de concluir o seu trabalho.

Era um homem ainda jovem, uns trinta anos de idade, tipicamente egípcio, alto, magro e esbelto. Seu rosto da cor de

bronze, com grandes olhos negros aveludados, traços finos re gulares e cílios praticamente fechados no intercílio, respirava energia; a pequena boca, bem delineada, com cantos levemente caídos, transmitia-lhe uma expressão soberba, e as largas narinas ativas do nariz, levemente adunco denotavam impetuosidade de paixões.

Nesse instante, absorto em pensamentos, o seu olhar perdia-se no espaço. Pela pose imóvel, ele bem que poderia ser confundido com a bela estátua do jovem deus que acabara de sair de seu próprio cinzel.

Por fim, o escultor se levantou e contemplou as esfinges diante dele. De trabalho magnífico, elas surpreendiam pela extraordinária riqueza de acabamento: suas cabeças – uma azul em ouro e outra verde em ouro - estavam encimadas por brancas *klaftas*(1) com listras esmaltadas – uma azul em ouro e outra verde em ouro; as frontes eram decoradas por flores de lótus uma azul-claro e outra rosada. As folhinhas eram tão delicadas e tão bem trabalhadas, e os pistilos dourados tão finos e flexíveis, que as flores poderiam ser tomadas por vivas.

---

(1) Espécie de touca em pano listrado, usada como coroa pelos faraós, bem ilustrada na máscara funerária de Tut-Ankh-Amon (Museu Egipcio do Cairo).

O rosto de uma das esfinges representava o próprio artista, enquanto o da outra, uma mulher de rara beleza. Os lábios das duas esfinges estavam levemente pintados e, no lugar dos olhos, numa estavam incrustadas safiras e na outra - esmeraldas. O brilho das gemas e a sua transparência transmitiam-lhes uma extraordinária vivacidade – algo diabólico. De que forma o granito havia sido esmaltado e como às klaftas listradas foram fixadas as flores – era um segredo do artista, que, com um sorriso cheio de satisfação e orgulho, admirava a sua obra.

Mas, apesar de toda a perfeição com que se distinguia o trabalho dessas duas estinges, o antigo egipcio teria muito que dizer contra elas: alguns séculos antes, tal execução teria custa do ao artista uma punição severa em vez de elogio,

A arte no Egito se submetia as inalceráveis normas sagra das oficiais, das quais não se podia afastar sem atrair para si acusações de sacrilégio. A pose, a dimensão dos membros e a ornamentação - tudo era previsto e bem definido.

Não obstante, nas duas esfinges, todo esse rigor sagrado foi atenuado significativamente, e na graciosa desenvoltura da pose e nos ornamentos sentia-se algo diferente, como se tives sem sido borrifados por um jato novo e fresco de uma poderosa arte livre que em nada lembrava os velhos padrões “sagrados", enregelados em sua imobilidade.

Mas, naquela época a que se refere a nossa narrativa, o artista já podia, sem qualquer temor, permitir-se tais liberda des. Amósis II (2) (Amásis Heródoto) reinava então no Egito; amigo de gregos, tornando-se grego também – na medida em que isso era possível para um faraó -, ele protegia os estrangeiros e estimulava sua arte e indústria, ansiando que a genialidade jovem e cheia de vida da Hélade, por meio de colonos gregos, influenciasse a grandiosa, porém decrépita, civilização do Egito, injetando-lhe um sangue novo.

O próprio faraó desposara uma grega de nome Ladike e a boa-vontade que ele tinha em relação aos jônios, e dórios que se estabeleceram às margens do rio Pelúsio, braço do Nilo, durante o reinado de Psamético I (3), atraía cada vez mais emigrantes. Seu número cresceu tanto que alguns anos antes Amósis transferira cerca de duzentas mil pessoas para Menfis e circunvizinhanças, apesar do descontentamento mal contido de seus súditos egípcios. Fica claro por que, em tais circunstâncias, o escultor podia inspirar-se em padrões gregos, sem qualquer receio de que os defensores dos velhos tempos ousassem persegui-lo por isso.

---

(2) XXVI Dinastia ("Nove Reis de Saís" – 664-525 a. C.), penúltimo faraó, morreu em 526 a.C., após reinar durante 44 anos. Considerado o último grande faraó do Egito.

(3) Psamético I (664-610 a.C.)

Já era hábito entregar os filhos dos nativos aos colonos para o estudo da língua grega, artes e ofícios. Graças a isso, Rameri – assim era chamado o jovem artista – passou alguns anos no ateliê de um escultor dório onde se imbuiu de um novo espírito de arte, o que, entretanto, não lhe impedia de permanecer de alma e corpo um egipcio fanático, venerador da antiga religião de seus ancestrais, e até nutrir, nos recônditos do coração, um certo ódio aos estrangeiros, que ele consi derava inimigos e um cancro do país.

Mas, naquele momento, Rameri não pensava nem em política nem em arte. Com a sua obra, ele estava bem satisfeito, e pensamentos totalmente diferentes preocupavam-no. Pulando agilmente sobre o alto e largo pedestal de basalto que sustentava a esfinge de mulher, ele apertou o cálice de lótus. Ouviu-se um som surdo de mola e a esfinge moveu-se lentamente de seu lugar, deixando antever um largo orifício, talhado na base, que se verificou totalmente oco.

Nessa caixa, em forma de um sarcofago, havia uma grossa esteira, uma almofada bordada e um pano de seda que podia servir de cobertor. Depois de examinar por algum tempo aquele estranho leito, Rameri apertou o pistilo do lótus e a esfinge moveu-se silenciosamente sobre gonzos invisíveis, fechando hermeticamente o sarcofago.

Rameri passou nervosamente a mão pelos densos e curtos cachos de cabelo que lhe contornavam a testa e, aproximando-se

da mesa, tomou de um gole uma taça de vinho. A seguir, protegendo da poeira ambas as esfinges com uma lona, ele entrou na casa.

Ao chegar ao quarto, o artista bateu três vezes com um martelo em um gongo de bronze que pendia junto à cama, e, imediatamente, atrás da porta entreaberta, apareceu a cabeça encaracolada de um etíope.

– Ordene que Toto e Psaro aprontem o barco, e depois prepare a minha roupa! - ordenou Rameri.

O artista acabava de se lavar quando o etiope retornou. Ele passou a Rameri um fino traje branco de linho, um colar de amuletos e escaravelhos de lápis-lazúli e um cinto, atrás do qual ele enfiou uma adaga com cabo cunhado em ouro.

Isso feito, ele pôs sobre a cabeça uma klafta, envolveu-se numa capa escura e saiu de casa.

– Se alguém perguntar por mim, diga que saí e você não sabe quando volto - disse ele ao escravo que o acompanhava, e que, cruzando os braços, curvou-se em sinal de obediência.

Do terraço descia diretamente ao rio Nilo uma escada de pedra, ao fim da qual o aguardava um barco com dois remadores.

Rameri se acomodou e o barco, alçando largamente os remos, à semelhança das asas de um pássaro, partiu pela superfície lisa do rio para longe da cidade.

Os últimos raios do sol inundavam com luzes purpúreas os Montes Libios, mas mesmo essas já bruxuleavam, ignorando o nosso pôr-do-sol, longo e monótono; a noite meridional avançava rapidamente.

Já era alta noite quando, obedecendo ao comando do artista, o barco atracou. Saltando para a margem e ordenando aos escravos que o aguardassem, Rameri, que com certeza conhecia bem a localidade, subiu o barranco íngreme e chegando até um muro caminhou ao longo dele.

Do outro lado da grande parede quadrangular parecia haver um jardim, pois, com exceção de árvores, nada se podia enxergar. O local ermo e o profundo silêncio que la reinava era angustiante. Mas Rameri não parecía ter essa sensação; ele caminhava firme, brincando de jogar para cima uma chave que havia tirado detrás do cinto.

Diante de um pequeno portão, encoberto por arbustos, Rameri parou, abriu-o e, atravessando-o, trancou-o por dentro.

Sob as densas figueiras, por onde ele acabara de entrar, não se enxergava nada, mas ele continuou firme o caminho, passou por um segundo muro que dividia o jardim em duas partes e, através de uma alameda coberta de areia e decorada lateralmente por canteiros de flores, dirigiu-se à casa que se divisava por entre a vegetação, cujo primeiro andar estava iluminado.

Era um grande prédio de dois andares com uma alta torre astronômica. Subindo a passos rápidos até um pequeno terraço, Rameri bateu à porta.

–Entre! – respondeu uma voz sonora.

Rameri empurrou a porta, abriu uma pesada cortina de lã e achou-se numa sala comprida, amplamente iluminada com lâmpadas de óleo aromático, pensas no teto e distribuídas nos suportes.

O ambiente denotava que ali residia um sábio; por toda parte viam-se tábulas e pergaminhos; nas mesas amontoavam-se instrumentos estranhos e desconhecidos, e, nas prateleiras, que se estendiam ao longo das paredes, enfileiravam-se montes de vidros e frascos de diversos tipos e tamanhos, feixes de ervas secas, sacos com diferentes pós, cubos e caixas decoradas.

No fundo da sala havia uma escada em espiral que levava à torre, e, no centro, junto à mesa de trabalho, estava sentado o próprio dono da casa, inclinado sobre um pergaminho que ele examinava com visível interesse.

Era um homem alto e magro. Pelo aspecto, tanto poderia ter trinta como cinqüenta anos pois toda a sua figura transpirava um misto de serenidade da idade madura e a mobilidade e impeto de um jovem.

Seu rosto de traços regulares reverberava a amarelidão de marfim velho; o fitar dos grandes olhos esverdeados ardia de uma vontade forte e inabalável. O nariz aquilino e a boca com lábios pálidos e finos transmitiam uma expressão severa, quase cruel.

–Bem-vindo, Rameri! – saudou ele, estendendo a mão ao artista, que lhe respondeu com uma respeitosa reverência.

A seguir, apontando para uma cadeira, ele acrescentou:

–Sente-se e aguarde um minuto; preciso acabar de ler este texto mágico.

Rameri sentou-se em silêncio. Com a impaciência mal disfarçada, ele olhava para o mago que vestia um traje longo de linho, de brancura ofuscante; sua cabeça era coberta por klafta também branca, decorada com uma brilhante representação da lua.

Amenhotep era famoso em Mênfis por seus extraodinários conhecimentos e poderes. Nem o passado nem o futuro constituíam para ele um segredo. Os espíritos e as forças da natureza submetiam-se a ele; as pedras, ao seu capricho, transformavam-se em barras de ouro, o carvão – em pedras preciosas. Os talismãs e as poções de amor dobravam e submetiam as índoles mais insubmissas. Os pássaros distribuíam as suas ordens para qualquer lugar que mandasse.

Ao terminar a leitura, Amenhotep enrolou o pergaminho e colocou-o sobre a mesa. Em seguida, puxando para si um escrínio de marfim, disse:

— Eu cumpri o prometido! Olhe! Aqui, dentro deste escrínio, estão os elixires que ajudarão você e a princesa a realizarem os seus desejos.

Amenhotep abriu a tampa e mostrou a Rameri dois frascos com rolhas de ouro e um fino rolo de papiro com caracteres antigos.

–Está vendo o frasquinho? Parece com ouro líqudo: esta substância fornece a vida. No outro, está o elixir que produz um sono parecido com a morte, do qual eu já lhe falei antes.

São ilimitados os segredos da natureza que a mente humana não consegue conceber - murmurou Rameri, inclinando-se avidamente sobre o escrinio. - Mas diga-me, como eu devo usar essas substâncias e quanto tempo duram seus efeitos?

–Aqui estão dois pedaços de pano. Basta umedecê-los com o soporífero e colocar sobre o rosto; à medida que inalar, a pessoa entrará num sono parecido com a morte e irá dormir, se quiser, até por séculos, enquanto não colocarem em sua boca uns goles de vinho quente com três gotas deste líquido dourado. Então o adormecido ou a adormecida irá despertar – repito, quer seja daqui a mil anos – renovado, como se fosse depois de um sono normal. E assim, se a princesa conseguir escapar durante o banquete nupcial, vocês poderão deitar tranquilamente nos sarcofagos das esfinges.

Ela se livrará do odioso casamento e ambos, por mais que os procurem, poderão aguardar o momento de seu despertar. Eu mesmo tomarei conta de vocês.

–Agradeço-lhe, sábio Amenhotep, por ser tão bom comigo! Sem a menor hesitação entrego em suas mãos tanto a minha vida como a da mulher que amo.

–Pode confiar em mim! Como seu leal amigo, vou proteger suas esfinges. Daqui a alguns anos, espero retirá-los dos sarcofagos e propiciar-lhes uma vida tranquila e feliz. Vocês ficarão livres dos obstáculos que atualmente os separam. Grandes acontecimentos estão por vir e uma imensa desgraça desabará sobre a terra de Khemi(4). O pé ousado do estrangeiro conquistador irá espezinhar a nossa terra sagrada. O país pilhado e escravizado testemunhará a morte de seus melhores filhos. Amósis II dormirá em Osíris; Psamético, criação de Tífon, marcado pelos próprios deuses, perecerá de morte vergonhosa, e junto com ele, no turbilhão dos acontecimentos, desaparecerá o príncipe – seu rival. Assim que tudo se acalmar um pouco, você e Nuíta poderão voltar para os vivos.

–Amenhotep! Se você sabe de tudo, por que não avisa o faraó? - interrompeu Rameri, pálido e perturbado. - Talvez as medidas, tomadas a tempo, evitem a desgraça.

---

(4) Terra de Khemi – Egito.

–Onde e quando você já viu que a fama ou a vontade humana pode deter os acontecimentos desencadeados pelos mortais? - atalhou Amenhotep calmamente. – Acredite, vele por seu próprio destino e deixe que os povos sigam o caminho a eles traçados pela Vontade Inabalável. E agora, vamos! Jante comigo e fortaleça-se com uma taça de bom vinho. Você tem de guardar as forças. Não foi para desanimá-lo ou preocupá-lo que eu lhe abri a cortina do porvir.

–É impossível ser fraco com a sua proteção! Permita-me mais uma pergunta: poderá você ir comigo até a pirâmide?

–O príncipe também me convidou para o casamento; sendo assim, me será fácil notar no meio da multidão o desaparecimento da princesa. Desta forma, eu poderei dar uma escapada e fazer tudo o que for necessário.

Ambos os interlocutores então se levantaram e saíram do gabinete de trabalho do mago. Quando o barulho dos passos cessou, a cortina no fundo da sala se abriu e apareceu a cabeça de uma mulher. Lançando um rápido olhar em volta do quarto e convencendo-se de que ele estava vazio, a mulher, feito uma sombra, aproximou-se sorrateiramente da mesa de Amenhotep

Uma criatura extraordinária era aquela mulher – quase uma criança! Esbelta, delicada, airosa – ela antes poderia ser tomada por uma maravilhosa visão do que por um ser vivo, de carne e osso. Sua túnica de tecido transparente mal cobria a perfeição de suas

formas delicadas. Os loiros cabelos soltos com laivos ruivacentos, desciam abaixo dos joelhos, e essa juba leonina emprestava uma beleza encantadora ao seu pequeno rosto de brancura pálida, belo e regular como um camafeu. Os grandes olhos azuis, feito safira, contornados por cílios negros, brilhavam, e a pequena boca vermelha transmitia energia.

Naquele instante, os cílios carregados e os lábios firmemente apertados apontavam que ela estava muito preocupada com alguma coisa. Lançando um olhar perscrutador para a mesa de trabalho, ela foi até o baú junto da parede, cheio de diversos frascos vazios, e escolheu os dois menores, de formas diferentes. Voltando para junto da mesa, abriu o escrínio de marfim e transferiu aos frascos uma parte do conteúdo que o mago dera a Rameri. A seguir, da mesma forma ágil e rápida como viera, desapareceu atrás da cortina que ocultava um nicho profundo. Dentro dele havia um leito, uma mesa e um banquinho; uma portinhola estreita do lado direito do nicho levava a um quarto contiguo.

Escondendo com cuidado atrás da cinta ambos os frascos, a jovem se jogou na cama e, enterrando a cabeça nos travesseiros, entregou-se aos pensamentos.

Esta estranha e encantadora criatura tinha o nome de Ericso e era grega de origem. Durante um dos embates, freqüentes entre os egípcios e os odiosos colonos estrangeiros, o pai de Ericso fora morto; a mãe, ela perdera havia muito tempo. A velha e humilde

parenta que dela cuidava não ousou protestar quando um dos vencedores levou a menina, vendendo-a depois como escrava. Na época, Ericso tinha seis anos. A menina foi comprada por Amenhotep. Convencido de que naquele pequeno e delicado ser espreitavam grandiosas e misteriosas forças, o mago começou a realizar com ela experiências, cujos brilhantes resultados superaram todas as suas expectativas.

Mergulhada no sono "sagrado" que liberta a alma humana dos grilhões do corpo e que lhe devolve todas as suas magníficas capacidades, Ericso lia o passado e o futuro como num livro aberto. Para o mago, ela se tornara uma arma valiosa, e, com o decorrer do tempo, pouco a pouco, conquistou-lhe também o coração.

Ele a amava, mas o sentimento tardio se repartia estranhamente em dois. Sendo um mago, ele a respeitava como profetisa virgem, uma criatura extraordinária por suas capacidades ocultistas; sendo um homem, ele nutria por ela ciosa paixão ardente, que se tornou ainda mais forte, visto que ela nunca fora satisfeita.

Os visitantes jamais haviam visto Ericso, e os poucos empregados, ainda que dela soubessem, não se atreviam sequer a mencionar seu nome. Sozinha e enclausurada, vivia a jovem em companhia de seu senhor e de uma velha empregada, dedicando seu tempo à leitura, uma vez que Amenhotep se divertia em iniciá-la nos mistérios da ciência, em enfeitá-la com luxuosos vestidos e

jóias. Ele até permitia que ela ouvisse sua conversa com os amigos desde que ficasse sentada no nicho, fora do alcance dos olhares curiosos.

Foi assim que Ericso viu também Rameri, uma visita freqüente do mago, e apaixonou-se perdidamente pelo belo escultor, que nem imaginava sua existência. De seu posto de observação, ela conheceu toda a história de amor entre Rameri e a princesa Nuíta e o audaz projeto do mago para unir os apaixonados.

Ela jamais chegou a amar Amenhotep, ao qual temia, ciente de seu misterioso poder sobre ela. Agora, no entanto, chegou a odiá-lo.

Os ciúmes despertaram-lhe novos sentimentos e uma energia inesperada.

Nos últimos meses, ela passara por muitos sofrimentos, pois, praticamente diante de seus olhos, se estabelecia um forte amor entre os jovens Rameri e Nuita.

Neste ponto, nós devemos recuar um pouco a nossa narrativa para explicar o relacionamento entre os personagens.

A amizade entre Amenhotep e Rameri era de longa data. O pai do escultor, certo dia, salvou o mago num episódio em que um marido ciumento atentara contra a sua vida ao suspeitar de que aquele lhe arrebatara o coração da esposa com o auxílio de uma poção mágica.

Amenhotep abrigou seu salvador, deu educação ao seu filho Rameri e continuou a proteger o jovem, prestando-lhe todo o apoio para fazer uma brilhante carreira, pois o mago era famoso por sua influência em Mênfis. Seu patrimônio era considerado imenso e a simples e humilde vida que levava em sua casa retirada era atribuída exclusivamente à sua excentricidade.

A princesa Nuita era parenta do rei Apries(5), predecessor de Amósis. Desejando unir sua família à dinastia antiga, o faraó prometeu Nuíta em casamento a um dos seus primos, o príncipe Puarma, que se apaixonou loucamente por sua bela e nobre noiva. Ainda que o príncipe lhe fosse indiferente, ela consentiu em se casar.

Um acaso mudou tudo.

Nuíta adoeceu seriamente e sua vida estava por um fio, quando Amenhotep, chamado por ordem do faraó, conseguiu salvá-la.

Recuperando-se totalmente, a princesa foi pessoalmente agradecer ao mago em sua casa, onde encontrou Rameri. Apaixonando-se por ele a primeira vista, ela buscava uma oportunidade para encontrá-lo novamente. Com esse objetivo, o jovem escultor foi chamado ao palácio e foi-lhe encomendado, inici almente um busto de Nuita, e, mais tarde, o busto de um de seus irmãos mortos. Depois, já com mais liberdade, os apaixonados

(5) Apries/Uahibre - predecessor de Amósis II (589-570 aC.) XXVI Dinastia

começaram a se ver na casa de Amenhotep, onde trocaram juramentos.

Fica claro que, com o coração pertencendo ao outro, o casamento com Puarma tornou-se odioso à princesa e, em um de seus encontros, ela admitiu que preferiria a morte àquela união. Rameri, que se assegurara com a promessa de Amenhotep de arrumar tudo para que desse certo, acalmou a princesa, sem revelar-lhe, contudo, o seu segredo.

Esta era a situação no dia em que começa a nossa narrativa, na hora em que Ericso soube do plano idealizado pelo mago para seu preferido.

Absorta em pensamentos, a jovem nem percebera que alguém penetrara no nicho e sentara aos pés da cama. Era um anão, uma pessoa extremamente deformada, do tamanho de uma criança de dois anos. Dentro da casa, ele era tratado como um animal, alvo de todos os maus tratos. O infeliz encontrou proteção em Ericso, apegou-se aos poucos a ela, nutrindo por ela a lealdade de um cão. Ericso sabia que o anão lhe era cegamente fiel. Amenhotep, no entanto, que tinha um ciúme selvagem em relação a todos, era indiferente à amizade que entre a encantadora jovem e o monstro desfigurado. E, de repente, no peito daquela medonha e infeliz criatura pulsou o coração humano em chamas de paixão ardente à sua bela protetora, tal qual a paixão de Amenhotep.

Sem dúvida, Bisu-o anão-compreendia perfeitamente as suas limitações físicas e morais para pretender algo, restringindo-se a adorar Ericso como a uma divindade. Ao tocar com os lábios ardentes o pequeno pé desnudado, interrompeu os pensamentos da jovem. Ela estremeceu e aprumou-se. Ao ver o anão, seus olhos lampejaram de satisfação.

- É você, Bisu? Você chegou bem na hora!– disse ela.

Depois, inclinando-se sobre ele, ela lhe murmurou longamente no ouvido alguma coisa, sem notar-lhe a surpresa, ciúme, inquietação e o verdadeiro caos de sentimentos que se refletiam seqüencialmente no rosto magro e enrugado do monstro.

O barulho de passos se aproximando obrigou Ericso a se calar. Ela apertou receosa Bisu contra si.

Rameri, acompanhado do mago, veio buscar o escrínio.

Depois de indagar sobre alguns detalhes, o escultor se despediu e foi embora; Ericso e Bisu esgueiraram-se feito sombras, cada um ao seu quarto. Amenhotep sentou-se e reiniciou o trabalho que normalmente continuava até o alvorecer.

No dia seguinte, mal o sol acabou de se levantar, Rameri começou a preparar-se ativamente para transportar as esfinges ao palácio de Puarma. Terrivelmente extenunuado, suando em bicas, ele só deu uma deitadinha para descansar quando, finalmente, aos altos gritos dos trabalhadores, as duas colossais estátuas foram

instaladas em barcas que as levariam ao palácio do príncipe, cujos jardins eram contiguos à margem do Nilo.

Depois de descansar um pouco e vestir roupa limpa, Rameri ordenou que fosse atrelada a biga e dirigiu-se ao palácio do príncipe para supervisionar pessoalmente o desembarque e a instalação das esfinges no lugar estabelecido.

Puarma, um homem jovem e bonito, alguns anos mais novo que Rameri, recepcionou cordial e afavelmente o escultor. Ambos estudaram na mesma escola sacerdotal, e depois apesar da diferença de castas, continuaram amigos.

Absorto em preparativos no palácio para receber a jovem esposa, o príncipe estava radiante. Achando que o seu amor era correspondido, Puarma não sabia como mais agradar na ornamentação da futura moradia da adorada Nuíta.

Alegre e feliz, ele levou Rameri para mostrar as novas decorações: vasos, tapetes, jóias destinadas à sua futura esposa. Ao ser notificado sobre a chegada das esfinges, ele dirigiu-se com o escultor para o local do desembarque. Quando os colossos foram instalados nos berços, Rameri ordenou que eles fossem descobertos. Os raios solares reverberaram magicamente sobre o ouro e as incrustações esmaltadas; os olhos de safira e esmeralda faiscaram.

O principe, emudecido de surpresa e admiração, exclamou finalmente:

- Rameri! Que perfeição você criou no lugar das esfinges comuns que eu lhe havia encomendado! Eu não terei como recompensá-lo condignamente!

Príncipe! Tudo que eu acrescentei como ornamentação às esfinges que você se dignou me encomendar peço aceitar em sinal de reconhecimento de um humilde escultor pela honra que você lhe deu com a sua amizade.

- Mas isso é uma verdadeira fortuna.

- Só deu um pouco de trabalho, feito com a máxima alegria, e peço que aceite para o seu casamento respondeu Rameri, fazendo mesura. – Talvez você prefira colocar as esfinges no jardim, junto ao terraço que leva aos aposentos de sua futura esposa e não onde você havia pensado, já que esse local lhe traz tantas recordações duras.

- Você perdeu o juízo, Rameri? Como eu posso deixar ao relento tais preciosidades? Não, não! Eu as colocarei onde ficou decidido - na pirâmide. Eu vejo que você deu aos rostos das esfinges os traços de Nuita e os seus. Significa que o amor e a amizade ficarão guardados como as mais caras lembranças minhas.

Puarma apertou agradecido a mão do escultor, sem perceber uma estranha expressão sombria no rosto de Rameri.

Logo eles alcançaram a pirâmide. Alta, solidamente construída de tijolos calcinados, a pirâmide ficava na extremidade do jardim, perto do Nilo, e era cercada por um bosque de palmeiras e figueiras. Em seu interior, viam-se nos nichos as representações dos ancestrais do príncipe e divas; no centro, nos suportes, repousavam, em tamanho natural, as estátuas de seus pais, e, entre elas, se achava a pequena estátua de sua querida irmãzinha, morta havia pouco tempo.

Na ara encontrava-se tudo pronto para a defumação e a oferenda de vinho.

As duas esfinges foram colocadas bem aos pés da ara. A luz de duas lâmpadas, fixas na parede, os olhos fosforescentes das esfinges produziam uma impressão deprimente; uma comichão de medo supersticioso percorreu o corpo de Rameri. O que ele empreendia e ainda num lugar tão terrificante? Mas, uma vez decidido, ele não poderia encontrar um abrigo mais correto e seguro que aquele. Sem dúvida alguma, não seria naquela pirâmide que iriam procurar a noiva desaparecida, e mais ainda - ali, ele e Nuíta podiam dormir tranquilos até que Amenhotep os despertasse.

À noite do mesmo dia, mal a escuridão envolvera tudo, Rameri penetrou feito uma sombra no jardim do palácio, onde vivia a princesa Nuita junto com a mãe, e, escondendo-se atrás das árvores, soltou quatro gritos de pássaro noturno.

Dez minutos após, apareceu uma menina negra, e, enveredando-se por entre os arbustos, esperou até que um novo grito lhe possibilitasse a orientação, após o qual ela se aproximou do escultor e murmurou:

- Siga-me! Eu o levarei para junto das três palmeiras, onde ela irá encontrá-lo.

Ali, entre os troncos das árvores que deram o nome ao local, havia um banco de pedra.

Rameri sentou-se, porém não precisou esperar muito, logo apareceu uma mulher envolta numa capa escura. Rameri levantou-se de um salto, apertou-a em seus braços e fê-la sentar-se no banco com ele.

- E então, Rameri? Será que eu posso ficar mais tranquila? Você vai me contar os detalhes do plano da salvação prometida? - inquiriu a princesa tirando a capa.

Nuíta era muito bonita: alta e esbelta, grandes olhos negros; negros como asas de corvo eram também seus cabelos; naquele instante, suas faces morenas estavam pálidas e nos olhos fulgiam medo e ansiedade.

- Tranqüilize-se, minha amada! Dou-lhe toda a certeza da salvação. Está tudo arrumado e combinado entre mim e Amenhotep, o grande mago que nos protege. Entretanto, por motivos de segurança, não lhe contarei aqui todos os detalhes: até

as árvores têm ouvidos, e há pessoas que, a troco de algumas moedas de ouro, venderiam até o próprio Osíris. Somente no dia do casamento, após a cerimônia, você saberá de tudo. Diga-me, você sabe onde fica a pirâmide, no jardim de Puarma?

- Aquela onde estão as estátuas de seus pais e da irmã? - Oh, sim! Eu sei. Alguns dias atrás, quando eu e minha mãe estivemos em visita à casa do príncipe, ele me mostrou aquela pirâmide. Eu rezei lá, fiz oferenda, e Puarma me disse que pretendia colocar ali as duas esfinges que encomendara de você para decorar o ambiente.

- Excelente! Eu entreguei o trabalho hoje de manhã e as esfinges já estão lá. Assim, eu lhe peço vir rápido à pirâmide, onde eu estarei, assim que você perceber que mudei o meu punhal do lado esquerdo para o direito; e não se preocupe, pois eu farei com que isso seja visto para que você consiga escapar dos convidados. Quando você chegar lá, eu lhe contarei o resto.

- Espero não fazê-lo esperar muito. Como serei feliz quando acabarem todas essas incertezas e a necessidade de esconder-me e fingir! Você não pode imaginar como é revoltante enganar Puarma. Ele é bom e me ama sinceramente. Se você não tivesse me incutido este amor tão forte e cego, jamais eu teria concordado em fazer isto - observou Nuita perturbada e com lágrimas nos olhos.

Rameri puxou-a apaixonadamente junto a si. As palavras de amor que ele lhe murmurou fizeram calar o medo e os remorsos da jovem. Com a despreocupação da juventude, eles esqueceram-se

dos perigos iminentes; o futuro lhes pertencia, o poderoso mago prometeu-lhes a sua proteção - o que mais eles poderiam desejar?

II

Chegou o dia do casamento de Puarma com a princesa Nuíta. Mas não era só o noivo que aguardava impacientemente por essa data. Ericso também contava as horas, sem duvidar do êxito de seu arrojado plano. Absorta em suas cogitações, ela não notava a taciturnidade de Bisu. Ficaria aterrorizada se pudesse ler os pensamentos descontrolados que fervilhavam no cérebro perturbado do anão. Entretanto, Ericso nada percebia nem de nada desconfiava. Seus olhos faiscaram de ódio quando, depois do almoço, Amenhotep ordenou que ela lhe levasse ao aposento um copo de vinho, pois, visto ele ter passado a noite inteira trabalhando, queria tirar uma soneca por duas horas antes de ir ao banquete nupcial.

O dormitório do mago era um lugar bem escondido cuja entrada só era conhecida por Ericso e Bisu, seu empregado mais íntimo.

Como já dissemos, o mago não mantinha empregados supérfluos. Uma negra velha cuidava de toda a casa e preparava o almoço frugal de Amenhotep, que se alimentava praticamente de leite, frutas e legumes; todo o quadro restante de empregados se compunha de um velho porteiro e mais três pessoas, cujas

obrigações se resumiam em carregar a liteira, dirigir barco e manter em ordem o pátio e o jardim.

Alguns anos antes, quando escavavam o subterrâneo, no interior do qual o mago pretendia enterrar o seu tesouro e realizar algumas experiências ocultistas, encantamentos e invocações, os trabalhadores encontraram casualmente uma fonte subterrânea de ar, vinda de um orifício entre as pedras e que espalhava um aroma forte, mas extraordinariamente vivificante. E foi neste lugar justamente que Amenhotep resolveu construir os seus aposentos. Suas riquezas e conhecimentos custaram-lhe muita inveja e inimizade; várias vezes tentaram matá-lo, e ele sempre quis ter um abrigo seguro e, sobretudo, desconhecido de todos. Desta maneira, foram construídas várias salas subterrâneas contiguas. Na primeira delas, Amenhotep instalou para si um luxuoso dormitório, à prova de calor e do ar abafado - característicos dos porões egípcios – graças à fonte que, embora perdida no solo, permitia, através de um furo, o acesso de um ar fresco e vivificante, mantendo uma temperatura agradável e sadia.

Naquele dia de que falávamos, Amenhotep desceu ao aposento, fracamente iluminado por uma lâmpada que pendia do teto, e se deitou na cama, enquanto Ericso, que esvoaçava feito uma borboleta diante dele com a taça de vinho, cobriu seus pés com uma pele de pantera. Depois, com a voz carinhosa, ela perguntou:

- Quer que o abane e cante, enquanto você pega no sono?

- Abanar não precisa, mas ouvirei com prazer. Pegue a harpa e sente-se – disse Amenhotep, apontando-lhe um banquinho junto à cabeceira da cama.

Ericso sentou-se; os acordes suaves soaram de seus dedos delicados, vertendo uma melodia enfadonha e triste, convidativa ao sono.

Amenhotep ouvia a admirado, brincando com seus vastos cabelos dourados.

- Não se esqueça de me acordar daqui a duas horas sussurrou ele scutindo que a sonolência começava a tomar conta dele.

Ericso fez um sinal afirmativo c continuou a cantar cada vez mais baixo.Quando a respiração profunda ce regular do seu senhor indicou que ele estava dormindo, a jovem parou de cantar.

Ela ficou cerca de quinze minutos sentada, olhando pensativamente para o mago. Em seguida, tirou de trás da cinta um pequeno frasco c uma tira de pano. Molhando o pano com algumas gotas da poção soporífera, ela o colocou sobre o rosto do mago. Ao sentir-se tonta, ela jogou-se para trás em dois saltos, parando junto à porta e apoiando -se no dintel.

- Durma, durma! Deixe que os séculos vindouros o acordem! - murmurou maldosa e zombetciramente, sem tirar os olhos de Amenhotep adormecido. - Você me subtraiu os direitos humanos e

só vía em mim uma arma surda e muda de sua ciência; mas agora, esta mesma criatura por voce afrontada, que você acreditava manter sob o seu calcanhar de ferro, foi mais astuta e venceu-o. Isso você não havia previsto, a despeito de todos os seus conhecimentos e poderes. Você está impotente diante da força desconhecida dos elementos que você mesmo descobriu e que irá mantê-lo acorrentado a esse leito, enquanto isso for da minha vontade ou da de algum outro.

A jovem se aprumou e espreguiçou seu corpo esbelto.

- Estou livre, livre! – gritou ela, subitamente acometida de empolgação. - Seja abençoada você, Gator, que me devolveu esta liberdade! Eu poderei amar, contemplar o sol, ver minha beleza... e sua riqueza! – acrescentou ela rindo baixinho e sarcasticamente.

Fechando o nariz e a boca com a túnica, ela se aproximou de Amenhotep e começou a revolver apressadamente atrás de seu cinto, dali tirando uma pequena chave original.

Virando-se em direção à porta, ela viu essa estava aberta e junto da soleira estava sentado Bisu, sem tirar os olhos do corpo imóvel do mago deitado. Em sua empolgação, Ericso não deu atenção ao olhar sombrio e desaprovador do monstrinho.

- Vamos, vamos, Bisu sussurrou ela, erguendo-o como a uma criança.

Após trancar a porta do subterrâneo, ela acionou uma mola no degrau superior da escada: uma parede de tijolos escondeu a porta tão hermeticamente que esta parecia não existir.

- Vá, Bisu, e espere por mim no quarto. Você vai ajudar a vestir-me - ordenou.

Enquanto o anão se afastava cabisbaixo, Ericso correu até um pequeno pátio interno onde havia uma grande piscina por um chafariz embutido na parede.

Tirando rapidamente a roupa e levantando sobre a cabeça a sua juba dourada, mergulhou na água.

Refrescada pelo banho, Ericso jogou sobre o corpo a túnica e foi a seu aposento - uma ampla e luxuosa sala que dava para o jardim.

Bisu estava sentado num banco, mergulhado em pensamentos lúgubres. Palreando alegremente e obrigando o anão a ajudá-la, Ericso principiou a toalete. Depois de pentear-se e perfumar-se, calçou sandálias douradas, vestiu uma túnica bordada a ouro, colocou diadema, colar e braceletes com esmeraldas e brilhantes. A seguir, ela pôs um grande véu de tecido prateado, tão fino e transparente que, com toda justiça, poderia se dizer que tivesse sido urdido de ar.

Nessa suntuosa roupa, Ericso estava maravilhosa como uma visão; liquidado por sua beleza, Bisu caiu de joelhos beijando-lhe os pés, contemplando-a como se fosse uma divindade.

Ao pegar um espelho de cabo cunhado a ouro, Ericso mirou-se cheia de satisfação.

- Quando Rameri me vir, vai se apaixonar somente por mim! – murmurou solenemente.

Em seguida, virando-se para o anão, cujo rosto se desfigurou ao ouvir o nome de Rameri, ela o chamou para perto de si.

- Ouça, Bisu! Eu sei que você é fiel e dedicado a mim; eu lhe confio sem recear tanto a minha vida como a de Rameri. Assim, lembre bem que a esfinge se desloca ao se apertar o cálice do lótus e de que a essência que me despertará está neste frasco com a tampa de ouro. Três gotas num vinho quente serão suficientes. Resida aqui com a velha Snefru(6), Ninguém lhes fará mal nem os porá para fora de casa, pois nenhuma pessoa sabe o que aconteceu a Amenhotep. Pensarão que ele viajou ou se abrigou num retiro, dedicando-se à magia superior. O medo cercará a moradia do mago, melhor do que uma proteção policial. Lá naquele baú de madeira decorado, onde eu guardo minha roupa e cuja chave eu lhe entrego, você encontrará dois sacos: um –cheio de anéis de ouro, outro de prata.

---

(6) Snefru ou Senofer - 1° faraó da IV Dinastia (Mênfis) do Antigo Reino (3200 a 2130 a.C.). Entretanto, o autor espiritual usou o nome egipcio para a velha criada. Bem típico de Rochester.

Eu dou para você. Assim você não passará necessidades, podendo esperar tranqüilamente a hora do meu despertar. Amenhotep previu acontecimentos importantes que modificarão o atual regime do Egito. Além do mais, eu não quero que você me acorde antes de vinte, ou, no mínimo, quinze anos, pois Nuíta, nessa época, ainda que sobreviva, estará velha e feia, e eu com Rameri acordaremos no resplendor da beleza e juventude. Entendeu bem, Bisu?

- Sim, senhora.

- Então vá e ordene que preparem a liteira! Quando ela estiver pronta, venha me avisar.

Ao ficar sozinha, Ericso pegou algumas coisas e amarrou à cinta a chave que tirara de Amenhotep; novamente um sorriso cruel fulgiu em seus lábios.

Por fim Bisu veio ofegante e anunciou que a liteira estava pronta. Ericso se enrolou em seu véu e desceu até o portão onde a liteira a aguardava. Ela sentou-se e Bisu acomodou-se a seus pés.

Durante o transcurso da viagem, ficaram calados. Ericso mergulhou em pensamentos alegres sobre o futuro, sem duvidar por um instante que ela conquistaria o coração da pessoa amada; os pensamentos do anão estavam longe. Uma tempestade sombria desencadeava-se em sua alma. Só de pensar na felicidade que esperava por Rameri, um ciúme selvagem comprimia seu coração.

A liteira parou junto à entrada iluminada do palácio de Puarma. Ericso, que durante longos anos não saíra dos muros da casa retirada do mago, examinava curiosamente o prédio, decorado com bandeirinhas e grinaldas, iluminado por uma luz avermelhada acesa em imensos vasos com alcatrão, e a multidão enfeitada e alegre que enchia o palácio.

Olhares surpresos e curiosos acompanhavam a jovem mulher desconhecida, ricamente vestida, bela como uma deusa; impressionada com aquela multidão por entre a qual ela passava pela primeira vez, Ericso não notava as exclamações dos homens nem os olhares invejosos das mulheres. Acompanhada de Bisu, que carregava o escrínio com os frascos, eles penetraram no jardim através da casa.

Lá, pela indicação do anão, que, antes, atendendo as ordens, se familiarizara com o local, Ericso apressou-se em chegar até a pirâmide, temendo que a princesa a antecedesse, fazendo ruir todos os seus planos. Seu odio a Amenhotep crescia a cada passo.

Com que direito ele ousara trancafiá-la, privando-a de todas as alegrias, de todos os divertimentos da juventude? Mas, de qualquer forma, ela se vingara dele: emparedado vivo no subterrâneo, cuja entrada ninguém conhecia, ele poderia dormir lá até o fim do século. Ele não veria mais este mundo cheio de delícias, do qual maldosamente a privara; enquanto isso ela se uniria a Rameri e, de posse das riquezas acumuladas por

Amenhotep, tentaria recuperar o tempo perdido e subtrair da vida tudo o que ela lhe poderia dar.

De tanto estar absorvida em ódio e planos, ela só conseguiu voltar à realidade quando Bisu a tocou na mão.

- Senhora! Aqui está a pirâmide!

Ericso estremeceu, como se tivesse acordado, e, embaraçada, lançou um olhar temeroso para o monumento, cujos contornos se divisavam na sombra profunda do bosque de figueiras. Um raio de luz fraca penetrava pela porta aberta, o que acentuava mais ainda a escuridão da noite.

Uma repentina fraqueza tomou conta de Ericso, mas foi logo dominada. A paixão que se apoderara de todo o seu ser fortaleceu sua coragem e energia características. Feito uma sombra, lépida e ágil, ela esgueirou-se para dentro da pirâmide, examinou-a e convenceu-se de que não havia ninguém. A lâmpada que descia do teto iluminava com luz suave a entrada da câmara mortuária; no fundo, mergulhadas na escuridão, viam-se a ara e as duas esfinges, cujos olhos brilhantes pareciam fixar Ericso; um tremor percorreu o seu corpo. Em grandes trípodes ardia carvão e fumegavam, levemente crepitando, incensos e ervas sagradas – pelo visto acrescentadas recentemente -, iluminando com luz fraca avermelhada as estátuas dos pais de Puarma e as esfinges, em cujos rostos, surpreendentemente vivos, congelara-se um sorriso enigmático.

Contendo a perturbação que a dominara, Ericso esgueirou-se até um canto mais escuro, escondeu Bisu atrás de uma coluna e começou a esperar. Depois de um tempo bastante longo - o coração de Ericso batia fortemente na primeira espera - ouviu-se o som de areia pisoteada sob os passos de alguém apressado e, na entrada da pirâmide, surgiu o vulto alto e esbelto de Rameri.

Parando junto à soleira, ele começou a examinar preocupado o interior da pirâmide; nesse instante, Ericso, retirando o véu, aproximou-se rapidamente do escultor.

Ao ver a figura alva de mulher que se destacou na escuridão, Rameri deu um passo para frente e murmurou:

Você se antecipou a mim?

Mas no mesmo instante ele se calou mudo de surpresa, desconhecida vinha em sua direção. Com a luz da lâmpada, os maravilhosos cabelos de Ericso pareciam uma aura dourada e as jóias que a enfeitavam reverberavam em chamas multicoloridas. Como que encantado, ele ficou admirando a figura daquela mulher estranha, esquecendo-se de Nuita e de próprio objetivo de sua vinda: pareceu-lhe jamais ter visto uma criatura tão bela, aquelas formas maravilhosas, ideais e perfeitas,

- Você é uma mulher ou uma deusa? Quem é você? O que você quer de mim? – sussurrou ele.

- Sou tão mortal como você, nobre Rameri – respondeu sorrindo Ericso. – Meu pai, Amenhotep, enviou-me para você.

- Como? Amenhotep tem uma filha e eu nunca sou be disso! – exclamou ele atônito.

- Assim era a vontade dele, pois não queria que qual quer olho estranho me visse, enquanto eu não completasse quinze anos – concluiu a jovem. – Mas a questão é outra. Eu vim em seu auxílio e da pessoa que você ama – prosseguiu ela. – Meu pai não pôde vir, conforme prometeu, e incumbiu-me de substituí-lo. Para que você não duvide da veracidade da minha missão, meu pai me contou todo o caso e mandou junto comigo o seu fiel anão, que você já conhece.

Ericso chamou imcdiatamente Bisu.

- Poderei eu duvidar da filha de Amenhotep? Em que consiste a mensagem de seu pai?

- Ele aconselha apressar-se, pois o perigo ameaça o seu plano e tudo poderá ir por água abaixo se você se atrasar. Assim, nobre Rameri, apresse-se em ocupar seu lugar no pedestal da esfinge. Eu esperarei pela princesa, explicar-lhe-ei tudo e ajudá-la-ei a deitar-se no segundo esconderijo.

- Mas e se Nuíta não acreditar e se assustar, caso eu não esteja presente?

- Se ela não acreditar e ficar com medo, eu lhe mostrarei o seu amado já dormindo. Olhe, meu pai me deu, para qualquer eventualidade, estes dois frascos com as essências misteriosas. Apresse-se, suplico-lhe – impacientou-se Ericso.

Rameri queria dizer que o escrínio precioso, dado pelo mago, estava escondido no pedestal da esfinge, mas, devido à agitação causada por esse fato inesperado, esqueceu disso completamente. Obedecendo ao comando autoritário e fulgurante dos grandes olhos azuis, ele acionou a mola e deitou-se, enquanto Ericso, umedecendo o pano com a essência, inclinou-se sobre a abertura e levou-o ao nariz de Rameri.

No mesmo instante, o belo rosto do escultor empalideceu e os olhos se fecharam. Inclinando-se sobre ele, ela beijou seus lábios lívidos e, cobrindo com o pano o seu rosto, fechou a abertura.

Saltando do pedestal, ela correu até a segunda esfinge e apertou decidida o cálice do lótus. No mesmo instante, o colosso moveu-se silenciosamente sobre os gonzos, deixando à mostra o esconderijo escancarado.

- Rápido, Bisu! Passe-me o pano! Estou com medo de que a princesa chegue – sussurrou ela, enfurnando-se feito lagartixa dentro do pedestal.

Mal acabou de se ajeitar e cobrir seus pés com a pele de pantera, Bisu passou-lhe o pano que ele umedecera com a mão tremula.

- Não o , passe-me primeiro o escrínio! Aqui ele ficará mais seguro e você o pegará quando chegar a hora de despertar-me - explicou Ericso, colocando o escrínio a seu lado.

A seguir, ela o pegou o pano e o apertou contra o rosto; sua cabeça imediatamente pendeu sem vida sobre a almofada bordada a ouro.

Bisu ainda continuou sentado à beira do sarcófago, fitando sombrio e devorador a jovem.

- Durma, bela Ericso! Guardá-la-ei até a morte, mas você não acordará jamais! – murmurou ele com voz entrecortada. - Ninguém a encontrará, ninguém se apaixonará por você, e o odioso Rameri jamais terá o seu amor.

O anão beijou apaixonadamente um cacho de seus cabelos dourados, e com a mão, fria de perturbação, encobriu com o pano úmido o rosto gélido de Ericso.

A muito custo conseguindo subir nas costas da esfinge, com muita dificuldade ele acionou a mola que recolocou a esfinge na sua posição original.

Ofegante, todo suado, desceu ao chão. De repente ouviram-se passos e ele se enfiou atrás da ara, olhando curioso a mulher que surgiu na entrada da pirâmide.

A vestimenta vistosa e rica e a klafta bordada caíam-lhe maravilhosamente bem.

- Rameri! Onde está você? Rameri! sussurrou ela preocupada.

Sem obter uma resposta, sentou-se sobre o pedestal de uma das esfinges e apoiou a cabeça no granito.

- Deuses imortais! Onde está ele? – balbuciou após uma longa e infrutífera espera; saltando do lugar, ela começou a andar no interior da pirâmide.

É claro, a espera de Nuíta era vã e Rameri não iria aparecer. Torturada pela angústia e ansiedade, a princesa não conseguia entender aquela ausência do escultor. Ela acabara de vê-lo no banquete e ele lhe fizera o sinal combinado; agora ele não estava e sem ele não haveria a chave para a salvação milagrosa, planejada por Amenhotep, cujos detalhes ela deveria conhecer justamente no momento da execução do plano. O mago também não estava. O que significava tudo aquilo?

Passou cerca de uma hora. A ansiedade e o desespero alcançaram o apogeu. Lágrimas amargas desciam por suas faces e a idéia de que o marido descobrira o plano e atrapalhara tudo lhe passou pela cabeça. E se Puarma de repente aparecesse por ali? Obviamente ela aumentaria, inutilmente, ainda mais a sua ira.

Com o coração pesado e cabisbaixa, Nuíta arrastou os pés de volta para o palácio, reaparecendo entre os convidados. O sorriso alegre e o olhar apaixonado do esposo convenceram-na de que ele de nada suspeitava; suas indagações quanto à sua ausência, por ele

notada, somente confirmaram essa convicção. Bem, neste caso, o que acontecera?

Dominando corajosamente a perturbação e o medo, Nuíta evitou uma resposta direta. Ela tentou até parecer alegre, tentou brincar com as amigas, mas sua palidez cadavérica desmentia a alegria encenada. Acabrunhada e inconsolável, baixou a cabeça quando as mulheres a cercaram para levá-la ao aposento nupcial.

Oh! Por que Rameri não cedera às suas súplicas e não executara o projeto antes deste casamento tão odioso?

Como um penoso e angustiante pesadelo transcorria para a jovem princesa a sua vida conjugal, quando, subitamente, rumores estranhos, que excitaram toda a cidade de Mênfis, tiraram-na da tétrica apatia.

Amenhotep, o poderosissimo e terrível mago, a cujo auxílio recorria o Egito inteiro, havia sumido; e o fizera tão misteriosamente que ninguém podia nem imaginar o que lhe sucedera.

Ninguém o tinha notado saindo ou arrumando as malas; nenhum dos empregados recebera qualquer instrução que fosse para o tempo de sua ausência. Ele havia almoçado e, como de costume, retirara-se ao seu gabinete de trabalho - e desde então ninguém mais teve nenhuma notícia dele.

As buscas ordenadas pelo próprio faraó não deram em nada e apenas complicaram mais o caso, pois, pela primeira vez na cena, apareceu o nome de Ericso, de cuja existencia ninguém sequer suspeitava.

Os carregadores depuseram que, na liteira de seu senhorio, sentara-se uma moça, acompanhada de Bisu.

O anão, que por sua vez também foi inquirido, confirmou esse depoimento e acrescentou que a jovem vivia na casa, que sua origem - da qual era proibido falar - era desconhecida.

Essa moça dissera-lhe que, por ordem do senhor, ela se dirigia ao palácio do príncipe Puarma e ordenou-lhe que ele a acompanhasse; mas, chegando ao palácio, ela o mandou de volta para casa junto com a liteira, dizendo que retornaria sozinha.

Ele, Bisu, reconheceu que se demorou além do previsto, ao admirar a iluminação mágica, e, ao voltar para casa, deitou-se para dormir, sendo que a partir daquela tarde não viu mais nem o senhorio nem Ericso.

A velha negra não sabia absolutamente de nada. Mas, em compensação, numerosos convidados do príncipe recordaram-se, então, de uma bela desconhecida que haviam visto no palácio e não pararam mais de descrever com entusiasmo a sua beleza.

O incompreensível sumiço do escultor Rameri foi o cúmulo da agitação social. O jovem era admirado e conhecido em Menfis,

e as incertezas quanto ao seu paradeiro suscitaram sinceros e ardentes pesares.

Durante algumas semanas na capital só se falava disso; sem ocorrer nenhum fato novo que pudesse jogar uma luz naquele misterioso acontecimento, nenhum dos desaparecidos ressurgiu e a agitação da opinião social começou a esfriar pouco a pouco. Somente uma pessoa não conseguia esquecer os personagens atuantes daquele drama misterioso. Esta pessoa era Nuita. Quando ela soube que junto com Rameri desapareceu também a bela Ericso – aquela moça enigmática que era protegida de Amenhotep - os ciúmes apoderaram-se de seu coração. Quem saberia dizer se o escultor não amava aquela bela desconhecida e apenas fingia que era apaixonado por ela, Nuita, para facilitar o seu encontro com Ericso no palácio de Puarma? A desconfiança murmurava-lhe que o grande plano, sem dúvida, era uma invenção, e adiava-se até o casamento, pois aí, então, ela ficaria para sempre amarrada, sem condições de atrapalhar a felicidade dos apaixonados.

Mas os momentos daquela desconfiança e ódio ciumento eram breves. Recordando-se de seu último encontro com Rameri, do amor profundo e autêntico que vibrava em sua voz e brilhava em seus olhos, todas as suspeitas se dissipavam e a confiança no homem amado ressuscitava novamente em sua alma. Sim, se ele quisesse se livrar dela, bastava ficar quieto e não tocar na barreira de casta que os separava. Nesse caso, o que aconteceu com Rameri e com seu poderoso mago que prometeu ajudar e protegê-los?

Toda essa luta interna dilacerava Nuíta, tornando-a indiferente a tudo, inclusive ao esposo que a adorava e ficava desesperado ao ver seu aspecto doentio e triste. Nuíta reconhecia a sua ingratidão quanto ao marido, sempre carinhoso e indulgente; ela tentava acertar os seus desejos e aceitava agradecida as manifestações amorosas e os caros presentes que ele lhe dava em profusão. Mas em seu desanimado olhar não se acendia a chama de amor ou de alegria despreocupada; sua alma estava doente, e com todas as fibras do seu ser estava amarrada a Rameri.

Nuíta era atraída instintivamente à pirâmide onde repousava a pessoa amada. Freqüentemente, ela ficava ali horas a fio, sonhando e rezando, olhando para a esfinge com as feições de Rameri. Quando sabia que ninguém a observava, subia no pedestal e abraçando o pescoço da esfinge encostava seus delicados lábios aos lábios de granito.

Seriamente preocupado com o estado da esposa, o príncipe aconselhava-se com os médicos do templo. Após uma análise aprofundada, os últimos disseram que, no próprio dia do casamento, a jovem fora enfeitiçada com o intuito de que a vida conjugal fosse perturbada e empanada. Mas nem as defumações, nem amuletos sagrados ou oferendas puderam dissipar o seu estado apático; a jovem mulher extinguia-se a olhos vistos.

Passou-se cerca de meio ano desde o desaparecimento de Amenhotep. Ninguém mais se lembrava dele, e o medo

sobrenatural, que ele provocava, bastava para que a sua casa ficasse protegida. Todos temiam tocar nos bens do grande feiticeiro – e se de repente ele voltasse e se vingasse cruelmente pelas riquezas pilhadas?

Bisu e a velha Snefru continuavam a morar na casa -todos os outros empregados foram embora. Mas o anão e a negra conservavam a ordem e a limpeza nos quartos, mantinham o pomar e a horta que atendiam às suas necessidades, e os anéis de ouro, deixados por Ericso, garantiam-lhes a fartura.

Entretanto Bisu não era feliz; sentia-se sozinho na imensa casa vazia. Por vezes, era acometido por remorsos de ter abandonado no subterrâneo o seu senhor, ou ficava com o desejo incontrolável de ver Ericso. Então penetrava no palácio de Puarma, esperava pela oportunidade de chegar ao jardim e de lá alcançar a pirâmide. Sentado aos pés da esfinge onde estava oculta a mulher por ele adorada, sonhava por horas a fio, sem ousar, contudo, abrir o esconderijo, temendo ser pego em flagrante. Quantas vezes, enfiado num nicho escuro, via Nuita que vinha à pirâmide para rezar e chorar. As vezes, ele pensava em revelar à princesa o segredo sobre o seu amado e ajudar a despertá-lo - que ele tinha a ver com a felicidade de Nuita e Rameri? – contanto que Ericso não pertencesse a ninguém. A bem da verdade, o plano nunca foi posto em prática. Um medo vago e insuperável cerrava os lábios do anão. E eis que, certo dia, ele soube que a princesa viajaria para um ofício religioso em Abidos(7),

O que teria provocado essa viagem?

A velha ama-de-leite de Nuita, única pessoa a permanecer com ela, entre todas as que antes a cercavam, e que conhecia o motivo real de sua tristeza, compartilhava sinceramente da dor de sua pupila vendo-a consumir-se. Certa vez, ela confiou em segredo à princesa que num pequeno templo idolátrico consagrado a Sekher(8), erigido nos arredores da cidade, havia uma extraordinária pitonisa para a qual o passado e o futuro não tinham mistérios. Talvez a princesa, consultando-a, pudesse saber onde estava Rameri, se estava vivo ou morto e se traíra o amor que jurara...

Nuita apegou-se a essa inusitada esperança e decidiu na mesma noite partir para o templo. Seu esposo havia viajado a Saís para a inspeção das tropas do exército e só era esperado para dali a alguns dias. Assim, Nuíta estava totalmente livre. Com a chegada da noite, em companhia da ama-de-leite, ela sentou na liteira e ordenou que fosse carregada ao templo de Sekhet.

---

(7) Centro do culto a Osíris – lugar considerado sagrado, pois, segundo o mito osiriano, Isis enterrou nessa região a cabeça do esposo, após a longa peregrinação para achar as partes do corpo de Osíris, retalhadas e espalhadas pelo maldoso irmão Seth.

(8) Deusa com cabeça de leoa, culto centralizado em Mênfis.

O templo era um santuário muito antigo, cercado de muros altos; os portões de bronze estavam fechados. Ao saber do nome e da dignidade da visitante, o porteiro deixou passar imediatamente a liteira. Nuíta foi recebida por um velho sacerdote. Ordenando que os que a acompanhavam ficassem no primeiro pátio, ele levou a princesa ao jardim contíguo ao templo.

Chegando ao jardim, ela viu um lago sagrado, cercado por sete estátuas da deusa de granito, com cabeça de leoa. As sombras gigantescas lançadas pelas estátuas daquela estranha divindade eram tanto mais monstruosas com a luz brilhante da lua, que reverberava em prata na superfície lisa da água.

Nuíta prostrou-se e realizou a oferenda de vinho e a defumação de ládano, suplicando à deusa ser-lhe benevolente e permitir que ela consultasse a pitonisa.

Ao saber do desejo da princesa, o sacerdote anuiu de boa-vontade ao pedido e levou Nuíta ao templo. Numa das paredes havia uma espécie de gruta artificial, cujo ar era saturado por um odor pesado e sulfúreo. À luz de uma lâmpada suspensa, Nuita viu que de um lado se achava uma ara de pedra e, de outro, pretejava uma abertura fechada por uma grade metálica. No fundo do nicho, via-se um quadrado feito de um material preto, brilhante e polido como um espelho.

Junto à ara estava sentado um velho sacerdote; o acompanhante levou a princesa até ele, retirando-se a seguir.

Nuíta disse que queria ver a pitonisa e deu em oferenda à deusa um saco de anéis de ouro. O sacerdote saiu da gruta por uma porta oculta atrás da ara, e algum tempo depois voltou em companhia de uma jovem esbelta, pálida e muito magra. Seus longos cabelos negros estavam soltos, o pescoço era decorado por inúmeros amuletos; o rosto expressava humildade. Com olhar cansado, apagado e indiferente, a moça subiu no degrau e, estendendo as mãos, inclinou-se para frente. O sacerdote pegou uma pequena trípode com carvão ardendo e jogou sobre ele uma espécie de pó, que queimou crepitando. A seguir, ele entoou um hino monótono e regular.

Alguns minutos depois, do poço levantaram-se chamas amareladas e azuladas, parecendo lamber o rosto da pitonisa. Uma nuvem de fumaça envolveu-a numa cortina tão densa que ela ficou totalmente oculta aos olhos da princesa.

Quando a fumaça se dissipou, enchendo a gruta com odor forte de enxofre, Nuíta viu que a pitonisa continuava no mesmo lugar, somente o corpo parecia estar estranhamente inclinado para trás; o rosto estava terrivelmente desfigurado; os olhos saltavam das órbitas e via-se uma espuma nos lábios. Então, o sacerdote pegou detrás do cinto um longo bastão, ergueu-o sobre a pitonisa e gritou alto três vezes:

- Seja benevolente conosco, ó poderosa deusa, e através dos lábios da virgem, sua fiel servidora, responda-nos: o que aconteceu

com o escultor Rameri? Estará ele entre os vivos, ou entre os mortos? Traiu ele a sua esposa, a quem jurou fidelidade, ou apaixonou-se por outra?

Um silêncio mortal reinou cerca de um minuto; depois o corpo da jovem começou a se contorcer em terríveis convulsões e com uma voz rouca e entrecortada ela pronunciou: Ele não se encontra no reino das sombras; sua alma não compareceu junto a Osíris e aos quarenta e dois juízes de Amenti(9), seu coração não foi pesado na balança da justiça eterna. Ele está vivo e permanece fiel em seu amor à mulher aqui presente. Ele dorme e o seu sono é velado pela esfinge. O tempo irá despertá-lo. Para saber do resto, vá a Abidos, traga um sacrifício junto ao túmulo do grande deus(10), jejue e ore junto a ele durante três dias e três noites. Assim disse a deusa. Eu, um ser fraco e cego, nada mais poderei dizer-lhe.

A medida quc a pitonisa falava, as mesmas palavras eincilavam cm levas igneas no quadrado negro; o sacerdote as anotava nas tábulas, que depois entregou à princesa.

De repente a pitonisa se calou, soltou o corpo e teria caído se o sacerdote não a amparasse. Erguendo-a nas mãos, ele deitou-a no banco.

---

(9) Mundo espiritual – o outro lado, o mundo dos “mortos”, que ficava no Ocidente.(10) Osíris.

Esfregando com essência aromática as mãos e as têmporas da moça, o sacerdote pegou da mesa uma taça de vinho quente e verteu algumas gotas em sua boca.

A delicada criatura estremeceu e abriu os olhos.

Quando a moça se levantou, extenuada e trêmula, com os olhos ardentes e febris, o sacerdote colocou-lhe a mão sobre a cabeça e pareccu orar durante alguns minutos. Depois de verificar que a moça se acalmara um pouco, o sacerdote orde que cla tomasse o vinho e disse afavelmente:

- Vá, minha filha! Tome um banho refrescante e descanse.

Nuíta aproximou-se abalada, agradeceu à moça e pediu que ela aceitasse como lembrança uma luxuosa fivela que despregou de seu ombro.

Profundamente perturbada, a princesa voltou ao palácio. Ela não conseguia entender as palavras estranhas da pitonisa, no entanto, acreditava piamente nela. O fato de Rameri estar vivo e permanecer-lhe fiel encheu sua alma de profunda alegria. Inutilmente, ela quebrava a cabeça: onde e como ele poderia estar dormindo por tanto tempo?

Finalmente, após muita reflexão, Nuíta decidiu seguir o conselho da pitonisa e ir a Abidos. Desta forma, assim que Puarma retornou, a princesa disse-lhe que Osíris lhe veio em sonho e

ordenou-lhe que fosse a Abidos para orar e levar um sacrifício junto ao túmulo do deus.

O príncipe concordou alegremente com essa ida. Como todo egipcio autêntico, ele acreditava em sonhos e achava bem natural que o deus tivesse escolhido uma maneira tão fácil e cômoda de expressar a sua vontade.

Puarma não tinha nenhuma dúvida de que essa romaria iria devolver, por fim, a saúde da querida esposa, e empenhou se pessoalmente nos preparativos para a viagem, desejando cercar Nuita com o necessário conforto, resguardando-a, na medida do possível, do inevitável cansaço.

A jovem ficou muito emocionada com tal atitude. A vergonha e os remorsos corroíam-lhe a alma.

Era com mentiras e traição que ela lhe retribuía os seus cuidados. Indo a Abidos para descobrir o destino do outro, o que seria de Puarma se ela conseguisse localizar Rameri e despertá-lo? Nuíta não ousava sequer pensar nisso, entretanto sua paixão pelo escultor era tão forte que abafava todos os remorsos.

Nos dias que antecederam a viagem, a princesa foi acometida de uma grande depressão, com os nervos à flor da pele. Parecia-lhe que não mais iria rever aqueles lugares tão caros a ela, seus objetos pessoais e familiares queridos que a cercavam. Ao se despedir do marido, sua perturbação desencadeou-se em prantos. Puarma, emocionado, apertou-a ao peito.

- Acalme-se, querida! Você sabe muito bem que esse nervosismo lhe faz mal. Não é hora de chorar, porquanto o grande deus prometeu-lhe a cura - tranquilizou-a o príncipe. – Diga- me, minha querida, antes de despedir-se: você me ama ao menos um pouquinho? Ainda que eu não duvide de seus sentimentos, estas palavras amenizarão a nossa breve separação.

Emocionada até o fundo da alma, toda em prantos, Nuita envolveu com os braços o pescoço do esposo e murmurou:

- Sim, Puarma, eu o amo de todo o coração, mas você me ama mais do que eu mereço.

Ao chegar a Abidos, Nuíta dirigiu-se ao sumo sacerdote com o pedido de que lhe fosse permitido passar três dias e três noites junto ao túmulo de Osíris, uma vez que o grande deus ordenara isso. Envergonhada e apreensiva, Nuita repetiu novamente essa mentira, pois Puarma arranjou uma recomendação do próprio faraó para o sumo sacerdote, onde ele pedia que fosse atendida a solicitação da parenta, fazendo uma referência ao sonho.

O sumo sacerdote anuiu, exigindo que Nuita se purificasse e aguardasse, pois um grupo de veneradores estava terminar os seus sacrifícios. De manhã, no dia marcado, Nuíta banhou-se, vestiu uma longa túnica branca de linho, pôs na cabeça uma grinalda de flores de lótus e, descalça e sem quaisquer outros enfeites, assistiu à cerimônia religiosa e aos sacrifícios no templo. Cobrindo a

cabeça com um grande véu, ela ficou de joelhos entre dois sacerdotes que seguravam nas mãos velas de cera acesas. O sumo sacerdote purificou-a com a defumação e gotas de líquido sagrado, o que faria com que a devota ficasse digna de ouvir a voz do grande deus e obter a sua graça.

Quando todas essas cerimônias preliminares terminaram, o sumo sacerdote pegou Nuita pela mão e levou-a à câmara mortuária onde ficava o túmulo de Osíris.

A estátua do deus, com aspecto de múmia, repousava sobre as figuras de leões ao seus pés e a cabeça era protegida por dois falcões. Ali se achava também uma mesa, repleta de diversas oferendas; viam-se trípodes, nas quais ardiam incensos.

Um tremor supersticioso percorreu o corpo de Nuita quando ela se prostrou e osculou o solo. O sumo sacerdote derramou em sua cabeça um óleo sagrado, colocou em sua mão uma vela de cera acesa e pôs ao seu lado uma ânfora de vinho e pão para a oferenda. A seguir, ele a abençoou e disse:

- E dissipará a luz sagrada de Osíris a escuridão da ignorância que a envolve e abrir-se-ão os seus olhos para a compreensão das grandes verdades, ocultas dos olhos dos mortais pela vontade dos imortais. Ore, minha filha, com fé e ardor, para ser digna de velar o túmulo sagrado. Esse vinho e pão manterão seu frágil corpo se você se sentir enfraquecida.

Ao ficar sozinha, Nuíta prostrou-se novamente. Depois, juntando as mãos em prece fervorosa, começou a pedir a Osíris que lhe revelasse o destino da pessoa amada e lhe apontasse caminho que ela deveria seguir em sua penosa vida.

Três dias e três noites passou Nuíta em lágrimas e oração, permitindo a si apenas um pouco de tempo para o sono. Mas o deus estava calado. Um sopro mínimo de vento quebrou o silêncio do subterrâneo. Nenhum sinal partiu da divindade. No fim da terceira noite, o desespero tomou conta de Nuíta. Tremendo com todo corpo e suando em bicas, a jovem princesa arrastou-se até o túmulo de Osíris e encostando a fronte ardente as pedras do sarcofago, gritou desesperada:

- Ó, grande e poderoso deus, misericordioso com todos que se aproximam de você! Por que está surdo às minhas lágrimas e preces? Serei eu a tal ponto indigna? Ou você está irado por eu ter mentido ao dizer tê-lo visto em sonho? Contudo a voz da divindade, pelos lábios da pitonisa, ordenou que eu empreendesse a peregrinação ao seu túmulo sagrado.

O choro abafou suas palavras. Entretanto, quase instantaneamente, ela estremeceu e endireitou-se: uma rajada de vento glacial bafejou o seu rosto e todo o subterrâneo se encheu de silvos de uma forte tempestade aproximando-se.

Muda de pavor, Nuita continuou de joelhos. Seu olhar pareceu pregar-se a uma nuvem esbranquiçada, clara a alguns

passos dela, salpicada de raios que rodopiavam espalhando feixes de faíscas crepitantes.

Subitamente a luz da nuvem se extinguiu e tomou forma de uma nuvem negra, que, por sua vez, começou a alastrar-se, oscilando paulatinamente, e em seu lugar, no centro da câmara mortuária, surgiu um homem alto e esbelto, vestido em trajes brancos e com uma klafta sobre a cabeça.

Qual não foi a surpresa de Nuita, quando, na pessoa adventícia, cla reconheceu Amenhotep, desaparecido ao mes mo tempo que Rameri.

O mago, pelo visto, estava terrivelmente indignado. Seu rosto estava cadavérico, os lábios tremiam e os olhos chispavam.

- Uma violência ignóbil foi realizada comigo – disse ele com voz rouca e entrecortada que parecia vir de longe. – Eu estou vivo e durmo no subterráneo da minha casa. O desprezivel Bisu conhece o lugar. Rameri também dorme no pedestal da esfinge. Abra...

A figura do mago empalideceu e oscilou no ar; ele calou-se. Mas, como se por um esforço máximo da vontade, a visão retomou o aspecto real, ouvindo-se de novo a sua voz, agora mais fraca e surda:

- Abra! Você o encontrará lá; junto aos seus pés há um escrínio com poção para despertar. Você achará um meio de acordar-me também!

A visão novamente empalideceu e recuou. Nuíta pôs-se de pé e gritou toda trémula:

O segredo! A mola! Onde fica a mola que abre esfinge?

Sem obter a resposta, ela se lançou em direção a Amenhotep e, esquecendo que diante dela só havia o reflexo do mago, uma visão intangível, agarrou-o pela mão.

Ouviu-se então um forte estalido; a roupa branca do mago cobriu-se de listras igneas e ao longe rolou o ribombar do trovão. Nuíta, ao tocar na visão, sentiu uma forte queimadura; pareceu-lhe que ela agarrara uma brasa. Ela foi jogada fortemente para trás: a nuvem ignea pareceu envolvê-la, causando-lhe terríveis dores no corpo, e através dessa névoa ela viu que o vulto de Amenhotep se transformara num feixe de fagulhas, desaparecendo em meio aos silvos e barulho. Um terrível golpe fulminou-a na cabeça e ela caiu sobre o piso de pedra.

O prazo estabelecido para a princesa ficar em retiro na câmara mortuária esgotara-se havia muito tempo, contudo, Nuíta não saía de lá, apesar do sacerdote de plantão anunciar-lhe em voz alta que o sumo sacerdote estava aguardando por ela.

Sem obter nenhuma resposta, o sacerdote de plantão decidiu entrar. Vendo que todas luzes estavam apagadas, ficou apreensivo e apressou-se em acender um archote, à luz do qual ele viu a princesa deitada imóvel no meio da câmara mortuária. Após sacudi-la, tentou levantá-la, mas, vendo que ela novamente

tombava sem vida e sua roupa estava em frangalhos, o sacerdote correu assustado para avisar ao sumo sacerdote o ocorrido.

Logo, este e mais alguns outros sacerdotes se juntaram na câmara mortuária de Osíris, mas só puderam constatar que Nuíta havia falecido de uma morte estranha e inexplicável. Sua roupa calcinou-se e o corpo estava coberto de hematomas. Podia-se supor que ela tinha sido atingida por um raio, entre tanto não havia ocorrido nenhuma tempestade e ninguém ouvira qualquer trovoada.

Assim, ninguém podia dizer o que havia acontecido. Os lábios cerrados da morta não revelaram o mistério de sua última hora.

O corpo de Nuíta foi transferido à cidade e entregue às mãos dos embalsamadores. Um mensageiro foi enviado ao príncipe, relatando a morte de sua esposa.

O desespero de Puarma não pode ser descrito. Ele culpava-se por ter deixado a esposa viajar sozinha. Achava que, se estivesse presente com ela naquele lugar, tal desgraça não teria ocorrido.

O príncipe foi pessoalmente a Abidos para buscar a múmia e levou-a com grande solenidade a Menfis.

Os sacerdotes consolavam Puarma, tentando convencê-lo de que a morte de Nuita dentro da câmara mortuária do deus era uma graça extraordinária e que o próprio Osíris recebera a alma pura de

Nuita, acompanhando-a, ele mesmo, através de todos os horrores de Amenti para que ela ingressa mundo da luz eterna.

Entretanto, a desgraça de Puarma não era daquelas que pudesse ser consolada. O seu amor à falecida era tão imenso que ele resolveu não enterrá-la longe de si, na necrópole, e colocou-a entre as duas esfinges.

O sonho que ele teve no dia de sua ida a Abidos reforçou ainda mais a sua decisão. Ele viu Nuíta, em vestes nupciais, encontrar-se com ele na entrada da pirâmide. Agarrando-o pela mão, ela o levou à esfinge cujo rosto tinha os traços dela e, juntando as mãos em prece, repetira por várias vezes:

- Rameri! Rameri!

- O príncipe interpretou aquele sonho como se a falecida esposa quisesse expressar o seu desejo de estar enterrada perto dele, entre as duas esfinges, uma das quais era a lembrança do amigo e a outra – a mulher amada. Por isso preparou sobre a mesa da ara um nicho profundo, onde colocou a múmia. O nicho foi fechado com uma placa de pedra, sobre a qual foi gravado o nome e a dignidade da mulher que ali repousava.

Somente após a morte do próprio príncipe, a múmia de Nuita, juntamente com a múmia dele, Puarma, deveriam ser transferidas à câmara mortuária da família.

Todos os dias vinha Puarma à pirâmide para orar, trazer oferendas ou flores sobre a mesa da ara. Alguns meses depois, o faraó, desejando dissipar a tristeza renitente de seu, primo e incliná-lo a contrair um segundo casamento, já planejado, enviou o príncipe a uma missão para realizar diversas incumbências.

Entrementes, antes de deixar Mênfis, Puarma ordenou que a pirâmide fosse fechada e lacrou a entrada com seu próprio selo, para que ninguém, além dele, pudesse ali penetrar.

Isso foi um golpe duro para Bisu, que ficou longo tempo acamado em conseqüência de uma fratura do pé. Quando, finalmente, ele se recuperou e foi até a pirâmide, encontrou-a fechada. Terrivelmente desconsolado, o anão resolveu revelar toda a verdade ao principe, para que ele despertasse Ericso e Rameri. Mas Puarma havia viajado, e, por intermédio de seus servos, Bisu soube que o príncipe não tinha data para retornar e, de qualquer forma, a sua viagem seria longa. O anão voltou para casa sombrio e totalmente desolado. Depois de pensar muito, decidiu tentar libertar seu senhor, mas também esta tentativa verificou-se impossível. Quisesse ele ou não, deveria resignar-se e esperar pela volta do príncipe. Um abatimento profundo, seguido de uma total apatia, apoderou-se dele: sentia falta das duas esfinges e o medo de que Ericso pudesse ficar sufocada dilacerava o seu ser.

Enfraquecido e malsão em vista de sua deformidade, o anão definhava rapidamente. Certa manhã, Snefru encontrou o morto

perto da cama. Um infarto pôs termo à vida de Bisu, e ele levou ao túmulo o segredo das duas esfinges. Quando Puarma retornou a Menfis, nuvens negras pairavam sobre o Egito. O faraó Amósis morrera. Contra o seu sucessor, Psamético III, armava-se Cambises, o grande rei persa, que exigia a terra de Khemi como herança de sua esposa Nitetis, filha do faraó Apries, destronado por Amósis II.

Maus presságios enchiam os corações dos egípcios. Era muito duvidoso que o Egito pudesse resistir à Ásia inteira que se investira contra o país. A batalha de Pelúsio, na qual os egípcios, apesar de toda a sua coragem desesperada, foram batidos, confirmou o quanto aqueles presságios estavam corretos.

Após a derrota, Psamético perdeu completamente a cabeça. Em vez de juntar os restos do exército e proteger os canais, ele se fechou em Menfis, que foi tomada depois de alguns dias de cerco

Quando Puarma, sentenciado à morte pelo vencedor, juntamente com os filhos do faraó e outros egípcios renomados, viu que as princesas e outras mulheres nobres, vestidas de escravas, iam buscar a água no Nilo, ele agradeceu mentalmente a Osíris por ele ter chamado para si a sua querida Nuíta, com isso livrando-a da vergonha e da desgraça. Sim, os sacerdotes haviam dito a verdade: a morte de Nuita foi realmente uma graça especial da grande divindade, a qual ela fora suplicar indo a Abidos.

Movido por um pressentimento estranho e incontrolável, Puarma, antes de voltar ao exército, ordenou aterrar a pirâmide. Não havia problema de mão-de-obra e em menos de tres semanas, sobre o monte que cobria a pirâmide, foi construído um pavilhão com terraço. Quando Menfis foi tomada, a guarnição persa ocupou a cidadela de Muros Brancos e no palácio do faraó instalou-se o persa Ariand como governante do Egito. O palácio de Puarma ficou com um grão-senhor persa que o modificou a seu gosto; seu deleite era descansar no terraço improvisado, sem suspeitar que embaixo de seus pés se ocultava um estranho mistério.

A pitonisa do templo de Sekhet estava certa: somente o tempo poderia despertar os três adormecidos, se é que para o destino isso aprazia.

Séculos se passaram. A monarquia persa ruiu do mesmo modo que sucumbiu o poderio dos faraós. O cetro do Egito foi herdado pelo Grande Macedônio(11) que fundou Alexandria, com isso desferindo um golpe mortal na antiga capital da terra de Khemi.

---

(11) Alexandre Magno - chegada a Menfis em 332 a C

Alexandria florescia e veio a tornar-se uma das cidades mais belas do mundo. Os Ptolomeus embelezaram-na, e, quando a águia romana destronou o império dos Lágidas, Alexandria se tornou esplendorosa. Entrementes, Menfis ficava cada vez mais vazia, transformando-se em suntuosas ruinas: seus quarteiroes despovoavam-se, os templos esvaziavam-se, os antigos palacios ruiam... A sua poderosa herdeira usurpava-lhe os melhores adornos para com eles se enfeitar.

A sina de Menfis se realizou. Aos poucos, a cidade desa pareceria ante a barbárie dos homens, coberta de areia, até que uma nova geração ávida e curiosa viesse escavar a sua savana arenosa, em busca dos fragmentos da história de sua antiga grandeza.

Segunda Parte

A Sacerdotisa

I.

Está decidido, Valério?

- Eis a minha mão para selar o acordo. A minha filha será esposa do seu filho. Reconheço, esta união sempre foi meu sonho, acalentado por muitos anos, mas sem esperança de realização.

- Vamos torcer para que os nossos filhos, assim como nós, sejam felizes com esta união.

- E por que não? Valéria é bonita, minha única herdeira. Seu filho poderá gostar dela e ela dificilmente achará um marido mais belo e talentoso que Gall.

- Sendo assim, só nos falta marcar o dia do casamento! Que tal, meu amigo Valério, festejá-lo daqui a uns dois meses?

- Excelente! No decorrer desse período, vou acertar quanto ao dote de Valéria. Daqui a três dias, viajo a negócios, e, dentro de seis semanas trago a noiva a Roma.

Essa conversa acontecia no terraço de uma bela e imensa casa, cercada por jardim, localizada no monte Cílio.

À mesa, onde se viam um cesto de frutas, uma grande ânfora de vinho envelhecido de Falerno e umas taças cunhadas, estavam

sentados dois homens de meia-idade. Ali, bebericando o aromático vinho, eles decidiam o destino de seus filhos.

O senador Caio Márcio Dolabelli e a sua visita, o ex-pretor Lúcio Valério, eram amigos de infância. Um capricho do destino separou-os por longos anos, entretanto, um encontro casual algumas semanas antes fez reviver a antiga amizade; o bom relacionamento de outrora se restabeleceu e, por fim, surgiu a idéia de unirem seus filhos em laços nupciais.

Os dois amigos eram um puro contraste. Apesar de seus cinqüenta e dois anos, o senador estava no resplendor da idade. Nenhum fio branco se via em seus densos cabelos, negros feito asa de corvo; olhos cintilantes toda a sua alta figura respirava soberba tranquilidade. Apesar da ascendência ilustre que dele parecia emanar, suas maneiras gentis e a alegria de nunciavam nele um homem que gostava de viver.

Lúcio Valério era um pouco mais jovem, mas, pela aparência, podia-se lhe dar mais de sessenta anos. De estatura baixa, levemente curvado, rosto ossudo e enrugado, raros cabelos brancos no crânio praticamente calvo. Algo cruel e severo fulgia em seus fundos olhos esverdeados.

Ao secarem as taças pela saúde da noiva e do noivo, os amigos continuaram conversando. Inicialmente discutiram a instalação do casal em novo lugar, visto que Gall, legado de

Emiliano, prefeito de Alexandria, deveria, dentro de dois meses, acompanhar seu chefe até o local de serviço.

Desse tema intimo eles passaram para a política, abordando as desordens que preocupavam o império e as freqüentes trocas de trono. Aí, a propósito da morte de Décio, eles lembraram do velho amigo que Valério perdera de vista ainda no tempo de sua viagem à Ásia, onde havia ocupado um posto militar bastante importante.

- Coitado de Sulpicio, acabou mal – observou suspirando o senador. – Ele foi seduzido pela asquerosa seita de cristãos e, durante a perseguição implacável do já falecido Décio, foi denunciado. Todos os esforços em dissuadi-lo de seus equívocos foram inúteis; a insensatez desses infelizes, como você sabe, é praticamente incurável. Também Sulpicio permaneceu firme. Os detalhes eu conheço por nosso amigo comum, o prefeito Vifínio. Incapaz de salvá-lo e querendo livrar dos sofrimentos o velho amigo, ele ordenou decapitá-lo.

Com a menção de cristãos, Valério contraiu-se involuntariamente e seus olhos fulgiram maldosamente. Com voz rouca, ele acrescentou que tais indulgências para com os desprezíveis sectários, que abalavam os alicerces do império, envergonhavam e desonravam famílias, a seu ver eram criminosas e ridículas. Se os divinos imperadores Galieno e Valeriano anunciassem novas perseguições, ele entraria de novo no serviço e

eliminaria pessoalmente os malditos, sem perder-se, naturalmente, em sentimentalismos.

Em sua voz soava tal ferocidade, tal crueldade implacavel, que o senador lhe lançou um olhar surpreso. Quando Valério terminou suas esconjurações e se calou extenuado,Caio Márcio pegou o amigo pela mão e perguntou afável:

- Por que é que você odeia tanto os cristãos? Eu já percebi que a simples menção deles deixa você possesso. Pelo que sei, ninguém na sua família está contagiado com a nova pseudo-doutrina; assim, há um outro motivo para você odiá-los tanto. Pode confiar esse segredo a seu velho amigo. Eu suspeito que nele se esconde a causa desta terrível mudança que ocorreu em você. Agora, se minha pergunta é inconveniente, deixe para lá...

Valério debruçou-se sobre a mesa, enterrou o rosto nas mãos e pensou. Um minuto após, aprumando-se, disse com um sorriso amargo:

- Você acertou! Devo aos cristãos o encanecimento e o envelhecimento precoces; a ferida em minha alma ainda não cicatrizou. Só por isso eu teria um motivo suficiente odia-los, correto? Mas a palavra “ódio” é demais fraca para expressar os meus sentimentos em relação a esses desgraçados que se meiam discórdia e desonra nas famílias. Ouça então, eu lhe contarei tudo.

Ele juntou as idéias, tomou uma taça de vinho e começou:

- Antes de tudo, devo dizer algumas palavras sobre o meu casamento. Eu conheci Fábia durante uma das minhas viagens. Ela era de uma família nobre, mas era pobre e órfã. Sucedeu que eu lhe fiz um favor e apaixonei-me por ela loucamente. Fábia era tão linda como Afrodite. Eu achei que os deuses me concederam uma grande graça quando ela aceitou ser minha esposa e, assim, cerquei-a de atenção, amor e de toda espécie de luxo.

Seis anos se passaram em felicidade completa, mas um acaso destruiu tudo.

Um incêndio danificou minha casa – naquela época eu morava em Spoleto - e comecei a consertar os estragos. Para restaurar as obras de pintura no átrio e no triclínio, recomendaram-me um talentoso pintor.

E, enquanto os trabalhos iam sendo executados, o serviço me obrigou a ausentar-me por algumas semanas. Ao retornar, notei uma estranha mudança no comportamento de Fábia. Sua alegria havia sumido, ela me evitava e fazia pouco caso de Valéria, que na época tinha cinco anos. Certa vez, eu percebi que minha mulher e o artista trocavam olhares suspeitos. Não vou lhe descrever aqui o que senti e sofri.

Você entende, quando você desconfia quer saber de toda a verdade. Alegando uma viagem de duas semanas, na manhã seguinte eu retornei e fui dar no triclínio, cujo acabamento estava em vias de ser terminado pelo desprezível pintor.

Escondido atrás das pregas da cortina, fui testemunha da conversa de Fábia com o artista e as minhas suspeitas se confirmaram. Eu só me enganei numa coisa: a questão não era amor, mas muito pior. O patife não só me arrebatou o coração da esposa, como indispôs sua alma contra a crença paterna e os deveres de esposa e mãe, contagiando-a com o fanatismo e a insensatez de sua seita, pois era cristão.

Ele discorreu com entusiasmo sobre o Bom Pastor, sobre o rebanho ao qual ele pertencia, sobre a purificação através do batismo e, finalmente, sobre a bem-aventurança do martírio.

Fábia ouvia emocionada todas aquelas tolices e desatou a chorar, queixando-se da dificuldade de entregar-se à beatitude que lhe impunha a nova religião, devido à intolerância e ao orgulho ímpio que obscureciam a minha alma. E imagine só! Aquele cão desprezível ousou propor-lhe a fuga! Durante a minha ausência, ela deveria ir a Milão para falar com um dos bispos. Ele lhe daria uma carta de recomendação, graças à qual ela seria aceita na comunidade, ainda mais que ela já era batizada.

— Lá – prosseguiu ele irão escondê-la e você terá oportunidade de trabalhar no vinhedo do Senhor, cuidando de doentes, auxiliando pobres e fazendo o bem aos nossos irmãos desencaminhados."

Pensei que eu ia ter um ataque apoplético. Minha esposa era cristã!... Ela já tinha sido batizada! Ela estava prestes a fugir do teto conjugal e abandonar-me com Valéria!...

Mas, apesar da minha fúria e desespero, eu me calei estóico e esperei até que ela voltasse ao seu quarto. Então, chamei dois escravos, ordenei-lhes que amarrassem aquele patife despachei-o com uma mensagem ao prefeito, o qual ofereceu ao pregador a bem-aventurada coroa de mártir a que ele tanto aspirava.

Mas a justa vingança em relação ao patife não aliviou a minha infelicidade. A vergonha espreitava a porta da minha casa: Fábia poderia, a qualquer minuto, denunciar sua loucura e ser presa.

Eu decidi vigiá-la bem, sem dizer-lhe que conhecia seu segredo. No entanto, entre os escravos provavelmente havia alguns cristãos que comunicaram à Fábia a prisão do artista, já que certa vez, antes do almoço, ela veio correndo ao meu quarto, com o rosto ardente, descalça, e anunciou-me que após a minha denúncia ignóbil de Eucênio – assim era chamado o pintor – ela se considerava livre, estava pronta a arcar com as conseqüências em defesa da sua fé que denunciaria a si mesma.

A a despeito de tudo, a minha ira e a ordem para que se calasse tiveram efeito, e, sem oferecer resistência, ela foi levada ao seu quarto, onde a deixei trancada.

Passei algumas horas infernais pensando no que fazer. Eu não tinha perdido totalmente a esperança de dar juízo a Fábia, mas

tomei uma firme decisão de acabar com ela pessoalmente, antes de expô-la ao escárnio da plebe.

Com a chegada da noite, eu enfiei atrás do cinto um frasco com veneno e fui ao aposento de minha esposa. À luz da lâmpada, eu vi Fábia de joelhos diante de um nicho, que provavelmente era fechado por tábuas, pois até aquele dia eu nem suspeitava de sua existência. No nicho havia um desenho de um homem carregando um cordeiro; ele apertava uma cruz contra o peito e, com o olhar extasiado, entoava um hino sem nexo.

Ela estava linda em sua túnica branca – um sonho! Pareceu-me que eu jamais a tinha amado com tanta paixão como naquela hora.

Quando a chamei, levantou-se e disse-me desanimada:

- Deixe-me, Valério! Eu não pertenço a você, mas a Cristo. Ele chama por mim e eu resolvi segui-lo, seja qual for o preço, pois nem a morte nem os sofrimentos me assustam.

Ela me falou um montão de besteiras que não entendi, e, para dizer a verdade, nem estava prestando atenção. Eu tentei convencê-la, apelei para o seu senso, pedi-lhe para deixar a tola crença que só iria destruí-la. Chorei, rastejei aos seus pés, suplicando-lhe que tivesse pena de mim e de sua filha, a qual ela iria abandonar, mas foi tudo em vão. Ela era como uma rocha. Quando disse que iria suplicar a Deus que iluminasse sua filha, fazendo Valéria digna do

martírio, pois já havia se .decidido a entregar-se ao pretor, eu fiquei possesso.

Peguei a taça, coloquei dentro o veneno e disse:

- Beba! Se você realmente quer morrer, morra aqui, entre estas paredes e não no fórum. Ou você quer, sua sem vergonha, expor seu corpo aos soldados, servir de escárnio à delirante turba cínica? Será que, junto com a crença, você perdeu o pudor feminino, sua imprestável criatura sem coração?

Um rubor escuro inundou o rosto de Fábia; arrancando-me a taça, ela esvaziou-a de um gole e, jogando-se de joelhos, começou a rezar.

Valério calou-se e enxugou a testa úmida. As recordações oprimiam-no; só depois que o amigo se inclinou e apertou-lhe solidário a mão, ele aprumou-se e prosseguiu a narrativa:

- Os tormentos pelos quais passei são indescritíveis! Feito um louco, eu rolava desesperado pelo chão. Mas depois, quando a ouvi rezando e chamando por seu Deus, a fúria de novo apossou-se de mim; parecia-me que ela zombava de minha desgraça. Eu me lancei contra ela para asfixiá-la, mas ela caiu da cama e sua cabeça pendeu. Quando eu ia agarrá-la pelo pescoço, ela me lançou um olhar estranho e duas grandes lágrimas escorreram por suas pálidas faces. Estaria ela se arrependendo naquele momento por estar morrendo jovem, bonita e amada? Quem poderá dar uma resposta? Seus lábios cerraram. Aí eu fui tomado pela amargura da perda.

Sem me dar conta, eu a abracei, sacudi-a, chamei por ela – mas sua cabeça pendia sem vida. Ela estava morta.

O que aconteceu em seguida, eu não tenho a menor idéia. Somente Eudor, meu alforriado, disse-me que eu fui parar no triclinio, onde estava posta a mesa para o jantar, segurando nos braços a esposa, e que eu, balbuciando algo incompreensível, caí desacordado.

Por três semanas minha vida ficou por um fio e, quando finalmente eu me levantei da cama, fiquei assim, como você está me vendo – um velho fraco e impotente.

- Agora – o rubor de ódio novamente cobriu a tez pálida de Valério e seus punhos se cerraram - você provavelmente entende a causa do meu ódio aos cristãos e por que eu gostaria, de toda a alma, que essa seita tivesse uma única cabeça para que eu pudesse degolá-la de um só golpe.

Caio Márcio levantou-se, abraçou o amigo e disse para consolá-lo:

– Eu entendo ee compartilho de sua dor, pobre amigo! Fico grato pela sua confiança e lastimo ter despertado essas lembranças tão dolorosas. Mas o passado não tem volta; melhor pensarmos no futuro. Diga-me, Valéria não herdou o caráter exótico da mãe dela?

- Não diria isso! Ela é dócil, tranqüila e diligente no cumprimento de seus deveres religiosos. E se lhe despertará ou não

o veneno hereditário de apóstata – é difícil dizer! Gall, de qualquer forma, deverá observá-la.

- Eu o avisarei disso. Alexandria está cheia de fiéis. Ele agirá sensatamente se a proteger de qualquer contato com eles.

As visitas que entravam interromperam a conversa afetuosa dos amigos.

No dia marcado, Valério viajou à sua propriedade perto de Kapuí, onde residia desde a época em que deixou o serviço público. Ao chegar em casa, não querendo perturbar a filha que estava dormindo, ele ordenou que lhe dissessem que ela fosse falar com ele tão logo acordasse.

No dia seguinte Valério achava-se trabalhando no seu gabinete, arrumando papéis e documentos dos bens que se destinariam ao dote da filha, quando uma voz tímida se ouviu ao seu lado:

- Bom dia, papai! Eu vim, como você pediu.

Absorto em cálculos, Valério não notou a porta abrindo nem os passos leves que se aproximaram; passaram alguns minutos antes da filha decidir-se a falar com ele.

Valéria era uma moça bonita, alta e esbelta, de tez pálida e traços regulares. Faltavam-lhe o frescor e altivez alegre da juventude; de toda a sua figura emanava um ar de triste contemplação

- Bom dia, minha criança – saudou Valério com orgulho paterno, olhando afetuosamente para a figura esbelta da filha; beijando-a na testa, fê-la sentar-se.

Eu a chamei para lhe dar a a notícia de uma grande felicidade. Caio Márcio Dolabelli pediu sua mão para seu único filho, Gall, e eu aceitei.A partir de hoje mesmo, eu preciso me empenhar na preparação de seu dote, pois daqui a seis semanas nós vamos a Roma e dois meses depois celebraremos o casamento.

Uma palidez cadavérica inundou o rosto de Valéria e lágrimas escorreram dos seus olhos.

- Não, não, eu não quero me casar! – gritou ela com voz entrecortada, estendendo em súplica as mãos para o pai. – Eu quero ficar com você!

Valério ficou rubro e com cenho carregado perguntou:

- Explique-me, por favor, por que você está contra esta brilhante união com um rapaz jovem e bonito, que ocupa uma posição alta e que seu pai escolheu para ser seu marido?

- Eu não quero! Esse casamento é-me odioso! – repetiu Valéria, esquecendo em sua emoção o habitual medo que o pai lhe infundia.

O medo, que pela primeira vez poderia ter fundamento naquele minuto, refletiu-se no rosto de Valério, ele pegou a filha pelo braço e gritou com voz rouca:

- Como você ousa falar assim, infeliz? É-lhe odioso o casamento o bem mais sagrado e honroso da mulher? Terá você se tornado também uma cristã? Não lhe terá virado a cabeça a maldita seita, sugerindo uma aversão ao casamento? Valéria continuou calada; então o pai sacudiu-a forte mente e repetiu:

- Confesse! Confesse! Ousou você envergonhar-me o nome, misturando-se entre aquela gentalha de miseráveis e dementes? Pois saiba que eu a matarei com as próprias mãos e não permitirei que a açoitem no fórum ou que os gladiadores arrastem seu corpo desfigurado e ensangüentado pela areia da arena!

Ele correu até a parede, puxou um estilete sírio de lâmina curvada e sacudindo-o ameaçadoramente partiu em direção de Valéria, que, muda de pavor, caiu de joelhos. Naquele instante, ele estava realmente possesso; seu rosto desfigurou-se, os olhos estavam injetados de sangue, e bolhas de espuma tremiam-lhe nos n cantos da boca.

- Confesse e morra, se você é cristã! – repetiu ele em voz trovejante.

- Não, eu não sou cristã - murmurou Valéria semimorta. – Mas eu não conheço o filho de Dolabelli. Eu não posso amar uma pessoa que não conheço, e prefiro ficar com você.

A mão de Valério pendeu e o estilete caiu no chão. Um suspiro de indescritível alívio soltou-se de seu peito.

- Apenas isso? Nesse caso, chega de besteiras. Seu marido deixará de ser um estranho, e Gall é suficientemente bonito e educado para conquistar o coração de uma mulher. Seu casamento está decidido, ponto final, e será inteligente de sua parte se você se submeter sem novas ridículas cenas e não me irritar mais, como fez agora.

Ele a ergueu e Valéria, cabisbaixa e muda, saiu cambaleando do gabinete do pai. Chegando a seu quarto, ela desfaleceu. Na mesma noite ela teve febre e pesadelos; sua vida ficou por longos dias em perigo. Quando, depois de algumas semanas, Valéria conseguiu se levantar da cama, ela parecia completamente calma e sem qualquer objeção ocupou-se dos preparativos da viagem a Roma. Quanto a seu pai, ela o tratava com submissão, reserva, e aceitava friamente suas carícias. Sua alma agora ansiava afastar-se o quanto mais rápido do pai, ao qual mais temia que amava. Rumores suspeitos que corriam entre os escravos sobre a morte de sua mãe chegaram também até ela por sua ama-de-leite; e a partir do último episódio, ela não tinha dúvida de que Fábia fora morta pelo marido para livrá-la de uma execução ignominiosa.

Foi com esse estado de espírito que ela viajou a Roma.

No dia da chegada, Valério foi imediatamente à do seu velho amigo para marcar o dia do noivado, que foi combinado para dois

dias depois, visto que Gall estava ausente e só voltaria na véspera da cerimônia.

Calma e com rosto concentrado, Valéria compareceu à basílica, já cheia de parentes, amigos e convidados conhecidos; o senador com o filho também já estavam lá. Pela tradição antiga, para a cerimônia foi escolhida a primeira hora do dia, o que, conforme se dizia, prenunciava uma união feliz.

Gall era um homem bonito, de vinte e sete anos de idade; esbelto, ágil, inteligente e educado. Ele fazia muito sucesso em Roma. No que dizia respeito a seu casamento, ele encarava-o com indiferença e nada objetava a isto. A jovem escolhida para ele pelo pai pertencia a uma família de antigos patrícios, era rica e, segundo o que diziam, muito bonita. Isto para ele já era suficiente, pois seu coração estava desimpedido.

Não obstante, no momento em que ele entrava na basílica da casa de Valério para assinar o contrato nupcial com a mulher que ele iria ver pela primeira vez, um certo sentimento de curiosidade e medo se apoderou dele. Com impaciência nervosa, olhava Gall em direção à porta, por onde entraria a noiva. Quando ela entrou, baixando timidamente os olhos, um grito de admiração por pouco não se soltou dele. Gall nunca havia imaginado que Valéria fosse bela, e pareceu-lhe que ja mais havia visto alguém tão encantadora.

Valério fez a filha aproximar-se do noivo; o coração da jovem batia dolorosamente e a cabeça insistia em ficar abaixada. Ela só se

atreveu a olhar para o homem com o qual se uniria para toda a vida quando uma mão apertou firmemente a sua e uma voz sonora perguntou-lhe, tão baixinho que os presentes não puderam ouvir:

- Você não quer olhar e para mim, Valéria, e dizer que me desposa de bom grado?

A jovem levantou a cabeça e ao encontrar o olhar carinhoso dos grandes olhos castanhos que a fitavam admirados, recobrou o ânimo; seu medo desesperado dissipou-se. O noivo, que ela via pela primeira vez na vida, pareceu-lhe extraordinariamente conhecido; uma sensação de confiança e tranqüilidade invadiu sua alma.

- É com prazer que me submeto à vontade de meu pai – sussurrou ela timidamente.

E ela falva a verdade. Gall lhe era extremamente simpático. Viver com ele seria mil vezes melhor do que ficar com o pai. Uma hora depois da assinatura do contrato nupcial,Gall lhe deu um anel de ferro liso, como símbolo do compromisso firmado; a moça aceitou-o gentilmente e sorrindo o colocou no dedo.

As três semanas que restavam antes do casamento foram cheias de festividades e divertimentos dos mais variados. Gall, que cada vez mais se apegava à sua tímida e encantadora noiva, queria mostrar-lhe toda Roma, tanto mais que depois da cerimônia eles deveriam viajar ao Egito.

Por fim chegou o grande dia. Já desde cedo, as moças, em parte conhecidas do noivo, em parte recém-conhecidas de Valéria em Roma, aboletaram-se em enxames na casa de Valério para vestirem a noiva. Crescida e educada em solidão, Valéria sentia-se feliz entre as suas coetâneas. Em meio a uma alegre algazarra, elas vestiram Valéria numa túnica lisa branca que caía até o chão, calçaram nela botinas de couro amarelo, envolveram seu corpo e a cabeça, como era de praxe para as noivas, com uma "pala" vermelha que lembrava um adorno de cabeça de vestais e que servia de símbolo de pureza e inocência. O vestido estava pronto, e a noiva, após beijar as amigas, desejou lhes que esse dia chegasse logo também para elas. A seguir, acompanhada por uma ilustre matrona que lhe substituiu a falecida mãe, ela se dirigiu à basílica onde os convidados já estavam reunidos.

Esperando pelo sumo sacerdote e Flamin-Diol, que deveriam abençoar o matrimônio, mal os convidados cercaram a noiva e a cobriram de cumprimentos e votos de felicidade, ouviu-se o bater à porta e o anúncio da chegada dos sacerdotes

Com atenção respeitosa, Valéria e o senador acompanharam os sacerdotes ao *sacrarium* da casa; os nubentes, um ou outro dos parentes próximos, e mais dez testemunhas exigidas por lei os seguiram; mas Valério ordenou que fosse aberto o peristilo, e assim

os demais convidados juntaram-se sob os pórticos, podendo dali assistirem à cerimônia.

Gall e Valéria sentaram-se na cadeira coberta por pele de ovelha, trazida em sacrifício. Flamin-Diol postou-se diante deles, juntou as mãos direitas dos nubentes e pronunciou solenemente as palavras sagradas que os uniriam.

A seguir, a Juno - protetora de casamento foi trazido um sacrificio, feita uma oferenda de vinho, leite e mel e abençoado o pão de trigo, denominado *farum*, trazido por Valério. A oferenda do pão deu um outro caráter à cerimônia, que neste caso tinha o nome de confarreatio (conferia à esposa os mais amplos direitos e distinguia-se do casamento, então praticado em Roma, através da “compra"(12)).

Após a cerimônia, todas as testemunhas assinaram um protocolo de casamento que deveria, mais tarde, ser enviado ao *tabularium* público, e sua cópia ser guardada nos arquivos, em casa. Na mesma noite, à hora em que no firmamento fulgia Vésper (Vênus), Valéria, com grande pompa, foi levada à casa de seu esposo. Quando o cortejo barulhento da recém-casada, à luz de archores, chegou à casa de Gall, decorada com grinaldas de folhas e flores e iluminada por luminárias, o jovem marido ficou junto à entrada e, dirigindo-se a Valéria, perguntou:

- Quem é você?

- Onde você é Caio, eu serei Caia! – respondeu a jovem esposa.

Esta resposta de grande significação para ela estabelecia a igualdade entre ela e o esposo, conferindo-lhe poderes para participar de funções religiosas inerentes à ascendência de seu esposo. Foi pronunciada de forma tão humilde e tímida que comprovava cabalmente que ela seria uma esposa submissa.

Após o pronunciamento de seus direitos, Valéria aceitou de dos patrimos (menino de uma família de patrícios) que a acompanhavam um archote aceso e água, com a qual molhou as mãos, indicando com isso que estava se purificando, e que, a partir daquele momento, repartiria com o esposo o fogo e a água, ou, em outras palavras, a vida. A seguir, ela amarrou fitas brancas de lã nas portas, mostrando assim que cla seria uma dona de casa diligente, e, para se proteger de feitiçaria, untou-as com gordura de porco e lobo. Depois, para que a recém-casada não tocasse a soleira com o pé, as amigas ergueram-na e carregaram-na para dentro da casa.

---

(12) Cabe observar que a união matrimonial romana tipo "compra" (coemprio) privava a esposa do direito de reverenciar "penati" seu ma rido. Tal esposa, à semelhança de mulher unida pelo matrimônio (confarreatio), não portava o título de "matrona", denominava-se so mente "mãe de família", e sua posição dentro de casa, pela lei, era próxima a de uma escrava.

Assim que ela entrou, Galla apareceu na soleira da porta e jogou para as crianças que acompanhavam o cortejo alguns punhados de nozes, querendo dizer, simbolicamente, que ele largava a vida vazia e dissipada de solteiro para entregar-se ao grande dever de pai de família.

Naquela época, na cética e pervertida Roma apinhada de estrangeiros, certas tradições outrora respeitadas na maioria das vezes já estavam esquecidas e eram praticadas muito raramente; mas o ódio que Valério nutria por cristãos fez com que ele cercasse o casamento de sua filha com todas as cerimônias religiosas e civis estabelecidas pelos ancestrais.

No *atrium*, à Valéria foi entregue uma chave – símbolo do poder em casa - e o esposo ofereceu-lhe, numa travessa, algumas moedas de ouro. Em seguida, todos foram ao triclinium, onde os aguardava um magnífico jantar.

II.

A mudança para Alexandria, bem como a sua per manência na cidade, interessaram vivamente Valéria. Educada como uma ermitã na retirada propriedade do pai, ela desconhecia a vida, e tudo agora ocupava sua atenção e a distraía. Quando em pé junto do marido no convés da trirreme ela viu a antiga terra do Egito, uma sensaçao incompreensível e vaga de algo feliz e inquietante tomou conta de Valéria

A instalação no novo local serviu para os recém-casados de fonte de novas diversões. A casa que o legado ocupava era um prédio magnífico, construído na época de Cleópatra com todo o refinamento da arte grega e mobiliado com luxo oriental. Uma vez que Gall e a esposa trouxeram de Roma uma infinidade de objetos valiosos e um número grande de escravos, a ordem foi estabelecida: o casal divertia-se e nenhuma nuvem obscurecia sua vida conjugal na luxuosa moradia. Gall se afeiçoava cada vez mais à sua tímida e delicada companheira de vida. Valéria, ainda que não nutrisse por ele uma paixão, sentia em relação ao esposo um profundo e tranqüilo afeiçoamento e estava agradecida pelos constantes cuidados e bondade com que ele a cercava.

Assim se passaram calmamente alguns meses. Gall já conseguira arrumar um círculo de conhecidos e amigos entre os quais havia um filósofo grego, chamado Filatos, e um velho egipcio com tez cor de bronze, sacerdote do templo de Isida, tido como descendente de uma velha dinastia real, cujo aspecto externo lembrava uma estátua de basalto.

Valéria gostava de conversar com Filatos, que lhe ministrava aulas de grego, língua que ela conhecia pouco. Quanto a Pentaur, tinha medo dele e tremia quando os olhos negros do egipcio a fitavam fixamente. Gall, entretanto, gostava do sacerdote e convidava-o freqüentemente, conversando com ele horas a fio sobre o passado do Egito; uma incrível paixão pela antiga terra dos faraós despertou-se em sua alma, e ele, com extraordinário interesse, visitava e pesquisava as ruínas de seu passado grandioso.

Sob o efeito desse sentimento, Gall decidiu visitar Menfis, ou melhor, suas ruínas, pois a antiga capital, praticamente despovoada e abandonada, já de longo tempo só servia para Alexandria de fonte de abastecimento de obras de arte, esculturas e colunas para sua decoração.

Valéria, por não estar passando bem, não acompanhou o marido nessa viagem.

A ausência de Gall, entretanto, prolongou-se; Valéria inquietou-se e já estava pensando em ir ao seu encontro quando finalmente o legado apareceu – em perfeita saúde, incólume e

deslumbrado com a viagem. Desculpando-se diante da esposa pela preocupação causada, ele lhe contou que fez casualmente um interessante achado em Menfis e que justamente aquelas escavações, mais o empacotamento dos achados, atrasaram-no por tanto tempo.

- E o que é que você achou? – perguntou, curiosa, Valéria.

- Vou-lhe contar desde o início – respondeu Gall. - Antes de tudo, devo dizer que as ruinas de Menfis produziram em mim uma impressão muito estranha. Tudo me pareceu extraordinariamente conhecido; algo vago pareceu agitar-se em mim com a visão dos templos vazios e palácios abandonados. Se Pentaur estiver certo e as almas renascem várias vezes em diferentes, sem dúvida eu devo ter vivido em Menfis. Absorto nesse estranho sentimento, eu vaguei pelas ruas deser condições de ficar longe dos locais que me pareciam queridos. Desse jeito eu fui dar à margem do Nilo.

Ali, pelo visto, havia um jardim, mas um incêndio destruiu tudo. De todas as edificações só sobraram montes de tijolos enegrecidos. Bem na própria margem do rio elevava-se um grande monte e, nem sei dizer por que, ele me despertou interesse e comecei a examiná-lo. Aí eu notei que de um lado a terra havia resvalado, ou melhor, formou uma fenda, através da qual se via um muro de tijolos.

Fiquei com um desejo incontrolável de saber o que escondia e resolvi fazer as escavações. O meu desejo foi realizado por

Pórcio, que juntou umas duas centenas de indigentes que habitavam as ruínas, felizes em ganharem alguns trocados.

À medida que o trabalho progredia, tornava-se claro que sob aquele monte se escondia uma pequena pirâmide. Verificou-se que eu dei sorte em começar as escavações daquele lado, pois ali achava a entrada – uma alta e estreita porta de bronze, lacrada com selo.

- É difícil transmitir-lhe, Valéria, o que eu senti quando, cuidadosamente, tirei o lacre e o meu pessoal, após muito esforço, abriu a porta.

- E você achou um tesouro? - interrompeu Valéria com crescente interesse, acompanhando a narrativa do marido.

Gall sorriu e balançou a cabeça.

- Você quase adivinhou! A pirâmide escondia um tesouro..., uma obra de arte: duas esfinges de magnífico trabalho, como eu jamais havia visto. Os olhos, feitos de pedras preciosas, pareciam vivos; as klaftas eram esmaltadas... bem, você mesma vai poder vê-las! Mas o que é mais estranho e impressionante é que a cabeça da mulher é extraordinariamente parecida com a sua!

Como? A cabeça da esfinge parece comigo? – exclamou, atônita, Valéria.

- Impressionante! Claro, existe uma pequena diferença, mas o aspecto geral, o perfil, a expressão e, por fim, algo imperceptível,

mas que involuntariamente salta aos olhos, faz com que a semelhança com você seja surpreendente.

- Bem, e a outra esfinge?

- A outra tem cabeça de um homem, ,e, devo confessar, bastante bonito. Mas deixe-me terminar.

Quando nós penetramos na pirâmide e iluminamos seu interior com os archotes, eu logo percebi que estávamos numa câmara mortuária. Nos nichos laterais viam-se estátuas de diversos tamanhos e, no fundo, uma mesa de ara, sobre a qual ainda havia oferendas. Acima da mesa havia uma placa de pedra com inscrições e, nas laterais, duas esfinges e algumas trípodes. Do teto descia uma lâmpada que outrora iluminava a câmara mortuária.

Eu ordenei retirar a placa com as inscrições. Embaixo dela havia uma múmia de mulher num magnífico sarcofago dourado, cheio de incrustações.

Decidi levar comigo tudo que havia encontrado; foi a embalagem justamente que me atrasou, pois eu queria ter certeza de que tudo viesse intacto. Para maior segurança, deixei lá Pórcio com uma guarda.

- E quando é que será o transporte?

- Acho que daqui a três ou quatro dias. Espero que as inscrições deixadas nos dêem a chave para o enigma.

- Mas você não sabe interpretar os hieróglifos!

- Eu não, mas Pentaur poderá ler para nós.

Alguns dias depois, a impaciência dos jovens cônjuges finalmente foi saciada: Pórcio chegou trazendo sem problemas os achados de seu senhor.

Imediatamente, iniciou-se o desempacotamento. Ambas as esfinges e a múmia foram colocadas na grande sala semi-aberta que dava para o jardim.

Surpresa e ansiedade dominaram Valéria quando ela olhou e se convenceu da semelhança que existia entre ela e uma das esfinges. Por outro lado, o rosto da outra esfinge pareceu-lhe extremamente simpático. Mas todos esses sentimentos foram suplantados por uma tensa curiosidade quando veio Pentaur chamado pelo legado.

Indagando de Gall alguns pormenores, o velho sacerdote examinou por longo tempo as esfinges e a seguir começou a interpretar a inscrição da placa tumular.

- A inscrição aqui só nos indica o nome e a posição social da falecida – disse ele aprumando-se. – Eis o que está escrito nesta pedra: “Aqui repousa em Osíris a princesa Nuíta, filha de Rahotep e Tikhota, irmã do faraó Apries e esposa do príncipe Puarma, chefe de guarda-costas do faraó Amósis”.

Depois segue uma narrativa vaga sobre como a princesa, acometida por uma doença misteriosa lançada por feitiçaria, em

conseqüência de um sonho profético, fez uma peregrinação a Abidos, vindo a falecer lá, junto ao túmulo do deus, fulminada por fogo celeste.

- Quanto às esfinges e aos motivos pelos quais a pirâmide foi aterrada, aqui não há qualquer menção – acrescentou o ancião.

À noite do mesmo dia, a presença de Gall foi exigida pelo procônsul em função de um assunto inadiável, e, como o legado só retornaria muito tarde, Valéria jantou e foi dormir.

Mas, por mais que ela tentasse pegar no sono, por mais que se revolvesse nos travesseiros de seda – tudo em vão: o sono lhe fugia. Os pensamentos sobre as esfinges achadas pelo marido não a abandonavam e cla sentia uma vontade incontrolável de vê-las novamente. Por fim, sem forças para resistir ao desejo, Valéria levantou-se silenciosamente da cama e desceu.

A lua cheia tornava tudo extraordinariamente claro. Através de uma grande janela, via-se o jardim e a colunata cobertos de luz. Dentro da sala onde se encontravam as esfinges estava tão claro como de dia, e somente bem no fundo reinava uma penumbra misteriosa, entrecortada por um fino raio de luz que dourava o mosaico do piso e os adornos do sarcofago; os olhos das esfinges flamejavam como se tivessem vida.

Tomada de terror, Valéria quase parou na soleira; mas, da mesma forma como antes, ela sentia-se impelida a ir em direção às estátuas e essa atração dominou-lhe o pavor. Ao atravessar

correndo a sala, parou diante da esfinge com a cabeça de homem e com misto de curiosidade e perturbação começou a examiná-la. Onde poderia ela ter visto aqueles traços regulares, uma boca finamente desenhada e o nariz aquilino? Em vão ela remexia nas lembranças – sua memória nada dizia. Subitamente ela sentiu tontura, pareceu-lhe que a esfinge começou a soltar de dentro de si um estranho e sufocante aroma. Seus membros ficaram pesados e ela, sem se dar conta, caiu de joelhos, sem tirar os olhos daquele olhar de esmeraldas que parecia fitá-la de maneira penetrante.

Parecia à Valéria que agora ela flutuava no ar e que tudo em sua volta havia adquirido um outro aspecto: o teto da sala foi substituído por galhos de árvores, a esfinge moveu-se e aos poucos assumiu o aspecto de um homem que inclinou sobre ela, puxou-a contra seu peito e beijou-a apaixonadamente. Uma sensação desconhecida, jamais experimentada, encheu o coração de Valéria; um prazer indescritível tomou conta dela. Mas tudo isso durou um instante, uma escuridão profunda tudo envolveu, e Valéria pareceu estar voando em direção a um sombrio sorvedouro; o último lampejo da consciência extinguiu-se...

Já era mais de meia-noite quando Gall saiu do palácio do procônsul. Era uma noite tão maravilhosa, calma e aromática que cle resolveu ir a pé. Dispensando a liteira, ele foi andando devagar para casa. Era mais rápido atravessando o jardim, pois Gall já havia dado ordem para fazer uma porta no muro, cuja chave cle sempre carregava consigo.

Voltando por esse caminho, atravessou o jardim, e, quando já estava subindo a escada que dava para a sala aberta onde ficavam as esfinges, ele parou, recostou-se numa das colunas e olhou pensativamente para os monumentos dos séculos idos. De repente, pareceu-lhe que a múmia se moveu e que do sarcofago se separou a figura de uma mulher, parecida com Valéria, mas vestida de egipcia, em túnica e klafta.

Gall esfregou surpreendido os olhos e, sendo cético, aproximou-se rapidamente da múmia, querendo se certificar, mas parou. A múmia jazia imóvel em seu lugar, sorrindo-lhe com seus olhos esmaltados; entretanto, nas costas de uma das esfinges, estava sentada uma mulher de rara beleza, jamais vista por Gall. A túnica transparente mal cobria as suas maravilhosas formas e elas eram tão leves e esbeltas que o corpo parecia ter sido urdido de ar.

Os grandes cintilantes olhos azuis, feito safiras, fitavam-no curiosos. O pequeno rosto pálido distinguia-se pela correção clássica de um camafeu; os densos cabelos dourados envolviam como um véu brilhante aquela visão etérea.

Quanto tempo ele ficou imóvel, como enfeitiçado, Gall não tinha condições de dizer. Mas de repente a figura da mulher desconhecida começou a empalidecer, desfazer-se e finalmente desapareceu totalmente dentro da esfinge. Como se tivesse despertado de um sono, Gall estremeceu e passou a mão pela testa. O que estava acontecendo com ele? Lançando um olhar vago sua

volta, ele viu subitamente uma mulher em trajes brancos que jazia junto à base da segunda esfinge e, para sua surpresa, reconheceu nela a esposa.

Valéria permanecia inconsciente; seu corpo estava frio, os olhos, largamente abertos, adquiriram uma expressão vítrea. Assustado, Gall ergueu-a e carregou-a para o quarto contiguo, deitando-a na cama. Ele já estava prestes a chamar pelo socorro das empregadas, quando Valéria estremeceu e abriu os olhos.

- O que aconteceu com você, querida? Como veio parar aqui?-perguntou, preocupado, Gall.

Valéria confessou, ruborizada, a sua fantasia de ver de novo as esfinges; mas, vindo ao local, fora dominada por estado inexplicável. No início a visão deixou-a atormentada - aqui ela contou como foi -, depois ela já não se lembrava de mais nada.

A estranha coincidência de que sua esposa fora testemunha daquela mesma visão fantástica que apareceu para ele impressionou profundamente o legado. Entretanto, não querendo perturbar ainda mais Valéria, ele calou-se quanto à sua própria aventura, levou a esposa para o dormitório, deu-lhe algumas gotas de calmante e ela dormiu.

Gall estava deitado com olhos abertos e pensando no ocorrido, quando um som leve e harmônico chamou sua atenção. Mudo de surpresa, ele viu como a cortina balançou, abriu-se e no limiar da porta surgiu a mesma mulher de cabelos ruivos dourados.

Suavemente como uma sombra, ela deslizou para o centro do quarto e começou a dançar. Toda a figura estava envolta numa espécie de névoa transparente, à luz da qual brilhavam os adornos preciosos e o bordado da saia; os cabelos ruivos reverberavam em ouro. Com os olhos arregalados de fascinação, Gall admirava aquela estranha dança, diferente de tudo que ele já havia visto. Os movimentos lentos e graciosos da dançarina distinguiam-se por sua plasticidade inigualável; o esguio e delicado corpo ondulava-se para trás e curvava-se como cana-de-açúcar ao vento; os braços que se levantavam bem para o alto possibilitavam avaliar toda a perfeição de suas formas ideais. Os movimentos tornavam-se cada vez mais rápidos. Ela rodopiava na ponta dos dedos e voava feito uma borboleta; sua juba dourada esvoaçava no ar e a echarpe dourada que ela segurava sobre a cabeça se enchia de ar como vela de barco.

Gall, suspirando profundamente, soergueu-se e caiu novamente sobre os travesseiros. Será que estava ficando doido?

De tanta agitação, não conseguiu pregar os olhos a noite inteira, e só ao amanhecer esqueceu-se por algumas horas num sono profundo.

Quando ele acordou, a impressão da visão noturna dissipou-se e teve vergonha de confessar a si tais bobagens, originadas, pelo visto, pelo cansaço. Durante toda uma semana não aconteceu nada de sobrenatural e a vida corria em seu curso normal. Gall acalmou-

se por completo e teria esquecido todo o episódio não fosse Valéria que se queixava de dor de cabeça toda vez que eles se reuniam na sala das esfinges. Ela afirmava sentir um aroma sufocante que lhe causava tontura, mas, visto que ninguém mais sentia aquele aroma, todos troçavam dela e Filatos dizia brincando que a princesa Nuíta, provavelmente invejando a sua beleza viva, causava-lhe, de raiva, as dores de cabeça, envenenando o ar com o aroma que só ela podia sentir.

Certa noite, ao voltar para casa extremamente cansado, o legado mal começou a adormecer quando uma rajada de vento gelado bafejou-lhe o rosto e um som trêmulo e harmônico, já ouvido por ele, acordou-o e ele viu a alguns passos da cama a mesma mulher que lhe aparecera por duas vezes. Desta vez ela parecia triste e nos grandes olhos azuis viam-se lágrimas. Deslizando junto à cama, ela inclinou-se sobre Gall e murmurou com uma voz fraca feito respiração:

- Desperte-me! Liberte-me do terrível sono que acorrenta o meu corpo! Oh, como é horrível dormir por tanto tempo, ficar condenada à imobilidade quando a alma vagueia feito um morcego, não vive de vida humana e nem aproveita com liberdade as substâncias que povoam o espaço! Oh, venha! Eu lhe mostrarei o segredo e você fará voltar-me à vida.Vamos!

Gall sentiu o contato da uma mão gelada e etérea. Ele se levantou e estava pronto a acompanhar maquinalmente a sua

misteriosa visitante, quando se ouviu de súbito um grito terrificante e Valéria, com rosto desfigurado, levantou-se no seu leito. No mesmo instante a visão desapareceu e, quando Gall se recuperou por completo, viu-se prostrado no meio do quarto, sentindo por todo o corpo um tremor glacial. Dominando a muito custo a fraqueza, ele conseguiu chegar até a cama e perguntou a Valéria o que a havia assustado.

– Ah, que sonho medonho eu tive – respondeu ela, apertando-se ao marido. – Eu vi que a esfinge com a cabeça de mulher entrou no nosso quarto e ergueu sobre nós a sua pesada pata de pedra.

- Juro por Plutão por todas as divindades do inferno, já não tenho dúvidas de que essas malditas esfinges estão enfeitiçadas! – exclamou Gall irado. - Desde a hora em que esses monstros estão embaixo de nosso teto, nem de dia nem de noite eles nos dão sossego.

E ele contou para a esposa as suas visões, acrescentando: Amanhã mesmo mandarei retirá-las para o pavilhão no fundo do jardim. Chega delas como vizinhas, não foi à toa que o antigo dono as tivesse aterrado.

Valéria apoiou o marido e, a despeito da simpatia que tinha pela esfinge com cabeça de homem e do fascínio que provocavam em Gall aquelas obras de arte, decidiu-se que no dia seguinte elas seriam banidas.

No outro dia, antes do desjejum, chegaram Filatos e Pentaur. O primeiro dava aulas de grego para Valéria e o segundo veio com um pedido do seu templo. Gall ou convidou para o repasto e, na conversa, entrecortada por uma taça de vinho, propôs, às gargalhadas, presenciarem o banimento das esfinges que ele punha para fora, no fundo do jardim, por terem elas perturbado a sua paz.

Notando a surpresa dos amigos, Gall contou resumidamente as alucinações vividas por ele e pela esposa, acrescentando alegre:

- Se vocês quiserem, depois do desjejum vamos todos ver a mudança das esfinges. Ainda que eu queira bani-las de minha vizinhança, não significa que quero que elas sejam danificadas.

Quando os donos e as visitas entraram na sala das esfinges, ali já trabalhava um grupo de escravos. Bem próximo aos degraus havia um suporte de rolete e algumas pessoas davam nó nas cordas. Sentado nas costas da estátua, um dos escravos enrolava com corda o pescoço da esfinge quando, de repente, devido a um movimento descuidado, ele perdeu o equilíbrio e agarrou instintivamente a flor de lótus e, sem perceber, apertou a pétala da flor.

Ouviu-se um estalido e a esfinge começou a deslizar lentamente de seu lugar, deixando à mostra uma abertura no pedestal.

O escravo, soltando um grito, caiu no chão e os presentes recuaram aterrorizados: onde já se viu uma esfinge se mover! Gall foi o primeiro a se aproximar da esfinge e gritou surpreso:

- Vejam! O pedestal é oco e dentro dele, se não me engano, jaz uma múmia.

- Aproximaram-se os outros, olhando curiosos para dentro, e nas almofadas púrpuras viram que jazia um corpo de mulher, a julgar pelos compridos cabelos loiros. Seu rosto estava coberto por um tecido amarelado.

Gall tirou impaciente o tecido e ficou petrificado de atordoamento, sem acreditar em seus olhos: diante dele jazia o corpo da mulher de suas visões noturnas. Feito cera, Ericso repousava em seu sarcofago, iluminada por raios solares com milhares de faíscas reverberando em seu colar de pedras preciosas.

- É uma verdadeira Afrodite! Já viu alguma vez um corpo que tenha se preservado tão bem? Somente a grande ciência de seus ancestrais poderia criar uma obra tão magnífica.

O sacerdote se inclinou e, após um exame atento, observou:

- Eu jamais vi uma múmia sem bandagem e tão bem preservada. Olhe ali, perto do corpo há um escrínio, talvez nele haja uma explicação para esse enigma.

Gall pegou rapidamente o pequeno escrínio de marfim e abriu-o. Nele havia dois frascos e um rolo de papiro com símbolos hieráticos.

- Isso já é com você, caro Pentaur, leia para nós o papiro! -– pediu o legado, estendendo o rolo para o egípcio.

O sacerdote começou a ler e uma surpresa profunda es tampou-se em seu rosto de bronze.

Aqui está escrito o seguinte: “coloque numa pequena taça vinho quente e acrescente a metade do conteúdo do frasco amarelo e, em seguida, ponha, gota por gota, a mistura em minha boca” – leu Pentaur.

Todos se entreolharam calados e perplexos. O enigma aumentava. Gall foi o primeiro a opinar:

- Vamos tentar, meus amigos, seguir a instrução! O resto é por conta dos deuses. Primeiro vamos tirar esse misterioso cadáver de sua tumba secular e colocá-lo aqui, neste banco. Enquando você, Filatos, traga uma taça de vinho quente.

Eles levantaram cuidadosamente o corpo de Ericso e o levaram ao jardim. O corpo era flexível e, à luz do dia, tinha um aspecto terroso; as unhas e as pálpebras estavam azuladas.

- Ela está morta! Que destino funesto a enterrou tão jovem e maravilhosamente bela nesse sarcofago! observou, solidária, Valéria.

Nesse instante retornou Filatos com uma taça de vinho quente e Pentaur verteu, segundo a instrução, metade do líquido do frasco amarelo. O vinho efervesceu e ficou da cor vermelha de sangue. Com uma lâmina de estilete, conseguiu-se, a muito custo, abrir os dentes cerrados de Ericso e pôr na sua boca o vinho.

No início não ocorreu nenhuma mudança e o líquido vertido penetrava aos poucos para dentro. Os presentes circundaram o banco sem tirar os olhos do corpo; de repente ele começou a perder o aspecto terroso, os pontos cerúleos, a desaparecer, e a pele, a embranquecer até ficar rosada. Os quinze minutos que passaram pareceu-lhes uma eternidade. Subitamente, um tremor percorreu todo o corpo até então imóvel, as pequenas mãos contraíram-se em convulsão e um profundo suspiro soltou-se de seu peito.

- Ela está viva! Pelas barbas de Júpiter, ela está viva! – gritou Gall, inclinando-se avidamente sobre a desconhecida.

Esta agora respirava regularmente, seus cílios tremiam; pelo visto seus olhos inopinadamente iriam abrir.

Serão eles tão azuis como os da minha visão? - pensou o legado.

A resposta não demorou a vir. Um novo tremor, ainda mais forte, sacudiu o corpo delicado da desconhecida, ela se soergueu e abriu os grandes olhos, azuis como o céu do Egito, que, temerosos, avistaram pessoas estranhas a ela. Essas novamente recuaram aterrorizadas diante daquela criatura incomum que saiu viva da estátua, enterrada por séculos inteiros.

Alguns minutos se passaram num silêncio angustiante. A desconhecida, nesse interim, levantou-se do banco, mas, no mesmo instante, recostou-se na parede – as pernas tremiam e se recusavam a servi-la. Um minuto depois, ela perguntou em egípcio:

- Onde estou? Quem são vocês, pessoas por mim desconhecidas?

Apenas Pentaur entendeu-a e, aproximando-se, respondeu suavemente:

- Você está entre amigos. Mas antes de tudo, diga-nos, minha filha, quem é você e como é seu nome?

- Meu nome é Ericso. Eu sou a clarividente do grande mago Amenhotep, a quem Menfis inteira teme e venera. Você, meu pai, eu reconheço pelos sinais. Você é sacerdote da grande torre de Isida?! Aceite a minha saudação!

Com essas palavras, ela se ajoelhou respeitosamente diante do sacerdote.

- Seja meu protetor! - prosseguiu ela. - Dê-me ou peça para aqueles sacerdotes desconhecidos uma liteira para que eu possa voltar para casa. Ou melhor, mande alguém buscar meu anão e meus carregadores.

Pena e solidariedade ficaram estampados no rosto brônzeo do egípcio. Ele já ia responder quando Filatos o interrompeu impaciente:

- O que ela está dizendo? Transmita-nos a conversa, Pentaur! Será que não vê que estamos morrendo de curiosidade?

- Concordo totalmente com ele! – acrescentou rindo Gall.

- Ambos começaram a falar em grego. Poder-se-ia imaginar a surpresa e admiração dos dois, quando Ericso, voltando-se para eles, perguntou alegre:

- Vocês são gregos? Sem dúvida vocês são sacerdotes da terra dos meus ancestrais! Oh, como estou feliz! Digam-me, na casa de quem eu estou? Eu gostaria de voltar para casa - estou tão cansada e com fome!

Ela pensou um pouco e depois acrescentou indecisa:

- Eu preciso ver Bisu! Não sei por que ele não seguiu fielmente as minhas ordens.

Agora todos a entendiam, pois ela falava em grego e suas palavras provocaram simpatia geral;entretanto ninguém se atreveu, sem prepará-la antes, a contar a terrível verdade de que séculos inteiros passaram desde o momento em que, por razões desconhecidas, ela foi obrigada a deitar-se no interior da base da esfinge.

Gall foi o primeiro a tomar coragem. Pegando a mão de Valéria, ele se aproximou de Ericso e disse amigavelmente:

Aqui você está em minha casa. Esta é a minha esposa, Valéria, e ela será sua irmã. Assim como eu, ela a saúda sob o nosso teto. Você disse que estava com fome. Permita-me oferecer-lhe algo para fortalecê-la e, quanto ao resto, teremos muito tempo para conversar.

Ela agradeceu e seguiu-o ao triclínio, onde a mesa já esposta. Mas Ericso, pelo visto, estava inquieta e com desconfiança examinou o ambiente. Depois de tomar vinho e comer uns pães-de-mel, novamente começou a pedir que levassem para casa.

- E quem é esse Amenhotep ao qual você quer voltar? - perguntou Gall.

- Como? Você não conhece Amenhotep? Você não conhece o grande mago que governa as forças da natureza? Os espíritos do espaço o servem, ele pode pairar no ar e com um gesto de mão criar um palácio! - gritou Ericso.

Depois ela acrescentou desconfiada:

- Você simplesmente está querendo rir de mim. Em Mênfis, desde o faraó até o último carregador de água, todos conhecem Amenhotep e sua casa à margem do Nilo.

- E como é o nome do faraó que digna o mago com sua confiança? - perguntou por sua vez Pentaur.

Ericso repentinamente empalideceu; uma suspeita de algo desconhecido e terrível surgiu em sua alma, pois ela respondeu em voz baixa, levemente trêmula:

- O glorioso faraó Amósis II – vida, força e saúde... carregava a coroa dupla da terra de Khemi quando eu adormeci. Falem, pois – gritou ela ao ver os olhares surpresos e assustados dos presentes -, onde eu estou? Quem são vocês? Talvez sejam aqueles inimigos

dos quais falou Amenhotep? Quanto tempo eu dormi? Onde vocês me acharam? - ela cobriu a todos com perguntas alarmadas.

Tal era a angústia e desespero em suas palavras, que todos ficaram penalizados. Aproximando-se de Ericso, Gall apertou-lhe a mão e disse:

- Acalme-se e agüente com coragem tudo o que aconteceu! Você dormiu por muito e o tempo destruiu impiedosamente tudo que lhe era caro! Não se desespere, os deuses misericordiosos trouxeram-na para o seio dos amigos que vão amá-la e tentarão restituir o que ficou perdido.

Com cuidado, palavra por palavra, começou ele a descrever à jovem como e onde a encontrara e que mudanças ocorreram no mundo durante os setecentos e oitenta anos que se passaram desde a época do reinado de Amósis.

Ericso ouvia-o pálida feito cadáver, com olhos esbugalhados, apertando as mãos cerradas contra o peito. Quando ela se conscientizou por completo de que sobraram apenas ruínas daquilo tudo que outrora a cercava, de que ela ficara sozinha nesse mundo novo e estranho, o pavor apoderou-se dela; agarrou a cabeça com as mãos e, em louco desespero, começou a correr pelo triclinium, batendo as mãos contra o peito e arrancando os cabelos. Finalmente, extenuada, caiu no chão e desabou em choro. Os presentes guardavam um profundo silêncio por entenderem que o choro lhe faria bem. Somente quando as lágrimas de Ericso se

esgotaram, Valéria abaixou-se perto dela de joelhos, abraçou-a e começou a consolá-la dizendo que tanto nela como no marido ela encontraria uma nova família, e em Pentaur e Filatos, fiéis amigos. A seguir Valéria levantou-a silenciosamente e Gall convenceu-a a tomar uma taça de vinho.

Ericso obedeceu maquinalmente. Ela parecia totalmenre abalada. Entretanto o vinho, pelo visto, reanimou-a. Aprumando-se, ela disse em voz cansada:

- Deixem-me dar uma olhada na múmia e na esfinge em que vocês me encontraram! Quando eu dormi na pirâmide, ali não havia nenhuma múmia. Eu não entendo a quem ela poderia pertencer!

- Vamos. Eu lhe mostrarei todos os meus achados – disse Gall, que, após sua recuperação, levou-a diretamente do jardim ao triclínio. Na sala das esfinges tudo permanecia intacto. As cordas estavam espalhadas pelo chão, o suporte de roletes estava junto às plantas dos pés e a múmia jazia no solo.

Ao ver as esfinges, uma exclamação surda soltou-se dos lábios de Ericso.

- Ambas estão aqui! – murmurou ela agitada e altiva. – Rameri, então, deverá estar dormindo na segunda esfinge. Ou o pedestal está vazio?

- Confesso que, sem conhecer o segredo, nós não tentamos procurar na segunda esfinge – respondeu Gall, não menos atônito ao saber que havia mais um ser humano na outra esfinge.

Filatos, ao levantar os braços, ficou paralisado em sua pose muda de estupefação. A aventura desdobrava-se e adquiria dimensões inesperadas e ele estava ávido por conhecer todos os detalhes desse extraordinário drama, sobre o qual Ericso não dissera ainda palavra alguma.

- Esta é Nuita. Ah, qual vai ser a reação de Rameri, que a ama tanto? – sussurrou ela preocupada.

Ao se conscientizar das terríveis conseqüências, fruto de seus atos, sentia-se cada vez mais oprimida. O que teria acontecido a Amenhotep? Será que ele ainda dormia no subterráneo ou algum imprevisto no decorrer de longos séculos acabara por destruí-lo?

Ela ansiava e tinha esperanças na última hipótese, pois só a simples idéia da ira do mago fazia-a estremecer de medo.

- Escute, Ericso! Conte-nos o que a levou a esse extraordinário sono? Nós merecemos a sua confiança – disse Gall, que até então observava em silêncio as mudanças de expressão no rosto da jovem.

Ele já não conseguia mais conter a sua curiosidade. Ericso tinha consciência de que deveria dar uma explicação às pessoas de quem dependia, mas era necessário juntar as idéias e criar um plano

de ação antes de acordar Rameri, por mais rápido que ela quisesse vê-lo.

- É verdade! Você tem todo o direito de saber o meu passado e este velho segredo eu lhes revelarei – disse ela sorrindo sarcástica e endireitando-se soberbamente.

Sentando-se junto de Valéria no banco, ela contou resu midamente, omitindo alguns fatos, a história de sua vida na casa do mago, seu amor a Rameri e a paixão do último em relação a Nuíta, noiva do príncipe Puarma; falou depois do plano idealizado pelo mago para a consecução da felicidade dos apaixonados, e do ardil, com o qual ela se aproveitou do plano em causa própria.

Quando ela terminou o relato, um longo silêncio fez-se na sala. Todos estavam impressionados com aquele drama do passado remoto.

- É preciso, no entanto, acordar o pobre escultor observou, finalmente, Pentaur – E é você que deverá fazê-lo, pois brincou insensatamente com o fogo e ousou tocar em forças cujo poder desconhece.

- É, Ericso, desperte o pobre Rameri! Eis o escrinio com os frascos – acrescentou Gall. – Nós nos retiraremos para que, ao acordar, ele encontre apenas você, uma pessoa que conhece. Eu mandarei trazer o vinho.

Ericso pegou com indiferença o escrínio e permaneceu sentada, mergulhada em pensamentos, e só quando o próprio Gall lhe trouxe uma taça com o vinho quente, ela levantou-se e, calada, agradeceu-lhe com um gesto. Valéria e Gall, juntamente com os amigos, retiraram-se à sala vizinha, observando pela fresta o que iria acontecer.

Ericso permaneceu ainda cerca de um minuto pensando. A seguir, sacudindo a cabeça, correu até a esfinge, subiu agilmente sobre o pedestal e apertou a flor de lótus. A estátua moveu-se no mesmo instante, deixando escancarado o interior oco, sobre o qual Ericso se inclinou impaciente.

Viram como ela tirou o tecido amarelado que jogou no chão, como ela correu até a mesa sobre a qual estava a taça e o escrinio. Depois de preparar a poção, ela retornou à esfinge e, de tempos em tempos inclinando-se, foi encostando a taça junto aos lábios do escultor adormecido.

Passaram cerca de quinze minutos. Os espectadores atrás do reposteiro ardiam de curiosidade e impaciência, quando subitamente Ericso se endireitou e pulou célere no chão. Ouviu-se um leve barulho e, em seguida, da cavidade surgiu a cabeça de um homem de klafta. Por alguns instantes ele ficou sentado, apertando a cabeça com as mãos, depois, com um pulo, ele saltou do sarcofago, onde ficara deitado por tantos séculos.

Era um homem alto, magro e jovem, com o rosto da cor de bronze. Os grandes olhos negros vagavam surpresos e inquietos em volta de objetos desconhecidos. Por fim ele avistou Ericso, que se contraiu à segunda esfinge, pálida feito cadáver, segurando com a mão a taça com o resto de vinho. Um sorriso alegre iluminou o rosto de Rameri ao abrir afileira de dentes alvos. Aproximando-se rapidamente da jovem, ele disse:

- Você por aqui novamente, nobre filha de Amenhotep? Você veio despertar-me? Agradeço-lhe! Para finalizar este grande favor, deixe que eu tome o resto do vinho.

Continuando a sorrir, ele pegou da mão dela a taça e tomou o resto de seu conteúdo. A seguir, espreguiçando os membros entorpecidos, disse em voz alta:

- Pelo jeito eu dormi muito: parece que as pernas e os braços entorpeceram! Diga-me, por que seu pai não veio pessoalmente, como havia prometido? Após manter brilhantemente a sua pro...

Ele calou-se ao ver a múmia. Empalidecido, inclinou-se e começou a ler a inscrição.

- Nuíta! – gritou ele, dando um passo para trás. - Nuíta! Ela morreu um ano depois de seu casamento! Oh, porque então Amenhotep me despertou?!

Dor inconsolável e desespero ouviam-se naquela exclamação. Abaixando-se junto à múmia, ele começou aa chorar.

A cena impressionou profundamente os que a presenciavam. Aquela era uma situação no mínimo estranha, quando chorava a morte de uma mulher, falecida sete séculos antes. Entretanto, sob o efeito das impressões vividas naquele dia, eles se esqueciam de que para o ressuscitado a morte se referia ao dia anterior, que para o coração humano o tempo para amar simplesmente não existe e que a chama divina daquele sentimento era eterna como a própria eternidade! Porfim, Rameri levantou-se e novamente caiu impotente sobre o banco, apertando a cabeça com as mãos. De repente, o seu olhar anuviado de lágrimas fixou-se em Ericso.

- Filha de Amenhotep! Explique-me tudo o que está acontecendo aqui! Não estou entendendo nada! Estou vendo as minhas esfinges... Por que as retiraram da pirâmide? Como elas vieram parar aqui junto à múmia de Nuita, neste local estranho? Quanto tempo eu fiquei dormindo? E por que o meu poderoso protetor não me acordou pessoalmente, quando a minha amada faleceu devido a um desconhecido e misterioso mal, conforme diz este escrito!

Ericso toda lívida e com olhar febrilmente brilhante aproximou-se lentamente dele.

- Na segunda esfinge, era eu que estava dormindo! - disse ela em voz fraca e desanimada. – Nós dormimos por tanto tempo que o reino dos faraós já não existe mais faz muito tempo e Menfis transformou-se em ruínas. Fomos encontrados, por acaso, por

estrangeiros. Foram eles que me acordaram hoje de manhã nesta cidade desconhecida que não existia em nossa época...

- Você perdeu o juízo ou está caçoando de mim? – interrompeu-a irado Rameri ao levantar-se. - Responda-me, por que você e não a minha amada Nuíta deitou no esconderijo preparado por seu pai?

- Rameri! – exclamou ela, pondo-se de joelhos e estendendo em súplica as mãos em sua direção. – Escute-me e perdoe-me se puder... ou... mate-me! Você saberá de toda a verdade. O amor que eu tenho por você levou-me a este delito.

Com a voz embargada pela emoção, ela, em poucas palavras, omitindo a sua vida com o mago, contou-lhe de seu amor por ele e do expediente utilizado por ela trocar de lugar com Nuíta, contando com a esperança de acordar jovem e bonita, enquanto a princesa já teria envelhecido. O que teria atrapalhado esse plano ela não sabia dizer e a única certeza era de que, graças a uma circunstância desconhecida, eles dormiram por séculos inteiros e despertaram neste mundo, novo e estranho para eles.

Avidamente inclinado para frente, respirando com dificuldade, Rameri a ouvia.

- Oh!- gritou ele fora de si, empurrando bruscamente Ericso. - Criatura desprezível! O que você fez? A que sofrimentos de Amenti você me sentenciou?

Louco de fúria, ele procurou atrás do cinto o cabo da adaga.

Gall achou que era hora de interferir na questão; Pentaur estava plenamente de acordo. Ambos, em dois pulos colocaram-se junto a Ericso, que permanecia ajoelhada, sem esboçar qualquer movimento em sua defesa. Ao ver o sacerdote e uma pessoa estranha de estrangeiro, Rameri abaixou a mão. Seu rosto, desfigurado de ódio, iluminou-se quando o velho sacerdote colocou-lhe a mão sobre o ombro e disse em egipcio:

- Calma, meu filho, seja firme como cabe a um homem e suporte o que lhe reservaram os deuses. Esta infeliz pecou por amor a você. Por maior que seja o infortúnio, você não deve ser cruel com ela. Não é Ericso que deverá ser punida, mas aquele mago, cuja imprudência permitiu que ela penetrasse no segredo e lhe possibilitou ter em mãos essa poção terrível e misteriosa que imobiliza as forças vitais.

- Venerado pai! Então, tudo o que ouvi é verdade? Será isso possível? - murmurou Rameri, a custo retomando o fôlego.

- De fato, meu filho! Tudo é verdade e é possível, pois você está vivo. Seu nome é Rameri, não é? Assim, Rameri, na desgraça que desabou sobre você, os deuses foram-lhe misericordiosos. Eles lhe deram um amigo e protetor no dono desta casa, o nobre Gall, que o ajudará a refazer uma vida nova neste mundo desconhecido para você. Se você e Ericso falam grego, vocês poderão se explicar com ele.

- Eu falo grego - disse baixinho o egipcio.

- Estou muito contente em ouvir isso - disse Gall, apertando-lhe a mão. - Não se desespere! Por maior que seja a sua desgraça, nós trabalharemos para que isso seja superado. Você perdeu a mulher amada, entretanto, o tempo a tudo cura e aqui você ficará entre amigos. Você é um grande artista! - prosseguiu Gall, apontando para as esfinges. – Na arte encontrará o consolo e o esquecimento. Como meu amigo e irmão, você poderá instalar aqui uma oficina a seu gosto. E agora vamos, precisa se fortalecer comendo algo.

Rameri apertou fortemente a mão do jovem patrício.

- Agradeço-lhe por sua magnanimidade e palavra amiga; de imediato, gostaria que me perdoassem pelo que eu pecar em relação às suas tradições. É com muita gratidão que aceito a sua hospitalidade e irei amá-lo como a um amigo, irmão e protetor. Não será você tudo o que me resta, um órfão que perdeu tudo lhe era caro, até o próprio tempo em que vivia?

- Você encontrará seus novos contemporâneos e garanto que eles não são piores do que os de outrora – arrematou alegremente Gall, abraçando calorosamente o jovem escultor.

Nesse interim, Pentaur levantou Ericso. Virando-se para ela, o escultor disse em voz triste mas sem rancor:

- Não chore, insensata! Eu a perdôo. Você é o único fragmento do meu passado. Assim, vamos ser amigos. Os olhos azuis de Ericso faiscaram de alegria. Agarrando a mão de Rameri, ela encostou-a em seus lábios.

Gall levou seu novo amigo ao quarto de banho, querendo que se refrescasse e se livrasse do cheiro acre e sufocante de que estava impregnado.

O *caldário* do legado era mobiliado com o refinado luxo genuinamente romano. A banheira era de porfiro; estátuas decoravam as paredes cobertas de pintura que representavam águas marinhas com náiades, tritões, sereias e demais divindades aquáticas.

Examinando com inocente curiosidade a luxuosidade do ambiente, a estátua de Vênus, por sobre as ondas, chamou a atenção de Rameri.

- Como isto é belo! Que progressos fez a arte de vocês! exclamou ele fascinado, admirando a cstátua - Estou vendo que antes de retomar o meu oficio, terei de estudar com algum dos escultores daqui, pois eu nao quero ficar defasado. O que voce acha, Gall, isso é possível?

- Claro que é possível! Eu conheço um excelente escultor que terá prazer em ensinar-lhe. Aliás, ele pouco terá que ensinar a um artista como você. As suas esfinges... é algo além da perfeição!

- Agradeço o elogio e aceito sua proposta

- Pode ficar certo disso! Repito, logo você recuperará tudo aquilo que a nossa arte tenha sobrepujado à sua. Aliás, para tudo isto há tempo; por enquanto, descanse e habitue-se aos nossos usos e costumes; sua arte, mais tarde, ajudá-lo-á a recuperar a paz espiritual. A arte, como você vê, é uma grande chama divina e aquele que por ela for aquecido e iluminado jamais poderá ser um órfão ou um solitário. Este dom dos imortais sempre fornece novas forças ao artista, orienta-lhe a mão inspirada e permite-lhe colher da fonte eterna as formas da beleza inesgotável.

O olhar de Rameri fulgia de alegria e orgulho.

- Será você também um artista, já que entende tão bem a grandeza da arte?

- Não – respondeu sorrindo Gall –, não sou um artista, mas filósofo! Eu li as obras dos sábios sobre a arte e compreendi a sua beleza e a bem-aventurança daquele que consegue materializar a sua idéia.

Os escravos lavaram Rameri, perfumaram seus curtos cabelos encaracolados, negros como asas de corvo, e vestiram-no num traje romano. A seguir Rameri foi para quarto onde Gall e Filatos com alguns amigos e clientes discutiam o acontecimento inédito do dia, que surpreendeu a todos.

Os presentes começaram a examinar curiosos o jovem que portava a toga com um desembaraço difícil de ser imaginado, não obstante toda a figura de Rameri denotasse um toque especial.

Quando terminaram as apresentações mútuas, todos se dirigiram ao atrium, para onde logo foram Valéria e Ericso, esta já vestida num traje romano feito às pressas de um vestido de Valéria.

Ericso despertou a atenção geral. Era difícil imaginar que aquela encantadora mulher, quase menina, carregava em seus delicados ombros tantos séculos.

Todos passaram ao triclínio, onde o jantar transcorreu com o habitual ânimo; apenas Rameri e Ericso estavam pensativos e quietos. O novo ambiente, os pratos desconhecidos e a fala latina, que eles não entendiam - tudo os constrangia. Mesmo quando, por respeito às visitas, os presentes falavam em grego, Rameri não conseguia entender os assuntos de seu interesse. Eram-lhe incompreensíveis as divagações sobre o imperador romano, as ordens do procônsul, os decretos contra os cristãos e as vitórias das legiões. Ou seja, nesta corrente agitada de vida nova ele não conseguia se orientar; seu coração comprimiu-se dolorosamente, repleto de um sentimento amargo de solidão.

Valéria também estava quieta. Ela não conseguia despregar os olhos de Rameri, absorto em seus pensamentos amargos; ela havia nele reconhecido aquela meia-esfinge, aquele meio-homem

que lhe aparecera no dia da chegada dos colossos e pelo qual sentia uma estranha atração.

Agora, quando a visão se transformou em realidade, a jovem sentia uma profunda simpatia e interesse em relação ao infeliz Rameri, que lhe pareceu extraordinariamente conhecido. Ela decidiu fazer todo o possível para amenizar-lhe a difícil situação.

Após o jantar, Rameri dirigiu-se a Pentaur com o pedido de contar-lhe sobre todos os fatos que aconteceram desde que ele adormecera. O sacerdote aquiesceu de pronto e, sentando-se sob a arcada do peristilo, os egípcios repassaram, em algumas horas, todas as vicissitudes da história de sua pátria, desde a época dos últimos dias de glória de Amósis até a subjugação definitiva do país pela águia romana. Quando o sacerdote terminou, Rameri levantou-se e lhe agradeceu. Rameri parecia ter emagrecido de repente, como se tivesse envelhecido: a necessidade de repouso estava nitidamente estampada em seu rosto cansado, tanto assim que Gall se apressou em levá-lo ao quarto a ele reservado. Ordenando a dois escravos para que eles ficassem à inteira disposição do escultor, o legado desejou-lhe boa noite e retirou-se.

Apesar do cansaço físico e mental, Rameri não conseguia adormecer. Ele se virava de um lado para outro e apurava o ouvido com o barulho da pesada respiração do escravo que dormia junto àà porta. Ele tentava não pensar em nada, mas tudo era em vão: feito um rio que transborda de seu leito, os pensamentos

arrebatavam-no e torturavam-no. Soltando um gemido surdo, pulou da cama e começou a andar pelo quarto; um minuto depois, deixou-se cair exausto sobre a cadeira e cobriu o rosto com as mãos. Será que ele perdera o juízo ou ainda estava em vias de perdê-lo?

Ainda ontem ele estava presente no casamento de Nuita e cada detalhe da solenidade permanecia vivo em sua memória: fosse pelo sorriso esboçado em seus lábios, no momento em que ele havia dado o sinal combinado, ou pela conversa em seu último encontro à noite. Parecia que o beijo que eles trocaram ainda ardia em seus lábios. Entretanto, ainda hoje, ele vira a sua múmia com centenas de anos.

Para qualquer lugar que fosse seu pensamento, sempre acabava por deter-se no mesmo terrível e impenetrável mistério e, por mais que ele tentasse, não conseguia abranger aquele sorvedouro do passado, que, não obstante, era-lhe "ontem". Não, isso não era possível! Não mais que três dias atrás, ele vira o faraó com o filho Psamético e toda a família dirigirem-se solenemente ao templo de Ptah para levarem sacrifícios ao deus, e, hoje, ele desperta numa cidade que naquela época nem se quer existia. Da noite para o dia, desapareceu um mundo inteiro, tragando faraós com seus reinos e transformando Mênfis em ruínas.

Rameri gemeu surdamente. O desespero apoderou-se dele e o coração comprimiu-se em meio à sensação de total solidão neste mundo, novo para ele, com o qual não tinha nenhum laço.

Morto estava o seu irmão Gor, que vivia em Heliópolis, e provavelmente esta também já não existia mais; morrera também a esposa do irmão, Nitae e a sua mãe, que vivia com eles; os familiares, os amigos, os companheiros – tudo eram cinzas. Mão nenhuma se estenderia para acariciá-lo; nenhum coração que o amava iria orar por ele! As pessoas que o abrigaram eram, sem dúvida, pessoas boas, mas... elas eram estranhas!

Orar! Ainda que ele pudesse orar! Rameri era religioso como todos os egípcios, mas a destruição de seu mundo interior e exterior abalou também a sua crença. Já não lhe falara Pentaur, amargurado, que Osíris fora abolido e substituído por Júpiter, e que, recentemente, aparecera um novo Deus – Deus crucificado –, prestes a derrotar todos os demais deuses, pois, em Seu altar, jorrava o sangue dos mártires humanos – mártires voluntários que morriam felizes para a glória Dele? A cabeça de Rameri fervia; as têmporas latejavam. Parecia-lhe faltar o ar naquele amplo e luxuoso palácio. De repente o seu olhar deteve na mesa ao lado, sobre a qual se encontravam algumas jóias que ele havia tirado antes do banho. Ali estava o colar de amuletos e nele emaranhada uma estatueta de Osiris, talhada em um pedaço de lápis-lazúli. A preciosa estatuta fora presente de Nuita; ele jamais se separava dela

e rczava com ela, segurando-a na mão. Era nela que estava a sua salvação!

Soltando um grito de alegria, foi até a mesa, soltou a estatueta e a beijou. A seguir, pondo-se de joelhos, apertou-a entre as mãos levantadas para o céu. À luz da lâmpada, ela parecia estar iluminada por uma aura.

- Ó Osíris, pai de tudo o que existe, poderoso senhor do mundo subterrâneo; ó Rá, deus-Sol, que com seus raios aquece a humanidade! Por que você abandonou seu povo? - murmurava ele em tom piedoso. – Sua punição foi dura por eu ter brincado levianamente com as forças da natureza. Perdoe-me! Tenha misericórdia de mim, ó poderoso deus! Eu creio em você, Osíris, e prostro-me diante de seu poder! Que outro deus poderá substituí-lo? Quem mais além de você merece sacrifícios? Cubra de opróbrios os que se equivocaram em não conhecê-lo. O, inspire a minha mão, deixe-me erguer sua imagem em toda sua glória imorredoura e em toda sua ilimitada magnificência para que todos o reconheçam e o reverenciem!

O êxtase iluminava os olhos de Rameri e um clamor ardente ascendeu do fundo de sua torturada alma à divindade que ele venerava com todas as fibras de seu ser. Subitamente, pareceu-lhe que a estatueta do deus começou a aumentar, irradiando uma luz enchia de ânimo e de uma força gigantesca. A imagem do deus foi crescendo e crescendo, envolta em feixes radiantes; no peito agora

fulgia uma enorme chama espargindo correntes ofuscantes para o espaço. Os traços divinos respiravam o poder e emanavam a vida, e ele disse, sem usar palavras, ao coração aflito do mortal:

- Não se desespere, meu filho, meu sopro! Não estou morto, jamais alguém poderá excluir-me, eu sou eterno! A coroa dos tempos está em mim e somente o tempo, que carrega nas suas asas gerações e gerações, empresta-me os seus traços. Aquele que crê em mim sempre mc reconhecerá. A chama de amor que arde no coração do crente iluminará e revelará os meus verdadeiros traços, pois eu habito no coração de todos por mim criados. Arrebatado por oração, você me encontrará em toda parte, sempre imutável, quer seja sob a sombra de santuário, no trono de Júpiter, quer seja na cruz – símbolo da vida eterna. Sob todas as formas, eu sou único e me revelo cm todos os lugares onde o sopro de qualquer criação minha me chama de “Deus”!

A visão empalideceu, os fulgores se extinguiram, deixando atrás de si apenas um ponto luminoso que logo também desapareceu. Das misteriosas alturas, onde paira a verdade e para onde foi arrebatado o ímpeto de seu éxtase, Rameri desceu à Terra. Examinando agora a figura que segurava na mão, que mísera ela lhe parecia depois daquela magnificéncia que ele havia contemplado. Por outro lado, em sua alma, naquele momento, reinava uma tranquilidade feliz; agora ele já não estava mais sozinho como antes: ele encontrou seu deus. Ele estava de posse de uma fórmula mágica para compreendê-lo em todas as suas formas.

Como outrora, poderia colocar aos pés dele o seu coração e a sua arte.

Num ímpeto de gratidão e amor, apertou a estatueta aos lábios e foi dormir. O sono ainda demorou a vir, mas os seus pensamentos já eram bons e alegres. Amanhã mesmo ele iria reverenciar o deus, ainda que sob a nova forma. Em sua mente altiva, nascia a idéia de criar a imagem da divindade, tal qual ela havia lhe aparecido. Naquele instante, sentia no peito a vontade de viver, e muito, para ter condições de terminar a obra idealizada

Em meio a esse turbilhão de planos e projetos, o sono finalmente o dominou, ainda que a mente trabalhasse enquanto dormia. Agora, ele ascendia ao éter infinito numa altitude as sombrosa. Em sua volta corriam nuvens e brilhava o sol. Em meio às luzes e sombras, ele tentava reconstituir a forma que representava o mistério da Divindade. Era vão, contudo, o seu intento: as luzes e as sombras derretiam-se em suas mãos, mas a cada esforço ele subia mais e mais. Subitamente, achou-se dentro de um espaço insondável, extraordinariamente azul-claro, e à sua frente ergueu-se uma gigantesca figura fechada, da qual emanava uma luz tão forte que Rameri não conseguia suportá-la.

- Ó! Por que eu não consigo penetrar através do véu da luz que o esconde, ó toda-poderosa e misericordiosa divindade! Deixe-me ver os seus traços para transmiti-los aos homens em toda a sua real beleza e magnificência.

Então, ouviu-se e uma poderosa voz melodiosa:

- Nas asas de sua alma, você se elevou ao trono do Todo-Poderoso, mas os Seus traços reais você deverá criar da forma que o seu coração compreende; você não tem condições de abraçar toda a luz! Desça à Terra e crie tudo onde houver beleza, bondade e harmonia; eis os verdadeiros traços de Deus!

III.

Os dias passavam imperceptivelmente. Rameri visitou, em companhia de Filatos e Pentaur, os templos e os principais monumentos de Alexandria; extasiou-se com os tesouros artísticos e científicos, acumulados pelos Lágidas, mas a curiosidade que ele provocava com sua personalidade deixava-o constrangido e o fazia sen tir-se tão mal que ele preferia ficar na casa do legado, onde era cercado de amor e generosidade por seus protetores.

Ericso, ao contrário, adaptou-se com incrível rapidez. A curiosidade tão odiosa a Rameri era do gosto de Ericso, divertindo-a e enchendo-a de satisfação. A extraordinária notícia de que, nas esfinges descobertas por Gall, foram encontrados dois seres vivos dos tempos do faraó Amósis, correu por toda Alexandria e atraiu à hospitaleira casa do legado numerosos visitantes, aos quais a estonteante beleza de Ericso deixava deslumbrados. O número de admiradores em volta dela crescia e dele fazia parte, secretamente, é claro, o dono da casa, em cujo coração fogoso os cabelos dourados da grega provocavam um verdadeiro incêndio que ele denominava de fascínio de artista.

Apesar da afeição sincera de Gall em relação a Valéria, sua beleza sóbria ficava apagada ao lado daquela radiante borboleta. Além do mais, Valéria, alheia tanto ao ciúme como ao coquetismo,

nutria por Ericso uma amizade permanente, tratava-a como a uma igual e cobria-a de jóias e presentes.

A ex-escrava de Amenhotep, tal qual uma flor sob os raios solares, desabrochava naquela atmosfera de liberdade, luxo e lisonja. Naquela bela e alegre mulher era difícil reconhecer a outrora triste e tímida mocinha, esgueirando-se feito sombra pelos quartos vazios do mago, sempre se escondendo nos nichos do laboratório; eterna prisioneira que apenas nas grandes festas religiosas saía de casa e, ainda assim, meticulosamente coberta e sob o vigilante controle de Thua. Era com horror e nojo que ela recordava aquela angustiante época de escravidão, quando os únicos que podiam apreciar sua beleza eram Bisu e Thua, e ela tremia de medo sob o olhar severo de seu senhor. Não resta dúvida, o instinto feminino sugeria-lhe que Amenhotep gostava dela; ela até havia notado uma certa chama de paixão que acendia-se furtivamente nos olhos abaixados do mago, quando ela dançava ou cantava sentada a seus pés; mas tendo se convencido disso, ela começou a odiar Amenhotep cada vez mais forte, por tê-la privado de todas as alegrias da juventude. Foi com alegria contida que ela arquitetara a terrivel vingança contra ele.

As vezes, Rameri, observando o riso e a tagarelice dela com Gall ou com os estranhos, perguntava-se como se podia esquecer a tal ponto o passado, buscar diversões e sentir-se tão bem em companhia de pessoas estranhas. Distraído, ele nem sequer

percebia a bela de cabelos dourados lançar-lhe olhares apaixonados que demonstravam não ter ele sido esquecido.

Vendo o desânimo de Rameri, Valéria, com toda a sua habitual delicadeza, tentava distraí-lo, despertar nele a energia e criar-lhe um objetivo que o fizesse apegar-se à nova vida. Com esta finalidade, ela obteve a autorização de Gall para a instalação de uma oficina. Sendo inesgotavelmente generoso para com Ericso, ele não pensava em limitar a esposa quanto aos seus favores em relação a Rameri e, além do mais, ele estava bem convicto de sua rigorosa virtude para ter qualquer ciúme.

Rameri ficou extremamente feliz quando, certa manhã, Valéria o levou a uma grande sala, agora transformada em oficina e onde já se achavam preparados todos os instrumentos, barro, pedaços de mármore e modelos de obras dos melhores escultores da Grécia. Este presente, verdadeiramente imperial e partindo dela, era para Rameri duplamente valioso e ele agradeceu calorosamente, de todo o coração. Uma simpatia profunda atraía o escultor àquela tímida e séria jovem, que estranhamente lhe lembrava Nuíta. Os enormes olhos aveludados eram da mesma forma pensativos e serenos; até em sua voz melodiosa e peitoral ouvia-se, às vezes, o timbre bem familiar.

Rameri sentia-se melhor em companhia de Valéria; ela tinha o dom de acalmá-lo quando alguma curiosidade indiscreta e até grosseira irritavam o orgulhoso egipcio. Bastava uma palavra ou

sorriso dela para que as freqüentes crises de tristeza e desânimo se dissipassem.

Feliz com sua alegria, Valéria sugeriu-lhe começar por criar algo sério, não só para ganhar um nome, mas o respeito e a boa vontade de novos concidadãos, e esculpir, por exemplo, um deus ou uma deusa para a decoração de um templo.

- Se você precisar de um modelo para detalhes, vestimenta ou pose, o nosso amigo Anaksagor poderá arrumar-lhe isso – acrescentou ela.

Eu seguirei seu sábio conselho, nobre mulher. Mas para culminar a sua generosidade, deixe-me moldar seu busto! Que esse seja o primeiro trabalho em minha nova vida! Ser-me-á bastante agradável reproduzir os traços de minha benfeitora, que, excepcionalmente, me lembram o rosto da minha pobre Nuita.

- Será que eu realmente me pareço com a princesa Nuita? Como isso é estranho! – ruborizada e sem jeito observou Valéria. – De qualquer forma, eu terei prazer em aceitar que você faça o meu busto.

A partir do mesmo dia, com a anuência de Gall, não raro em sua presença e de Ericso, Rameri começou o busto de Valéria. Frequentemente os jovens ficavam praticamente sozinhos, pois a velha empregada não era levada em conta. Essas horas eram as mais agradáveis para ambos; eles falavam do passado e as narrativas do escultor despertavam em sua interlocutora um

interesse cada vez maior em relação a Nuíta e Amenhotep. Cada vez mais crescia nela o desejo de confirmar que ela realmente se parecia com a princesa egipcia, e a sorte do mago sugeria-lhe pena e solidariedade.

- Sabe, Rameri? Na minha opinião, é de seu dever procurar e achar o túmulo onde está enterrado vivo o seu infeliz amigo. Foi para voce que ele preparou a maravilhosa poção; foi por sua causa que ele se tornou vítima da loucura de Ericso; cega de paixão por você, ela não calculou as conseqüências de sua atitude.

- Bem, o seu imenso amor por mim foi embotanto depressa – observou Rameri zombeteiramente. – Ela está a tal ponto ocupada com a corte do legado Túlio, do ricaço Telemak e de outros, está tão absorta com as festas e enfeites que não mais pensa nestas bobagens.

- Não creia muito nisso! Eu notei os olhares que ela lança que, pelo contrário, deixam-me convencida de que ela lhe é invariavelmente fiel – disse sorrindo Valéria.

- Ao que ela realmente permanece fiel é ao seu ódio Amenhotep. A idéia de libertá-lo não me abandona nunca, para você e mas para tanto eu preciso da ajuda de Ericso, e toda vez que eu toco no assunto ela se esquiva da resposta ou em seus olhos brilha tal ódio que eu tento não insistir. A propósito, quando houver uma chance, eu empregarei toda a minha influência sobre ela e farei com que ela vá comigo a Menfis para ajudar me nas buscas.

Alguns dias depois, o assunto voltou a respeito de Nuita e do mistério que envolvia a sua morte. Rameri achava que fortúnio que lhe causara o desaparecimento havia abalado a saúde da princesa, mas de que forma ela teria sido morta junto à tumba de Osíris – isso lhe permanecia inexplicável. Valéria observou que no corpo da princesa ficaram impressas as marcas daquele misterioso acontecimento – era só desenrolar a múmia.

O desejo secreto de convencer-se de sua semelhança com a falecida princesa lhe fez sugerir esse conselho; ela mesma já teria examinado a múmia, não fosse o temor de desgostar o escultor, ao ferir suas convicções religiosas.

No início Rameri assustou-se até com a idéia de tocar o corpo, preparado para a eternidade por cerimônias religiosas. Sendo um egipcio verdadeiro, ele receava, além disso, danificar o ka (corpo astral) de Nuíta ao retirar as bandagens e expor o corpo à decomposição.

Mas no fundo da alma, ele ansiava por rever os traços do querido rosto e descobrir a causa da morte misteriosa de Nuita. Assim sendo, deixou-se convencer facilmente, ainda mais pelo fato de que Valéria tinha lhe assegurado que em Alexandria havia embalsamadores que recolocariam as bandagens, e Pentaur ou um outro sacerdote não se negaria, evidentemente, a repetir as cerimônias fúnebres. Além do mais, segundo Valéria, o corpo teria

que ser enterrado no cemitério da cidade e não ficar jogado em qualquer lugar feito uma coisa inútil.

Vencido portodos esses argumentos,que atendiam também ao seu desejo íntimo, Rameri, finalmente, concordou, e ficou decidido que já no dia seguinte seria iniciada a abertura do caixão da múmia.

A escolha do dia foi feliz. Gall havia sido chamado para o banquete do procônsul; Ericso, em companhia de uma dama que conhecera, ia aos festejos de um circo, enquanto Valéria, que não era amante dos combates de gladiadores, decidiu ficar em casa. Dessa forma, eles estavam certos de que ninguém os atrapalharia.

Assim, tão logo Gall e Ericso foram embora, Valéria e o escultor dirigiram-se para as afastadas dependências para onde o legado havia banido a múmia do salão aberto, depois que ele soube do relacionamento que havia entre a falecida e o escultor. Quanto às duas esfinges, estas foram solenemente instaladas em seu local anterior.

Não foi sem um medo supersticioso que Rameri pegou os instrumentos e iniciou a abertura do caixão. A tampa com as incrustações cedeu sem dificuldade, deixando antever o corpo enrolado em bandagens, exalando um forte odor resinoso. Rameri, atônito, recostou-se na parede e fechou os olhos com a mão; neste momento, os séculos idos deixaram de existir e toda a amargura da perda da mulher ardentemente amada dominou-o com nova força.

Resistindo de imediato à sua fraqueza, ele aprumou-se e com mão febril e impaciente começou a desenrolar as bandagens, no que era ajudado por Valéria. Ela também estava terrivelmente perturbada, uma comichão corria-lhe pelo corpo e o coração comprimia-se angustiado.

Logo o busto já estava livre e apareceu a bela cabeça da mulher, emoldurada por cachos de cabelos negros. Todo o corpo se conservara maravilhosamente. Somente a pele pretejara um pouco devido ao tempo. Como resultado da arte dos embalsamadores, que tinham a habilidade de dar ao corpo a expressão dos últimos minutos da vida, no rosto de Nuita congelara-se a expressão de indescritíveis sofrimentos e de terror. Os lábios semi-abertos deixavam antever dentes cerrados; nas faces, no ombro e na mão viam-se estranhas queimaduras, longas e profundas, e, quando Rameri soltou a mão direita,verificou-se que a palma e os dedos estavam calcinados.

Um grito desesperado soltou-se do peito de Rameri. Seria possível que um raio tivesse desfigurado tão terrivelmente Nuíta? Não teria sido ela vítima de algum crime bárbaro?

Chorando copiosamente, ele apertou contra os lábios aquela mãozinha, cujo aperto caloroso e apaixonado parecia ainda sentir. Neste minuto, esqueceu-se até de Valéria e de sua nova vida – diante dele, ao vivo, estava somente o passado.

Valéria retirou-se devagar, deixando-o sozinho.

- Feliz Nuita! Como é amada! sussurrou ela, e um sentimento de ciúme comprimiu-lhe tristemente o coração.

Após ter desafogado as lágrimas, Rameri sentou-se junto à múmia e sem tirar os olhos do rosto adorado mergulhou em pensamentos amargurados.

Ele resolveu ficar com o cadáver até o amanhecer e depois, de manhã, ir ao templo de Isida, atrás dos embalsamadores. Mas a descoberta das estranhas queimaduras deu um novo rumo aos seus pensamentos e despertou nele, em relação a Ericso, um sentimento próximo ao ódio.

Ela era a única culpada pela morte misteriosa de Nuíta e por seu infortúnio pessoal! Ainda que o plano de Amenhotep não tivesse dado certo por alguma razão, de qualquer forma ele e a princesa teriam sido despertados, estando juntos. O que eles tinham a ver com os séculos que passaram? Poderiam ser felizes e gozarem a vida tanto sob o cetro de Gapieno e Valeriano como sob o de Amósis II. E, de repente, essa estrangeira que ele nunca tinha visto antes ousou interferir em seu destino e dar-lhe um outro rumo! Escrava ingrata que imobilizou o gigante, seu protetor!

Em meio a esse ódio e raiva insistia, entretanto, a vontade de penetrar no enigma da morte de Nuíta.

Subitamente uma feliz idéia lhe veio à mente. Será que não existiria uma pessoa para quem nem o futuro nem o passado não teriam segredos? Não teria a previsão dos acontecimentos no Egito

se cumprido com toda a exatidão? Caso Amenhotep não estivesse morto, ele deveria estar dormindo no seu subterrâneo. Bastava encontrá-lo e despertá-lo e ele diria sucedera junto ao túmulo de Osíris. Ele viajaria para fazer as buscas em Menfis, assim que enterrasse Nuíta, ou até antes, para que o mago pudesse ver o corpo dela. Esta decisão era irrevogável e Rameri, em sua impaciência, resolveu viajar no dia seguinte.

Retornando do circo, Ericso foi almoçar junto com Valéria, surpreendendo-se com a ausência de Rameri; ela não quis, entretanto, indagá-la sobre os motivos, visto que a patrícia lhe parecia pensativa, preocupada e com ar de pouca conversa. Após o almoço, cada uma foi para seu quarto.

O quarto de Ericso tinha um acabamento luxuoso, profundamente decorado por refinados bibelôs dos quais as romanas tanto gostavam. Gall com a esposa cobriam-na de presentes e enfeitavam feito uma boneca aquela encantadora criatura meio-mulher, meio-criança, cuja alegria inocente e gratidão efusiva os divertiam muito.

Neste minuto, entretanto, Ericso nem sequer olhou gracioso mobiliário ou para a magnífica echarpe de seda, bordada a ouro, sobre a mesa, que a negrinha apontou ser um presente da patrícia. Sem dizer nada, ela anuiu com a cabeça, continuando a andar pelo quarto. Em seu íntimo, Ericso tinha ciúme de Valéria em relação a Rameri; as conversas dos dois a desagradavam, fora o fato de estar

o escultor moldando o busto da dona da casa; sua intenção era vigiá-los permanentemente e somente o prazer de gozar da liberdade e das alegrias, subtraidas dela por tanto tempo, sobrepuja-se ao ciume e a atraía para festas e espetáculos.

Hoje, o silêncio e a preocupação de Valéria pareceram-lhe suspeitos. Eles ficaram em casa o dia inteiro sozinhos. O que teria acontecido entre eles para que Rameri não viesse almoçar? Após refletir, ela chamou a negrinha e perguntou onde estava Rameri. A outra desapareceu imediatamente e voltou a seguir com a notícia de que o nobre Rameri estava, desde cedo, no quarto da múmia encontrada e que o escravo não tinha a menor idéia de quando ele retomaria de lá.

O ciúme de Ericso mudou rapidamente de objeto. Então ele estava velando Nuíta! Ela quis imediatamente saber o que ele estaria fazendo junto ao cadáver.

Dando uma ajeitada rápida em sua toalete, ela colocou no pescoço um escaravelho preso numa corrente de ouro. A jóia havia sido surrupiada de Amenhotep, pois ela achava que era um amuleto com poderes de provocar o amor. Colocou-a no pescoço, apesar do forte e desagradável cheiro emanado por ela.

Mirando-se satisfeita no espelho, penetrou na ponta dos pés no quarto indicado e através de uma fresta do reposteiro divisou Rameri sentado junto ao sarcófago da múmia; a seus pés viam-se espalhadas as bandagens. A lâmpada de bronze em cima de um

suporte alto iluminava o rosto carregado do escultor. Ericso, feito uma sombra, esgueirou-se atrás de suas costas e por trás delas olhou para o cadáver. Imediatamente ela reconheceu Nuíta e um ciúme louco apoderou-se dela.

Ao mesmo tempo, Rameri se virou: por mais leves que fossem os passos de Ericso, a apurada audição do escultor captou o seu barulho. Ao ver Ericso, ele cerrou o cenho e, agarrando-a pela mão, disse com rigor:

- Veja! — ele apontou para a múmia. — Isso é obra de suas mãos. Se você não tivesse interferido em minha vida, Nuíta estaria viva e eu não seria tão só!

Ericso puxou a mão e deu um passo para trás empalidecida.

- Sim! — murmurou ela com a voz sugerindo tristeza e baixando os olhos. — Se não fosse eu, ela estaria viva e isso o faz chorar! A escrava de Amenhotep só pôde tomar o lugar de Nuíta na esfinge, mas não pôde tomá-lo no coração dele. Reconheço a minha loucura, porém já não posso mudar nada.

Postada meio de perfil para ele, a pose de Ericso acentuava ainda mais a perfeição ideal de suas curvas. O artista despertou em Rameri. Ele, involuntariamente, comparava aquela beleza airosa com a mulher grosseira, enviada por Anaksagor para servir de modelo. Não, Ericso representava o modelo ideal para Geb, Aurora ou Psique! O deslumbramento acalmou sua ira e ele já estava quase

sentindo pena daquela criança que, bem ou mal, era a única coisa que lhe havia sobrado do passado.

- Perdoe-me, Ericso! As palavras cruéis foram-me sugeridas pela dor das horas que eu passei agora — disse ele em tom triste e já sem raiva. — Eu não deveria ter esquecido que você agiu assim devido à sua insensatez pueril, sem pesar todas as conseqüências de seu ato. Eu tentarei esquecer o ferimento causado; nós não podemos ser inimigos; a desgraça atingiu-nos a ambos e estamos sozinhos neste barco!

Um rubor brilhante inundou o rosto pálido de Ericso e as lágrimas jorraram torrencialmente de seus olhos. Ela caiu de joelhos e recostou a cabeça na mão do escultor.

- Ó, Rameri! Não me julgue pelo meu erro! Como tudo isso aconteceu, nem eu mesma sei. Você foi o primeiro homem que me inspirou amor... a mim, pobre escrava, eterna prisioneira das paredes do calabouço, como era para mim a casa de Amenhotep! Escondida no nicho do laboratório, eu espreitava todos os seus movimentos, ouvia todas as suas palavras! Os dias de sua visita eram dias de festa: eu sorvia a sua voz e, entretanto, você falava de amor a outra! Eu achava que quando me visse iria apaixonar-se por mim. Ficava dominada também por tal sede de liberdade, desejo de ver as pessoas e o mundo, livrar-me do olhar opressor de Amenhotep, que eu me apeguei à única oportunidade que tinha para romper os grilhões e, ao mesmo tempo, alcançar a felicidade.

Agora, quando o passado já não pode ser reparado, quando você mesmo diz que nós fomos atingidos pela mesma desgraça, ame-me pelo menos um pouquinho, Rameri! O que me são todos esses romanos ricos, fazendo juras de amor e pedindo-me em casamento! Deixe-me viver junto a você, servi-lo, e eu serei feliz!

- Pobre criança! — murmurou Rameri, que a ouvia participativo. Ela tinha razão em se achar uma prisioneira, pois até ele, amigo íntimo de Amenhotep, nunca suspeitou de sua existência. Mas o que fez o mago agir assim? Teria ele se apaixonado por Ericso? Era seu amante? Até um mago poderia ficar seduzido por tanta beleza.

— Ericso! - chamou ele, abaixando-se sobre ela e fitando perscrutador seus olhos azuis! — Diga-me a verdade! Amenhotep a amava? Por que ele a escondia com tanto cuidado de qualquer olhar estranho? Você lhe pertenceu?

Ericso jogou orgulhosamente a cabeça para trás e em seus olhos fulgiram desprezo e ódio.

Nunca pertenci a ele! Eu era para ele uma simples clarividente. Ele me fazia entrar num sono sagrado e eu acordava quebrada e exausta. Eu sabia que gostava de mim, mas ele nunca me falou de seu amor. E poderia ele amar? Não, ele só sabia governar as forças da natureza, chamar os espíritos da escuridão da noite ou do interior do lago de seu jardim, e preparar poções. Dou graças aos deuses por ele não me ter amado, pois eu o odeio e temo!

Quando me fitava com seu olhar penetrante, afiado feito uma faca, eu tremia toda e me submetia cegamente a ele.

- Eu entendo que você sofreu muito em sua solidão angustiante, mas, uma vez que você tenha se vingado cruelmente dele, por que não o perdoa agora? Além do mais, ele já não teria qualquer direito sobre você, mesmo que despertasse. Os seus protetores são Gall e Valéria! Pela lei, você pertence a eles. Caso você se convença de que ninguém poderá tirar-lhe a liberdade, ajudaria você a encontrar Amenhotep ou pelo menos localizar o ponto onde você o enterrou vivo? Eu tenho o direito de conhecer o seu destino. Eu ficaria muito feliz e profundamente grato se você concordasse em ajudar-me.

As últimas palavras ele pronunciou em tom carinhoso, atraiu-a perto de si e a beijou.

O rosto de Ericso ficou ruborizado.

- Você entende o que me pede, Rameri? — redargüiu ela, com o corpo trêmulo. — Se você me pedisse a minha vida, teria dado com todo o prazer em troca de seu beijo ou uma palavra amiga! Mas ajudá-lo a encontrar essa pessoa terrível é loucura! Não o procure, Rameri! Não desperte o leão preso! Tema-o, pois até a sua amizade é perigosa.

Falo isso porque eu o conheço melhor que você! Você diz que Amenhotep não tem mais direitos sobre mim e que a lei protege a minha liberdade nesta casa, onde me encontraram. O que poderá

deter um homem para o qual basta levantar um dedo para fazer jorrar uma nascente das pedras; que só com um simples olhar pode calcinar um arbusto, invocar o fogo do interior da terra, que mata, devora e destrói a tudo? Não, não, Rameri, peça-me qualquer coisa, menos isso. Eu o odeio, tenho medo dele e nunca vou procurar por ele.

Em sua voz denotava-se tanto ódio e repugnância, os olhos ardiam com tanta raiva, que Rameri balançou a cabeça pensativamente. Além do mais, apesar de seu fascínio diante da sabedoria de Amenhotep, ele, de qualquer forma, não o considerava tão poderoso como dizia Ericso, mas ela o conhecia bem mais e provavelmente o teria vigiado.

- É claro que eu não vou obrigá-la a procurar Amenhotep, já que isso lhe causa tanta aversão — disse ele.- Mas eu vou tentar fazê-lo, pois considero de meu dever, se possível, libertar o amigo que, querendo ajudar-me, descobriu o segredo da poção misteriosa, sem suspeitar que em seu próprio laboratório espreitava a traição. Vou fazer tudo o que estiver a meu alcance, o que me dita a amizade e a justiça. Você, Ericso, é ingrata ao homem que, apesar de tudo, foi seu benfeitor. Imagine que sina seria a sua, se uma mulher tão bonita fosse comprada por um outro? Ele, no entanto, apesar de seus direitos de senhorio, respeitou-a, poupou-a de qualquer trabalho e deu-lhe uma educação, incomum para uma mulher. Aquela casa que você chama de calabouço foi para você um lar paterno e, se ele a mantinha presa, por certo, foi para que o

seu intelecto e o corpo pudessem amadurecer, antes que você fosse desposada por um homem digno. O que ele teria feito depois? O que poderia representar de tão especial uma criança para um homem com poderes tão extraordinários? Você está agindo mal, Ericso, não querendo ajudar a devolver à vida uma pessoa tão útil, baluarte de grande ciência, que você não entende e julga infantilmente.

Ora ruborizando ora empalidecendo, ouvia-o Ericso. No íntimo, ela sabia que Rameri estava certo, mas o instinto sussurrava que Amenhotep era perigoso e que lhe devolver a liberdade significava achar-se na posição de um camundongo nas garras do tigre. Se ele não a desejava para si, concomitantemente não demonstrava qualquer intenção de casá-la com outro, esquecendo por completo que ela era um ser vivo e jovem, e que em sua veias corria sangue ardente e o coração impetuoso ansiava por felicidade.

- Não, que ele fique lá onde está! — exclamou ela.

Virando-se bruscamente, ela correu para fora do recinto: faltava-lhe o ar, ela sufocava. Apertando as mãos contra o peito, atravessou correndo as salas e a galeria em direção ao jardim.

Absorta em pensamentos, ela nada via ou ouvia; descendo precipitadamente a escada, tropeçou e teria caído, se não fossem duas mãos fortes que a seguraram no meio da queda. Era Gall que voltava da casa do procônsul. Ele estava bem animado devido ao vinho; o banquete tinha sido grandioso. Sentindo em seus braços o

delicado e esguio corpo de Ericso, seu fascínio por ela, habitualmente artístico, transformou-se num ímpeto de paixão.

- O que há com você, a mais bela das belas? De quem você foge feito uma gazela perseguida por caçador? — perguntou ele, erguendo-a como a uma pena.

Apertando-a impetuosamente contra o peito, cobriu-a de beijos apaixonados.

No primeiro instante, o constrangimento e a surpresa fizeram Ericso emudecer e não opor resistência, mas, em seguida, usando a força que dela não poderia ser esperada, ela desvencilhou-se dos braços do legado e, em dois pulos, achou-se no terraço e desapareceu.

Ao chegar ofegante ao seu quarto, deixou-se cair na cadeira junto à janela e com as duas mãos jogou para trás as madeixas úmidas que se lhe grudaram desordenadamente na testa. Ao repassar na memória os abraços apaixonados do patrício, seu olhar ardente e os beijos, ela estremecia de nojo.

- Ó! Se Rameri tivesse-me puxado assim para seus braços, que delícia seria! E bom ser amada, mas por aquele que se ama — murmurou ela. — E este marido de Valéria...

Não, não quero o seu amor e farei tudo para que isto não se repita — acresçentou ela, dirigindo-se à sua cama.

Gall também ficou muito perturbado. Ele foi ao quarto e deitou-se, entretanto, sua cabeça estava repleta de pensamentos sobre Ericso. Parecia-lhe jamais ter encontrado uma criatura tão encantadora. Em seu enlevo, ele reconstituía na memória o seu abraço, o momento em que os cabelos perfumados de Ericso lhe acariciavam a face e o pescoço. A fantasia arrebatava-o cada vez mais e mais, até que finalmente ele adormeceu... o cansaço e os vapores de vinho exigiram os seus direitos.

Ao perceber que o marido havia voltado com rosto vermelho e olhar brilhante, Valéria fingiu estar dormindo. Ela não estava disposta a conversar; novos sentimentos enfrentavam-se dentro de seu ser. Ela era perseguida pela imagem de Rameri. Ele lhe parecia tão familiar, íntimo e simpático, com sua índole séria e contemplativa, com seu extraordinário talento e comovente fidelidade à mulher amada. A cena testemunhada junto à múmia de Nuíta mexia com sua imaginação e despertava em seu coração um novo e perigoso interesse em relação ao jovem egípcio. Era um misto de ciúmes e de amor, mas era um sentimento bem mais forte de que aquele sereno respeito que ela nutria por Gall, com qual se casara por ordem do pai e que, verdade seja dita, era indulgente, carinhoso e, às vezes, até bem passional, ainda que apreciasse os banquetes e, havendo chance, mulheres bonitas; com toda certeza, não lamentaria chorando a sua morte, como fazia Rameri em relação a Nuíta.

Rameri também passou a noite estranhamente perturbado.

Depois que Ericso saiu correndo, passou-lhe pela cabeça que, estando ela perturbada daquele jeito, poderia cometer alguma loucura e, assim, ele a seguiu, ainda que não pudesse alcançá-la. Na entrada da sala aberta, ele foi testemunha do incidente entre ela e o patrício.

O sangue subiu-lhe à cabeça e ele teria interferido se não visse que Ericso se desvencilhara dos braços de Gall e, feito uma flecha, passara correndo por ele. Terrivelmente perturbado, voltou ao seu quarto e começou a pôr as idéias em ordem, tentando dominar-se.

Para sua própria vergonha, convenceu-se de que em seu coração comprimiam-se, perseguindo a sua imaginação, as formas de três mulheres. Uma delas — delicada, visão extinta para sempre, cuja recordação continha um fascínio imorredouro; a outra — Valéria, com sua sóbria beleza aristocrática, olhos aveludados e o olhar de Nuíta, que com sua discrição e dignidade o seduzia e o atraía; e finalmente, a terceira, Ericso, de beleza extraordinária e aquela lascívia com que respirava todo o seu ser, inebriando-o e subjugan-do-lhe a imaginação.

Ele sabia que era amado por aquela criatura fascinante; lia os sentimentos dela nos olhares que lhe lançava e já estava habituado a vê-la como sua propriedade exclusiva —sua dupla propriedade, uma vez que ela se erguera das ruínas do passado remoto.

Não foi uma única vez que Rameri interceptara os olhares que Gall lançava sobre a bela jovem, o que lhe era uma verdadeira

afronta. Devido às estranhas contradições que se espreitam nos corações humanos, Rameri, ainda que não estivesse amando Ericso, não suportava que um outro a tocasse. Esses pensamentos impediram o seu sono até o amanhecer. Sem conseguir pôr em ordem o caos de seus sentimentos, redobrou a intenção de despertar Amenhotep, seu sábio e poderoso amigo, que seria o melhor guia e conselheiro naquele labirinto espiritual, dentro do qual, decididamente, ele havia se perdido.

De manhã, ele se sentiu mais calmo, entretanto, a vontade de encontrar Amenhotep continuava firme. Assim que Gall se levantou, Rameri foi até ele e expôs o seu plano, pedindo-lhe ajuda para pô-lo em prática.

O patrício atendeu com a habitual boa vontade ao pedido.

- Excelente idéia, Rameri! Seria muito interessante achar o mago, vítima de sua própria poção. Eu ordenarei ao administrador que lhe sejam providenciados homens e material, enquanto você acerta com ele tudo de que precisa. Fique tranqüilo, eu guardarei o seu segredo, como você deseja.

Terminado esse assunto, Rameri foi à casa de Pentaur para pedir-lhe que repetisse as cerimônias fúnebres junto à múmia.

O velho sacerdote admoestou severamente Rameri por ele ter perturbado, a troco de uma simples curiosidade, o corpo já santificado para descanso etemo, mas prometeu atender ao seu pedido.

Quando Rameri disse que ia a Mênfis, sem revelar o real objetivo, Pentaur suspirou profundamente:

- Vai ser triste para você ver as ruínas daquela cidade que rivalizava com Tebas e Babilônia e que você conheceu em pleno resplendor.

- Não é possível que Mênfis esteja toda destruída e desabitada. Os templos, ao menos, devem ter resistido à ação do tempo.

- As pedras resistiram. Todas as riquezas e as utilidades foram aos poucos transferidas para Alexandria. Os sacerdotes seguiram os crentes para os novos templos, mas nos quarteirões mais recentes vai sobrevivendo certo tipo de gentalha. Dizem lá que os cristãos fizeram seus ninhos, que se escondem nos templos abandonados. Contudo, desde que Okhos destruiu Mênfis, ela não conseguiu se reerguer. Pode-se dizer que a cidade é morta. Bem, você mesmo vai ver.

IV.

Rameri iniciou ativamente os preparativos para a excursão. Ericso anunciou inesperadamente que ia com ele e o escultor imaginou que as palavras dele tivessem surtido efeito e ela, envergonhada por sua ingratidão, resolvera ajudá-lo a procurar Amenhotep.

Ericso ouviu em silêncio os elogios por essa decisão, mas, por sorte, Rameri não notou o seu sorriso zombeteiro nem ouviu o que a jovem arrependida murmurou atrás de suas costas:

- Idiota! Você não imagina que eu vou só para atrapalhar.

A viagem de Ericso desagradou imensamente a Gall, entretanto, ele não se arriscou a irritá-la com a recusa infundada de que acompanhasse Rameri. Três dias depois, o escultor e sua acompanhante iniciaram a viagem seguidos de escravos e algumas mulas carregadas de bagagem, provisões e ferramentas.

A medida que eles se aproximavam de Mênfis, o coração de Rameri ia se comprimindo de dor. Aqueles lugares outrora florescentes, magnificamente trabalhados e cheios de vida, transformaram-se, na maior parte, num inóspito deserto. A areia pouco a pouco ia cobrindo tudo.

Mas a pior impressão foi produzida pela própria cidade, cujas ruas desérticas se estendiam como um imenso esqueleto. Conforme dissera Pentaur, nos quarteirões mais novos ainda se viam, aqui e ali, casas habitadas; os grandes templos ainda permaneciam em pé, mas estavam abandonados e desprovidos de suas melhores decorações. Quanto à Mênfis antiga, a cidade nada mais era do que casas destruídas e montes de ruínas, enegrecidas devido a incêndios. Apenas alguns templos, dentre eles o templo de Ptah, apontavam onde outrora era a Fortaleza Branca, cujas antigas fortificações foram arrasadas por Okhos.

A antiga moradia de Rameri e a casa de Amenhotep achavam-se num dos quarteirões mais antigos da margem do Nilo, e, assim, o escultor dirigiu sua caravana rumo ao rio. No entanto, era-lhe dificil orientar-se no meio daquelas ruínas, fragmentos e paredes desabadas.

Seu coração estava triste; a visão dos santuários abandonados, palácios destruídos, colunas tombadas — tudo isso era motivo de lágrimas amargas.

Após longas e inúteis buscas, Rameri lembrou-se de que podiam ser vistas as colunas do templo Tuma, do terraço da casa de Amenhotep, através da clareira. Aqueles pilares estavam ainda no lugar — significava que era necessário achar o ponto a partir do qual os pilares poderiam ser vistos na mesma perspectiva e, então,

podia-se ter certeza de que ele estaria no local da moradia de Amenhotep, ou, pelo menos, perto.

Após determinar essa região, Rameri deu início a uma busca mais minuciosa.

Ericso, feito uma sombra, seguia-o constantemente, tentando não se trair; examinava meticulosamente paredes, portas modeladas e colunas. Orientando-se bem melhor que Rameri, ela, além de tudo, não procurava as ruínas da casa, que eram parecidas com uma centena de outras, mas algo mais específico que pudesse ser reconhecido na hora. Esse algo, inclusive, deveria ser tão sólido que pudesse resistir em meio à devastação geral ao redor.

Bem no fundo do jardim do mago, escondida por uma cerca de arbustos espinhosos, havia uma imensa rocha de granito, lapidada de um lado como uma placa e em cuja superficie estavam gravadas duas serpentes em posição ereta e na vertical, porém, em posições opostas: a primeira apoiada na cauda e a segunda, na cabeça. Acima delas havia uma inscrição com hieróglifos.

Ericso sabia desde criança da existência daquela pedra, mas só dois dias antes do casamento de Nuíta ela descobriu que a rocha escondia a entrada do subterrâneo onde se encontrava o aposento de Amenhotep.

Naquele dia, à casa do mago veio um homem desconhecido que foi recebido com especial consideração. Eles conversaram

longamente numa língua estranha, depois desceram ao subterrâneo e não mais apareceram.

Uma vez que o mago não havia aparecido também no dia seguinte, Ericso, morrendo de curiosidade, começou a bisbilhotar em todos os cantos. Após o almoço, para sua surpresa, ela viu Amenhotep no jardim; ele denotava preocupação. Em vez de entrar pela entrada principal da casa, o mago foi na direção oposta ao jardim.

Ericso seguiu-o, feito uma sombra, esgueirando-se atrás dos arbustos. Surpresa, ela viu como Amenhotep parou diante da rocha de granito, pressionou o olho da serpente postada na ponta da cauda, e desapareceu por uma portinhola que se abriu na rocha.

Essa descoberta despertou a tal ponto sua curiosidade que, esquecendo-se do medo, decidiu descobrir para onde levava aquela porta.

No dia seguinte, aproveitando a ausência de Amenhotep, que como antes estava ocupado e preocupado com alguma coisa, ela foi até a pedra e apertou o olho da serpente: diante dela se abriu um orificio estreito, através do qual se podiam ver os degraus de uma escada.

Ericso desceu os degraus e atravessou um corredor escuro que ela iluminou com um archote, utilizado para qualquer eventualidade; no fim do corredor havia uma porta.

A porta cedeu a um leve empurrão e se abriu, fechando-se sozinha, quando Ericso passou por ela. No mesmo instante, tudo a seu redor ficou iluminado por uma luz tão brilhante, que, ofuscada, Ericso fechou os olhos por alguns instantes.

Após reabri-los e examinar o ambiente em que se encontrava, ela viu que se achava numa sala comprida ou galeria sustentada por colunas transparentes como cristal. Nas duas laterais da galeria, viam-se profundos nichos que encerravam estátuas simbólicas; no centro jorrava uma nascente cujos jatos murmurejantes emanavam um forte aroma vivificante.

Por entre os nichos, nos largos e baixos suportes, havia grandes vasos de lápis-lazúli com flores que ela nunca tinha visto antes.

As folhas daquelas flores, umas pequenas, outras grandes, eram identicamente brancas e transparentes e emitiam uma luz tão fosforescente, que pareciam envoltas em névoa azulada. Os cálices fulgiam em diferentes cores, como se fossem feitos de rubi, safira, esmeralda e ametista, enquanto as folhas, de diferentes formas e tamanhos, eram envoltas numa penugem branca brilhante, dando a impressão de serem cobertas por neve.

Jamais Ericso havia visto algo semelhante. Olhando fascinada ao redor, dirigiu-se à sala contígua, de tamanho menor e em forma circular, igualmente inundada de luz. Os móveis e as decorações ali eram todos em ouro e sobre as mesas viam-se

surpreendentes instrumentos. O terceiro quarto completava o subterrâneo e era mergulhado numa leve penumbra; as instalações lembravam uma ara. De lá, uma escada coberta de esteiras macias levava a uma porta fechada com grossa cortina, atrás da qual, para a estupefação de Ericso, estava o dormitório do mago.

Ela sempre considerou que atrás daquele quarto havia um porão contíguo, cuja chave Amenhotep levava sempre consigo, e onde, na sua opinião, eram guardados os tesouros dele. De tão bem oculta a porta pela qual entrara, ela jamais imaginara sua existência.

Tendo descoberto a entrada e a saída, ela saiu do subterrâneo e retornou ao seu quarto. Somente viu Amenhotep no dia seguinte; pelo visto ele não havia desconfiado de suas travessuras ou sua mente estava ocupada com outras coisas, e, após o almoço, ele adormeceu naquele sono que durava até então.

Aquele maciço rochoso que servia de entrada secreta ao subterrâneo era justamente o que procurava Ericso; seu tamanho não temia a destruição. Se havia algo que pudesse ficar preservado da casa de Amenhotep, por certo esse algo seria a rocha, que era mais resistente que os pilares do templo.

Sem dar mais atenção ao companheiro que prosseguia em suas buscas, temendo perder de vista os pilares do templo de Tuma, Ericso esgueirou-se agilmente por entre os fragmentos, examinando minuciosamente cada ruína encontrada. E pelo visto

seu objetivo estava próximo, pois ela avistou o arco de pedra que servia de entrada da casa. O arco, esculpido em uma rocha maciça e decorado no centro com a cabeça de Apis, conservou-se graças a sua solidez, e pertencia à casa de um velho sacerdote do templo de Ptah, que vez ou outra vinha à cidade de Mênfis.

Ericso desceu rapidamente a rua, saltando sobre os montes de fragmentos em seu caminho, e logo se achou diante dos restos de uma edificação que, sem dúvida, estava no lugar da casa do mago, mas era de construção diferente.

Atrás daquelas ruínas havia um terreno baldio, coberto por arbustos e algumas árvores escassas; lá deveria ficar o jardim. Ericso parou e estremeceu, avistou uma imensa figueira e perto dela a rocha de granito que estava procurando.

Recuperando o fôlego, aproximou-se e começou a examinar o local. A pedra estava intacta e ambas as serpentes estavam bem visíveis. Se as molas ainda estivessem funcionando, ela poderia penetrar no próprio subterrâneo onde dormia Amenhotep e acabar com ele para sempre. Essa era a intenção da vingativa Ericso.

A voz de Rameri tirou-a do devaneio.

Que monumento é esse que você achou aí? — perguntou ele enxugando o rosto suado, pois o calor era abrasador.

Notando a terrível palidez de Ericso e o tremor nervoso de suas mãos, ele acrescentou:

- Você está cansada! Andou muito neste calor. Eu também estou todo quebrado. Mas por hoje chega! Amanhã, com o nascer do sol, nós retomaremos as buscas. Eu achei indícios que me levaram para o caminho certo e logo nós alcançaremos o objetivo. Agora vamos comer e dar uma boa descansada.

- Sim, estou muito cansada — respondeu Ericso virando-se.

- Vamos nos sentar sob essa figueira, ela provavelmente é nossa contemporânea — observou rindo Rameri. Dê uma olhada nesse imenso tronco com galhos gigantescos. Mais da metade das folhas está morta, entretanto as que restaram formam ainda uma copa impenetrável para raios solares.

Atendendo à ordem do escultor, um dos escravos correu para chamar o resto dos empregados. Logo as mulas foram trazidas e as provisões desembrulhadas.

Depois do jantar, Rameri e Ericso saíram à procura de um lugar conveniente para pernoitar e decidiram acomodar-se, temporariamente, na casa do velho sacerdote de Ptah, visto que a casa se conservara melhor do que se podia imaginar, olhando por fora. O teto estava inteiro e, numa das salas, até uma porta e o piso de tijolos esmaltados conservavam-se intactos.

Valéria abasteceu tão generosamente os amigos com tapetes, almofadas, cobertores e com todo o indispensável, que dois leitos logo foram arrumados na sala para o escultor e Ericso. Os escravos acomodaram-se perto da porta. Todos estavam mortos de cansaço

e, tão logo o sol se pôs atrás do horizonte, toda a caravana já dormia.

Um profundo silêncio tomou conta de tudo, às vezes quebrado por uma respiração mais barulhenta. Ericso, no entanto, não dormia, pensando em como iria penetrar no subterrâneo. Sua intenção era entrar primeiro no quarto secreto, cuja chave estava com ela, e onde, segundo imaginava, deveriam estar guardados os tesouros de Amenhotep; retiraria dali o máximo de valores que pudesse carregar, com o intuito de criar para si uma situação de independência econômica. Em seguida, ela lhe cravaria uma faca ou poria fogo nos cortinados para se livrar dele para sempre. E depois, Rameri que procurasse por seus ossos e os enterrasse com todas as honras divinas, se isso lhe fosse do agrado.

Passou cerca de uma hora arquitetando seu plano. Ela só teria que ter certeza de que Rameri estaria dormindo. Ao apurar o ouvido, pareceu-lhe que a respiração do companheiro estava profunda e regular. Cansado como ficou durante o dia, ele, sem dúvida, estaria dormindo feito um morto. Ericso levantou-se silenciosamente, acendeu uma pequena lamparina, guardada para esse fim, e envolvendo-se numa capa escura esgueirou-se, feito uma sombra, para fora do quarto.

Engano seu: Rameri não estava dormindo. Imerso em meditação, ele viu a jovem acender a lamparina com extraordinário

cuidado e apurar o ouvido temerosa para se certificar de que ele dormia.

Extremamente desconfiado, manteve-se imóvel e, quando Ericso saiu do quarto, ele se levantou e, de longe, para não ser visto, começou a segui-la. Estava deveras curioso para saber aonde ela iria tão misteriosamente àquela hora da noite. Para sua surpresa, Ericso ia diretamente à rocha de granito onde ele a encontrara durante o dia. Parando um pouco antes da rocha, ela colocou a lamparina na terra e levantou do chão uma pedra tão grande, que Rameri se surpreendeu de sua força; logo depois, ela retornou, pegou a lamparina e desapareceu como se tragada pela terra. Rameri aproximou-se cuidadosamente e ficou estupefato ao ver que na rocha havia uma abertura tão larga que por ela poderia passar uma pessoa. No fundo branquejavam os degraus da escadaria. A pedra que Ericso trouxera fora usada para travar a porta a fim de que ela não se fechasse.

Sem titubear por um instante, o escultor começou a descer pela escada. Uma fraca luz tremeluzente indicava-lhe que Ericso estava na frente.

Ao descer a escada, ele viu um corredor abobadado, no fundo do qual Ericso desapareceu atrás de uma outra porta. Apesar da escuridão, ele praticamente atravessou o corredor correndo e tentou abrir a porta: esta cedeu com tal facilidade ao empurrão de sua mão, que ele quase veio a perder o equilíbrio e tropeçou na soleira. Ao

conseguir se equilibrar, parou atônito, mal contendo um grito de fascinação: diante dele se apresentava uma galeria subterrânea com colunas de cristal, iluminada como se fosse de dia. Por todo o lugar, viam-se estranhos e curiosos objetos. Mas ele não tinha tempo para examinar tudo aquilo, Ericso continuava correndo sem se virar. Agora ele já não tinha dúvidas: seu objetivo era o túmulo onde dormia Amenhotep. Rameri pressentia que o ódio de Ericso, aliado ao fato de que ela havia escondido dele a sua descoberta, não prometiam nada de bom para o mago. Sem se deter para olhar as riquezas à sua volta, Rameri prosseguia em sua perseguição a Ericso, fazendo de tudo para não ser notado por ela. Ericso, aliás, estava longe de imaginar que alguém pudesse segui-la. Concentrada em seus pensamentos, entrou na segunda sala, depois no santuário, subiu a escada e parou diante da pesada cortina que fechava a entrada do aposento de Amenhotep;

Após uma breve indecisão, ela desapareceu atrás da cortina; Rameri apressadamente seguiu-a. Ele achou-se num quarto luxuosamente mobiliado, fracamente iluminado por duas lâmpadas de bronze em altos pedestais. No fundo, no leito ao lado da mesa, jazia um corpo de homem cujo rosto estava coberto por um pano branco.

Com o coração palpitando, Rameri escondeu-se atrás das dobras do pesado cortinado e começou a observar atentamente cada movimento de Ericso. Esta colocou a lamparina no chão e aproximou-se lentamente do leito.

Novamente ela permaneceu indecisa por cerca de um minuto e, em seguida, arrancou resoluta o pano que cobria o rosto de Amenhotep. Enquanto Ericso observava pensativa o corpo, Rameri avistou sobre a mesa uma adaga de cabo cinzelado, cuja lâmina brilhava tanto à luz das lâmpadas, que parecia ter acabado de sair das mãos do armeiro.

Inclinando-se sobre o adormecido, Ericso fitou-o com ódio implacável.

- Jamais você acordará, criatura de Amenti! Morra antes que o encontrem! Acabe junto com a sua maldita ciência! — gritou ela com voz entrecortada.

Pegando da mesa a adaga, ela levantou a mão; mas Rameri, com a rapidez de um raio, parou ao seu lado, arrancou-lhe das mãos a arma e dando-lhe um empurrão recostou-se à cama, disposto a defender com o corpo o seu protetor.

- Ah, sua imprestável! Você, como uma lagartixa, veio matar seu benfeitor. Por que é que você escondeu de mim que havia encontrado a entrada do subterrâneo? — gritou ele fora de si.

Ericso recuou, empalideceu e agarrou a cabeça com as mãos. Um suor gélido cobriu-lhe a testa; ela entendeu que tudo estava perdido.

- Rameri! Louco! Por que você me impede de acabar com essa criatura perigosa para nós dois? — gritou ela em desespero. Caindo de joelhos, ela estendeu-lhe as mãos em súplica.

- Não me detenha! Ai de nós se esse homem abrir os olhos com todas as armas de seu conhecimento! Meu instinto me diz que seremos destruídos.

- Você é tola e ingrata! Para mim Amenhotep sempre foi um amigo e não serão suas palavras que irão semear a desconfiança em relação a ele — redargüiu irado o escultor.

— Tome cuidado, criatura raivosa, para não tocar nele enquanto ele dorme, caso contrário, esta mesma adaga porá fim à sua existência — ameaçou ele.

Ericso se pôs em pé; seus olhos faiscavam feito brasa.

- Que seja amaldiçoada esta hora em que você, em sua demência, arrisca sua vida. Agüente agora as conseqüências e pague com a vida sua lealdade a esse chacal!

Sem esperar pela resposta, Ericso virou-se e lançou-se para fora do quarto. Feito um furacão, ela atravessou a sala subterrânea e o corredor, subiu em carreira a escada e com a mesma rapidez tirou a pedra que segurava a porta, que imediatamente se fechou.

- Fique com ele, imbecil! — resmungou ela, e saiu correndo em direção ao acampamento da caravana.

Rameri não ficou nem um pouco abalado com a saída de Ericso. Retirou calmamente do bolso o pacotinho com o frasco que continha a poção misteriosa que devolvia a vida e o colocou sobre a mesa. Subitamente, quando ele ia examinar a ânfora com a rolha de ouro que estava sobre a mesa, ambas as lâmpadas se apagaram e ele ficou em completa escuridão.

Por alguns instantes, Rameri pareceu pasmo de terror: o que ele faria naquela escuridão, sem sequer ter a possibilidade de orientar-se, e como sairia de lá? Ele nem ao menos podia despertar Amenhotep! O que teria provocado o desligamento da luz? Teria Ericso tocado em alguma mola ou teria sido simplesmente um infeliz imprevisto que lhe pregara uma brincadeira de mau gosto?

O desespero apoderou-se de Rameri. Mas, quando os seus olhos se acostumaram à escuridão, ele avistou no canto uma pequena luz trêmula. Ao aproximar-se daquele ponto brilhante, reconheceu, para sua indescritível alegria, a lamparina trazida por Ericso e que ela em meio a sua fúria acabou por esquecer.

Um suspiro de alívio soltou-se do peito de Rameri.

Sem perder um minuto, começou a procurar tudo que era necessário para despertar o mago. Só depois de acordar Amenhotep, ele poderia se considerar fora do perigo.

Voltando para perto da mesa, examinou o cesto. Nele outrora estavam as frutas, agora enegrecidas e secas. Dentro da ânfora deveria haver um pouco de vinho; não teria ele se estragado durante

tantos séculos? Com a mão trêmula, Rameri ergueu a ânfora, inclinando-a sob a taça e... oh, que sorte! — de dentro da ânfora começou a pingar um líquido escuro e denso que encheu um quarto da taça. Era mais do que o necessário. O problema agora era outro: como esquentar o vinho?

Com o auxílio da lamparina, ele fez uma busca por todo o quarto, sem encontrar o que queria. Então decidiu procurar nas salas vizinhas; a escuridão ali era completa. Não obstante, no interior do santuário e em cima da ara, ele achou um pesado castiçal de sete braços com velas de cera e um grande vaso coberto com um lenço listrado de seda. Ali mesmo havia uma faca com lâmina reluzente e diversas outras coisas que ele não tinha tempo de examinar.

Rameri tinha ciência de que tudo aquilo eram coisas mágicas, mas ele pegou o castiçal e acendeu uma das velas, pois temia que a lâmpada de óleo pudesse apagar. Nesse instante, ele se lembrou de ter visto na galeria uma fonte de água e, pegando um pequeno recipiente, dirigiu-se para lá. O jato prateado havia deixado de jorrar, mas no reservatório ainda havia um pouco de água que exalava um aroma agradável e vivificante. Rameri encheu o recipiente, voltou rápido junto ao corpo do mago e iniciou apressadamente os preparativos. Ele diluiu o vinho com a água, esquentou-o com a vela acesa e depois despejou nele o conteúdo do frasco. Com a água restante, lavou o rosto, as mãos e os pés de Amenhotep. O corpo do mago parecia cerúleo, mas os membros

estavam flexíveis. Depois, com o auxílio da adaga, descerrou os dentes do mago e, gota a gota, colocou em sua boca a poção preparada.

Transcorreram cerca de quinze minutos, que pareciam uma eternidade. Inclinado aflito sobre o mago, ele observava como os traços do rosto de Amenhotep perdiam lentamente a lividez cadavérica: a pele adquiria um aspecto vivo e o sangue começava a circular. Finalmente, um tremor convulsivo percorreu-lhe o corpo, do peito soltou-se um pesado suspiro e seus olhos abriram.

Lançando um olhar cansado sobre Rameri, ele espreguiçou-se nervosamente com jeito de quem iria continuar a dormir.

- Mestre! — exclamou assustado o escultor.

Amenhotep estremeceu com o grito e endireitou-se. Seu olhar deteve-se surpreso no rosto assustado de Rameri e no castiçal mágico em cima da mesa. Comprimindo a cabeça com as mãos, tentando juntar as idéias, perguntou:

- O que significa a sua presença aqui, Rameri? Aconteceu algo que impediu a realização de nossos planos? Ou eu dormi demais?

- Meu bom mestre! Aconteceu muita coisa durante os séculos que nós dormimos! — respondeu Rameri com lábios trêmulos.

Em poucas palavras, ele contou-lhe como Ericso soube do segredo deles e aproveitou-o para seus próprios planos.

Amenhotep ouvia-o com olhar flamejante. A memória, pelo visto, estava lhe voltando.

- Bem, meu amigo! Agora eu sei de tudo — ele interrompeu o escultor. — O entorpecimento do cérebro, devido à grande dose da essência impregnada no pano, dissipou-se. E já que eu recuperei a consciência e os conhecimentos, estou totalmente a par do que aconteceu. A ignóbil criatura tencionava me matar e eu agradeço-lhe, meu amigo, por ter-me acordado desse sono medonho.

Amenhotep levantou-se e abraçou Rameri. Ao apagar a vela de cera, instantaneamente acenderam-se as duas lâmpadas; Amenhotep disse sorrindo:

- Agora preciso alimentar-me um pouco e depois esclarecer as coisas quanto ao passado e ao futuro.

- Mestre! Deixe-me sair. Aqui, nas ruínas do velho Chusu, eu tenho provisões. Eu lhe trarei vinho, frutas, carne; tudo que quiser.

- Não se preocupe! Aqui eu tenho tudo para matar a fome. Vamos!

Ele pegou o castiçal e desceu ao santuário. Recolocando-o na mesa da ara, o mago aproximou-se da parede e acionou uma mola; imediatamente, na parede abriu-se um pequeno armário secreto, de onde Amenhotep tirou uma ânfora, uma taça e um escrínio, trabalhado em ouro e pedras preciosas.

Levando tudo consigo, ele foi com Rameri à sala contígua. Assim como a primeira, esta também estava bem iluminada. Sentando-se a uma pequena mesa magnificamente trabalhada em ouro, o mago convidou Rameri a sentar-se ao seu lado e disse em tom alegre:

- Enquanto eu vou almoçando, conte-me o que você está fazendo, onde moram você e aquela espertalhona que me pregou uma peça tão cruel. Entenda, meu amigo, como são terríveis as inflexíveis leis do espaço: elas não fazem a ninguém a menor exceção que seja. A substância que eu preparei e dei para você teve o mesmo efeito em mim a despeito de meus conhecimentos e da certeza de que eu teria condições de ficar imune a ela.

Dizendo isso, Amenhotep abriu o escrínio, cujas paredes internas eram revestidas de cristal, e que continha até a sua metade uma substância pegajosa de cor vermelho-escura. Com uma colherzinha, presa à tampa do escrínio, Amenhotep pegou um pouco daquela massa do tamanho de uma noz, e engoliu-a; depois abriu a ânfora e encheu a taça com um líquido de aparência estranha, que não parecia nem com o leite nem com o vinho, mas que exalava um forte e agradável aroma.

Ajeitando-se calmamente numa poltrona e sorvendo o líquido em pequenos goles, Amenhotep ouviu como Gall achara as esfinges, o tormento de Rameri depois de acordar de um sono de setecentos e oitenta anos e encontrar-se numa cidade que não

existia naquela época, e a visão da múmia de Nuíta logo após o despertar.

Lembrando o episódio, Rameri falou-lhe da estranha e misteriosa circunstância que cercava a morte da princesa e dos ferimentos e queimaduras que lhe cobriam o corpo.

- Isso eu posso explicar-lhe — observou Amenhotep. Depois que você desapareceu, Nuíta ficou desconsolada e dirigiu-se a Abidos para pedir conselho aos deuses. Naquele tempo eu tentava de tudo para desfazer-me do torpor que me algemou a este subterrâneo, e a minha alma, ao sair do corpo, procurava por todas as formas os meios da libertação. A viagem de Nuíta pareceu-me ser uma oportunidade e eu lhe apareci junto ao túmulo do deus para revelar que você estava dormindo na esfinge. Não lembro agora qual foi a razão que a fez lançar-se sobre mim e agarrar-se à minha mão. Isso foi o seu fim. O fogo do espaço em que eu estava envolto matou-a, fulminando-a como se fosse um raio, causando-lhe as terríveis queimaduras que você viu. Olhe!

Amenhotep arregaçou a larga manga e estendeu o braço. Na pele via-se uma marca enegrecida de uma pequena mão de mulher.

- O contragolpe foi tão forte que me deixou ensurdecido e jogou-me para trás, deixando-me tão enfraquecido que eu caí numa espécie de torpor até o momento de ser acordado por você.

Quando a perturbação de Rameri diminuiu, ele continuou a descrever a sua vida com Ericso na casa do legado e contou-lhe

sobre o fascínio geral que a beleza dela provocava em meio das adulações de todos.

- Que ela fique com seus novos amigos! Não vou exigir os meus direitos sobre ela nem quero ter comigo em casa uma mulher que me odeia tanto, a ponto de querer me matar — observou Amenhotep. — Você, talvez, queira morar comigo, assim que eu me arrumar. Nós somos mais próximos um do outro do que esses estrangeiros que o abrigaram. Enquanto isso, provavelmente amanhã, você vai querer voltar para Alexandria.

- Não, mestre! Eu quero primeiramente encontrar o local onde outrora era a minha casa. Lá, antes de ir dormir o longo sono, eu enterrei as minhas jóias, louças valiosas e duas medidas de anéis de ouro. Eu gostaria de achar tudo aquilo, se possível. É difícil viver sem nada de seu!

- E justo! Mas não vale a pena revolver os escombros por causa dessas bobagens, tanto mais que tudo isso provavelmente já foi rapinado por alguém faz muito tempo. Eu tenho a obrigação de compensá-lo por tudo que você perdeu por minha culpa. Vamos, você mesmo vai escolher!

Meio sem jeito, mas ao mesmo tempo feliz, Rameri seguiu o seu protetor até o seu dormitório. Ali, Amenhotep apertou uma mola na parede e introduziu-o num pequeno quarto, repleto de objetos valiosos e fabulosos: louças de ouro e prata, lingotes de metais preciosos e caixas com anéis de ouro, prata e cobre.

Eu não quero escolher nada desse tesouro! Ninguém irá acreditar que um pobre escultor poderia ter isso disse Rameri baixinho.

- Ninguém, eu presumo, poderia ter controlado o que tinha Rameri, contemporâneo de Amósis — respondeu sorrindo Amenhotep. — Assim, eu mesmo escolherei para você. Amanhã mesmo faça escavações na casa anexa, no local onde você encontrar um tijolo vermelho. Lá você achará tudo o que eu lhe destino e ninguém poderá impedi-lo de dizer que você achou aquilo sob os escombros de sua própria casa.

- Como posso agradecer-lhe, Amenhotep? A sua magnanimidade é digna de um rei — disse reconhecido Rameri. — Se você não julgar meu pedido atrevido, para culminar a sua bondade dê-me essa pequena esfinge com os traços da querida Nuíta, o modelo que eu fiz instruído por você a partir de um magnífico material desconhecido, mais mole que a pedra.

- Seu pedido é tão modesto que eu atenderei prazerosamente. Amanhã você achará esta esfinge junto com os outros objetos. E agora, até a vista, Rameri! Vá descansar! Dentro de pouco tempo você terá notícias minhas.

Amenhotep acompanhou o escultor até a saída e ao despedir-se, Rameri lhe disse sorrindo:

- Vou passar uma descompostura na imprestável Ericso por suas intenções criminosas.

- Você vai encontrá-la dormindo. Pelo contrário, peço-lhe não tocar em meu nome. Eu quero que ela nada saiba do que ocorreu entre nós.

Remoendo-se de ódio, Ericso retornou desesperada e jogou-se imediatamente na cama; ao alvorecer ela decidiu voltar para Alexandria. Naquele minuto, era-lhe totalmente indiferente o que acontecera a Rameri. A simples idéia de que ele queria devolver a vida a Amenhotep jogou um balde de água fria em seu amor por ele. Seu forte desejo era que ele não conseguisse despertar o sábio, ficando para sempre junto com o seu corpo.

Subitamente, veio-lhe à mente a idéia de que Valéria e Gall estranhassem o desaparecimento de seu companheiro, iriam talvez procurá-lo — e ela começou a arquitetar uma justificativa que pudesse dar. Assim decidiu, entre outras coisas, retornar para o local depois de algum tempo, entrar no subterrâneo, verificar o que havia acontecido a Rameri e, se este ainda não tivesse acordado Amenhotep, acabar com o mago, custasse o que custasse. Agastada com esses pensamentos, ela se remexia na cama; de repente, uma sensação de extremo cansaço e torpor dominaram-na, os olhos se cerraram e ela entrou em um sono profundo e pesado.

Foi neste estado que Rameri a encontrou ao retornar do subterrâneo. Deitando-se também, ele logo adormeceu.

Quando Ericso abriu os olhos, já era dia. Aflita, começou a procurar o leito vazio de Rameri e atônita viu que o seu companheiro dormia tranqüilamente num sono profundo.

Ela analisava mentalmente todas as possibilidades do aparecimento do escultor, quando este abriu os olhos. Rameri levantou-se e, sem dizer uma palavra, chamou por um escravo, ordenando-lhe que fosse servido o desjejum e instruindo-o de que depois do mesmo todos ficassem prontos para segui-lo ao local onde ele pretendia realizar as escavações.

- Rameri! Como é que você conseguiu sair do subterrâneo? Amenhotep abriu-lhe a porta? — perguntou Ericso indecisa.

Rameri mediu-a com um olhar de desprezo.

- Como eu consegui sair? Não é de sua conta! Basta dizer que eu não morri de fome como era o seu desejo, sua assassina! Quanto ao mago, proíbo-a de pronunciar o nome dele em minha presença!

Ele lhe deu as costas e iniciou o repasto. Pouco depois, partia com todos os escravos, com exceção de dois, aos quais ordenou juntarem os pertences e prepararem-se para a viagem de volta.

Ericso entendeu que Rameri estava furioso com ela, mas pior que isso era a indefinição e a preocupação quanto ao destino de Amenhotep. Estaria ele vivo ou morto? O desejo de saber a verdade era tão grande, que ela foi correndo até a rocha de granito e apertou o olho da serpente, porém a pedra não se moveu. Voltando

acabrunhada ao acampamento, ela passava ao lado de uma casa, quando ouviu a voz de Rameri dando ordens aos escravos que, pelo jeito, estavam realizando escavações.

Duas horas mais tarde, os escravos trouxeram três grandes caixas e um antigo cesto trançado; providenciaram uma carroça, atrelaram as mulas, e quando, depois do meio-dia, tudo estava pronto, a caravana partiu de volta para Alexandria.

Os nossos viajantes voltaram à casa do legado num clima tenso e hostil. Gall e Valéria cobriram-nos de perguntas sobre os resultados da expedição.

Ericso aguardava impaciente que Rameri revelasse alguma coisa, mas sua expectativa foi inútil. O escultor anunciou que, para sua grande decepção, ele não conseguiu achar o menor rastro do mago e que com as escavações feitas no local de sua antiga casa ele pôde recuperar boa parte de seu patrimônio.

Atendendo ao desejo de Gall, foram trazidas e abertas as caixas que continham algumas medidas de anéis de ouro e uma grande quantidade de objetos preciosos. Valéria e seu marido ficaram fascinados. A noite inteira eles passaram examinando e admirando os tesouros da antiga arte. A esfinge foi a peça de que a patrícia mais gostou, ela divertia-se abrindo-a e fechando-a fascinada.

Rameri ofertou como presente aos seus protetores algumas obras notadamente valiosas, sendo que Rameri presenteou Valéria

com a esfinge, entre outras coisas, para que ela guardasse nela as suas jóias. Ericso não ganhou nada e voltou ao seu quarto fora de si de ciúmes e fúria. Afligia-a ainda o silêncio de Rameri sobre Amenhotep, que lhe inspirava um medo instintivo.

V

Passaram-se algumas semanas e nada se ouvia sobre Amenhotep; aos poucos, os fatos do dia-a-dia e os diversos acontecimentos políticos abafaram em Rameri a sua impaciência em conhecer o destino do mago.

Iniciou-se um tempo de turbulências, pois, pela vontade dos imperadores, a seita cristã era cruel e implacavelmente perseguida. Os sectários da nova crença eram numerosos em Alexandria e, em função dos decretos de Roma, abria-se um vasto campo para ódios pessoais: as denúncias choviam, as prisões e as prefeituras pululavam de gente. Os interrogatórios, as torturas e as condenações capitais inundavam a cidade de sangue, desolação e terror. Somente os cristãos permaneciam calmos. Em qualquer camada da sociedade que eles se inserissem, eram igualmente humildes, quietos e, pelo visto, resignados e ao mesmo tempo inflexíveis, intransigentes a qualquer tipo de persuasão. Menosprezavam a morte e a tortura e encaravam o martírio como uma forma de bem-aventurança. Sua fé extasiada era contagiosa e ganhava muitos seguidores; diante dos juízes, as vítimas compareciam cada vez em maior número.

Rameri, um ardoroso devoto de Osíris, sendo um egípcio e educado no mundo religioso de seu tempo, ficava surpreendido e

deprimido com o que via e ouvia. Era com grande interesse, não raro aliado ao terror, que ele visitava as arenas e a prefeitura, comparecia às execuções e, durante o almoço, transmitia as suas impressões ao legado, que vez ou outra troçava cruelmente de sua empolgação. Para Gall, os cristãos eram sectários perigosos, inimigos do Estado e da ordem estabelecida, um bando de vagabundos, ladrões, insensatos, que habilmente atraíam os ricos para as suas redes a fim de usurparem os bens, visando ao proveito da comunidade; a firmeza deles diante dos martírios, ele atribuía à magia, pois considerava os cristãos como bruxos maléficos.

As convicções do esposo, seu ódio e um profundo des prezo aos oprimidos, despertaram na alma de Valéria um sen timento solidário em relação aos cristãos, inspirando-lhe pena e simpatia. A fé cristã era a mesma professada por sua querida mãe, da qual ela conservou uma límpida e nítida lembrança e cuja morte desferiu um duro golpe em seu coração de criança.

Aquilo que era reverenciado por sua mãe, aquilo que fazia com que esses heróis existissem, heróis que desprezavam a morte e os sofrimentos, encarando as torturas como uma forma de bem-aventurança, não poderia ser tão ignóbil e merecer tanto escárnio e desprezo.

Valéria ansiava por conhecer os detalhes do culto, entretanto não se atrevia a chegar com tal pedido ao marido, ademais, todos os cristãos haviam sido expulsos da casa do legado; as narrativas

de Rameri do que ele havia presenciado e ouvido durante os processos contra os cristãos faziam aumentar o seu interesse e a curiosidade. Além disso, ela se agarrava ansiosa a tudo aquilo que pudesse distraí-la dos pensamentos que a torturavam cada vez com maior freqüência.

Traiçoeiramente, feito um ladrão, entranhou-se-lhe no coração o amor por Rameri. Sua beleza, o talento e, por fim, a fantástica aura que o envolvia – tudo isso lhe arrebatava a imaginação; o seu juvenil coração, não satisfeito com a tépida afeição de Gall, frequentemente ferido por suas traições, começou insistentemente a exigir os seus direitos.

Esses sentimentos eram ainda vagos e caóticos, revestiam-se de uma aspiração apaixonada a algo desconhecido; faltava apenas abrir-lhe os olhos e fazê-la entender que a felicidade almejada por ela era na verdade o amor.

Por fim, a patrícia conseguiu saciar a sua curiosidade em relação aos cristãos, o que mudou seu destino.

Certa noite, o legado voltou da casa do procónsul aparentando preocupação e disse para a esposa que, devido a um pedido dele, achava-se numa situação desagradável: uma recusa seria indelicada e o próprio pedido, devido à sua natureza, era demais embaraçoso.

Inquirido pela esposa, Gall contou-lhe que Sabina e seu marido Diomed, que pertenciam à alta roda da sociedade de Alexandria, foram denunciados e considerados cristãos. Apesar do

interesse que o procônsul tinha em relação a eles, que eram seus parentes pela parte da esposa, os criminosos foram condenados à decapitação, pois, contra a teimosia e fanatismo dos dois, os juízes nada puderam fazer.

Restou-lhes uma única filha, Lélia; a criança mal completara treze anos e o procônsul desejava que ela fosse salva. Ainda que ela confessasse abertamente ser uma cristã, não foi levada ao pretório e atualmente estava mantida presa em sua própria casa. Emiliano queria arrumar-lhe uma familia romana, que pudesse influenciá-la e ajuizá-la.

- Até aí tudo bem, se a escolha da salvadora de Lélia não tivesse recaído sobre você acrescentou desgostoso Gall.

- Sobre mim? - surpreendeu-se Valéria. - Por que o procônsul acha que eu poderei realizar este milagre melhor que os outros, ainda mais que a teimosia dos cristãos é notória?

- Ele acha que sua bondade, inteligencia e convicções pessoais irão exercer uma influência positiva sobre Lélia. Ela ainda é jovem e esta influência ainda será maior, pois, por ter perdido os pais, ela precisará se apegar a alguém. Neste sentido, o procônsul me fez inúmeros elogios e agora eu fico sem jeito de recusar o pedido, ainda que eu não consiga aceitar a idéia de ter que conviver sob o mesmo teto com uma fanática. Tenho a sensação de que junto com ela o próprio infortúnio adentrará a casa. Quantos casos já

houve de desgraça e morte, quando esses sectários pagavam a hospitalidade oferecida com a vergonha.

- Para que prejulgar a infeliz criança? Eu não temo as suas influências e ficarei feliz em salvar Lélia. Diga a Emiliano que eu aceito a órfã como minha filha. Mande agora mesmo providenciar a liteira e...

- Não, vá amanhã! Eu devo avisar o procónsul que você aceitou.

No dia seguinte, logo depois do desjejum,Valéria aprontou-se para buscar Lélia. Ela imaginava nitidamente a solidão e o desespero da pobre criança que repentinamente perdera os pais.

Diomed e Sabina, conhecidos por sua riqueza, moravam numa magnífica vila nos arredores da cidade, em cujos luxuosos salões se reunia outrora a melhor sociedade de Alexandria. O aspecto abandonado da casa impressionou Valéria quando ela atravessou o jardim repleto de flores raras que cercava a casa. Por toda parte, viam-se pedestais vazios. Aqui e ali, espalhavam-se fragmentos de estátuas, e, no peristilo, dois soldados jogavam dados. Um deles prontificou-se respeitosamente a acompanhar a esposa do legado.

e

As amplas salas, já sem as obras de arte que antes as decoravam, estavam vazias; toda a casa parecia ter sido pilhada.

- Aqui não há empregados? – perguntou Valéria, surpresa com o silêncio e o abandono.

- Quase todos eles cristãos, ,e, sendo assim, foram presos - respondeu o soldado.

De algum lugar chegava o barulho de risos e vozes altas. O soldado acompanhou Valéria a uma sala, onde dois outros soldados com duas mulheres estavam sentados à mesa, repleta de pratos de comida e ânforas - a festança corria alegre.

Ao verem a patrícia, os presentes se puseram de pé e quando Valéria os inquiriu onde estava Lélia, uma das mulheres respondeu dando de ombros:

- Ela está ali ao lado, em seu quarto! Não sai para nenhum lugar e reza o dia inteiro ao seu Deus crucificado. Temos ordens de não perturbá-la, somente vigiá-la, para que dali não se aproxime nenhum cristão, e assim nós estamos de guarda. Permita, nobre senhora, que eu anuncie a sua chegada.

- Isso não será necessário! Eu vou sozinha. Indique- me a porta.

Dó e solidariedade tomaram conta de Valéria quando ela entrou no quarto pobremente mobiliado. As cortinas escuras estavam semi-abaixadas e tudo estava imerso em penumbra. No fundo, diante de um nicho, estava genuflexa uma menina,quase criança, que, juntando as mãos em prece, orava ardentemente; seus olhos cheios de fé fitavam um crucifixo de madeira escura, pendurado no fundo do nicho, no qual era representado um homem crucificado.

A peça era magnífica, não tanto por seu acabamento, mas pela força da inspiração que continha. Os traços de Cristo, de beleza divina, expressavam tanta humildade incomum e tolerância, e o olhar bruxuleante fora executado com a expressão de tal misericórdia e amor que ele parecia apoiar ee consolar qualquer pessoa que o fitasse com fé.

Para grande surpresa de Valéria, em vez de lágrimas e desesperança, que ela imaginava encontrar em Lélia, seu rosto e olhos denotavam uma serena alegria. Era uma criança maravilhosa, esbelta, com rosto de feições regulares e madeixas escuras e densas contornando-o. Um simples vestido branco de lineava-lhe as formas delicadas.

Tendo aguardado alguns minutos para não atrapalhar a oração da jovem cristã, Valéria inclinou-se e tocou levemente o seu ombro.

Lélia estremeceu e se virou. Pelo visto, o bondoso e belo rosto da patrícia sugeriu-lhe confiança e simpatia, pois ela levantou-se e estendendo-lhe a mão disse sorrindo:

- Você é Valéria, esposa do legado Gall, na casa de quem o procônsul mandou que eu morasse?

- Sim, eu vim buscá-la, Lélia. Diga-me, será de seu agrado vir comigo?

- Oh! Irei com todo o prazer! Ainda que você seja pagã, nobre senhora, eu leio em seus olhos virtudes cristãs – respondeu com ardor Lélia.

Instalando Lélia em casa, Valéria tinha esperanças de ganhar sua confiança e aos poucos dissuadi-la de sua funesta crença. A vontade do procónsul era casá-la, contando com isso que os novos compromissos a obrigariam a esquecer a perigosa utopia. Entretanto, o relacionamento com a jovem cristã não era assim tão fácil. Já nos primeiros dias de sua mudança, ela se fechou no quarto e seu comportamento excluía qualquer possibilidade de intimidade. Calada,discreta e gentil em relação a todos, ela evitava por todas as formas Ericso, cujo olhar sensual, excesso de vitalidade e avidez pelos prazeres a assustavam.

Por outro lado, agradava-lhe conversar com Valéria. E ainda que a patrícia não tivesse conseguido demover a sua afilhada de suas convicções e fazê-la voltar à crença de seus ancestrais, pelo menos Valéria descobriu muita coisa a respeito da fé cristã, pois

neste assunto Lélia era bem loquaz. Seus olhos brilhavam enquanto ela narrava à sua atenta ouvinte a vida de Cristo na Terra, os Seus sagrados ensinamentos, a Sua misericórdia e a morte na cruz para expiação dos pecados. Era com entusiasmo que ela glorificava as alegrias da renúncia voluntaria, pregava desprezo por prazeres terrenos e pela morte – uma transição difícil, é verdade, mas que não era nada em comparação com a bem-aventurança celestial, obtida através do martírio.

Tais conversas impressionaram profunda e perigosamente a alma doentia de Valéria. Ela começou a entender que seu sentimento em relação a Rameri era algo mais do que uma simples amizade - eis porque ela lutava contra aquela fraqueza criminosa com sua habitual energia.

Certo dia, quando Valéria e Lélia conversavam como de costume, chegou Rameri. Lélia calou-se desconfiada, mas a patrícia tranquilizou-a. O vivo interesse com que Rameri tratou Lélia e algumas palavras de admiração expressas respeitosamente em relação à sua fé, capaz de dotar os seus seguidores daquele extraordinário heroísmo, fizeram com que Rameri ganhasse rapidamente a confiança e a simpatia da jovem cristã, e eles continuaram a conversar amigavelmente. Quando Rameri expressou seus pêsames pela grande perda por ela sofrida, Lélia balançou a cabeça e respondeu com olhar fulgurante:

- Eu não choro a morte dos meus pais! Não choro, primeiro porque que eles vivem a vida suprema e, segundo, eu os vejo todos os dias. Toda vez que eu mergulho na oração, eles me aparecem, inundados de luz. Seus rostos irradiam alegria e calma e eles falam-me da grandeza e misericórdia do Senhor e do deleite do paraíso, assegurando-me que a hora da morte é a hora da libertação dos grilhões terrenos.

- Tudo o que você fala, Lélia, é profundo e sublime, mas não condiz com a sua idade – observou Rameri, olhando participativo para a pálida moça, como que iluminada por uma aura que dela emanava. Eu acho impossível que você não lamente perder todos os prazeres que a vida oferece a você. Você é jovem, bonita e rica! O amor e as honrarias lhe coroarão a existência. Como pode desprezar todos os prazeres terrenos, preferindo a pobreza, escárnio dos homens e morte terrível? Lélia levantou para ele o seu olhar inspirado.

- Todos os bens citados só têm valor para os pobres cegos, que desconhecem a verdade, que almejam adquirir riquezas e prazeres carnais e só neles vêem benefícios. Por isso, quando a morte se aproxima, eles lutam contra ela como contra um feroz inimigo. A carne protesta, a alma treme diante da escura e desconhecida senda, através da qual eles, invariavel passar para a justiça eterna e dar conta de seus atos. Para nós, cristãos, que sempre estamos com um pé na cova, o mundo não tem importância, e as nossas riquezas – a fé e a oração – ninguém é capaz de tirar.

Chamam-nos de insensatos porque procuramos a felicidade do além-túmulo, mas, e vocês, que se acham espertos, o que vocês vêem neste mundo? O tempo a tudo devora e nada lhes deixa, pois tudo está fadado à destruição: a beleza murcha, a saúde fica abalada e a capacidade de gozar a vida arrefece. Chega finalmente a hora, quando é necessário abandonar os palácios, as riquezas, a glória e o corpo frágil, que tinha que ser contentado e embelezado! Tudo desaparece e se transforma em cinzas; eleva-se tão-somente a chama imortal, livre de farrapos terrenos, para, em seguida, ou rastejar nas trevas ou triunfante e alegre alçar o vôo ao espaço infinito do Reino de Deus.

Nesse instante, Lélia realmente irradiava uma beleza extraterrena: todo o seu ser exalava tal pureza, era imbuído de tal convicção poderosa que, feito um forte narcótico, embevecia os ouvintes, fazendo-os se esquecerem de todas as suas dúvidas e esperanças, subjugando-os à sabedoria daquela criança, disposta a atravessar o terrível limiar da morte, para a qual a des conhecida eternidade era repleta de luz.

Sob o efeito daquela impressão, o futuro parecia-lhes incerto e vazio, e a felicidade a que eles almejavam e a que se agarravam era uma ilusão, um sonho quimérico. Perturbados até o fundo da alma, todos se retiraram pensativos aos seus quartos.

Nesta noite, lágrimas amargas umedeceram o travesseiro

de Valéria e seus pensamentos retornavam às palavras da jovem cristã. Então assim era a crença pela qual morrera a sua mãe! Pela primeira vez na vida, ela teve vontade de compartilhar daquela crença e doravante nada mais pedir da vida.

Enquanto na alma de Valéria se desenrolava essa perigosa reviravolta, pela cidade uma interessante notícia excitava a tal ponto a atenção e a curiosidade geral, que por algum tempo foi esquecida a perseguição aos cristãos, embora ela assumisse níveis de crueldade cada vez maiores.

O alvo dessa curiosidade era um homem desconhecido que há pouco tempo havia comprado um imenso palácio ou outrora pertencente a Cleópatra, e que fora reformado com a luxuosidade inédita até para os maiores ricaços de Alexandria.

Falava-se de coisas assaz incríveis sobre as riquezas daquele estranho, sobre as maravilhas e os tesouros que ele levou à sua casa, sobre o enorme número de seus escravos. Mas tudo aquilo não passava de “ouvi dizer”, pois nunca alguém viu coisa alguma. O palácio era cercado por um alto muro, e de seu proprietário, jamais avistado por alguém, sabia-se apenas que era um príncipe hindu, chamado Asgarta.

Viera ele a Alexandria, no meio da noite, em uma galera notável por seu acabamento e que atraiu inúmeros curiosos, que saíram de barco especialmente para ver as incrustações de ouro e

marfim, as decorações entalhadas, as velas púrpuras e os mastros dourados de sua trirreme.

Asgarta passou pela cidade numa liteira fechada, cercada por numeroso séquito e carregadores de archotes. Desde aquela noite, assim que os portões de bronze se fecharam atrás dele, ninguém o viu mais.

Depois de ouvir de um magnata as conversas sobre o estrangeiro misterioso e as fantásticas descrições sobre a sua pessoa, uma leve suspeita nasceu em Rameri de que o estranho deveria ter alguma relação com Amenhotep. Apenas uma coisa deixava-o acabrunhado - era o nome Asgarta, mais ainda o fato de sua origem indiana.

E eis que certo dia, uma luxuosa liteira com oito carregadores núbios parou diante da casa do legado e um servo entregou a Rameri uma tábula, na qual o príncipe Asgarta convidava o escultor egipcio Rameri a visitá-lo a negócios.

Este convite, no início surpreendeu enormemente Rameri. Foi então que ele recordou as suas suspeitas quanto a Amenhotep. Após se vestir alegre e apressadamente, ele se acomodou na liteira que o deixou na casa do hindu. Rameri, contudo, não conseguia se livrar de um estranho pressentimento quando os pesados portões do muro da moradia misteriosa se fecharam atrás dele. Ele achou-se num imenso pátio revestido com mármore branco, no meio do qual, em uma piscina de porfiro vermelho, jorrava uma fonte. O pórtico do

palácio era decorado com magníficas estátuas e vasos com flores e no fundo viam-se pontas de palmeiras, figueiras e outras árvores do jardim.

O servo, vestido num traje listrado de seda, levou-o por uma larga escada através de infindáveis salas, mobiliadas com luxo feérico. Rameri bem que gostaria de ter pelo menos uns dez olhos para admirar todas aquelas maravilhas e o luxo ao seu redor; tudo era decorado em profusão por flores, o ar estava impregnado por um aroma forte, mas agradável.

O servo parou diante de uma cortina pesada de franja dourada e fez um gesto para que Rameri continuasse o caminho sozinho. Constrangido, Rameri entrou no quarto seguinte e parou fascinado na soleira. Ele achava-se numa sala semicircular, não muito grande, cujas paredes eram revestidas por madrepérolas. Do teto abobadado azul-escuro, pendiam pelas paredes grinaldas de flores de pérolas e turquesas com folhas de ouro. As cortinas, de um tecido de seda azul brilhante, eram bordadas a ouro, guarnecidas com pérolas. O mobiliário requintado tinha acabamento de pedras preciosas e era revestido pelo mesmo material que as cortinas. Uma luz azulada extremamente suave inundava todo o quarto. Os vasos de forma estranha estavam cheios de flores brancas, parecidas com lírios, mas totalmente desconhecidas. Como enfeitiçado, Rameri ficou parado junto à porta. De repente, de um dos sofás se levantou um alto e esbelto homem em trajes brancos, que Rameri em sua agitação não havia notado.

- O que há com você, Rameri? Você parece que se transformou em uma estátua? perguntou a voz sonora, bem familiar, que o fez voltar a si.

- Amenhotep! É você! - exclamou ele, lançando-se aos braços do mago.

- Eu mesmo! Eu não lhe disse que você teria notícia minha, assim que eu me arrumasse?

- Você se arrumou magnificamente: é um verdadeiro reino de sonhos! Confesso que não imaginava que você era tão rico.

- Riqueza é um conceito relativo - observou sorrindo o mago. Eu tive que providenciar essas decorações para divertir um pouco esses bondosos alexandrinos, para os quais eu quero dar uma festa em minha casa. E, agora, vamos aos meus quartos particulares onde me sinto bem melhor.

Eles atravessaram mais algumas salas da mesma forma luxuosas e originais, quando o mago parou, finalmente, diante de uma parede, no centro da qual estava entalhada uma enorme cabeça de egipcio. Ele apertou a aba da klafta e, imediata mente, abriu-se uma porta secreta por onde entraram. Numa espaçosa sala, iluminada apenas por algumas lâmpadas nos altos pedestais, imperava a penumbra.

Rameri atinou que ali era o laboratório do mago. Num amplo e profundo nicho havia uma ara para invocações. Nas mesas e suportes, viam-se estranhos instrumentos; nas prateleiras havia rolos de papiro e frascos de diversas formas e tamanhos. Nas trípodes acesas, fumegavam surpreendentes aromas, bem familiares a Rameri.

- Aqui eu realmente estou em casa, em meu mundo e ambiente de que gosto - disse Amenhotep, sentando-se prazerosamente numa poltrona simples mas confortável junto à mesa, cheia de rolos e tábulas. – A meu ver, aqui é bem melhor do que lá naquelas salas que lhe parecem tão bonitas, com sua luz intensa, obras de arte vistosas e barulho irritante quando vêm visitas.

- Eu não concordo com semelhante crítica severa de seu palácio mágico. Por mais que esta sala esteja repleta de conhecimentos, de mistérios, eu prefiro a ela o quarto de madrepérolas –atalhou rindo Rameri.– A propósito, Amenhotep, por que você mudou o nome e se intitula agora o príncipe hindu Asgarta?

- Eu possuo uma propriedade na Índia, onde eu freqüentemente vivo por anos a fio. Lá, eu tenho discípulos e sou conhecido pelo nome de Asgarta, eis porque eu tenho o direito de me intitular assim. Bem, chega de falar de mim! Conte-me o que

está fazendo. Será que Ericso se acalmou ao ver que eu não estou aparecendo?

- Acredito que, no fundo da alma, ela não está calma e teme reencontrá-lo. É claro que ela se sente culpada, mas o que eu não consigo entender é por que motivo ela teme tanto você, o melhor, a mais sábia e magnânima das pessoas, o poderoso mago de cuja proteção ela poderia se orgulhar.

- Você mesmo vê como ela dá pouco valor a essas qualidades e prefere a elas a sua juventude e os seus olhos negros ardentes.

- Porque ela é tola! – exclamou corando Rameri.

- Porque ela é uma mulher! Eu não julgo nem um pouco o seu gosto. Pretendo dar umas festas, nas quais sem dúvida ela estará, vai-me reconhecer e eu lhe direi que não tenho a mínima intenção de trazê-la para mim e que lhe dou a liberdade de gozar a vida.

Com o tempo a conversa mudou de assunto e eles começaram a falar sobre arte e política. Rameri lembrou-se amargurado da decadência de sua pátria, da derrocada do culto a Osíris, por todo lugar substituído por novas divindades; falou sobre os cristãos e tocou na questão delicada do dia – as perseguições encetadas contra eles. Com simpatia, que lhe sempre sugeria aquela nova crença, Rameri contou sobre alguns episódios terríveis de que fora testemunha na prefeitura, fórum e na arena.

- Amenhotep! - exclamou ele, agarrando a mão do mago. – Você é um sábio, um "iniciado", diga-me o que significa todo esse caos de religiões pelo qual nós estamos passando! Osíris, no transcorrer de séculos um poderoso protetor da terra de Khemi, já não é mais o deus dos egípcios, seu templo se perdeu no meio de grandes edificações, erigidas em honra de Júpiter, Vênus, Apolo, Serápis e outras divindades que nada me dizem. Depois! Os mesmos magníficos deuses são desprezados e rejeitados pelos cristãos, que veneram um pobre arte são crucificado, adorado como encarnação da divindade na Terra, Salvador do mundo, vindo a morrer por sua fé em sofrimentos horríveis com sorriso nos lábios! Diga-me, será possível que Deus possa descer à Terra e tornar-se um simples mortal? Será que para a Sua glória é-Lhe necessária a terrificante morte de Seus fiéis? Suplico-lhe, explique-me onde está a verdade? Quem está certo? O deus de quem é verdadeiro?

Amenhotep ouvia-o pensativamente, com os cotovelos recostados sobre a mesa. Quando Rameri se calou, o mago fitou nele o olhar penetrante e sábio, aprumou-se e disse:

- Todos estão certos! Todos veneram a um único Deus, só que com nomes diferentes, pois Deus está em tudo. Deus é o grandioso sopro primevo da vida, que lembra e anima a tudo.

Na extremidade da mesa de trabalho havia uma grande tina de madeira em que crescia um arbusto coberto de flores azuis que exalavam um forte aroma agradável.

Rameri já havia visto o mesmo tipo de planta no gabinete do mago em Mênfis e a considerava mágica.

Amenhotep inclinou-se, quebrou um ramo com flores e, estendendo-o ao escultor, disse:

- Veja! Deus se revela em sua obra em todos os lugares. Esta flor, animada com o sopro divino, criada por calor divino, insere o grande princípio da perfeição decorada com a beleza imorredoura, e o seu aroma agradável é o sopro da Divindade.

Amenhotep aproximou de si a folha de papiro e sacudiu sobre ela o ramo. Sobre o papiro caiu um inseto, verde como uma esmeralda, envolto numa espécie de pólen.

- Olhe agora para o segundo representante da infinita perfeição da arte do Grande Criador. Ele já é um degrau mais alto e você vai se convencer disso.

Colocando o ramo na beira do papiro, Amenhotep prosseguiu:

- Eu pego o ramo e paro o movimento do inseto. Veja, ele caiu e está imóvel como se estivesse morto; agora ele sobe, se arrasta pela haste e se dirige diretamente ao cálice de onde eu o sacudi. Você entende que esta pequena criatura já é dotada da grande e misteriosa energia da alma, cuja força de vontade a dirige justamente ao objetivo desejado. Isto é um protótipo de homem, que sucumbe diante das provações, levanta-se, veste-se em outro

corpo e novamente arrasta-se pela haste de suas paixões. Vencendo os obstáculos, ele segue em direção da perfeição que é o seu objetivo - o cálice radiante onde habita o Criador do Universo. Deus lhe aparece em tudo! Ele se manifesta no azul do céu, no bramir das ondas, no canto dos pássaros, nos estrondos da tempestade, no brilho devastador do relâmpago e nos raios vivificantes do Sol. Em todos os lugares, repito, se revela o Criador do Universo. Os infinitos mundos que você contempla na escuridão da noite são uma obra de sua força. Ele os obriga a girar em ordem tão perfeita que jamais eles colidem, nunca é quebrada a harmonia de seus movimentos e com antecedência de séculos inteiros é possível calcular a sua trajetória. Você não sabe e não consegue entender que a Terra, que o carrega e que lhe parece tão transparente, gira num vazio incomensurável, mantida em seu caminho apenas pela força da vontade do Criador. E você sabe o que significa essa força que se espreita em cada criatura divina? Cegos de paixão e da carne, os homens não se dão conta da terrível energia, do gigante adormecido que vegeta neles. A força de vontade, Rameri, é uma partícula da própria Divindade, livre de tudo que é material. Quando ela abre as suas poderosas asas, não há limite para o seu vôo e tudo se submete à sua vontade. A força de vontade é a chave de todos os segredos, que abre todas as portas ao “escolhido”, o qual “tem o querer”! Ela lhe abre os mistérios, faz submeter-lhe os princípios cósmicos e lhe ensina a governá-los no grandioso laboratório do Criador, o qual não é cioso nem avaro

e cede em seus infinitos domínios o lugar para seus discípulos autênticos. O imenso conhecimento não é nada, se ele não for governado e dirigido pela força de vontade! Eu lhe explicarei com um exemplo o meu pensamento. Pegue aquela xícara que está à direita na mesa e encha-a com a terra daquele caixote no chão.

Quando Rameri cumpriu a ordem, Amenhotep puxou uma gaveta, tirou uma caixinha com sementes e, pegando alguns grãos, jogou-os sobre a terra.

- Eu sei que em cada uma destas sementes se espreita uma força astral, a qual, em conformidade com o poder da força de vontade que a rege, poderá acelerar o trabalho da natureza e obrigar que a planta cresça em algumas horas ou até em minutos. Eu poderei fazê-lo, pois a minha vontade é "consciente" e a sua – não! Ainda que você fique sentado aqui durante meses, enxugando suor de sangue e tentando concentrar a sua força de vontade, você nada conseguirá; sua vontade é como uma canoa, de proa estreita e sem leme, jogada ao sabor das ondas agitadas de uma mente não disciplinada, que alçam a canoa e a arrastam para longe do objetivo traçado. E agora fique quieto e observe!

Amenhotep puxou uma mesinha, colocou nela a xícara e ergueu sobre ela a mão. Suas sobrancelhas juntaram-se numa dobra espessa e na testa intumesceu uma veia azul. Seu olhar poderoso parecia irradiar faíscas e pouco a pouco da figura do mago começou a se desprender uma luz fosforescente que coloriu as suas vestes

brancas em diferentes nuances e envolveu sua cabeça com aura azulada. De seus dedos finos, as radiações pareciam ser atraídas pela xícara, rapidamente absor vidas pela terra.

Rameri admirava impressionado aquele espetáculo inédito. Um tremor de medo supersticioso, que domina os ignorantes quando lhes é levantada a ponta de cortina que descobre o mundo invisível, perpassou pelo seu corpo.

Quanto tempo ele passou naquele estado em que a vida havia se concentrado somente nos olhos, nem ele teria condições de dizer. De repente, cle viu que do solo começou a sair uma névoa esverdeada. A névoa subia em espiral e em seguida novamente baixava, como se absorvida pela terra.

Nesse instante, o vapor se dissipou e de dentro da terra começou a brotar uma haste fininha quc imediatamente se abriu em pequenas folhas verde-esmeralda. A planta começou a crescer rapidamente, tornando-se cada vez mais grossa, surgiu um botão e, diante do escultor estupefato, desabrochou uma rosa coberta de orvalho brilhante. A luz que inundava o mago extinguiu-se, mas parecia que os seus dedos irradiavam um sopro que fazia oscilar a graciosa planta.

Um sorriso surgiu nos lábios de Amenhotep quando ele tirou a mão e disse, olhando para o rosto pálido e perturbado da visita:

- Veja, Rameri, esta planta é a forma visível de um poder disciplinado da mente, um poder consciente, capaz de utilizar-se, em conformidade com as leis da natureza, de particulas da matéria espalhada no éter, o qual você respira, mas que os seus olhos grosseiros não enxergam. Aquele que “sabe querer" pode governar as forças da natureza, compor e decompor as substâncias cósmicas e até subjugar seres inferiores e ignorantes que vagueiam no espaço e que na escola do mago aprendem alfa e ômega de todos os conhecimentos - a força da mente. De forma que, no entender tacanho dos homens, o Ser Superior possui vários nomes e se reveste de formas as mais variadas, conforme o desenvolvimento intelectual daquele que o venera, e este conhecimento superior é alcançado por diversos métodos. Um o alcança na renúncia, outro, na paciência; o primeiro, em amor puro, o segundo em ódio e teimosia. Indiferente, tanto para quem sabe rezar, amar e curar, como para aquele que só consegue odiar e destruir, satisfazendo a sua vaidade - ambos trabalham no desenvolvimento para si de uma poderosa força motriz que os levará pela escada de aperfeiçoamento moral e intelectual. A religião dos cristãos é uma das grandes escolas de desenvolvimento da força de vontade; com sua auto-renúncia, humildade, pobreza voluntária e pureza, eles aprendem a dominar as impetuosas paixões da alma. Seu desprezo ao sofrimento e à morte faz com que eles dominem o corpo, ensina-lhes a mortificar a carne e a acumular a força astral necessária para a ascensão. O poderoso Ser que eles veneram não precisa de seus

sofrimentos físicos como uma expressão de sua fé, nem de sua morte em prol de seu engrandecimento. Ele é grandioso em qualquer lugar onde o seu poderoso sopro se manifeste no espaço. Entretanto, este Grandioso e Divino Espírito regozija-se, o que serve de nobre aspiração ao espírito humano. À semelhança da estrela brilhante que outrora levou os magos a seu berço, Ele indica a esses espíritos o caminho e incentiva-os a dominar e mortificar a carne, que lhes tolhe o caminho à perfeição.

- E eles conseguem alcançar esse objetivo superior? - balbuciou Rameri.

- Eles aspiram a ele, olhando-o como para uma estrela que brilha no céu; para os ignorantes ela parece estar perto, eles não se dão conta da imensidão do espaço que os separa dela. Se compreendessem isso, teriam caído desanimados; mas, felizmente, eles não a vêem, essa brilhante recompensa dos espíritos libertados – e vão sempre se ascendendo a ela, sem notar a distância. E este objetivo, o cristão personifica na cruz reluzente, um “iluminado" na estrela do mago, um pagão – na grandiosa imagem de Júpiter, e você – na glória de Osíris, ao qual espera fundir-se.

A voz de Amenhotep ia diminuindo pouco a pouco e seu olhar parou em algum lugar longinquo... Parecia que ele havia se esquecido do pobre Rameri, que o fitava inquieto. Ó, caminho às estrelas pela vereda da vontade! Onde está o seu limite? - disse ele, aprumando-se e estendendo as mãos ao espaço. - Não existem

algarismos que possam expressar a distância que nos separa do objetivo.

Ele calou-se, respirou profundamente, jogou o corpo para trás e apertou a cabeça com as mãos.

- Dúvida! O terrível monstro Amenti! Fora, fora!...- gritou ele com voz entrecortada e repelindo, com um gesto, algo invisível; seu olhar sombrio novamente fitou o espaço.

Tremendo de pavor, Rameri retrocedeu e, atônito, deixou-se cair sobre a cadeira, sem forças. Parecia-lhe que ele sentia a presença de algo invisível mas terrível, que o mago via – e ele fechou os olhos.

- Eu o assustei, meu pobre amigo - alguns minutos depois ouviu-se sobre ele a voz de Amenhotep.

Quando Rameri decidiu abrir os olhos, diante dele estava o mago, um pouco pálido, é verdade, mas calmo como sempre e estendendo-lhe a mão sorrindo.

- Você viu o monstro Amenti? murmurou ele.

Uma nuvem de tristeza cobriu o rosto do mago.

- Eu vi o monstro que assedia o homem quando ele ousa olhar corajosamente para as infindáveis e desconhecidas esferas. Felizmente, você ainda não tem condições de entender esta voragem, à beira da qual se agita desesperadamente, vez ou outra, a alma humana, esmagada por sua impotência e insignificância

diante da eternidade. Pegue aqui e beba, vai fortificá-lo. E depois – até logo! Eu ainda preciso trabalhar.

Rameri pegou a taça e a emborcou. Depois de agradecer a Amenhotep e já se despedindo dele, o outro, estendendo-lhe a mão, disse:

- Peço-lhe para não contar a ninguém que você me conhece; para explicar sua visita ao palácio de Asgarta, diga que eu lhe encomendei a estátua da deusa Geb, enchendo com o néctar a taça de Júpiter. Eu, de fato, encomendo-a para você; de modelo, poderá lhe servir Ericso.

Rameri voltou para casa abatido. Ele sempre respeitou os conhecimentos de Amenhotep, agora esse respeito beirava o medo e então ele entendeu Ericso. Será que ela já sentira na pele a ira daquela extraordinária pessoa para odiá-la de tal forma, temendo tanto sua amizade como sua ira?

VI.

Passaram duas semanas ou mais desde a última vez que Rameri vira o seu protetor. Estava ele agora trabalhando na estátua de Geb e Ericso parecia muito feliz em servir-lhe de modelo.

O escultor ouvia diariamente as conversas sobre Asgarta. O último visitou o procônsul e algumas outras personalidades nobres, e não raro os convidava à sua casa. Na cidade, só se falava das festas de Asgarta, de sua luxuosidade mágica, da magnífica beleza das dançarinas e cantoras que distraíam as visitas, e, finalmente das excentricidades do príncipe, que, diariamente, realizava passeios num elefante branco, cujo pescoço era decorado com colar, e a tromba com braceletes muito valiosos. Ele próprio continuava a permanecer invisível, sentado em seu grande pavilhão nas costas do animal.

Gall morria de curiosidade, desejando também fazer parte dos convidados, mas as circunstâncias confluíam desfavoravelmente e impediam que ele se encontrasse com o hindu.

Certa vez, no entanto, ele retornou para casa muito contente e revelou ter se encontrado com Asgarta na casa do procônsul; foi apresentado e o príncipe tratou-o com excepcional atenção.

No dia seguinte, a liteira de Asgarta parou diante do palácio de Gall. O legado, com toda a sua família, havia ido para a corrida de bigas e o príncipe voltou para casa, deixando ao legado umas tábulas com a mensagem que viera convidá-lo e à nobre patrícia para um grande serão que ele daria dentro de alguns dias.

Enfurecido com seu azar, o legado no dia seguinte foi a casa de Asgarta e trouxe o convite para Lélia, Ericso e Rameri, de cujas histórias estranhas o príncipe já ouvira falar.

As damas ocuparam-se ativamente com suas toaletes, com exceção de Lélia, que se recusou categoricamente estar presente na festa.

Valéria, com sua habitual generosidade, colocou à disposição de Ericso caros tecidos e suas costureiras, e eis que, na véspera da festa, um desconhecido trouxe à casa do legado um grande cesto entrelaçado, enfeitado com flores e fitas, destinado a Ericso.

A jovem tinha tantos admiradores entre a juventude rica de Alexandria que lhe era difícil descobrir quem seria o misterioso presenteador. Rameri suspeitou, no início, do próprio Gall, mas a surpresa sincera do patrício rapidamente rechaçou essa possibilidade, enquanto a riqueza incomum do conteúdo do cesto sugeriu-lhe um outro nome.

Feliz, com o olhar brilhante, Ericso tirou do cesto um luxuoso vestido de tecido bordado a prata, um véu salpicado de pérolas, leve e transparente como uma teia de aranha, em seguida um colar, um

cinto, um diadema, algumas fivelas e braceletes – tudo isso era decorado com brilhantes, pérolas e esmeraldas de tanto valor que os presentes se entreolharam surpresos. No pequeno cesto, sobre uma almofada de seda, havia uma coroa de flores brancas parecidas com lírios, mas só que os cálices eram de azul fosforecente. Esta grinalda desfez por completo as dúvidas de Rameri.

Este tipo de flor ele havia visto na casa de Amenhotep, na sala de madrepérolas: - então fora ele que mandara a Ericso este presente imperial. Nutriria o mago por ela um sentimento mais profundo do que aquele que confessou?

A própria escolhida, pelo visto, de nada suspeitava. Ela se fascinava com o gosto e a riqueza dos objetos recebidos e não escondia sua alegria. Somente a preocupava que as maravilhosas flores não murchassem até o dia seguinte.

No outro dia, Rameri foi o primeiro a ficar pronto para a festa. Ele vergava umå toga. Neste seu novo traje, nada nele traía um contemporâneo de Amósis, com exceção, talvez, do seu tipo puramente egípcio. Estava triste; uma sensação de vazio e solidão vez ou outra dominava-o, e oprimia-o também agora. Faltava mais de meia hora até a hora marcada, e Rameri, sentando junto à janela, olhava pensativamente para o jardim, mergulhado na escuridão da noite. Um leve barulho e o toque de uma pequena mão fez com que ele se virasse rapidamente. Diante dele estava Ericso em seu traje mágico. Na penumbra do quarto iluminado somente por uma

lâmpada, ela parecia uma visão feérica, tudo nela brilhava e ardia; os cabelos dourados pareciam fosforescer sob os lírios brancos tão frescos e aveludados como se tivessem sido arrancados recentemente. Nunca ela brilhara com tal beleza encantadora como nesse minuto; seus olhos fulgiam e um sorriso apaixonante, cheio de ternura, vagava em seus lábios semi-abertos.

- Ericso! Por Rá e Osíris, você está tão bela que é capaz de seduzir o próprio deus! – exclamou Rameri, deslumbrado.

Ericso colocou-lhe as mãos sobre os ombros e em tom meio zombeteiro e sério disse:

- Seduzir a deus não me apraz, basta-me somente o seu coração. Não foi para isso que eu dormi pacientemente por diversos séculos, senão para vencer Nuíta?

Ao falar, ela inclinou-se sobre ele, feliz como a própria encarnação da sedução. Os cachos dourados acariciavam a face dele, o aroma estonteante dos lírios fazia girar-lhe a cabeça; neste minuto ele esqueceu-se de tudo. Atraindo rapidamente Ericso junto a si, beijou-a apaixonadamente nos lábios, mas repetir o seu beijo ele já não conseguiu, pois ela, como uma lagartixa, desvencilhou-se agilmente de seus braços e desapareceu.

Constrangido e desiludido, Rameri lavou com água fria seu rosto em brasa e endireitou a toga. Neste momento apareceu um escravo e o chamou.

Quando entrou no átrio, todos já estavam reunidos. O primeiro olhar lançado sobre Valéria acabou rapidamente com o entusiasmo sentimental inspirado por Ericso. A patrícia vestia um peplo rosa bordado de prata; os enfeites de rubis e a coroa de rosas caíam maravilhosamente bem ao seu rosto pálido e a seus cabelos negros como as asas de um corvo. O seu sereno e grandioso porte, o olhar severo e tímido dos grandes olhos escuros e a alta e esbelta figura, tudo isso formava um grande contraste com Ericso, uma pequena e colorida borboleta, delicada, transparente e ágil. E esta sóbria e moderada beleza de Valéria mexia poderosamente com Rameri. Quando ele sentia o profundo e puro olhar da patrícia, era invulnerável e inacessível a qualquer outra influência. Por isso, ele permanecia indiferente e frio quando via Gall não poupava elogios a Ericso na presença da esposa.

O palácio de Asgarta já estava apinhado de gente quando o legado chegou com a família. Tudo estava inundado por luz, como se fosse dia, e a luxuosidade dos quartos, as maravilhas do jardim, as estátuas e as pedras preciosas, os chafarizes, tudo produzia uma impressão de sonho mágico.

O anfitrião recepcionava pessoalmente as visitas junto à entrada de uma imensa sala. No momento da chegada do legado, em volta de Asgarta se comprimia tal quantidade de gente que Gall e a esposa precisaram esperar muito tempo até conseguirem aproximar-se dele para cumprimentá-lo.

Ericso, de índole impaciente, logo se enfadou com essa espera e, curiosa, divertia-se em suas incursões aos quartos vizinhos. Ao retornar, Asgarta já não estava na entrada da grande sala, e Gall, que procurava por ela, passou-lhe um sermão por ela não saber se comportar; entretanto os seus olhos diziam outra coisa. A sua beleza, pelo visto, reativava nele os sentimentos embotados. Ericso não lhe deu a menor atenção, ela estava à procura de Rameri, que conversava rodeado por uma multidão de jovens. Valéria, neste interim, juntou-se à esposa do procónsul, cercada de algumas matronas. Com o legado começou a conversar um de seus colegas, e Ericso achou-se totalmente sozinha.

Louca de vontade de encontrar o quarto de madrepérola que lhe fora descrito por Rameri, ela, com a coragem que lhe era inerente, atravessou as salas e galerias, admirando as estátuas, vasos preciosos, objetos de ouro e tapetes coloridos. Desta forma, acabou chegando ao refeitório, onde uma multidão de escravos, orientada por um administrador, punha à mesa as louças de ouro e prata, colocando pratos fumegantes, frutas e doces. Finalmente, ela achou-se, inesperadamente, no quarto com paredes de madrepérola, que tanto procurava. Inundado pela luz, este quarto, à noite, tinha um aspecto ainda mais mágico do de dia. O reposteiro levantado descobria uma entrada a gruta, cujas paredes parecia serem feitas de cristal azul de safira. Altas palmeiras e arbustos dos valados decoravam-na, e, no fundo, sussurrava levemente uma fonte jorrando sua água numa piscina, como se esculpida de um

rubi gigante. A sombra das árvores bancos de mármore convidavam a um descanso, e no centro, sobre uma pequena coluna, erguia-se a a estátua de Eros, se gurando na mão um coração trespassado por flecha..

Ericso parou e começou a admirar as maravilhas em sua volta, aspirando prazerosamente o aroma que enchia aa gruta, quando, de repente, a sombra de alguém surgiu na entrada da gruta e na soleira apareceu a figura alta de Asgarta.

- Ericso! – exclamou o mago.

O som desta voz metálica tão familiar fê-la estremecer e virar-se. Cambaleando, ela deu um passo para trás, como que enfeitiçada pelo olhar de Amenhotep, tão poderoso como outrora, mas que não refletia nem ira nem severidade. Ericso caiu de joelhos e sussurrou humilde:

- Senhor! Perdoe-me!

Amenhotep aproximou-se rapidamente dela.

- Levante-se! Alguém poderá vê-la! Por que você está de tremendo? Qual é a razão de você me odiar tanto, a ponto querer me matar? O que eu lhe fiz?

Vergonha e medo – um verdadeiro caos de sentimentos de Ericso não conseguia se dar conta se encapelavam em sua alma e lágrimas ardentes precitaram-se de seus olhos. Agarrando a mão do mago, ela encostou-a aos lábios e murmurou com amargura:

- Nem eu sei por que eu o odeio!

Um sorriso enigmático desabrochou no semblante de Amenhotep. Erguendo Ericso, ele a levou até um banco e fê-la sentar-se a seu lado.

- Acalme-se! O que irão pensar as visitas se a virem aqui chorando! – acrescentou com bonomia. – Acalme-se, digo! Não tenho nenhuma intenção de obrigá-la a voltar para mim se a outra vida é mais de seu gosto. Fique na casa da nobre Valéria. Seja feliz entre os seus semelhantes, aproveite ao máximo a vida e divirta-se enquanto isso for de seu agrado, mas lembre-se de uma coisa: se algum dia você precisar de um abrigo e de protetor, aqui, neste lar paterno, você sempre encontrará amizade e carinho.

Ericso olhou-o temerosa e desconfiada, mas ao encontrar o olhar do mago refletindo magnanimidade e bondade, ela corou e, baixando constrangida a cabecinha, sussurrou:

- Você é bom e magnânimo, senhor,e eu sou louca e ingrata, mas quero que você entenda apenas como é horrível ser condenada à vida de solidão, quando se anseia viver, amar e respirar, com o peito aberto, o ar puro da liberdade!

- Você tem razão! Eu deveria ter entendido que a minha casa poderia parecer uma prisão para uma criatura tão jovem, sedenta de vida como você, mas eu achava que você era ainda criança e temia mostrá-la tão nova e bela a qualquer um que aparecesse. Agora, seja feliz a seu modo!

- Eu sou feliz, senhor! Eu amo e sou amada.

As pálpebras do mago, contornadas por longos cílios, tremeram e baixaram ocultando seu olhar. Sua voz soou surda quando respondeu:

- Pobre criança! Você acredita naquilo que deseja acreditar. Mas perca as esperanças: você exerce sobre Rameri o mesmo efeito que uma taça de vinho inebriante. Ele é demais artista para inebriar-se com a sua beleza, seu coração está mudo, porque ama outra.

- Ele ama Nuíta, mas ela está morta.

- Nuíta está viva. Pela inevitável lei que rege as almas, o seu espírito agora está no corpo de Valéria. Eles reconheceram-se instintivamente e o seu amor ressuscitou novamente.

Ericso empalideceu.

- Valéria então é Nuíta? - pensou. Como ela não tinha percebido isso antes? Acresce-se ainda o fato de que ambas eram tão parecidas uma com outra. Alguns pequenos casos isolados, aos quais ela antes não dera a mínima atenção, ficavam agora claros sob a nova luz.

Amenhotep observava o seu rosto no qual se refletiam os sentimentos que a afligiam.

- Tenho de voltar para as minhas visitas – disse ele levantando-se. – Ouça as minhas últimas palavras: se as suas expectativas se realizarem, eu lhe assegurarei um dote; se, ao contrário, as minhas suposições ficarem confirmadas e chegar a hora você virá para cá com o coração despedaçado, saiba que aqui será recebida como uma filha querida e encontrará em mim um pai e um amigo.

Amenhotep foi embora. Ericso ficou sentada imóvel por alguns minutos; depois, maquinalmente, dirigiu-se em silêncio para as salas cheias de convidados. Agora, no entanto, nem a algazarra por todos os cantos, nem as reverências da multidão, que a cercou imediatamente, a emocionavam. Ela permanecia fria e indiferente a tudo. Amenhotep golpeou-a bem no coração e ainda com uma faca envenenada – ela sofria. Sobretudo, era-lhe doloroso ver Rameri conversando com Valéria; estavam alegres e sorriam. O mago disse a verdade. O olhar do escultor repousava com fascina ção indisfarçável sobre a alta e esbelta figura da patrícia; de Ericso ele havia se esquecido por completo, apesar de sua beleza superar de Valéria e do amor que ela tinha por ele. Essa amarga convicção fez perder aos seus olhos qualquer interesse que até então ela tinha na grandiosidade mágica da festa de Asgarta.

Os primeiros dias após a festa na casa de Amenhotep foram muito difíceis para todos os moradores da casa do legado, a começar para o próprio dono da casa. Sensível e mimado por

mulheres, Gall há muito tempo se apaixonara por Ericso e desejava ardentemente possuí-la.

Sua incomum beleza, que fulgiu com todo o esplendor na festa, excitava-o, despertava a sua paixão e inspirava pensamentos perigosos.

Ericso, absorta em seu amor e ciúmes, não percebia nem os seus olhares apaixonados nem as tentativas de ficar com ela a sós. Descorifiada e cheia de caprichos, ela vigiava Rameri, pondo em prática todo o seu coquetismo para conquistá-lo e arrebatá-lo de sua rival, com o poder de sua beleza.

E não se pode dizer que os esforços de Ericso foram totalmente infrutíferos. Rameri tinha uma índole inflamável e em suas veias corria um sangue quente africano; além disto, ele era demais artista para ficar indiferente diante da beleza, cuja encarnação era Ericso. Ainda que o seu coração pertencesse a Valéria, o fogo da paixão atraía-o a Ericso, que lhe confessava abertamente seu amor, enquanto Valéria, sempre fechada em sua discrição soberba, excluía qualquer esperança para o sucesso.

Esse vaivém de inclinações contraditórias por fim extenuou-o.

Duas mulheres disputavam-lhe o coração: uma – desenfreada, apaixonada e ardente como o vento do deserto; a outra - calma, delicada, benfazeja como uma fonte vivificante, cujas águas criam um oásis no meio da areia estéril.

Entretanto, Valéria era a que mais sofria.

A certeza de que não amava o marido e de que o seu coração aspirava ao escultor enchia a alma da jovem de vergonha, horror e desprezo a si mesma. Honesta, boa pura até o fundo da alma, ela se censurava por esse sentimento criminoso, como se censururando-se por já ter praticado o adultério. Empregava todas as forças para dominar o seu amor por Rameri, banindo-o do coração. A jovem evitava o escultor e o tratava com uma orgulhosa indiferença, o que deveria afastá-lo dela. Toda concentrada nessa luta interna que ela ocultava de todas as formas ao esposo, não prestava nenhuma atenção ao que acontecia em volta, sem perceber a paixão praticamente aberta de Gall a Ericso, nem os coquetismos da última em relação a Rameri.

Certa noite, Gall não se encontrava em casa e Valéria retirou-se cedo ao seu quarto em busca de recolhimento, mas o amor e os remorsos não a deixavam em paz. Pensamentos amargos, provocados por esses sentimentos, faziam-na perder sono e tranquilidade. Ela se perguntava para onde aquele caos a levaria. De Rameri separava-a um verdadeiro abismo, enquanto a vida com Gall parecia-lhe vazia e cheia de desespero e aversão.

Sem condições de ficar deitada devido a uma forte excitação dos nervos, Valéria levantou-se, vestiu-se sem incomodar ninguém e saiu do quarto. Depois de caminhar inicialmente pelo terraço, ela

se aprofundou sob as arcadas da ampla e comprida galeria que se estendia ao longo da lateral da casa e que dava para o jardim.

Andou pela galeria, mais longe do que habitualmente.. Subitamente o som de lira chamou sua atenção. Valéria estremeceu, parou e corou ao perceber que se achava a alguns passos da janela do quarto de Rameri. Sua primeira intenção era tomar o caminho de volta, mas nesse instante ouviu um canto sob acompanhamento de lira. Era Rameri que cantava a meia voz uma antiga ária egípcia, cheia de melancolia. Tomada por indescritível sentimento, Valéria sentou-se no banco. Aquela melodia estranhamente familiar decididamente a encantou.

Ouviram-se passos leves e o som da areia pisada na alameda. Surpresa, a patrícia viu como Ericso parou junto da janela do escultor, ouvindo fascinada o seu canto.

Sob a fraca luz da lua, Valéria conseguia enxergar que a jovem vestia uma leve túnica branca, à semelhança de uma capa ondulante, até abaixo dos joelhos,e nela espalhavam-se os seus cabelos ruivos.

Pouco depois, Ericso pegou um seixo e jogou-o no quarto. O canto cessou imediatamente e no vão da janela apareceu a cabeça do escultor.

- Ericso! Doidinha! O que está fazendo aqui? E se alguém a vir? – perguntou o jovem meio sorrindo e meio zangado.

- Quero falar com você sem testemunhas. De dia não consigo fazê-lo, pois sempre há alguém atrapalhando. Quem mais me aborrece é Gall, sempre me vigiando feito uma sombra.

Rameri trepou agilmente na janela e pulou no jardim. O que você queria me dizer? - perguntou ele, abraçando a cintura fina da moça e beijando-a na face aveludada.

Ericso desvencilhou-se de seus braços e colocando-se diante dele disse irritada:

- Não é uma questão de beijos! Eu quero que você me diga categoricamente se você me ama ou não. Prefiro morrer a aguentar por mais tempo essa mistura de amor e indiferença.

- É claro que eu a amo. Por que você duvida disso? Vamos! Sentemos no banco junto ao terraço e conversaremos!

Valéria viu-os sentarem-se à sombra de arbustos. Rameri continuou:

- Mais uma vez repito: eu a amo! Apenas eu não sou tão expansivo como você.

Se você me ama, então case comigo! Eu quero que você pertença somente aa mim.

- Eu também não desejo nada melhor do que me casar com você, mas um passo tão importante deve ser bem analisado. Temos que arrumar um local para morar e assegurar meios de subsistência,

pois não poderemos ficar na casa de Gall, com nossos filhos e nossos empregados – observou, com certa hesitação, Rameri.

- Amenhotep prometeu-me dar um dote se eu me casar com você; sendo assim, eu não vejo aqui qualquer dificuldade. Mas jure-me – ela entrelaçou o seu pescoço com os braços –, jure-me por Osíris que não ama Valéria!

Rameri estremeceu.

- Como ousaria eu amar a nobre ee orgulhosa Valéria? - respondeu em voz surda. - Vejo-a como um gênio-protetor, Ela ficará feliz com a nossa união e, é evidente, fará tudo para que ela se concretize.

Se Ericso não estivesse tão ofuscada pela paixão, teria prestado atenção ao seu tom indeciso e à resposta evasiva. Ele não ousava amar Valéria... e se ousasse, teria amado!... O arrebatamento inflamado impedia que ela se aprofundasse no sentido de suas palavras: ela só entendeu que ele nada de esperava Valéria e via-a como uma protetora.

Num ímpeto de paixão, a jovem atirou-se ao pescoço de Rameri. Valéria escutava os beijos ardentes e as palavras apaixonantes, cujo sentido não entendia em vista de uma horrível perturbação que a dominou. Logo depois os jovens foram embora.

Tudo o que viu e e ouviu produziu na jovem mulher uma impressão opressiva. Ciúmes terríveis acordaram nela,

transformando o sentimento constantemente contido e repelido numa paixão de cuja força ela não tinha idéia. Parecia-lhe estar à beira de um abismo, ao qual ela era empurrada pelo ódio a Ericso e por uma sensação estranha que lhe dilacerava o coração. Sentada abatida no banco, ela tentava retomar o fôlego. Encostando a testa ao mármore gelado da balaustrada, prorrompeu em choro convulsivo, esquecendo-se de tudo, esquecendo-se de onde estava.

Rameri voltava pensativamente depois de ter acompanhado Ericso, quando chegou a seus ouvidos o som de soluços contidos. Estremecendo, ele parou tentando descobrir de onde vinha o choro. O jovem estava irritado e descontente. O meio-compromisso que ele havia assumido com Ericso oprimia-o. Ele receava que Ericso começasse a explorá-lo. Pensava justamente na possibilidade de recorrer à ajuda de Amenhotep para resolver essa situação delicada, quando ouviu o choro.

- Sem dúvida é alguma empregada da patrícia – resmungou ele insatisfeito. – Espere só! Vou lhe mostrar o que é chorar a dois passos do meu quarto!

Por fim ele conseguiu orientar-se. Aproximando-se do terraço, abriu cuidadosamente os arbustos, mas reconhecendo Valéria, que continuava a chorar recostando a cabeça à balaustrada, ficou paralisado. Imediatamente Rameri atinou o que havia ocorrido, compreendeu que a patrícia fora testemunha de seu

encontro com Ericso e que as lágrimas foram provocadas pelo ciúme.

Uma sensação inebriante de felicidade, amor e orgulho encheu o coração do jovem escultor, fazendo-o esquecer-se até da existência da bela grega. Finalmente ele teve certeza de ser amado! É verdade, mesmo antes ele interceptava, às vezes, olhares que faziam disparar o seu coração, mas eram lampejos fugidios e a benevolência afável da jovem encobria tão bem os seus verdadeiros sentimentos, que ele sempre ficava na dúvida.

O coração de Rameri encheu-se da inebriante sensação de felicidade que ele não experimentava desde o tempo em que Nuíta lhe deu a mão e confessou-lhe o amor, mas ao mesmo tempo dele se apoderou um sentimento de profunda pena desejo incontrolável de consolar Valéria, de secar suas lágrimas.Ela lhe parecia incrivelmente bela naquela pose de desespero.

Sem se dar conta daquilo que estava fazendo, Rameri subiu correndo pela escada do terraço, caiu de joelhos diante da jovem patrícia e tomando-lhe as mãos, que cobriam o rosto molhado de lágrimas, sussurrou:

- Valéria!

A jovem aprumou-se rapidamente. Quando ela encontrou o olhar de Rameri, cheio de amor, uma expressão de felicidade indescritível, surpresa e amor refletiram-se em seu semblante. Se o

jovem tivesse ainda qualquer dúvida, aquele instante lhe teria confirmado totalmente as suas esperanças.

Mas quase imediatamente a fraqueza da jovem foi substituída por ira e indignação. Valéria levantou-se e empurrando o jovem egípcio, perguntou-lhe em tom rigoroso:

- O que você quer de mim, escultor? Como ousa perturbar-me?

Rameri compreendeu o porquê da jovem, em vez de chamá-lo intimamente pelo nome, chamá-lo de “escultor”. Isso não o ofendeu nem um pouco, pois ele entendia a sua irritação, provocada pelo ciúme feminino e pela frustração de ter-se traído. Esse tom e essas palavras deveriam frustrar-lhe as expectativas e repeli-lo. -

- Por que você chora, Valéria? – repetiu ele, levantando-se.

- Isto não é de sua conta! Não preciso dar-lhe explicações de minhas alegrias e tristezas.

- Você não quer contar nem ao seu amigo?

- Eu não tenho amigos nem quero tê-los por mais que a minha vida esteja subtraída de amor – respondeu com amargura a jovem. – E agora vá embora! Eu quero sair – acrescentou ela com gesto autoritário, e seus olhos aveludados acenderam-se em chama sombria.

Rameri recostou-se em silêncio na parede, deixando livre a passagem. Quando a figura esbelta desapareceu na escuridão da galeria, ele voltou ao seu quarto pelo mesmo caminho pelo qual tinha saído, dizendo satisfeito a seus botões:

"— Eu sou paciente, Valéria! Agora eu sei que chegará a hora e você vai confessar que me ama."

Valéria passou uma noite tormentosa e sem dormir. No dia seguinte ela comunicou que estava doente e não saiu do quarto. Sentimentos contraditórios lutavam nela. Sentia-se indescritivelmente infeliz e estava descontente consigo mesma.

Quando chegou a noite, o estado doentio de Valéria chegou ao apogeu. A solidão e o profundo silêncio no quarto pareciam-lhe insuportáveis. Gall foi almoçar na casa do procônsul e, pelo que tudo indicava, não iria voltar cedo; "Ericso e Rameri, sem dúvida nenhuma, estarão conversando carinhosamente feito ontem." A simples idéia de vê-los causava-lhe aversão e, assim, ela resolveu ir até Lélia.

Ultimamente o relacionamento da patrícia com Lélia tornara-se muito íntimo. A serenidade límpida da jovem cristã agia beneficamente sobre a alma ansiosa de Valéria. Ela sabia que Lélia ia dormir tarde e rezava; não obstante, receosa de que a última fosse dormir, Valéria saiu apressadamente do quarto e dirigiu-se ao quarto da jovem. Passando ao lado de um pequeno quarto, contiguo

ao triclínio e que servia de biblioteca, Valéria ouviu Ericso gritando irritada:

- Deixe-me, Gall! Já lhe disse que eu amo Rameri e sou correspondida por ele.

- Você vai esquecer o mísero escultor!Ame-me, Ericso, e eu juro que...

Valéria aproximou-se da porta.Com a mão trêmula, abriu um pouco o reposteiro e olhou para dentro do quarto.

Ericso estava parada junto à estante amontoada de rolos de papiro e tábulas; diante dela, de joelhos e com o rosto vermelho estava Gall, tentando abraçá-la. A jovem repelia-o brava.

- Ah! Pare com as suas promessas! – interrompeu impaciente a Gall no exato momento em que a patrícia abria o reposteiro. – Eu adormeci como escrava do mago: agora estou livre. O que você vai poder dar-me? Você é casado. O que eu posso ser para você? Deixe-me em paz e ame – tal como deve ser - a sua nobre e bela esposa.

- Você, Ericso, será minha esposa! Eu me separarei de Valéria, que não amo nem um pouco. Não posso amar essa mulher sempre dócil, enfadonha, sem qualquer fogo ou paixão, que como uma estátua de mármore preside a minha casa. Farei de você uma patrícia! Eu juntarei aos seus pés todos os prazeres da riqueza! Não

haverá festa, banquete, jóias que eu não possa ofertar-lhe só para distraí-la.

Ericso soltou uma sonora gargalhada.

- Achou com que me seduzir! Se eu quisesse, poderia morar na casa de Asgarta e dispor de todos os tesouros do mago. No entanto, eu renunciaria a tudo se tivesse que, para tanto, sacrificar o amor de Rameri. Entenda, Gall: eu não o amo nem o quero!

Sem mais ouvir, Valéria saiu feito sombra. Seu peito comprimia-se e uma sensação estranha, doentia, oprimia o seu coração. Que Gall não a amasse – isso lhe era totalmente indiferente: ela também não amava o marido; mas o que não sabia é que ela era tão indiferente e, a tal ponto, prescindível para o marido, que ele até queria se livrar dela. Parecia à jovem mulher que diante dela se abrira um vazio incomensurável; a troco de que ela lutava contra si? Aquele que lhe havia sugerido o sentimento criminoso também não a amava. O que seria dela nesse deserto, sem qualquer objetivo na vida, sem amor e até sem amizade que pudesse ampará-la?

Valéria prosseguia maquinalmente o seu caminho para frente e também maquinalmente abriu a porta e entrou no quarto de Lélia. A jovem cristã lia à luz da lâmpada, sentada junto a uma mesinha. Ao ver Valéria abatida e pálida feito cadáver, parada com o olhar imóvel, Lélia correu até ela, abraçou-a e levou-a até o leito.

- O que há com você, Valéria? – perguntou, sentando-se ao seu lado. – Estou vendo que algo a amargurou muito. Não quer me contar o que houve? Talvez o Senhor me ilumine para eu poder consolá-la.

- Oh! Como eu sou infeliz! – murmurou Valéria, abraçando o pescoço de Lélia e chorando copiosamente.

A mocinha suspirou.

São os sofrimentos do mundo em que você vive, que feito serpentes a esmagam e enfiam-lhe na alma uma cunha envenenada. Minha pobrezinha! Você procura inutilmente aquilo que é impossível encontrar entre as pessoas: a felicidade terrena. Se você procurasse por alegrias celestes, elas lhe dariam a paz espiritual. O mundo só dá desilusões, sofrimentos, esperanças partidas e sede de prazeres. Ele, feito uma lúgubre sentinela, impede o caminho para o céu. Veja, Valéria, as pessoas que anseiam somente por riquezas e satisfação de suas ambições e instintos animais vagueiam nas trevas. Elas, à semelhança de cegos, passam ao largo da verdadeira vida – a vida do espírito. Seja sincera! Abra-me, sem ficar com vergonha, o seu coração e suas feridas, pois eu a amo com toda a alma e desejo aliviar-lhe a desgraça.

- Será que você poderá entender-me, Lélia? Você é tão jovem e pura! Você nunca amou com amor terreno, que inflama o coração e os sentimentos – disse baixinho Valéria. – Entenderá você um amor que, devido à sua inocência, você deverá considerar impuro?

Eu sou duplamente impura, pois experimento uma paixão não em relação ao meu marido, mas a uma pessoa estranha, que, por outro lado, ama outra mulher. E apesar de tudo isso, eu continuo a amá-lo. Os ciúmes dilaceram-me a alma e sinto que a terra se abre aos meus pés.

Lélia ouvia pensativamente a jovem mulher.

- Você se engana, Valéria, achando que não vou entender os seus sentimentos – disse ela após um breve silêncio.- Eu amei da mesma forma um jovem do qual estava noiva desde criança e com o qual deveria me casar. Mas o Senhor, em sua sapiência, tinha outros desígnios! Devo lhe dizer que apesar de meus pais serem cristãos, eles não me ensinaram a fé cristã, esperando que eu me desenvolvesse o bastante para compreender toda a grandeza da fé professada por eles. Entretanto, Anastácio - assim era chamado o meu noivo – era um seguidor fervoroso de Nosso Senhor Jesus Cristo. Seu coração era puro feito o coração de uma virgem e ele era incapaz de amar uma mulher com amor terreno. Foi ele que me ensinou a doutrina de nossa sagrada crença e teceu uma coroa que eu coloquei durante o batismo. Quando nós ficamos pela primeira vez sozinhos, após a cerimônia, Anastácio beijou-me e disse: “Minha amada noiva! Aproximam-se tempos difíceis para a nossa igreja – tempos de luta e de martirio. Decretos sanguinários serão emitidos contra nós. Tenho o pressentimento de que serei chamado para sofrer pela fé. E assim, a nossa união não se realizará aqui na Terra, mas no Céu, aos pés do altar do Salvador, o Qual unirá as

nossas almas para todo o sempre". Quando eu desatei em choro, pois o amava com todas as forças do meu ser, ele me disse: "Não chore, Lélia! A felicidade terrena que chega rápido é sempre imperfeita e é constrangida por ciúmes, doenças e desgostos, inevitáveis na vida. Já a nossa felicidade, ninguém constranger e nada nos separará, pois a nossa união eterna florescerá nas esferas límpidas da eterna". Seu pressentimento se realizou. Seis semanas mais tarde ele foi denunciado como cristão e morreu no circo com o estoicismo de um herói. Foi uma época muito dura para mim. À noite, no dia de sua morte, quando a mãe dele me trouxe um frasco cheio e uma esponja molhada em seu precioso sangue, vertido pela fé, todo o meu ser se encheu de uma estranha tranquilidade. Eu chorava, mas já sem qualquer amargura. Eu tinha até forças para agradecer ao Senhor pela libertação de sua alma e pela graça por ele obtida em aceitar a coroa de mártir. À noite, Anastácio me veio em sonho. Ele vestia uma túnica alva como neve e suas madeixas loiras brilhavam numa chama ofuscante. Nas mãos ele segurava um ramo de palmeira. Ele me sorriu e disse: "Você me seguirá, Lélia, mas as suas provações ainda não acabaram". A partir daquele dia eu o vejo freqüentemente. A morte deixou de assustar-me e compreendi também toda a felicidade que se insere no amor não material. E agora, se você quiser, vou-lhe mostrar todos os meus tesouros.

Peço-lhe que faça isso – respondeu Valéria, já mais calma. Lélia fechou a porta com o trinco. Tirou do armário um escrínio

bastante grande e abriu-o com uma pequena chave, que trazia pendurada em seu pescoço. No escrínio havia um frasco de cristal cheio de um líquido vermelho, uma esponja, colocada sobre um pires, uma coroa seca e um pequeno crucifixo de marfim.

Olhe! Esta esponja ficava no pescoço de Anastácio quando ele lutava no circo, e o crucifixo de marfim ele segurava na mão. A coroa ele teceu para o meu batismo.

Lélia pegou o frasco com o sangue e o beijou.

Valéria, emocionada, olhava surpresa para ela.

- Você é feliz, Lélia, pois tem aquilo que a pode orientar no caminho da vida – disse ela. Os seus pais e o seu noivo aparecem-lhe, consolam-na e dão-lhe conselhos, enquanto eu só conto com as minhas próprias forças e oscilo na escuridão sem encontrar a porta da salvação.

Lélia, absorta em pensamentos silenciosos, levantou a

cabeça.

- Talvez você não tenha procurado a ajuda no lugar certo. Você não quer rezar comigo? O Senhor, em sua infinita misericórdia, sugerirá o que fazer para adquirir a paz espiritual, e talvez lhe envie um de seus mensageiros, que lhe apontará o caminho a seguir.

Lélia tirou do escrínio o crucifixo de marfim e colocou o nas mãos da patrícia; abraçando-a pela cintura, a jovem se pôs de

joelhos. Hesitante, mas sem condições de opor resistência, Valéria seguiu o seu exemplo, prestando atenção nas palavras da oração sussurrada por Valéria.

A patrícia nunca havia visto alguém rezar assim. Todo o ser da moça parecia desprender-se da matéria e precipitar-se em direção da paz, da bem-aventurança e do amor, no qual ela via a salvação. O impeto do êxtase de Lélia e seu poderoso vôo de alma agiram beneficamente sobre a alma sofrida de Valéria. Parecia-lhe que ela pairava sobre ondas fosforescentes que a levantavam ao espaço. Experimentava a sensação de uma paz indescritível, o ar enchia-se de um aroma agradável e a cruz em suas mãos emitia radiações douradas.

Tomada por um sentimento totalmente novo, Valéria também começou a orar. A silenciosa mas fervorosa oração as cendeu do coração para Aquele Deus desconhecido dela, o Qual era venerado por sua mãe. De repente, ela viu que na cruz, que Lélia tirou do armário e pendurou na parede, surgia um círculo radiante. O círculo começou a aumentar rapidamente, di fundindo uma luz ofuscante. Neste fulgurante fundo, como uma cascata de brilhantes, desenharam-se duas figuras aéreas vestidas em túnicas branco-azuladas.

Um dos mensageiros celestiais era um jovem maravilhosamente belo; na mão ele trazia um ramo de palmeira. O outro era uma mulher não menos bonita, fulgindo de bem-

aventurança no rosto de traços agradáveis; nos cabelos, negros como asas de corvo, resplandecia uma coroa de lírios. Com coração palpitante, Valéria reconheceu nela a sua mãe, cuja imagem se conservou viva em seu coração desde a infância.

A límpida visão inclinou-se para ela com um sorriso carinhoso e tocou com a mão radiante a testa de Valéria. A esta pareceu que todos os seus ciúmes, o ódio e a amargura - em uma palavra, todo o amargor que lhe enchia a alma desapareceram e deram lugar a uma paz profunda. Uma voz melodiosa, mas surda, pronunciou com expressão de amor ilimitado:

- Minha criança amada! Eu rezo para que Senhor ilumine e a oriente em Seu caminho - o único que leva ao objetivo e revela aos homens o sentido da vida. Os desejos terrenos são mais pesados que o granito, e, enquanto o homem luta com a matéria, ele nunca terá paz e nunca será realmente feliz. Sempre irritado, ele sempre tomará uma nova taça de paixões, nunca se satisfazendo e encontrando no fundo da taça somente a amargura.

A visão pegou das mãos do jovem o ramo de palmeira e o estendeu a Valéria.

- Pegue e seja digna dele! Esta palmeira é a escada que a levará aos portões do Céu, livre da matéria que sobrecarrega as asas da alma. Você se unirá a nós, junto com a sua amiga. Seja firme. Que importância têm os desgostos passageiros em comparação com as eternas alegrias celestiais?

A visão empalideceu e esvaiu-se na atmosfera. Caindo rapidamente das alturas do êxtase onde pairava, Valéria cambaleou, e teria caído no chão se não fosse amparada por Lélia.

De súbito, Valéria se endireitou rapidamente. Branca feito cadáver e com olhos esbugalhados, ela apontou para um fresco ramo de palmeira, encostado à mesa. O ramo exalava um forte aroma e nele ainda brilhavam gotículas de orvalho.

- O que isso significa? – assustou-se ela, com o corpo trêmulo.

No semblante de Lélia surgiu uma expressão de indescritível felicidade.

- Valéria! Você nunca me disse que sua mãe era cristã. Agora eu sei. Ela apareceu junto com Anastácio para indicar-lhe o caminho que você deverá seguir. Esta palmeira deixada por mensageiros celestiais é um sinal visível da proteção deles. Ela também serve para avisar que você é predestinada a uma gloriosa morte de mártir. Ó, Valéria! Seja firme, seja valorosa! A morte pela fé é o fim de sofrimentos terrenos, a paz eterna, a bem-aventurança infinita, a consciência absoluta da alma libertada - hoje escrava da matéria, mas, amanhã, uma rainha do espaço infindável.

Valéria nada comentou. De joelhos diante da palmeira, ela a apalpava trêmula e recostando-se à cama fechou os olhos. A emoção dos últimos dias, a luta entre a paixão, dever, ciúme e desilusões, tudo isso abalou a jovem mulher e quebrou seu

equilíbrio espiritual. Sem forças, cla se entregou a esta nova correnteza que a arrebatou ao ter contato com o êxtase.

A visão que teve, as palavras ouvidas, a maravilhosa oferenda do espaço, e, por fim, serenidade que lhe substituiu a tempestade espiritual, tudo contribuiu para a exaltação definitiva da jovem.

Naquele minuto, o mundo não tinha a menor importância para ela, a vida parecia-lhe um peso, e o amor a Rameri libertou-se daquele amargor que é encontrado no fundo da taça dos prazeres. A despeito de sua natureza ponderada e tímida, Valéria estava capacitada agora para qualquer decisão extremada.

Quando Valéria se levantou, seu rosto expressava uma energia incomum.

Agradeço-lhe, Lélia, por ter-me aberto os olhos! Agora que eu vi a minha mãe, já não tenho a menor dúvida de "onde" está a verdadeira fé. Você entende que eu quero conhecer imediatamente os ensinamentos de seu Deus e adquirir aquela paz celestial que Ele nos verte na alma. Mas você sabe perfeitamente que aqui isso é impossível. Os meus deveres de esposa e de dona-de-casa, festas e recepções, nas quais eu devo estar presente e, finalmente, a constante vigilância sobre mim de clientes, convidados e empregados, tudo isso impede que eu me entregue, da forma como quero, exclusivamente às orções e às meditações. Aconselhe-me o que fazer!

- Poderia dar-lhe um conselho, porém temo que meu plano possa lhe parecer demais ousado - respondeu indecisa Lélia.

- Tanto faz, diga! Depois nós poderemos discutir e alterar a sua proposta.

- Então, ouça: se você realmente deseja entregar-se ao Salvador, você precisa deixar esta casa, onde as tentações e o mal a espreitam a cada passo. Eu também anseio em voltar para junto de meus pais, pois, apesar de sua bondade comigo, me oprime uma vida entre os nossos carrascos e negadores de Cristo. Se você estiver de acordo, nada nos impedirá de fugir imediatamente, uma vez que não se devem adiar boas decisões.

Valéria encontrava-se em tal estado de ânimo que a proposta de abandonar a casa do marido não a assustou nem um pouco. Nela insinuou-se algo como um remorso e ela disse em voz indecisa:

- Irão me procurar e, com os meios de que Gall dispõe, achar-me-ão rapidamente.

- Não se assuste com isso! Só devemos partir antes que o seu marido volte. A noite é longa e eu terei tempo de levá-la a um subúrbio. Lá vive, num lugar retirado, uma maravilhosa mulher que por várias vezes deu abrigo aos neófitos. Maria e seu filho vendem legumes e ninguém suspeita deles. Lá você poderá ficar sem medo até que seja apresentada ao nosso bispo. Este a esconderá num dos nossos refúgios mais seguros, até você se fortalecer na nova fé, e, através do batismo, irá renascer para uma nova vida.

- Está bem! Estou disposta a ir agora – respondeu Valéria após um minuto de reflexão. – Preciso, entretanto, vol tar ao meu quarto e verificar se Gall ainda não retornou; caso contráeio, teremos que adiar a nossa fuga até amanhã. Se ele não estiver, eu pego as minhas jóias pessoais e volto imediatamente. Elas servirão para aliviar o sofrimento de nossos irmãos no cessitados. Eu dispensarei também as minhas empregadas. E, você, nesse interim, junte tudo o que queira levar.

Mal Lélia teve tempo de juntar um pouco de roupa co escrínio com o seu tesouro, Valéria retornou envolta numa capa escura com dois pacotes nas mãos. Num estava embrulhada uma túnica e algumas miudezas, no outro, mais pesado, suas jóias.

Silenciosamente, tomando todas as precauções, as mulheres passaram a galeria e descendo até o jardim atravessaram toda a sua extensão. Em seguida, por um portãozinho de serviço de jardinagem, que se trancava pelo lado interno, ganharam a rua. A excitação de Valéria não diminuía, e ela, sem qualquer arrependimento, atravessou a soleira da moradia onde viveu cercada de honrarias e atenção, mas não de amor, para trocar aquela existência calma por uma vida desconhecida, fadada à humilhação, com a ameaça constante de morte e sofrimentos. A jovem mulher não pensava em nada disso. Diante de seu olhar mental projetavam-se apenas visões alegres e ela apertava contra o peito o maravilhoso presente trazido do Céu. Sem hábito de carregar tanto peso, parou exausta e ofegante na esquina da rua.

- Um pouco mais de paciência! - balbuciou Lélia. – Logo chegaremos à banca onde vendem flores. Lá eu conheço um jovem cristão. Quando necessário, ele me traz notícias da comunidade. Ele levará as nossas coisas até a casa da Maria.

Conforme ela disse, logo após a virada da primeira esquina elas se acharam junto a uma banca, no fundo da qual se viam vasos de flores e montes de cestos.

- Klit! - chamou, à meia-voz, Lélia.

- Estou indo! – respondeu uma voz sonora.

Pouco depois, surgiu um menino de cerca de quinze anos de idade, e imediatamente pegou os pacotes.

Após uma hora de caminhada, pararam nos arredores de um subúrbio, diante de um alto e grosso muro. Klit pegou um martelinho pendurado e bateu numa pequena porta trancada.

- É o sinal usado pelos cristãos para se comunicarem - explicou Lélia. – Três batidas é em nome do Espírito Santo.

Após uma espera bastante longa, a porta se abriu rangendo e na soleira apareceu uma mulher de meia-idade, pelo visto de origem humilde, deixando passar os adventícios.

Lélia beijou aa mulher e disse apontando para Valéria:

- Trago-lhe uma neófita, irmã Elizabete. Ela precis descansar. Você pode arrumar-lhe um quarto?

- É claro que posso! Que Deus abençoe a sua chegada, querida irmã! - respondeu a mulher, virando-se para Valéria..

Mas esta já não tinha condições de responder. Habituada a sair apenas para pequenos passeios ou se utilizar de liteira, era a primeira vez na vida que ela andava tanto a pé. Seu cansaço era tanto que as pernas estavam bambas e a cabeça girava. Senão fossem Lélia e Elizabete amparando-a, teria caído.

Ajudaram-na a sentar-se num banco e depois que ela descansou um pouco, levaram-na, passando por um denso jardim, para dentro de casa, instalando-a num pequeno quarto caiado, onde havia um leito simples, porém limpo e confortável. Enquanto a irmã Elizabete ajudava Valéria a se despir, chegou Maria, a dona da casa, uma bondosa mulher de rosto comum. Ela trouxe à nova visita um copo de vinho morno e um pedaço de ave, que, obrigou a comer. Feito isso, a jovem quase imediatamente adormeceu num pesado e profundo sono.

Quando Valéria despertou já era bastante tarde e os raios solares penetravam através das cortinas simples da janela. A jovem examinou surpresa as paredes peladas, a mesa comum de madeira, assim como as cadeiras e o grosseiro cobertor de lã com que estava coberta. De repente, a memória voltou e dela apossou-se uma sensação de medo tão terrível que, com um grito contido, enterrou a cabeça no travesseiro. O êxtase extinguiu-se, e agora ela via em

toda a nudez o que havia feito. O que fará Gall assim que tiver certeza de sua fuga? Merece ele a vergonha e a infelicidade que ela fez desabar sobre ele e sobre o seu lar? Sem dúvida, ele falava de amor a Ericso e a sua indiferença feria Valéria. No entanto, ela tinha conhecimento de que ele era uma pessoa empolgada; em relação a ela ele sempre foi bom, atencioso e indulgente. Teria ela direito de julgá-lo, se ela mesma nutria um sentimento criminoso pelo egipcio? Uma sensação de vergonha e arrependimento tomou conta dela e ela decidiu voltar ao marido e suplicar-lhe o perdão por seu ato insensato.

Ao tranquilizar-se com tal decisão, Valéria levantou-se e já se preparava para vestir-se quando o seu olhar se deteve no ramo de palmeira que estava sobre a mesa. Ela estremeceu, seu olhar anuviou-se e dela apossou-se o mesmo estado de espírito do dia anterior. Aquele presente celestial foi-lhe trazido por sua mãe! Quem melhor do que ela saberia onde se encontrava o bem e o que trazia paz e a bem-aventurança eterna?

Novamente foi dominada pela aversão à vida, pela luta interna e pelo vazio mundano. Mais uma vez desejou aquele estado de tranquilidade clara, que brilhava nos rostos dos mártires. Sim, a sua mãe estava certa.

Acalmada e fortificada, ela levantou-se da cama e começou a se vestir. Quando terminava de se pentear – o que lhe era difícil de fazer sozinha –, chegou Lélia.

- Você já está pronta? Sem a ajuda de outros? Veja como a nova vida vai transformá-la numa pessoa mais prática – disse ela alegre. – E agora vamos rápido! A própria Providência trouxe para cá, hoje de manhã, o diácono Rustik, amigo do nosso bispo. Eu já lhe falei de você e ele tomará as devidas medidas para escondê-la das buscas de seu marido.

Valéria pegou pela mão a sua amiga e ambas entraram num amplo quarto onde estavam reunidos cerca de vinte homens, mulheres e até crianças. A maioria dos presentes era gente simples. Todos cantavam um hino e o rosto de todos denotava uma fé extasiada.

Quando cessou o canto, Lélia levou Valéria até um ancião de aspecto nobre e inspirado, e apresentou-lhe a jovem como recém-convertida da qual ela já falara.

Rustik – era dele que se tratava – olhou para a jovem com um olhar demorado e perscrutador, depois a abençoou e disse: Bem-vinda, minha filha! Que cure Deus misericordioso todas as feridas de sua alma! Mas para receber esta graça você deverá, antes de tudo, aprender a rezar. A oração, minha filha, é a luz dos cegos, esteio dos fracos e a arma invencível dos guerreiros de Cristo. Você foge da escuridão para obter a luz eterna? Felicito-a! Mas o meu dever é preveni-la de que você vem num tempo de muito perigo. Somos perseguidos e odiados; cada um de nós arrisca a todo

momento a sua vida, e você deverá estar pronta para trocar as suas vestes perecíveis por imaculada túnica de mártir. Você se sente suficientemente forte para dominar a sua carne e, se for preciso, pagar gloriosamente por sua fé? Não há dúvida de que ninguém a obrigará a morrer por Cristo, mas a negação Dele envenenaria toda a sua vida restante. Não é possível servir a dois senhores.

- Pai meu! Eu quero ser cristã e suplico-lhe que permita batizar-me.

- Antes de batizar-se, você deverá conhecer a nossa doutrina.

- O ancião impôs-lhe as mãos sobre a cabeça abaixada e acrescentou piamente:

- Que o Senhor oriente os seus passos e decida Ele Próprio o seu destino! Está em Sua vontade escolher para Si as armas e usá-las de acordo com a Sua sapiência.

Depois disto, decidiu-se que os primeiros mentores da jovem seriam Maria e Lélia. Rustik prontificou-se em prepará la para o batismo e instalá-la num local mais seguro do que a casa da vendedora de frutas e legumes.

VII.

Após a tempestuosa cena em que Ericso rejeitou com chacota o amor de Gall, ele, de tão irritado, saiu para o jardim e caminhou por longo tempo. Ao voltar para casa, resolveu tomar uma taça de vinho e com isto acalmar-se antes de ir ao quarto de Valéria. Mal um escravo lhe deu a bebida pedida, entregaram-lhe uma carta do prefeito, em que o mesmo comunicava que fora inesperadamente preso, acusado de ser crisão, um funcionário graduado, amigo comum de ambos. O prefeito suplicava a Gall para que fosse imediatamente ajudá-lo a convencer o infeliz, antes que a notícia de sua loucura se espalhasse.

Gall partiu imediatamente, sem imaginar que sua própria casa seria palco da mesma desgraça.

Ainda não tendo retornado para casa, uma das escravas espalhou a notícia de que a patrícia havia sumido com todas as suas jóias e que a filha dos cristãos sentenciados também havia abandonado a casa.

O filósofo Filatos, que se tornara um cliente e morava na casa de Gall, foi o primeiro a saber da notícia e compreendeu toda a importância deste duplo desaparecimento. Ele avisou Rameri imediatamente sobre o fato e pediu-lhe que o ajudasse nas

primeiras buscas, antes da volta do legado. Atônito, o jovem escultor concordou de imediato. Como era esperado, todas as buscas deram em nada. Desanimados e cansados, eles voltavam para casa quando Gall retornava para o desjejum.

A palidez e a desolação de seus semblantes chocou o legado. Ao saber da ausência de Valéria, ele indagou preocupado sobre o que havia ocorrido.

Quando o filósofo lhe revelou com todo o cuidado a triste verdade, o jovem vacilou sobre os pés, como se atingido por um golpe de martelo, e teria caído se não fosse amparado por Filatos e Rameri. Com a ajuda deles, conseguiu chegar até o quarto. A desgraça veio tão inesperadamente que acabou por abalá-lo definitivamente. Passou-se mais de uma hora até que o legado conseguisse analisar a sua situação.

Fúria e desespero alternavam-se nele; fúria contra a criatura traiçoeira que lhe pagou a hospitalidade, amor e bondade com a perversão de sua esposa, induzindo-a a fugir vergonhosamente do teto conjugal.

Por fim, ele decidiu, custasse o que custasse, achar Valéria e obrigá-la a rejeitar a fé, e, se não fosse possível, sumir com ela, contanto que a honra da família fosse salva. Sendo ela morta, ele poderia chorar por ela, prestar homenagens em sua memória; enquanto que viva, ela arriscava-se a morrer pelas mãos do

carrasco. E essa vergonha e desonra ele decidiu evitar a qual quer custo.

Depois de se acalmar um pouco, ele foi até o procônsul e contou-lhe o sucedido. Emiliano ficou desolado e se considerava o primeiro culpado pelo infortúnio de Gall.

- Eu farei tudo que depender de mim para ajudá-lo a se livrar da vergonha do julgamento – assegurou ele, apertando a mão fria e suada do legado. – Tente achar, o mais rápido possível, a sua esposa. Se você não conseguir fazê-la voltar ao juízo, então leve-a para longe de Alexandria para que ninguém saiba o que lhe aconteceu. Quanto à cobra que eu insensatamente instalei em sua casa, eu farei com que ela pague caro por sua desprezível ingratidão.

- Se eu soubesse em que toca ela se escondeu! – disse Gall tremendo de ódio e desolação.

- Vamos procurar por esse antro cristão como jamais procuramos acrescentou em tom severo o procônsul.

Apesar do silêncio que todos guardavam por respeito a Gall, a notícia sobre a fuga de sua esposa correu por toda Alexandria; apenas as opiniões divergiam quanto aos motivos da fuga. Os detalhes do acontecimento permaneciam praticamente desconhecidos.

O palácio do legado, outrora tão hospitaleiro e alegre, ficou fechado a todos. O vazio e o silêncio reinavam naquela imensa casa, e sobre os seus habitantes parecia pairar uma nuvem de chumbo. Sombrio e nervoso, Gall dirigia ativamente as buscas, as quais, entretanto, permaneciam sem qualquer resultado. Até a sua paixão por Ericso parecia estar abafada sob o peso das preocupações. Ele enviou um mensageiro a Lúcio Valério e esperava a sua chegada em Alexandria, pois decidiu deixar Valéria aos cuidados do sogro, caso ela insistisse em sua nova crença.

Rameri estava totalmente abatido e terrivelmente deses perado. Ele se censurava amargamente por ser a causa da desgraça da mulher amada. Se ela não tivesse ouvido a sua tagarelice frívola com Ericso, seus ciúmes não teriam se desencadeado e o sentimento de traição não a teria lançado aos braços dos cristãos.

Sob a influência da desgraça e arrependimento, o jovem escultor sentiu ódio por Ericso. Começou a evitá-la de todas as formas, e a tratava – àquela que já se considerava como a sua noiva - com glacial frieza e indiferença.

Surpresa e ofendida, Ericso começou a procurar as causas dessa mudança. A jovem era demais inteligente para não compreender a verdade.

Ericso deduziu que a triste mudança nos sentimentos de Rameri foi provocada pelo desaparecimento de Valéria, e em seu coração acendeu-se um feroz ódio e um ciúme selvagem à rival

preferida. Com sagacidade e energia a ela inerentes, começou a pensar num plano de vingança, matutando sobre as formas mais efetivas de eliminar Valéria e recuperar para si o coração de Rameri.

Passaram-se mais de duas semanas do dia do desaparecimento da patrícia, sem que fosse encontrado o menor rastro dela. Apesar de todo o ódio e impaciência, Gall estava bem mais calmo. A vergonha com que a esposa o cobriu fez com que ele praticamente a odiasse e nele reacendesse, com novas forças, a paixão por Ericso, ainda mais que ele se julgava separado de Valéria.

Rameri casualmente percebeu que tipo de sentimento nutria o legado em relação a Ericso e dessa descoberta nasceu em sua mente um plano que poderia salvar a todos. O escultor começou a vigiá-los com mais atenção. Convencido da correção de suas suposições, certa noite ele foi até o quarto do legado e disse que queria falar-lhe em particular.

Ao ficarem sozinhos, o egípcio, após um minuto de he

sitação, disse-lhe:

- Sou-lhe infinitamente grato, Gall, todo o bem que você me fez e pela amizade com que me honrou. É justamente esta amizade que me sugeriu a necessidade de falar abertamente sobre um assunto muito importante para nós dois. Gostaria de saber se você não vai ficar ofendido com minha sinceridade indiscreta?

- Fale sem medo, Rameri!

- Neste caso diga-me se é verdade que você ama Ericso com um daqueles sentimentos poderosos que absorvem todas as forças da alma?

Um rubor escuro cobriu as faces do legado. Ele hesitou por algum tempo e, decidindo-se rapidamente, respondeu:

- É verdade! Essa mulher me enfeitiçou, inflamou-me o coração e perturbou-me a cabeça. Os cabelos ruivos de Ericso envolvem-me feito serpentes, esmagam-me, sufocam-me e eu não consigo livrar-me deles.

- Você se casaria com ela se estivesse desimpedido?

- Sem dúvida alguma. Mas por que você me pergunta isso, Rameri? Você mesmo a ama e é correspondido por acrescentou com amargura o legado.

- Gostaria de lhe fazer também uma confidência. Eu, como você, experimentei uma estranha fascinação pela extraordinária beleza de Ericso; no entanto, eu não a amo. Em meu coração habita um amor, mais puro e profundo, a... – por um minuto ele ficou calado - a Valéria. Perdoe-me, mas nos olhos da patrícia eu vejo o olhar de Nuíta. O seu sorriso e a voz são os mesmos que os de minha falecida noiva. Por uma estranha confluência das circunstâncias, Valéria também me ama e eu me censuro

amargamente por ter sido a causa involuntária do fim dela e de sua desgraça.

Ao relatar-lhe sobre o seu encontro noturno e sobre a cena com Valéria, ele acrescentou:

- Se você não quer mais nada com sua esposa, tão tristemente comprometida, estou disposto a procurá-la e utilizando-me das vantagens que me proporciona o nosso amor reciproco, eu a arrancarei do ambiente funesto. Nós nos casaremos e abandonaremos o Egito, de forma que ninguém saberá o que lhe aconteceu. Todos acharão que a patrícia tenha morrido, e você, ficando livre, poderá se casar com Ericso.

Gall, com rosto vermelho, pôs-se de pé.

- São os próprios deuses que lhe sugeriram este plano! É claro que eu de bom grado lhe cedo a mulher que sempre amei, mas como a uma irmã. Sejam felizes e vivam despreocupados, pois eu devolverei dois milhões de sestércios do dote que me foi pago por Valério. Eu lhes providenciarei um navio que os levará para onde queiram ir. Com isso, ficarei livre da desonra pública. Você está certo! Ninguém saberá dela e vão parar de procurá-la. Mas como é que você vai achá-la?

- Já tenho um plano! Sendo uma pessoa comum, ninguém suspeitará se eu fingir associar-me aos cristãos, convencendo-os de que eu aceito a sua crença tola. Ao tornar-me um dos membros de sua comunidade, terei acesso a todos os seus antros, num dos quais,

sem dúvida, eu acharei Valéria. Então tentarei demovê-la de sua loucura e, se conseguir isso, dirigirei a sua ajuda para arrancá-la das mãos daqueles loucos. Ao ficar livre da influência deles, o meu amor fará o resto.

- Pode ficar tranquilo quanto à minha ajuda! O seu plano é magnífico e tem tudo para dar certo. Mas ainda há uma questão. Tenho dúvidas quanto a Ericso: desistirá ela de você? Temo que ela esteja muito apaixonada por você e terei dificuldade de rivalizar-me com você. Decididamente, você tem um encanto especial e poderoso, pois já é a segunda mulher que o prefere a mim.

- Ericso deverá desistir de mim. Por mais bela que ela seja, eu não posso amá-la tanto como amo Valéria. O amor próprio ferido fará com que me esqueça. Você, Gall, é bastante bonito para conquistar o coração dela. Para uma ex-escrava de um mago é muito sedutor tornar-se esposa do legado, uma patrícia, e beneficiar-se de todas as honrarias e reverências de correntes dessa alta posição.

Os homens se despediram amigavelmente, apertando-se as mãos. Rameri decidiu se explicar com Ericso na manhã seguinte. Ele queria ficar totalmente desimpedido antes de ousar fazer aquela perigosa tentativa.

Os dias que passaram foram muito duros para a jovem grega. No início, ela tratou com muita indiferença o desaparecimento de

Valéria, e a suposição de que ela estaria entre os cristãos lhe sugeria até um misto de pena e desprezo.

Tal indiferença logo deu lugar à desconfiança preocupante e, em seguida, aos ciúmes loucos, quando ela viu que impressão causara em Rameri a fuga da patrícia. Ela começou a pensar, maquinar, espionar, e, com sua intuição feminina aguçada pelo ciume, praticamente descobriu a verdade.

No seu primeiro momento de fúria veio-lhe a mente pedir ajuda a Amenhotep, e ela foi ao palácio do mago; porém disseram-lhe que Asgarta havia viajado por tempo indeterminado..A jovem retornou furiosa e frustrada. Sombria e pensativa estava ela sentada no quarto quando entrou Rameri. Ao primeiro olhar para o rosto pálido e acabrunhado do jovem escultor, Ericso compreendeu que chegara a hora da explicação definitiva. Sem responder à reverência e sem lhe estender a mão, a jovem debruçou-se nas almofadas púrpuras e mediu-o com um olhar faiscante. Rameri ficou ainda mais sem jeito. Sua beleza ideal mexia com seus sentimentos, mas o coração permanecia frio. Após momentânea hesitação, Rameri disse em tom decisivo:

- Perdoe-me, Ericso, pela dor que irei causar-lhe, mas o meu dever é explicar-me.

- Este prefácio indica, é claro, que você não me ama e quer recuperar a sua liberdade? – observou em tom gélido a jovem. - Se a questão é apenas esta, então não se preocupe: eu desisto de bom

grado de seu falso amor e de suas falsas promessas. Por certo não impedirei que você fuja com a suja cristã que preferirá você a seu Deus Crucificado. Aliás, o problema é seu. Só não quero que você pense que vou rastejar na poeira lhe suplicando amor.

- É a ira que lhe sugere estas palavras maledicentes, Perdoe-me, Ericso! Sou muito culpado diante de você, mas você sabe que não se pode ordenar ao coração.

Ericso cruzou os braços e ficou calada; nos seus olhos, entretanto, fulgia um ódio mortal.

- Seja sensata e encare calmamente a situação que lhe pode reservar o destino. Você poderá ter uma vida mais brilhante e feliz do que aquela que eu posso lhe oferecer – prosseguiu Rameri em tom suplicante e convincente. - Gall a ama. O patrício é jovem, bonito e ocupa uma função importante, que lhe possibilita um caminho em altos postos do governo. Aos pés da mulher amada ele colocará riquezas, posição e diversas delícias terrenas.

- Não se canse em enumerar-me todas as vantagens do amor de Gall – interrompeu Ericso em voz rouca.- Eu as conheço e dou-lhes a devida importância. Agradeço-lhe pelos bons conselhos, que não deixarei de seguir para não constrangê-lo, se você, para a conveniência de Valéria, tornar-se um cristão e tiverem o prazer de servir de desjejum aos leões; eu não perderei a oportunidade de estar presente nesse espetáculo interessante – acrescentou ela ironicamente.

Rameri cerrou os cenhos.

- Valéria nunca será uma cristã! E ainda que sim, por mim ela rejeitará essa tola crença.

- Ah! Você se considera mais irrestível que o Deus deles? Neste caso, desejo-lhe sorte... e adeus.

- A jovem fez um gesto enérgico com a mão. Cabisbaixo e com coração pesado, Rameri se virou e saiu do quarto. O mau presságio de uma desgraça que se aproximava comprimia-lhe o coração.

Ao ficar sozinha, Ericso pulou do sofá e, como um tigre na jaula começou a correr pelo quarto. Caindo sobre o tapete, ela desabou em lágrimas convulsivas. Quando o primeiro acesso de infelicidade, fúria e ciúme passou, ela se deitou no sofá e entregou-se a pensamentos profundos. Duas coisas eram bem claras: primeiro – Rameri desistia definitivamente dela e tinha certeza absoluta do amor de Valéria; segundo - ele possuía informações para localizá-la.

Apenas uma coisa não estava clara: era com o consentimento de Gall que ele, Rameri, propunha para ela casar-se com o legado, e porque esse falava tão abertamente de seu amor a Valéria?

- Eis o que eu tenho de saber antes de tomar uma decisão para acabar com o plano do meu infiel noivo, pois ele me pertence e sempre me pertencerá! – murmurou ela com olhar flamejante. - O

próprio Gall me dirá o que eu preciso saber. Se ele não sabe, eu lhe abrirei os olhos – acrescentou ela após refletir um pouco.

A jovem chamou sua escrava Gorgo e ordenou-lhe que a vestisse com especial capricho. Quando chegou a hora em que Gall normalmente descia para o desjejum, Ericso entrou na sala onde ficavam as esfinges e, sentando-se no banquinho, mergulhou em pensamentos tão profundos que não ouviu os passos do legado, que, ao vê-la, parou como enfeitiçado. De fato, Ericso estava maravilhosa naquela pose de tristeza, cheia de melancolia sombria. O seu traje destacava-se em simplicidade calculada.

- Por que você está tão triste e pensativa, Ericso? indagou, por fim, Gall, aproximando-se.

- Porque nem sempre a beleza proporciona a felicidade, podendo servir de objeto de admiração e, ao mesmo tempo, ser abandonada e solitária - respondeu amargurada a jovem.

O legado percebeu imediatamente que entre ela e Rameri houvera uma explicação. Inclinando-se rapidamente sobre ela, ele disse:

- Talvez você procure por felicidade lá onde ela não pode ser encontrada!

- Você tem razão! Eu a procurei no coração de um ingrato. O que mais me dói é esta sensação de ser sozinha no mundo.

- Depende de você mesma, Ericso, de estar sozinha! Você é demais mulher para não perceber que eu a amo mais que a vida, e não conheço uma felicidade maior do que lhe ornar a vida.

Um sorriso amargo e zombeteiro fulgiu nos lábios da jovem.

- Você sempre se esquece, patrício, de que está casado! Aonde você vai pôr a sua esposa para proporcionar-me aquela felicidade que me promete? Se você acha que irei concordar em ser o seu brinquedinho e aceitar um pagamento por minha beleza, você está enganado. Eu nunca entrarei na casa de um homem, a não ser na qualidade de sua esposa legal.

- Juro-lhe por tudo que é sagrado, eu nunca tive tal é pretensão! Eu quero tê-la por esposa e espero que com o meu amor, meus cuidados constantes e demais delícias com que a cobrirei, eu a faça esquecer as duras recordações de sua infância.

Ericso parecia emocionada.

- Mas como você irá se separar de Valéria?

- Graças à sua fuga, eu já estou separado. A lei me confere o direito de bani-la de casa e o divórcio não é nada mais do que uma mera formalidade.

- Você sabe que Valéria ama Rameri?

- Sim! E deixe que ame! O nosso casamento foi um assunto de famílias, e nele os nossos corações não tiveram qualquer participação. Mas, já que você tocou no assunto e ainda com tanta

tranquilidade, vou-lhe confiar que combinei com Rameri para que ele me ajude a evitar um escândalo público. Ele vai encontrar aquela doida, convencê-la a abandonar Alexandria e eles irão morar em algum lugar bem longe. Quan do toda esta história ficar acertada e eu cumprir todas as formalidades para acabar o meu primeiro casamento, eu me casarei com você.

- Neste caso, desejo que ele ache o mais rápido possível a sua bela cristã – disse Ericso com um sorriso cheio de coquetice. – Eu só creio que vai ser muito difícil encontrá-la. Dizem que estes sectários são muito espertos.

- Para enganá-los mais facilmente, Rameri fingirá aceitar a sua fé – disse Gall, rindo.

Abraçando Ericso pela cintura, ele acrescentou:

- E agora, minha bela noiva – pois a partir deste momento eu a considero como minha noiva-, presenteie-me com um beijo.

A jovem não opôs nenhuma resistência quando o legado a beijou apaixonadamente nos lábios. Após uma breve conversa amigável, eles se despediram, resolvendo guardar, por enquanto, tudo em segredo. Obtendo desta forma todas as informações necessárias, Ericso começou a pensar num plano de ação. Ela queria a todo custo impedir o encontro de Rameri com Valéria, pois não tinha nenhuma dúvida de que última, em razão de seu amor a Rameri, largaria tudo e o seguiria até o fim do mundo. Além disso, para pôr um fim a futuras complicações, ela decidiu eliminar a

odiosa Valéria. Valéria deveria morrer. Só assim ela ficaria tranqüila e poderia reconquistar o coração de Rameri. Aliás, pensar era fácil, difícil era executar. Para denunciar Valéria era necessário encontrá-la; e para atrapalhar os planos de Rameri era preciso vigiar-lhe os passos. Neste ou em outro caso, era necessário penetrar na seita dos cristãos – o que era o mais difícil.

Mas Ericso não pertencia ao número daquelas mulheres que se detêm ante as dificuldades. Após pensar muito, ela chamou Gorgo e teve com ela uma longa conversa confidencial; como resultado, Gorgo foi autorizada a se ausentar por um dia inteiro.

Gorgo era uma núbia jovem e bonita, esperta como raposa e depravada até a medula óssea. A despeito de todo o cuidado de Ericso, ela compreendeu imediatamente o que a sua senhora queria e contou-lhe que ela já, por duas vezes, encontrara Lélia e a patrícia, transvestidas em mulheres comuns; mas como ela nada iria ganhar denunciando-as e ninguém lhe pediu por isso, ficara quieta até aquele momento.

Ericso ficou eletrizada com aquela notícia e prometeu a Gorgo ricos presentes e a liberdade se esta a ajudasse ativamente. Por conta do futuro, a jovem presenteou Gorgo com um vestido e brincos de ouro. Fascinada, Gorgo assegurou, por sua vez, fazer todo o possível para cumprir a vontade de sua senhora.

Ao voltar à noite para casa, Gorgo fez um relatório satisfatório sobre a sua expedição.

- Eu espero, senhora, que tudo vá correr conforme o seu desejo – disse ela rindo, mostrando os seus dentes alvos. – Eu tenho um amigo que trabalhou no circo e que se relaciona com cristãos. Sendo um bárbaro que não nutre qualquer respeito aos deuses romanos, ele trata os cristãos com indiferença, não lhes desejando qualquer mal, sobretudo se isso não lhe traz nenhum aborrecimento. Quando eu lhe contei o caso e pedi-lhe que me ajudasse, prometendo, em meu nome, que você iria recompensá-lo...

Quanto a isso ele pode ficar tranquilo: eu o cobrirei de ouro se ele me servir bem – interrompeu Ericso.

Gorgo beijou a ponta do vestido de Ericso e continuou

radiante:

- Ele me disse que tem, ao que tudo indica, aquilo de que precisamos. Ele conhece um jovem cristão, chamado Damás, que tomou aversão pela nova crença, mas que ele não ousa revelar, pois todos os correligionários parecem estar enlouquecidos. Damás gosta de viver bem. Por uma simples bobagem, por uma pequena intriga de amor com uma dançarina do circo, os cristãos levantaram um barulho infernal e impuseram-lhe um vexatório desagravo público. Ele não consegue esquecer-se disso e disse ao meu amigo que só espera por uma oportunidade para vingar-se e denunciar todos aqueles que o humilharam. Foi justamente a esse jovem que Ingo deu a tarefa de encontrar a patrícia e vigiar o nobre Rameri. E

isso será fácil, pois ninguém desconfia dele. Daqui a alguns dias, eu lhe relatarei o que foi feito sobre o caso.

Oito dias depois, Ericso soube que Valéria, juntamente com Lélia, se encontrava escondida numa casa nos arredores da cidade e que pertencia a um vendedor de frutas, chamado Rustik,o qual era, ao mesmo tempo, o diácono da comunidade. Lá, numa gruta improvisada, funcionava também uma igreja, onde os fiéis se encontravam duas vezes por mês. Damás comunicou também que Rameri se introduziu na comunidade e estudava ardorososamente : a nova doutrina.

Do segundo relatório, a jovem soube do batismo de Valéria e que Rameri era muito respeitado por sua aplicação. O escultor já havia comparecido ao ofício divino na casa de Rustik, mas não se encontrou com Valéria, pois que, primeiramente, as mulheres rezavam separadas dos homens, e, segundo, a patrícia era guardada com maior rigor, e ela mesma evitava qualquer encontro com estranhos.

Apesar de tudo isso, Ericso estava preocupada. Se Rameri já havia conseguido este resultado, um simples acaso poderia a qualquer momento fazê-los se encontrar, e, então, todo o plano iria por água abaixo. Era necessário tirar Rameri do caminho e, assim que ele não estivesse mais lá, denunciar ao prefeito o segredo da casa de Rustik. O resto iria se resolver rapidamente, pois as perseguições se aguçavam em conseqüência da inutilidade dos

esforços de vencer a teimosa seita, que as autoridades julgavam ser prejudicial e perigosa para o Estado. Os julgamentos eram sumários. Os cristãos, presos e com culpa comprovada, eram julgados e executados imediatamente.

Entretanto, afastar Rameri não era fácil. Voluntariamente ele não iria sair, ao sentir-se tão perto de seu objetivo; usar de força e prendê-lo não fazia sentido em face de seu acordo com Gall.

Entretanto, depois de uma noite de insônia, Ericso arquitetou um ardil que tinha chance de dar certo.

Graças a generosas recompensas distribuídas pela jovem a Gorgo, Ingo, e até, por intermédio destes, a Damás, os esforços dos cúmplices de Ericso alcançaram o seu apogeu. Assim, quando ela quis encontrar-se pessoalmente com o cristão desistente, isso lhe foi arrumado e com tantas precauções que ninguém desconfiou de nada.

Nesse encontro, com a ajuda de Damás, conhecedor de tradições e da fraseologia dos cristãos, foi composta a seguinte carta a Rameri, como se escrita por Valéria:

“Meu amado irmão em Jesus Cristo! Eu soube de Rustik sobre o milagre de sua conversão e não encontro palavras para que encheu a minha alma. Na Terra nós somos irmãos pela fé e nossas almas poderão ascender juntas às esferas celestiais. Eu tinha a intenção de encontrá-lo nos próximos dias – prometeram-me isso –, mas, ontem à noite, um de nossos irmãos avisou-nos do perigo

inevitável que ameaça a nossa comunidade. O bispo ordenou que nós nos espalhassemos. Sobretudo, ele não quer submeter às provações os recém-convertidos, enquanto eles não se fortificarem o bastante para a grandiosa luta. Eu me encontro no meio daqueles que irão abandonar Alexandria. Estou sendo mandada para Tebas. Lá, em túmulos antigos e montanhas, vivem os irmãos que levam a vida retirada que nós buscamos. Não sei se você também será afastado. Mas eu gostaria de vê-lo em Tebas, onde chegarei expressar a felicidade provavelmente em dez dias, , e ser a primeira a felicitá-lo pelo recebimento do batismo,

O irmão Damás The entregará estas tábulas c o endereço do irmão que vive em Tebas. Ele lhe dará também outras instruções recebidas do mensageiro do bispo.

Sua irma em Jesus Cristo, Valéria".

No dia seguinte, esta mensagem caiu, através de Damás, nas mãos de Rameri. O jovem, feliz com este rápido resultado, não suspeitou nem por um minuto da autenticidade da carta e rapidamente comunicou a Gall o seu conteúdo.

Ficou decidido que Rameri viajaria no dia seguinte. Gall lhe providenciou uma ordem para todas as autoridades romanas da provincia, prescrevendo-lhes prestar, se necessário, todo e qualquer auxílio para levar Valéria .

Desde o dia de sua explicação, Ericso tratava Rameri com uma indiferença que beirava ódio, enquanto que Gall praticamente

enlouquecia com as suas afabilidades. Não obstante, ela vigiava sorrateiramente Rameri, rindo maledicente de sua alegria e esperanças. Quando ela viu que ele partiu sem a menor suspeita da cilada a ele preparada, uma sensação de cruel satisfação encheu aa alma da jovem.

Dois dias depois da partida do escultor, Ingo compareceu ao prefeito e indicou-lhe a casa de Rustik como um de local de reunião dos cristãos. Naquela noite seria realizada ali uma missa e assim poderiam ser presos os membros mais influentes da comunidade.

À noite, quando na gruta fracamente iluminada por uma lâmpada o velho sacerdote realizava o ofício divino, um destacamento de soldados cercou a casa. O centurião, liderando um outro destacamento, invadiu a pequena igreja e prendeu cerca de vinte homens e mulheres que rezavam de joelhos. Entre os presos, levados à Alexandria e provisoriamente colocados no calabouço junto à prefeitura, encontravam-se também Lélia e Valéria.

De manhã, todos os presos compareceram diante do prefeito. Ao reconhecer entre eles a esposa do legado, o prefeito bradou, com expressão de pena e censura:

- É você, nobre patrícia? É você a pessoa que trouxeram daquele antro vergonhoso em cumplicidade com ladrões, criminosos e outras pessoas de baixa origem? Reconsidere! Não atraia a desonra sobre a casa de seu esposo, que será imediatamente avisado de sua prisão.

- Agradeço-lhe por suas boas intenções! – disse Valéria. – Mas cumpra com o seu dever! Minhas convicções cristãs são inabaláveis e eu estou disposta a morrer por elas.

O prefeito não insistiu ee mandou chamar imediatamente Gall. Estupefato, Gall, que achava que ela se encontrava fora de qualquer perigo, compareceu rapidamente à prefeitura.

Atendendo ao seu pedido, foi-lhe arrumado um encontro com Valéria. A visão de Valéria, pálida, emagrecida, com expressão doentia no rosto, impressionou tão profundamente o legado, que lágrimas jorraram de seus olhos.

- Perdoe-me, Gall, por eu ter lhe dado tantos aborrecimentos, mas a salvação da alma é mais importante que outras coisas sussurrou ela em tom emocionado.

O legado tentou demovê-la, expondo-lhe quanta desonra e desgraça ela traria, com a sua morte vergonhosa, sobre ele e seu pai, cuja vinda era esperada naqueles minutos.

- Você sabe o quanto Valério odeia os cristãos; por causa deles perdeu a sua esposa amada. Sua conversão acabará por matá-lo. Será que você perdeu qualquer sentimento de amor filial e de amizade – ainda que não me ame – e sua dignidade de mulher, para ficar surda aos nossos pedidos, à voz da razão e ao instinto da

vergonha, ao se lançar irrefletidamente à sua pória morte? – concluiu Gall em desespero.

- É inútil tentar convencer-me, pois eu não pertenço mais a este mundo de preconceitos, ignorância e ambição. Aquilo que você vê como uma vergonha, eu considero uma glória imorredoura. O martírio é uma porta para o Céu e eu não trairei, por uma falsa vergonha, o meu Deus – respondeu calmamente Valéria.

Inclinando-se rapidamente sobre ela, Gall sussurrou:

- Rameri viajou pensando que você está em Tebas os outros cristãos. Ele tem a esperança de salvá-la e dar-lhe toda a felicidade ao se tornar o seu marido. Eu concordei com o divórcio e cedo-a a ele. Eu lhe darei um verdadeiro patrimônio e a ajudarei a fugir sem punição. Viva e seja feliz com a pessoa amada. Apenas me poupe da desonra da execução pelas mãos do carrasco.

Um rubor brilhante cobriu a face lívida de Valéria. Cambaleante, ela se recostou à parede e fechou os olhos, mas esta fraqueza foi passageira.

A jovem aprumou-se e balançou a cabeça.

- Não! Eu rejeito o amor terreno e quero pertencer somente a Cristo. Se Rameri me ama, eu pedirei a Deus que lhe ilumine a alma com a luz da fé verdadeira para que as nossas almas possam se unir nas bem-aventuradas moradas celestiais.

O rosto de Valéria emanava tal energia e êxtase que Gall compreendeu que todas as dissuasões e súplicas seriam inúteis. Desolado, ele virou-se e saiu do recinto.

Uma última esperança vaga fez com que fosse até o procônsul. Este estava desesperado e possesso.

- Nada posso fazer, Gall! Eu não tenho a audácia de salvar sua esposa, visto sua prisão ter ocorrido tão publicamente – lamentou ele, caminhando pelo quarto. – Ela deve morrer. Mas para livrá-lo da vergonha da execução no fórum, eu ordenarei que hoje à noite ela seja levada para sua casa, onde será asfixiada em seu próprio caldário, o que lhe dará a oportunidade de enterrá-la honradamente. É claro que tudo será esquecido se ela voltar ao juízo, mesmo que seja no último minuto.

Gall voltou para casa fora de si. Uma terrível tempestade desencadeava-se em seu ser. Ele entendia os sentimentos do questor e sua decisão de executar Valéria. Ao dar as devidas ordens, o legado trancou-se no quarto. Nesta hora ele era incapaz de ver até Ericso.

Quando a noite desceu sobre Alexandria, o tilintar das armas no pátio anunciou a chegada do cortejo lúgubre.

Os tristes e calados empregados, clientes e escravos apinhavam-se nos pórticos e galerias. Os olhares de todos se dirigiam penalizados e horrorizados para a bela jovem prisioneira

que voltava à casa do esposo para morrer. Valéria estava calma. A ela se apertava Lélia, pálida mas sorridente. Cedendo aos pedidos e lágrimas da esposa, o procônsul permitiu que Lélia compartilhasse da morte de sua amiga.

Avisado sobre a chegada do centurião com as prisioneiras, inconsolado e branco como um cadáver, Gall saiu ao atrium em companhia de Filatos e mais alguns clientes. Ele se aproximou do oficial para terminar com as últimas formalidades, quando, de repente, seu olhar deteve-se em Lélia. Ao ver aquela que ele havia aceitado em sua casa como uma filha e que ele considerava como culpada de toda a desgraça que se abalara sobre ele, uma fúria descontrolada apoderou se do legado.

- Desprezível serpente! Você retribuiu a minha boa vontade e a hospitalidade com a mais ignóbil das traições – gritou ele em voz rouca. – Morra, então, criatura desprezível!

E antes que alguém pudesse compreender suas intenções, o legado tirou detrás do cinto de um dos soldados uma faca comprida e enterrou-a até o cabo no peito de Lélia.

Filatos e o centurião correram para junto de Gall e arrastaram-no para longe, temendo que ele sofresse um ataque apoplético, pois seu rosto ficou azulado e os olhos injetados de sangue saltavam das órbitas.

Lélia não soltou nem um gemido ao cair sobre o piso de pedra. Valéria, aos gritos de pavor, jogou-se para trás, mas ao ver

que Lélia fez um movimento, abaixou-se de joelhos e ergueu a moribunda, tentando-lhe dar uma posição mais confortável. O sangue jorrava do ferimento aos borbotões, cobrindo as mãos e o vestido da patrícia.

- Estou morrendo... Até breve... sussurrou Lélia abrindo os olhos. Subitamente, a jovem endireitou-se com força e seu rosto lívido iluminou-se de alegria inumana.

- Eles vêm me buscar. Oh, quanta luz, calor e harmonia celestial!

Um tremor percorreu o corpo da jovem, sua cabeça pendeu impotente. Lélia estava morta.

Valéria, paralisada, continuava a segurar o cadáver sem tirar os olhos do rosto de Lélia. De repente pareceu-lhe que o sangue que ainda saía da ferida e que lhe umedecia as mãos mudou de coloração e, de vermelho, tornou-se transparente, branco, prateado; ao mesmo tempo, do corpo subiu uma nuvem fulgurante que começou a tomar rapidamente o aspecto da jovem falecida. A figura transparente estava envolta em feixes de raios ofuscantes. Toda a atmosfera parecia soar numa poderosa e agradável harmonia. Um estranho e sufocante aroma tolhia-lhe a respiração. A cabeça girou e ela tombou sem sentidos no piso de pedras.

Quando Valéria voltou a si, estava deitada no leito no interior do caldário. O ar estava pesado mas não sufocante. Valéria sentou-se e com o olhar cansado examinou o ambiente que lhe era bem

familiar. Ali estava a penteadeira de mármore, como sempre abarrotada de essências, óleos aromáticos e per fumes. A lâmpada suspensa iluminava fracamente as esculturas e adornos em mosaico. De súbito, ela divisou aos pés do leito uma mesinha, sobre a qual havia uma taça de vinho, doces, frutas e uma ave fria.

Valéria estava terrivelmente exausta. Desde o dia anterior ela não havia comido nada e a visão da comida despertou-lhe o apetite.

- Preciso comer um pouco para ficar forte e ficar em condições de rezar no momento difícil que se aproxima – sussurrou ela levantando-se.

Junto à taça ela encontrou uma tábula, na qual, com a letra de Gall, estava escrito: “Se você tomar juízo e desistir da insana e inútil morte, para viver com Rameri, toque o sino que está pendurado junto da porta e você estará salva”.

A jovem, indiferente, correu com os olhos as linhas escritas. Sua decisão de morrer era inabalável. Colocando as tábulas sobre a mesa, bebeu alguns goles de vinho e comeu um pedaço de pão e algumas uvas.

Em seguida, Valéria penteou os cabelos maravilhosos, vestiu uma túnica limpa, que lhe preparara a fiel empregada que aguardava temerosa, no quarto vizinho, o chamado de sua senhora, e vertia lágrimas amargas.

Mas Valéria não tinha intenção de chamar quem quer que fosse. Terminada a toalete, ela se preparava para rezar quando se ouviram três batidas surdas. O sinal parecia vir detrás de uma cortina abaixada de couro. A jovem levantou a cortina e viu atrás dela uma porta baixa, que antes havia observado. Para sua extrema surpresa, a porta não estava fechada e levava para um corredor estreito, no fundo do qual havia uma janela com grade de ferro e que saía para uma travessa deserta. As batidas vinham justamente daquela janela. Valéria aproximou-se rapidamente ee viu o seu velho conhecido sacerdote.

- Eu vim abençoá-la, e trouxe-lhe um alimento celestial para a sua última viagem terrena - disse o ancião, passando-lhe através da grade um lenço, ricamente bordado a ouro e pérolas. A jovem, tremendo de felicidade, abaixou-se de joelhos e recebeu piedosamente a Sagrada Comunhão.

- Agradeço-lhe, padre Calixto, pela suprema alegria e apoio celeste. Unindo-me assim com o Senhor, a terra nada mais tem para me dar – disse Valéria devolvendo o lenço.

- Saiba, minha querida filha, que todos nós nos reunimos e vamos orar por você nestes duros momentos. Estou indo também junto aos nossos irmãos. Não se preocupe quanto ao corpo de Lélia: os escravos entregaram-no a nós e ele será enterrado ao modo cristão.

- Agradeça aos irmãos e às irmãs pela sua lealdade e orações que me darão forças para merecer a coroa de martírio.

Eles se apertaram as mãos pela última vez. Valéria voltou para o caldário e fechou cuidadosamente a porta atrás de si. Pelo visto, entre os escravos havia um cristão que havia destrancado a porta; era preciso que ele não fosse responsabilizado.

Tirando um crucifixo de madeira escondido no peito, a jovem pôs-se de joelhos e mergulhou numa prece fervorosa.

Aos poucos o ar em sua volta começava ficar quente e mais pesado. Em seguida, surgiu um vapor branco e feito um véu encobriu todos os objetos. Valéria, que se entregou ao êxtase e no início não percebeu o que ocorria ao seu redor, começou a ficar tonta e asfixiada.

Sem condições de respirar, ela, não obstante, prosseguia na oração, pedindo pela ajuda celeste. De repente sentiu uma terrível dor. O seu cérebro parecia comprimir-se, o crânio estava prestes a explodir e ela respirava com a verdadeira chama. Tudo em sua volta mergulhou na escuridão e como último lampejo de consciência em sua mente sofrida projetou-se o pensamento:

- Jesus Cristo! Meus mentores! Será que vocês me abandonaram?

Neste instante, um luminoso e frio sopro, saturado por um maravilhoso aroma de lírios e rosas, bafejou-lhe o rosto e aliviou o

peito sufocante. Valéria sentiu um imenso alívio; ao mesmo tempo a escuridão dissipou-se e abriu aos seus olhos surpresos uma alegre paisagem. Diante dela estendia-se um verdejante oásis. Gigantescas árvores de densa folhagem formavam um grupo num prado verde-esmeralda, salpicado de flores e cortado por um riacho de água cristalina.

No fundo daquela paisagem destacava-se uma escada aérea; seus dourados degraus luminosos perdiam-se no infinito, desaparecendo em uma névoa clara. Por aqueles degraus, que parecia não terem fim, subiam homens, mulheres e crianças de todas as idades. Todos eram vestidos em túnicas menos ou mais alvas, tinham nas cabeças coroas de lírios e seguravam nas mãos lâmpadas que emitiam chamas ofuscantes. Seu magnífico canto perecia preencher o espaço com poderosas vibrações.

- Valéria! – pronunciou uma voz harmônica, e diante dela surgiram três figuras.

Eram a sua mãe, Lélia e o noivo da última, Anastácio. Eles fitavam a jovem com alegria e amor.

- O que tudo isso significa? Onde estou? Que escada é aquela e para onde ela leva? – gritou Valéria.

- É o caminho de ascensão ao infinito – responderam-lhe sorrindo os amigos.

- Tanto você como nós, todos ainda nos encontramos aos pés desta gigantesca escada composta de luz e vibração. Os degraus aéreos só suportam os corpos leves, libertos da grosseira matéria e paixões vis. Você está ouvindo agora a música das esferas e inspira o aroma do espaço depurado. Discórdias e desarmonias que dilaceram a terra - são coisas de homens, fruto e resultado das emanações impuras de suas almas imperfeitas. Siga-nos e não lamente a terra, com as suas alegrias efêmeras e prazeres passageiros!

- Eu não lamento nem um pouco sobre isso! Anseio ascender-me à luz que arde no infinito – disse Valéria.

Ela quis lançar-se para frente, mas parecia-lhe que estava segura à terra por armadura de bronze escaldante. Uma dor insuportável dilacerava-lhe o corpo.

- Deus misericordioso! Rompa as correntes que me prendem à terra! Deixe-me ascender até Você! – murmurou ela num ímpeto de fé e amor.

Neste instante um tremor percorreu-lhe todo o ser. Achou-se numa espécie de mar igneo, onde era sacudida como por rajadas de tempestade. Em seguida, uma massa pesada feito uma montanha desprendeu-se dela, e ela, leve como algodão, envolta em vestes aéreas fulgentes, alçou-se como uma flecha ao espaço repleto de luz ofuscante. Ensurdecida, ofuscada e trêmula, perdeu por alguns instantes a consciência; voltando a si, a venda já havia caído de

seus olhos. Ela viu os amigos do espaço, que a cercaram, e sentia o efeito benéfico de fluidos tépidos que emanavam deles. Na mão ela segurava uma lâmpada que deveria iluminar-lhe o caminho, e aos seus lábios foi trazida uma taça com a essência do lar da luz eterna. Tomou-a, deliciando-se, e sentiu todo o seu ser encher-se de uma nova energia e de um desejo incontrolável de conhecimento. Então, na cascata da luz ofuscante, ela viu seu Deus – Aquele Deus, ao Qual venerava com fé inabalável e pelo Qual sacrificou o seu corpo putrescível.

Sentiu uma felicidade tão indescritível e um ímpeto de tanto amor que lhe pareceu fácil dar a volta em todo o infinito universo. Então ela disse surpresa:

- O que significa toda esta força que está dentro de mim?

Das profundezas do espaço, uma voz poderosa e harmônica respondeu:

- Isto é o resultado da vitória de sua vontade que triunfou sobre a matéria. Você agora tem a chave dos mistérios. Assim, siga para frente pela vereda do conhecimento e trabalhe para a completa bem-aventurança e saber.

Valéria sentiu como lhe cresciam as asas e a alma se enchia de extraordinária tranquilidade. Não obstante, lembrou-se da terra e de todos que ela havia deixado. Então viu o caldário, cheio de vapor azulado, e um corpo humano deitado nas placas úmidas. Ela olhou para o cadáver com total indiferença. Uma luz azulada

iluminava aquele resto humano, uma chama vagava sobre ele e alguns espíritos claros cercavam-no, proclamando alegremente a libertação da mártir.

Arrebatada por seus amigos, Valéria ascendeu ao éter transparente – e todos desapareceram no mar de luz ofuscante.

Valéria já havia falecido quando se abriu uma pequena porta que levava ao corredor e, na soleira, apareceu Amenhotep com um pequeno vaso nas mãos. O conteúdo do vaso ele despejou no caldário. O vapor imediatamente desapareceu, como se por desejo de uma vara de condão, e o ar ficou puro. No mesmo instante, o olhar não ofuscado do mago divisou os espíritos do espaço que velavam o corpo. Ele ouviu o canto das esferas e prostrou-se numa profunda oração.

O barulho dos passos, as vozes altas e o tilintar das armas fizeram interromper a sua prece. Levantando-se, ele se escondeu atrás da cortina de couro.

Passou algum tempo. De fora foram abertos os ventiladores, através dos quais, aos silvos, se soltou o ar pesado e denso. A grande porta do caldário abriu-se rangendo e na soleira apareceu Gall em companhia do questor, Lúcio Valério, e do centurião. Atrás deles comprimiam-se soldados e escravos.

O infeliz pai parecia ter envelhecido ainda mais. Seu rosto terroso era salpicado de manchas vermelhas e desfigurado pela expressão indescritível de desespero e ira.

Lúcio Valério havia chegado fazia apenas duas horas. Quando ele soube que justamente naquele momento morria a sua única filha, e de morte tão terrível, sentenciada pela crença que tudo lhe subtraiu e a ele tão odiosa, teve um desmaio próximo à morte.

Ao ver o corpo exânime de Valéria, ele cambaleou e um gemido rouco soltou-se-lhe do peito. Gall cobriu o rosto. Maseis que o questor teve um acesso de fúria incontrolável.

- Cadela cristã! Seja amaldiçoada nesta vida e no reino das sombras! – gritou ele, empurrando com o pé o corpo imóvel da filha.

Sem dúvida ele teria batido mais uma vez furiosamente na jovem falecida, se não fosse seguro pelo centurião.

- Volte a si, nobre Lúcio Valério! A loucura que acabou com a sua filha é uma desgraça não uma desonra para você – virando-se para Gall, ele acrescentou:

- Quais serão as suas ordens, legado, quanto ao corpo? Você me autoriza pegá-lo e proceder como manda a lei?

O questor saltou feito galvanizado e, agarrando o genro pela mão, bramiu, tremendo com todo o corpo:

- Gall! Você vai permitir largá-lo?

O jovem balançou tristemente a cabeça.

- O corpo da condenada pode deixar aqui, centurião. A lei foi cumprida, e, quanto ao enterro, eu mesmo cuidarei disso.

Quando o centurião se retirou com os soldados, Gall dirigiu-se a seu administrador.

- Mande preparar uma fogueira no terceiro pátio! Que tudo fique pronto até a noite! - ordenou ele e saiu, amparando o questor que cambaleava como um bêbado.

Quando a porta do caldário se fechou, Amenhotep saiu de seu esconderijo e, aproximando-se da falecida, olhou demoradamente para ela. Branca e delicada, ela lembrava em sua graciosa pose um lírio quebrado pelo vento. Nos lábios semi-abertos, parecia ter-se congelado um sorriso extasiado. Um suspiro profundo soltou-se do peito do mago. Ele tirou detrás do cinto uma faca com uma lâmina fina e afiada e, de um golpe, decepou a mão do corpo. Depois, ele pegou de cima da penteadeira um frasco, despejou o perfume dele e o encheu de sangue.

Terminado isso, embrulhou ambas as coisas num lenço de linho e saiu pela porta que dava para os aposentos da falecida. Os quartos estavam vazios e só de longe se ouvia o pranto e os lamentos das empregadas. Sobre a mesa de trabalho de Valéria estava a esfinge com que Rameri a havia presenteado. O mago pegou-a e escondeu, em sua base, a mão e o frasco. Em seguida, encobrindo a esfinge sob a capa, ele abandonou a casa atravessando o jardim, sem ser visto por ninguém.

Desde o momento em que a prisão de Valéria fez mergulhar a casa de Gall em luto e tristeza, Ericso sentia-se cada vez pior. Ela

tentara tanto alcançar os seus objetivos e agora que a obra de suas mãos se realizava o remorso e o pavor comprimiam-lhe o coração.

A frustração que se espreita no fundo de qualquer impeto da paixão humana apossou-se dela, envenenando a alegria do triunfo e a satisfação de ver eliminada sua rival.

A jovem fora testemunha do assassínio de Lélia e do desmaio que fulminou o questor. Enquanto Valéria morria no caldário, ela, tremendo todo o corpo, fechou-se em seu quarto. Sua imaginação excitada fez com que vivesse com clareza mórbida os momentos do sofrimento. Em vez da satisfação esperada, Ericso passou horas angustiantes, até que o cansaço a dominou e a fez cair num pesado e inquieto sono.

O dia passou num silêncio lúgubre. A desgraça e a vergonha do senhorio oprimiam toda a casa. Ericso não viu ninguém, mas de Gorgo ela soube que haveria o enterro de Valéria e que a fogueira já estava pronta. Ela teve uma vontade repentina de presenciar o último ato da tragédia, do qual era praticamente a autora principal.

Com um misto de aversão e de grande curiosidade, Ericso foi até a galeria, de onde se poderia avistar o terceiro pátio, no qual se erguia uma fogucira de madeira resinosa,

O amplo pátio ainda estava vazio; apenas alguns escravos realizavam os últimos preparativos, comentando a inesperada mutilação da morta. A opinião geral era de que algum maldito

cristão conseguira penetrar no caldário para levar mão da vítima, o que, sem dúvida alguma, serviria para uma nova feitiçaria.

Todos, sem exceção, tinham pena da patrícia, visto que ela fazia somente bem a todos.

Elogios desinteressados e lágrimas sinceras, vertidas em memória de Valéria, encheram o coração de Ericso com a sensação de vergonha e ciúme.

Esquecerá Rameri aquela cristã? Sua morte trágica não a fará ainda mais querida para Rameri? Se algum dia cle souber que participação ela teve neste drama sombrio, não a odiará por isso?

Com este pensamento, fúria e ódio novamente ferveram em sua alma e ela com olhos secos olhava para a liteira em que estavam trazendo o corpo de Valéria. No momento em que ela era colocada sobre a fogueira chegaram Gall, o questor, Filatos e mais alguns clientes antigos. Todos estavam pálidos, soturnos e desconsolados.

Logo a fogueira ardia por todos lados. Lúcio Valério observava com olhar triste, cheio de desespero, o mar de fogo que devorava a sua filha. Um tremor nervoso sacudiu-o quando pela última vez apareceu o delicado rosto de Valéria, iluminado pela chama numa auréola púrpura. Subitamente ele empalideceu mortalmente e recuou; suas pupilas dilataram-se e cle estendeu os braços para a frente. Sob a fogueira e entre as espirais negras de fumaça, ele avistou uma figura esvoaçante de mulher numa túnica ofuscante. O vulto segurava na mão um ramo de palmeira,

enquantos seus olhos fulgurantes olhavam com suave censura para o questor.

- Fábia! - gritou Valério cm voz rouca.

Depois de dar alguns passos cambaleantes, caiu como se fulminado por um raio. Quando o ergueram para o levarem à casa e lhe prestarem o necessário auxílio, faltava só constar a sua morte por apoplexia.

Ericso deixou a galeria, trêmula e nervosa. Começou a assustá-la a permanência na casa, onde, pelo pagamento da hospitalidade, ela semeou morte e desonra. Ao voltar para o quarto, Gorgo lhe entregou umas tábulas trazidas por um servo desconhecido. Ericso abriu-as e um raio de alegria fulgiu em seus olhos, quando ela leu as seguintes linhas:

"Se lhe é difícil sua permanência na casa de Gall, volte para mim. Rameri também, sem dúvida, virá para cá.

Asgarta"

Ericso escondeu no peito as tábulas, ordenou que Gorgo lhe trouxesse uma capa e um véu escuros e anunciou que iria sair a negócios, mas que logo voltaria. Através de um caminho tortuoso, pelas vielas desérticas, ela chegou até o palácio de Asgarta e foi imediatamente levada ao mago. Amenhotep recebeu-a com benevolência altiva.

- Bem-vinda ao meu lar! – disse ele, acariciando as madeixas louras de Ericso, quando esta se ajoelhou e lhe beijou a mão.

- Oh, mestre! Se você soubesse o que fiz e como se cumpriram rápido as suas palavras – murmurou, em meio a lágrimas, a jovem.

- Eu sei! Você agiu impelida por sentimentos impuros ee o mal se vingou em você mesma – respondeu o mago, fitando com olhar flamejante os olhos azuis de Ericso, anuviados por lágrimas.

- Mestre! Será que Rameri jamais me amará?

- O futuro dirá, mas a melhor parte de seu coração, como eu já lhe disse, pertence a Valéria. Foi você que o mandou a Tebas?

- Sim, mestre!

- Eu lhe mandarei um mensageiro e indicarei o local onde se juntará a nós daqui a algum tempo. E agora vá descansar: você precisa disso!

Ao ficar sozinho, o sábio apoiou os cotovelos e começou a pensar. Em seguida ele foi ao quarto vizinho. Lá, sobre uma pequena mesa estavam a esfinge e o recipiente de vidro, no fundo do qual, num líquido incolor, jazia a mão de Valéria, um pedaço de pano branco e instrumentos.

Amenhotep começou por desenhar no pano um complexo mapa, acompanhado de explicações. Retirando em seguida a mão,

que tinha um aspecto totalmente vivo, ele colocou no pulso uma espécie de bracelete que encobriu o local do corte. Embrulhando a mão no mapa desenhado, ele pôs o embrulho junto com o frasco de sangue no escoderijo da esfinge. Em sua base, fez uma breve inscrição. Após refletir um pouco, escreveu na tábula a história resumida dos últimos acontecimentos e da morte da patrícia, convidando Rameri a se juntar a ele dentro de oito meses no local conhecido, que ele indicava, e onde ele também encontraria Ericso.

Após embrulhar a esfinge e colocá-la numa caixa, ele a lacrou com o seu selo. Chamando por um servo, entregou-lhe o pacote com a tábula, ordenando que fosse para Tebas.

Rameri chegou bem ao seu destino e foi recebido paternalmente pelo cristão ao qual fora enviado, ainda que o último não tivesse recebido qualquer mensagem do bispo.

O cristão que recepcionara Rameri julgou que o mensageiro tivesse sido detido ou preso. Temendo pelo escultor, ele o instalou numa das antigas câmaras mortuárias já habitada por um anacoreta cristão. O jovem não protestou, receando levantar suspeitas; mas quando passaram dez, doze dias, c Valéria não vinha, uma inquietação apoderou-se dele. Ele já estava pronto para viajar para Alexandria quando chegou o mensageiro de Amenhotep.

A notícia sobre a terrível morte da mulher amada e a visão dos restos daquela criatura pura e maravilhosa abalaram Rameri de tal forma que ele adoeceu seriamente. Salvo pelos cuidados do

bondoso ermitão, ele começou a se recuperar lentamente. Ao ficar totalmente restabelecido, familiarizou-se com as instruções de Amenhotep e decidiu se inteirar melhor de seus aspectos.

Até o dia do retorno do mago, que lhe escreveu dizendo que iria à Índia, Rameri resolveu passar no refúgio do ermitão de quem ficou muito amigo. O jovem se sentia quebrado de corpo e alma. Causava-lhe repugnância o barulho de Alexandria e as continuas perseguições sanguinárias aos cristãos. Além disso, ele soube, por um cristão que viera da capital, que Gall estava seriamente doente em conseqüência do estranho desaparecimento de Ericso e, enojado do Egito, voltara a Roma.

Rameri sentia-se terrívelmente sozinho. O silêncio e o retiro no local desértico agiam beneficamente sobre ele; as conversas com o anacoreta, cuja mocidade fora cheia de emoções, interessavam-no sobremaneira.

Foi nesse tempo que ele arrumou um esconderijo onde escondeu a esfinge – seu tesouro mais valioso.

Uns dois meses antes do prazo estabelecido por Amenhotep, o ermitão morreu e Rameri ficou sozinho morando na velha câmara mortuária que lhe servia de abrigo.

Ele não suspeitava que a visão de algumas moedas de ouro pudesse despertar a cobiça de um homem que se intitulara cristão e que uma vez por semana trazia provisões ao ermitão. Continuava a cumprir suas obrigações também com Rameri, que seguia um

regime alimentar menos rigoroso. Movido por ambição, o homem julgou que em dois sacos de couro, trazidos por Rameri, poderia haver valores e decidiu matar o escultor para se apossar deles.

Certa vez, ele levou as provisões, não de manhã, como fazia costumeiramente, mas à noite, alegando que iria pernoitar na gruta. Rameri concordou sem desconfiar de nada. Quando o jovem adormeceu profundamente, o desprezível ser matou-o. Nos sacos ele não achou nada além de ouro e de um documento que instruía as autoridades romanas para que fosse prestada toda a ajuda ao portador do mesmo.

O assassino assustou-se achando que tivesse matado um importante funcionário que ali vivia por algum motivo misterioso. Temendo as conseqüências, ele decidiu abandonar o país junto com os despojos, espalhando previamente um alarme na colônia dos cristãos para excluir a possibilidade de busca à Rameri. O cadáver, ele resolveu jogar no fosso mortuário. Quando entrou no recinto escuro onde jazia a sua vítima, viu apavorado que as paredes emitiam uma luz fosforescente, fugindo a seguir.

Sem ousar entrar naquele local pela segunda vez, para esconder o cadáver, fechou aquela entrada tão bem que uma pessoa não iniciada neste segredo jamais desconfiaria da existência de um segundo ambiente.

Morta de cansaço, Ericso adormeceu sem nada suspeitar no quarto do palácio de Asgarta, para onde foi levada por uma das empregadas. Quanto tempo havia ela dormido, nem ela poderia dizer, mas, quando acordou, estava deitada num sofá baixo, numa ampla sala subterrânea com colunas verdes.

Levantando-se, curiosa começou a examinar o ambiente. Ao lado havia mais um quarto semicircular, menor, com móveis de sândalo e cortinados vermelhos. Junto à mesa com frutas, vinho e doces, havia uma poltrona.

Ela estava faminta e comeu de tudo. Saindo a seguir para um terraço que dava para um imenso jardim, percorreu-o em todas as direções.

Após o almoço ela foi chamada junto a Amenhotep. O mago anunciou-lhe que um assunto inadiável prendia-o em casa por algumas semanas, mas que depois eles iriam se encontrar com Rameri em outro local. A jovem submeteu-se. Vivia cercada por um luxo imperial e Amenhotep era muito bondoso com ela. Ele a ensinava, tentando elevar até si o intelecto pouco desenvolvido da jovem. Às vezes ela dançava, à luz do luar, no prado que se estendia em frente do terraço, enquanto o sábio, recostando-se na coluna e cruzando os braços no peito, observava-a com olhar profundo e severo.

Mas logo Ericso se enfastiou desta vida retirada e monótona que se tornou insuportável. As diversões causavam-lhe aversão e

ela lamentava ter perdido aquela vida ativa, cheia de divertimentos, que levava em Alexandria. Rameri não chegava e Amenhotep, que parecia muito ocupado, ela via cada vez mais raramente. Por fim, a criatura impetuosa foi tomada por verdadeiro desespero. Assim, certo dia irrompeu no gabinete do sábio e o cobriu de censuras, dizendo que ele a havia enganado ao prometer a vinda de Rameri e a atraiu àquela nojenta casa onde o fastio a estava matando. A cena terminou com rios de lágrimas, em parte motivadas pelo medo de seu comportamento. Amenhotep, entretanto, não revelou nenhuma zanga e ouviu com atenção as suas recriminações. Quando a questão chegou até as lágrimas, ele preparou uma poção ee oferecendo a taça a Ericso, que continuava em prantos, disse-lhe:

- Amanhã eu a deixo ver Rameri.

Ericso levantou-se sorrindo entre as lágrimas e beijou reconhecida a mão do sábio. Ao voltar ao quarto, adormeceu imediatamente. Quando despertou, ela achava-se na sala subterrânea, iluminada por uma suave luz azulada. Ao lado de uma mesa de pedra, amontoada por rolos de papiro, estava sentado Amenhotep.

- Onde está Rameri? – foi a primeira pergunta da jovem.

- Você irá vê-lo – respondeu o sábio, acendendo carvão dentro da trípode e lançando nele um punhado de pó branco. – Deite-se no leito e espere – acrescentou Amenhotep, dando-lhe

meia colher de uma massa esverdeada grudenta, de gosto pouco agradável.

Ericso engoliu-a obedientemente, pois a esperança de ver Rameri fez com que se esquecesse de tudo.

Com coração palpitante ela aguardava, olhando para a densa fumaça que enchia a sala com aroma acre e asfixiante. Sua cabeça tonteou. Subitamente a fumaça se dissipou e ela se viu na sala das esfinges, na casa de Gall. O próprio legado, Valéria viva e Rameri – todos estavam lá reunidos, conversando animadamente. O escultor expressava-lhe abertamente o seu amor. Abraçando-a pela cintura, ele passeava com ela pelas alamedas sombreadas. Ela sentia em seus lábios os beijos ardentes de Rameri, ouvia suas palavras de amor e sabia que a união deles estava próxima.

Chegou o dia do casamento. Valéria, sem qualquer ciúme, vestia-a para a cerimônia, que em seguida foi realizada. Mas no momento em que ela entrava com Rameri no quarto nupcial, tudo desapareceu e ela viu-se, de novo, na sala subterrânea. Apesar disso a visão era tão viva que a jovem praticamente ficou convencida de sua realidade.

Quando esta ilusão se dissipava ao contato com a triste realidade, o mago novamente restabelecia-a e acalmava Ericso por um tempo determinado, mas fazia-o cada vez mais raramente, pois os estudos científicos absorviam-no a tal ponto que ele se esquecia do resto, inclusive de Ericso.

Esse intervalo estendeu-se por um longo tempo e certo dia Ericso, furiosa e levada até o desespero, começou a andar agitada pelo seu calabouço, tentando saber o que estava ocorrendo e procurando formas de fugir de lá.

Concentrando para tal objetivo toda a sua energia, ela descobriu alguns segredos e começou a arquitetar um plano para vingar-se e destruir o cativeiro odioso com tudo que havia dentro. Trechos de conhecimentos, que ela possuía graças aos ensinamentos do mago, tornavam-na duplamente perigosa, e talvez o seu plano tivesse dado certo se não fosse um discípulo de Amenhotep que descobriu as suas intenções e o preveniu. O mago não gostou de ser perturbado. Entretanto, bem consciente do perigo que representava em seu misterioso abrigo aquela criatura insubmissa e empreendedora, ele reacendeu a trípode e fez imergir Ericso no mundo das ilusões, onde ela era feliz.

Desta vez o espectro de Rameri ofereceu a Ericso uma taça cheia de prazeres. Sem despertar de seu sono, Ericso mergulhou num estado letárgico. Amenhotep cobriu-lhe o rosto com um pano, umedecido de líquido misterioso, graças à ação do qual ela já dormira por séculos.

A ardente e rebelde alma de Ericso viu-se novamente presa, esperando por um desconhecido e longinquo tempo de acordar. Amenhotep mergulhou em seu trabalho, vivendo só dele num

mundo tão estranho que não percebia que ao largo dele corria, majestosa, a corrente da vida e o tempo.

Terceira Parte

I.

Bem na margem do Nilo , no mesmo local em que outrora se erguia Tebas , cujas colossais ruínas se estenderam nas duas margens do rio , havia duas casas cercadas por palmeiras . Uma destas casas , de construção moderna, não obstante a sua pretensão para estilo árabe, era um hotel para viajantes; a outra , localizada mais perto do rio, era um restaurante. A última construção evidenciava claramente o gosto do proprietário pela arqueologia pois representava uma espécie de antiga casa egípcia, ainda que fantástica.

As colunetas de madeira pintada representavam as hastes de lótus apoiando a varanda , onde se viam mesas de madeira e bancos pintados em cores vivas.

À entrada, em uma imensa placa, era representado um antigo rei egipcio, com coroa dupla na cabeça, prestes a esvaziar uma taça oferecida por um homem de joelhos, vestido numa túnica branca e com uma klafta na cabeça. A inscrição “O Descanso de Ramsés” , feita em grandes letras garrafais pretas e amarelas sobre o fundo azul daquele quadro , apontava claramente que ali, sob aquele teto, o cansado viajante poderia encontrar com que matar sua sede e fome. A ampla sala aberta com varanda era muito convidativa pelo asseio primoroso e originalidade da decoração. As paredes eram

adornadas com pintura, representando tapetes pendurados; no centro da sala havia uma piscina cercada de plantas florescentes, e nela jorrava um chafariz que mantinha um frescor agradável. No fundo localizava -se um bar onde se viam garrafas verde-musgo , taças para cerveja, copos com limonada, grandes ânforas, frutas e diversos produtos comestíveis. Tudo aquilo era tão apetitoso, tão limpo , e arrumado com tanto requinte, que poderia seduzir qualquer um.

Era cedo e a sala do hotel estava vazia. Somente uma criada e um serviçal da taberna punham toalhas limpas , copos e pratos nas duas mesas compridas, dispostas ao longo das paredes.

Junto ao bar estava sentado um homem calvo, de estatura mediana, vestido em traje de nanquim. Debaixo de um grande avental, na cintura, pendia uma grande faca de cozinha. Era o próprio dono, Gotlib Maidel , um alemão valoroso, econômico e ativo, que apesar de já ter amealhado um patrimônio substancial , sempre dando conta de tudo, trabalhava mais que a criadagem .

Naquele minuto, o rosto gordo e afável do bom Maidel estava preocupado com algo. Seus pequenos olhos azuis, sempre alegres e bondosos, fitavam inquietos uma mulher em pé, que , animada , contava-lhe alguma coisa.

Redonda, denotando frescor, ela era tão parecida com o proprietário que não era difícil adivinhar que eles eram irmão e irmã . Os densos cabelos brancos feito neve enquadravam-lhe o

rosto bronzeado . Algo também a afligia , e ela , impaciente, disse ao irmão :

- Repito, Gotlib! Precisamos consultar um médico. O inchaço no joelho requer cuidados especiais; o menor movimento causa uma dor insuportável. Eu sei que você não gosta de mostrar Almeris a estranhos, e eu, até certo ponto, concordo com isso, mas o caso aqui é especial. Não se pode deixar sofrer a pobre criança, pois cla pode ficar inválida para sempre , e a cautela nunca é demais; além disso, o médico está a dois passos .

Maidel , num gesto contrafeito, deslocou, primeiro para a testa e depois para a nuca, o seu barrete de seda preto .

- Sei , sei ! Já que é imprescindível, vou pedir que o doutor Leerbach examine a perna da criança; mas confesso que me sinto mal fazendo isto . Eu tenho alertado de que essas eternas andanças pelas ruínas acabariam mal, mas você sempre foi fraca , Tusnelda, e em vez de proibir, você deixa que Almeris faça o que lhe der na telha .

- Tente você mesmo proibir! – revidou Tusnelda irritada. – Ademais, você pode escorregar, cair e machucar o pé em qualquer lugar, mesmo no chão .

Ela deu as costas e saiu do quarto, enquanto seu irmão se debruçou no balcão, pensativo .

Cerca de trinta anos atrás, Gotlib Maidel viera ao Egito na qualidade de camareiro e cozinheiro de um certo barão alemão, um arqueólogo apaixonado que se interessava principalmente pelas escavações em Tebas .

Leal ao seu barão, inteligente e ávido de saber , Gotlib aos poucos foi -se interessando pelo seu trabalho . Uma enorme vitrina com estatuetas, escaravelhos, amuletos, anéis e outras bugigangas testemunhavam o gosto arqueológico do ex-camareiro.

Alguns anos mais tarde, o arqueólogo amador faleceu e, conforme o seu desejo, foi enterrado numa tumba vazia da antiga necrópole de Tebas . Em seu testamento ele não esqueceu de seu leal criado, e Maidel herdou uma soma substancial. Não tendo mais ninguém além de uma irmã , e já tendo se adaptado ao Egito , Gotlib decidiu se estabelecer ali definitivamente; comprou de um felá um lote de terra bem na margem do rio Nilo e resolveu abrir um hotel; e , para ajudá-lo, chamou da Alemanha sua irmã, Tusnelda Schnaider. Tudo corria às mil maravilhas . Gotlib pôs toda a alma no empreendimento; formou um belo jardim. Os preços moderados e uma ótima cozinha atraíam um número enorme de turistas, e, com o decorrer dos anos , a humilde taberna transformou-se num belo hotel, onde gostavam de parar os arqueólogos que vinham trabalhar nas ruínas por meses inteiros . Junto ao hotel, cresceu um restaurante – “ O Descanso de Ramsés” - , sua menina dos olhos e objeto de inesgotável orgulho de Gotlib. Além disso, ele construiu para si uma confortável casinha cercada por um jardim e ladeada

por um alto muro. Lá , Maidel escondia dos olhares estranhos a sua filha adotiva, Almeris ; lá, atrás da casa, no quintal, Tusnelda criava os seu gansos, patos, galinhas e perus .

O empreendimento ia de vento em popa . Já fazia tempo que Maidel poderia se considerar rico e parecia que até deveria ser feliz; no entanto, em seu passado havia algo que o oprimia. O homenzinho baixinho e cheio de alegria de viver tivera um romance , mas seu amor teve um rápido e trágico fim .

Aquele velho felá, do qual Maidel havia comprado a terra, condicionou, na hora da venda , o direito de morar até o fim da vida num casebre semidestruído com a sua filha de quatro anos .

Maidel e sua irmã viviam em boa paz com o soturno e fechado velho , e três anos depois, Ibraim , no leito de morte , suplicou ao taberneiro que não abandonasse a infeliz criança que ficava órfã dos pais, pois Ibraim era viúvo.

Tusnelda, que adorava crianças e que havia perdido sua única filha , aceitou de boa vontade cuidar da menina, sendo que Maidel anuiu também.

A pequena Fátima instalou-se na casa deles como filha legítima . Quando ela completou quinze anos , Maidel apaixonou-se perdidamente por ela e eles se casaram

Por cerca de um ano , tudo correu bem . Fátima parecia estar contente e ser fiel ao esposo, mas, na realidade, ela sentia em

relação a Gotlib um amor puramente filial. Nisso, ela conheceu um jovem árabe que vez ou outra vinha a negócios, apaixonou-se loucamente por ele e fugiu com ele .

A fuga foi um golpe muito duro para o pobre Maidel . Ele adoeceu seriamente e, ao se restabelecer , tornou -se carrancudo , de pouca conversa, e desde o primeiro dia negou-se a procurar a esposa foragida.

Por mais de um ano nada se ouviu de Fátima , mas, um certo dia, Tusnelda encontrou-a perambulando em volta da casa. Ela estava quase morrendo e mudara tanto que era difícil reconhecer nela aquela jovem bonita que há um ano e meio os havia abandonado .

Ao ser reconhecida, Fátima confessou entre lágrimas que já fazia alguns dias que vagueava pelos arredores , sem ousar entrar na casa.

Grávida , doente , sem nenhum recurso e alimentando-se por esmolas, Fátima , a muito custo, conseguiu chegar até o lar conjugal ; transpassar a soleira – faltava-lhe a coragem e ela já havia decidido lançar-se ao Nilo quando encontrou Tusnelda. Na mesma noite, Tusnelda contou tudo a seu irmão; ela não teve muito trabalho para convencê- lo a aceitar de volta a fugitiva.

Quando Fátima chegou , jogou-se diante de Maidel de joelhos e , em copioso pranto , suplicou-lhe pelo perdão : os resquícios de raiva do marido desapareceram.

Ele ergueu-a carinhosamente , prometeu esquecer o passado e livrá-la da vergonha , reconhecendo a criança vindoura como sendo sua.

Não era destino, porém , da pobre Fátima gozar por longo tempo o generoso perdão do marido. As provações por que passara e os sofrimentos íntimos acabaram por quebrar o seu organismo delicado; os desgostos e o medo diante das incertezas dos últimos dias desferiram-lhe o derradeiro golpe. Fátima ficou acamada e deu à luz uma menina prematura, mas tão fraca e doentia que um médico, de passagem pelo hotel, assegurou -lhes não haver nenhuma esperança de que ela sobrevivesse.

Algumas horas depois Fátima morreu ; antes da morte ela chamou por Gotlib e suplicou-lhe que ele transferisse para a criança também o magnânimo perdão a ela concedido e jamais entregasse a menina ao seu verdadeiro pai, caso ele o exigisse.

Gotlib jurou reconhecer a criança como sua; Fátima , com sorriso nos lábios e sussurrando palavras de agradecimento, partiu para a eternidade .

Contrariando todas as expectativas, a menina sobreviveu e tornou-se um tesouro, objeto de adoração e de amor cego tanto de Gotlib como de Tusnelda .

A boa Tusnelda, romântica como uma alemã genuína, deu à criança o nome de Almeris – heroína de um romance que na época a encantou . A menina fez com que os pais adotivos se apegassem

involuntariamente a ela devido à sua boa índole, docil e obediente , sua beleza e inteligência extraordinária.

Na época do nascimento de Almeris, a família aumentou em mais um membro , ou seja, uma jovem inglesa. Esta era esposa do secretário de um lorde, cujo prazer era viajar pelo Egito em companhia de um de seus filhos. A senhora Johnson, na época , era a governanta do menino.

Interessado por escavações que então eram realizadas em Deir-el-Bakhari , conhecida por terraços da rainha Khatas e de seu pai Tutmés I , o lorde parou em Tebas e hospedou-se no hotel de Maidel; justamente durante a sua permanência em Tebas é que a senhora Johnson ficou amiga de Tusnelda. A amizade delas era tal, que, quando o marido morreu de insolação, deixando-a grávida, recusou-se a seguir novamente o lorde, que partia para mais uma viagem, e ficou na casa de Maidel

Dois dias depois do nascimento de Almeris, Dora Johnson deu à luz uma criança que, no entanto, faleceu no dia seguinte . A jovem mãe ficou desolada, mas concordou em amamentar Almeris . Logo se apegou tanto à sua pupila, que ficou definitivamente morando na casa de seus novos amigos .

Almeris crescia em companhia destas duas mulheres que a adoravam loucamente. Estranha era aquela criança: sonhadora, sujeita a ter visões e sonhos misteriosos. Ela precisaria de educadoras bem diferentes da sua tia e da ama-de-leite –

extremamente boas, mas de instrução insuficiente e romantismo elevado.

Tusnelda, totalmente absorta em cuidados da casa, não tinha tempo para se dedicar à educação da criança. Este compromisso foi assumido por Dora. Ela ensinou à menina tudo que sabia: ler e escrever em inglês, alemão e um pouco em francès; história, geografia e principios de matemática . Por fim , ela lhe ensinou a tocar o violão e cantar canções alemãs e francesas .

Com sua inteligência viva, Almeris rapidamente assimilava tudo o que lhe era ensinado, mas sua maior paixão eram os romances que Dora lia para ela ; estes excitavam cada vez mais sua imaginação oriental.

A melhor confidente da menina era Dora. Esta sempre arrumava um tempinho para ouvir admirada as narrativas da menina sobre os horríveis sonhos e visões que tinha.

Almeris, ao crescer, tornava-se cada vez mais sonhadora e menos comunicativa ; por lado, nela se desenvolvia uma verdadeira paixão pelas ruínas, entre as quais ela cresceu. Dias inteiros ela passava perambulando pela antiga capital, sonhando em algum templo em ruínas ou junto a uma câmara mortuária vazia da necrópole antiga.

Todos os que trabalhavam nas escavações a conheciam, gostavam dela e freqüentemente lhe davam algumas miudezas que encontravam junto aos escombros. Justamente em um desses

passeios sem fim, aconteceu a Almeris o infortúnio de que tratamos no começo da narrativa sobre ela .

Após muita reflexão , Maidel, soltando improperios, levantou-se suspirando e foi buscar o médico . Ele tinha ojeriza de que sua filha fosse vista por estrangeiros, principalmente os jovens. Naquele momento, todo o hotel estava ocupado por participantes de uma expedição arqueológica, à qual se juntara um jovem médico.

Uma vez que o pessoal trabalhava longe e normalmente não voltava para almoçar, levando as provisões para o local, Maidel não impedia que a filha continuasse os seus habituais passeios, contanto que estivesse em casa antes dos arqueólogos. O taciturno taberneiro dirigiu-se a uma casa grande e soube pelo porteiro que os cientistas já haviam partido, mas em seus quartos ainda ficaram o médico , o secretário e mais um senhor.

Maidel bateu à porta .

Uma voz sonora respondeu:

- Entre!

Maidel entrou e após fazer uma reverência parou a alguns passos da mesa cheia de antigüidades miúdas . À mesa estava sentado o doutor Leerbach, que examinava sob a lupa a inscrição de um amuleto .

Era um homem alto e jovem, magro e de compleição vigorosa, olhos negros, aveludados e grandes , cabelos também negros, um pouco ondulados, e feições do rosto regulares e agradáveis.

Ao ver que o taberneiro girava embaraçado o barrete na mão, o médico dirigiu-se a ele com um sorriso, fazendo mostrar uma fileira de dentes alvos :

- Sim, Maidel ? O que trouxe o senhor tão cedo ? Em que posso ser útil?

Depois de ouvir o taberneiro , o médico levantou-se, pegou o chapéu e disse em tom alegre:

- Só isso ? Sem dúvida eu irei com o prazer visitar a sua filha e examinar o que há com ela . Espertalhão, heim? Com que habilidade o senhor escondeu o fato de que em sua família mora uma mocinha adulta, de cuja existência nós nem suspeitávamos!

O médico ordenou que lhe fosse levada a caixa de remédios e seguiu o taberneiro.

Através do quintal e por um portãozinho eles adentraram um jardim isolado que cercava a casa de Maidel . Este levou o médico diretamente a um grande terraço, cujo telhado e colunas estavam cobertas por plantas trepadeiras . A vegetação era tão densa que o interior da varanda era imerso numa penumbra esverdeada.

Neste lusco-fusco o médico só conseguiu distinguir uma cama turca, sobre cujos travesseiros estava deitada uma mulher de branco . Os olhos de Leerbach logo se acostumaram. A alguns passos da cama o médico se deteve encantado: pareceu-lhe que jamais havia visto uma criatura tão fascinante como aquela moça deitada em sua frente . Um roupão branco de musselina delineava-lhe as formas esbeltas; na mão ela segurava um abanador de penas de pavão e cabo de marfim . Grandes olhos de gazela, úmidos e delicados, fitavam-no apavarados e surpresos. Ela soltou um grito abafado e jogou o corpo para trás .

Maidel e Leerbach lançaram-se junto a ela . O médico mediu o pulso de Almeris e tranquilizou Gotlib assustado .

- Não é nada , Maidel ! Sua filha fez um movimento brusco e devido à dor na perna machucada ela sentiu-se mal .

Inclinando-se sobre a enferma , levantou -lhe a cabeça e levou até o seu nariz um frasco .

Ao prestar a assistência, Leerbach novamente observou os traços finos e regulares da moça e a sua tez transparente e leitosa . Seu rostinho imóvel era-lhe estranhamente familiar, mas ele não conseguia lembrar onde havia visto aquele delicado perfil , aquela pequena boca e a testa ladeada por cabelos sedo negros, feito corvo.

Um minuto depois Almeris abriu os olhos. Apesar de visivelmente perturbada , ela, ainda que em voz baixa mas nítida,

respondeu às perguntas do médico e não opôs nenhuma resistência quando ele a desnudou e examinou-lhe a perna inchada .

Pálida, de lábios cerrados , suportou valorosamente e sem soltar nenhum gemido que o médico lhe pusesse no lugar a perna torcida.

Fascinado por sua coragem , Leerbach enfaixou a perna, deu um calmante e prescreveu-lhe repouso absoluto, prometendo visitar a doente no dia seguinte .

- Se você se sentir mal , eu estou à sua disposição a qualquer hora do dia ou da noite, pois hoje eu passarei o dia inteiro no hotel – acrescentou ele .

- Obrigada! Agora eu já me sinto bem – declarou Almeris .

Se Leerbach percebesse com que entusiasmo brilhava o olhar de Almeris quando ela lhe estendeu a mão , ele teria se surpreendido e fascinado, pois ela também o agradava cada vez mais .

Ao ficar sozinha, a moça mergulhou em profundos pensamentos , dos quais foi tirada com a chegada da senhora Johnson , que veio saber o que lhe havia dito o médico, .

Em vez da resposta, Almeris puxou para si a bondosa ama-de-leite e encostando em seu ombro o rostinho repentinamente inflamado, sussurrou:

- Tia Dora! Se você soubesse a quem eu acabei de ver! De emoção eu perdi os sentidos .

- A quem você poderia ter visto ? Pelo que sei , além do médico ninguém esteve aqui – estranhou Dora.

-- É verdade ! Mas ele é justamente aquele homem-esfinge, o próprio Rameri ! Como ele é bonito , como é bondoso e simpático o seu olhar! Ele também me olhou de forma estranha, como se procurasse em meu rosto algo familiar. Talvez ele também tenha me reconhecido? – prosseguiu Almeris com as faces coradas e olhar radiante.

- Acalme-se, minha querida! Tanta perturbação pode lhe fazer mal. Se você reconheceu o homem-esfinge e vocês se encontraram, é evidente que o destino fará com que vocês finalmente se unam - observou convicta Dora. Sim, agora que eu comparo o médico com a sua descrição de Rameri , eu me surpreendo de não tê -lo reconhecido antes. É ele , como duas gotículas de água !

- Não , existe diferença , mas apesar disso eu o reconheci no primeiro olhar.

- Tanto melhor , querida!! E agora durma para ficar boa logo e e gozar da felicidade que sem dúvida espera por você, pois o médico não é casado . Ele não usa aliança e o criado havia me dito que ele era solteiro - concluiu Dora, selando com um beijo os olhos brilhantes de sua pupila.

A recuperação de Almeris evoluía rapidamente. O médico visitava-a todos os dias e estas visitas tornavam-se cada vez mais demoradas . Ele tomava chá com as damas e divertia a sua paciente com as narrativas de suas viagens ou escavações. Quando os grandes olhos de gazela o fitavam com expressão de malícia e carinho , o palpitar de seu coração aumentava de freqüência . O sentimento que se tornava cada vez mais forte o atraía àquela estranha e misteriosa criança; ela às vezes lhe contava certas coisas que ele começava a duvidar de sua sanidade. Além do mais , ele se convenceu de que a saúde de Almeris era mais do que delicada . Seus pulmões eram fracos, o coração funcionava irregularmente e todo o seu sistema nervoso se diferenciava por sensibilidade extremamente doentia. A menor perturbação, tanto mental como física, poderia acarretar as mais sérias conseqüências àquele organismo tão frágil . Em vista disso, o médico preveniu a família que o estado geral da jovem exigia cuidados especiais e repouso absoluto .

Uma semana depois, Almeris já se levantava e caminhava pela casa; apenas as excursões às ruínas lhe foram temporariamente proibidas.

Agora, com impaciência nova para si, o médico tinha pressa de voltar para casa ao largar as escavações; ele sabia que em seu quarto esperava por ele uma surpresa: um belo buquê de lótus , alguma fruta rara ou qualquer sinal de atenção nesse sentido. Ele sabia que Almeris decorava o seu quarto, e uma vez até a flagrou

colocando flores no vaso sobre o parapeito da janela. O sentimento da jovem era tão evidente em seus olhos que , emocionado e enlevado , o médico tinha vontade de atraí-la a seus braços e com um beijo confessar-lhe o seu amor. Entretanto ele não fazia isso , pois seu coração era palco de uma estranha luta .

Nessa noite Richard Leerbach não cerrou os olhos.

Para leitor possa compreender todas as dúvidas e as tormentas que impediam o seu sono, nós devemos contar resumidamente o seu passado.

Leerbach de família nobre, porém pobre; seu pai - caçula da família – predestinava-se para fazer uma carreira militar. Seu casamento com uma jovem italiana atrapalhou os planos e , visto ter-se realizado contra a vontade dos pais e parentes, fez com que ele rompesse o relacionamento com todos.

Entretanto , ele não desanimou e empregou -se como caixa numa das casas bancárias, passando a viver com a família modestamente mas feliz, satisfazendo-se com pouco.

Richard, único filho homem dos Leerbach , recebeu uma bela educação. Devido a seu dom patente para a pintura e a escultura , o pai autorizou - o a seguir a carreira de artista ; o jovem já estava pronto para ingressar como aluno no ateliê de um escultor quando o seu pai morreu repentinamente . Esta catástrofe mudou todos os planos de Richard . Ao ficar com a mãe e uma irmã pequena, ele desistiu de um futuro incerto e escolheu a carreira de médico, mais

prática e melhor recompensada . Com a energia que lhe era inerente, entregou-se com toda a alma ao novo ofício e, ajudado pela sorte , ganhou rapidamente um nome e uma prática brilhante .

A alegria dos seus primeiros éxitos foi empanada pela morte da mãe e , logo em seguida, da irmã . Tornando - se sozinho, Richard entregou - se corpo alma à ciência. Ele decidiu inclusive permanecer solteiro , mas o destino julgava diferente.

Cansado de trabalho, ele pegou duas , três semanas de férias e viajou para a casa de um de seus colegas da faculdade. Lá ele foi chamado casualmente para a casa de um fazendeiro vizinho , conde de Kronburg , cuja filha, tendo se resfriado num piquenique, pegou uma pneumonia séria. Graças à habilidade de Richard, Tea Kronburg foi salva e os jovens se apaixonaram .

Ainda da recuperação de Tea, entre eles houve uma explicação e juraram amor eterno um ao outro .

Quando o conde soube do caso, opôs-se terminantemente a isso , dizendo que não queria ter por genro um médico pobre. Três meses depois , o conde de Kronburg obrigou a filha a ficar noiva de um de seus parentes , um homem de idade média , um *kammerherr* muito rico e seu vizinho próximo .

Tea submeteu à vontade do pai , mas exigiu que o casamento fosse adiado por um ano , alegando que ela necessitaria de um tempo para esquecer de seu primeiro amor e se acostumar com a idéia de ser esposa de outro .

Tal exigência por parte de Tea não passava de uma simples estratégia militar. Ela não pertencia àquele rol de mulheres que desistiam caladas da pessoa loucamente amada e só queria ganhar tempo, firmemente decidida a tudo , menos a casar com a pessoa odiada .

Um acaso, pelo visto, favorecia os apaixonados. Richard Leerbach herdou inesperadamente um grande patrimônio e posição brilhante. Seu primo — chefe da linha ascendente — que servia de oficial de guarda foi morto num duelo; e como Richard era o último em seu clã, foi-lhe concedido o morgado e o título de barão. Sufocando o sentimento de orgulho ferido, o novo barão Leerbach escreveu uma carta ao conde e repetiu seu pedido. As circunstâncias que constituíam a causa da recusa já não existiam. Mas o conde de Kronburg era teimoso. Ele respondeu que mesmo reconhecendo em Richard um bom partido, digno de sua fi-lha, não poderia quebrar a palavra dada a seu sobrinho e desta forma pedia a Leerbach que desistisse de uma vez por todas de suas expectativas irrealizáveis e deixasse a sua filha em paz.

Esta nova recusa ofendeu profundamente Richard. Apesar das cartas secretas de Tea, nas quais ela lhe jurava amor e suplicava esperar pacientemente, Leerbach resolveu viajar, aguardar o desenrolar dos acontecimentos e dedicar-se seriamente ao trabalho. Na qualidade de um simples médico, ele se juntou a uma expedição científica que se dirigia a Tebas e Núbia para a realização de

escavações. Assim ele veio para Tebas, onde um acaso o levou a conhecer Almeris.

Desde então o seu amor a Tea enfuscou-se de vez. Um sentimento novo, mais poderoso, atraía-o à filha de Maidel e não raro ele se apanhava pensando que o noivado da condessa de Kronburg lhe servia de libertação. Ele até pensou em escrever para Tea que desistia para sempre dela, pois não queria fazer parte de uma família que o tratava com tanta hostilidade.

Entretanto, Richard adiava diariamente a realização desta intenção. Ele sabia que Tea o amava apaixonadamente e que ele havia jurado amor eterno. Sua integridade inata sussurrava-lhe a fragilidade da desculpa e, já que ele desistia dela, seu dever era revelar-lhe toda a verdade. Mas toda vez que ele pegava a pena para escrever: "Eu não a amo! Meu coração pertence a outra" — a coragem o abandonava.

Certa noite, quando Richard voltou das escavações onde havia passado o dia inteiro, o criado entregou-lhe uma carta que viera de navio naquela manhã.

Cerca de um minuto ele segurou indeciso a carta na mão. Uma sensação desagradável comprimia-lhe o coração. Por fim ele abriu o envelope e a primeira coisa que lhe caiu na mão foi um retrato da jovem condessa.

Richard estremeceu. Ele olhava soturno para aquele rostinho encantador que lhe sorria. Sim, Tea era bela! Talvez mais bonita

que Almeris! Seu rosto classicamente regular podia ser comparado a uma estatueta grega; os cabelos loiros destacavam-se no fundo preto da foto e pareciam enquadrar-lhe o rosto com uma auréola. Mas todos os traços daquela maravilhosa cabecinha respiravam paixão e energia. Sentia-se naquela imagem uma alma fogosa. As ventas do nariz reto parecia tremularem e a pequena boca semi-aberta concitava ao beijo.

Pelo visto, ao tirar a foto, Tea concentrara todos os seus pensamentos na pessoa amada e cada fibra de seu ser respirava paixão por ele. Richard pegou nervosamente a fotografia de Almeris tirada por ele mesmo, que estava sobre a escrivaninha, e começou a comparar as duas mulheres. E novamente ele se convenceu de que a fascinante beleza de Tea empalidecia diante da imagem pura de Almeris, cujo rostinho pequeno e transparente respirava harmonia; no dócil e triste olhar e no melancólico sorriso da pequena boca sentia-se algo que "não era deste mundo". Sim, esta delicada e fascinante criatura podia amar até o fim da vida, podia sofrer sem se queixar, mas as impuras e tempestuosas paixões terrenas não tinham sobre ela qualquer poder.

Soltando um profundo suspiro, Richard colocou sobre a mesa ambos os retratos e abriu a carta. A medida que ele lia, seu cenho fechava-se cada vez mais.

"Meu querido!" — escrevia Tea — "quando você rece-ber esta carta, eu queimarei o último cartucho e abandonarei a casa de

meu pai. Surgiu uma oportunidade única de me juntar a você e eu me apeguei a ela.

"A senhora Lowford, minha sócia, recebeu uma herança e viaja para a casa de seu irmão, no país das pirâmides. Eu vou com ela, pois consegui que ela ficasse do meu lado. Assim que nós chegarmos ao Cairo, eu lhe enviarei um mensageiro para que você possa vir logo ao meu encontro.

"Sou maior de idade e levarei comigo todos os documentos necessários para que nós possamos nos casar. Você bem sabe como está comprometida a minha imagem. Em casa ninguém saberá para onde eu terei ido e o escândalo será enorme. Aliás, isso pouco me preocupa. Confio-lhe sem receios a minha honra e o meu destino; o fato de me tornar sua esposa me protegerá perante a sociedade. Mas, ainda que esta viesse a condenar-me, eu não hesitaria, pois até a Morte seria preferível a este casamento odioso em que insiste o meu pai. Daqui a alguns dias o meu noivo viajará a negócios. Nós decidimos aproveitar justamente a ausência dele. O senhor Lowford, irmão da minha amiga, trabalha no consulado inglês e dele você poderá obter todas as informações necessárias, se você for ao Cairo antes de nós. Ele já está avisado."

Seguiam-se depois diversas instruções, planos para o futuro e juras de amor.

Richard jogou com raiva a carta sobre a mesa. Naquele minuto estava irritado com Tea. Como ela podia arriscar-se tanto e dar esse passo, e ainda fora de propósito?

Em meio ao seu rancor Richard esquecia de que ele mesmo, com suas juras apaixonadas e cartas amorosas, havia atiçado e alimentado o sentimento que agora o constrangia. Seria Tea culpada por ter Almeris surgido entre os dois e por terem os grandes olhos de gazela de Almeris mais influência sobre ele do que o olhar ardente da jovem condessa?

Nesta noite o médico não pregou os olhos. Em seu coração processava-se uma luta cruel entre o amor e o dever. Mas Richard era uma pessoa reta e íntegra. Assim, quando os primeiros raios da alvorada se acenderam no oriente,sua decisão já estava tomada: o dever havia triunfado.

Tea vinha confiando em sua palavra. Em seu amor por ele, ela rompia todos os relacionamentos com a família; vinha confiante e tinha o direito de acreditar em seu amor. Ele não poderia retribuir esta confiança com uma torpe traição. Não, ele devia manter a palavra dada e, assim que ela chegasse, levá-la ao altar. Felizmente, entre ele e Almeris não houve qualquer explicação. Ao tomar a decisão irrevogável de casar com Tea, Richard, no dia seguinte mesmo, viajaria no mesmo navio que lhe trouxera a carta fatal. Sua intenção era preparar tudo para a chegada da condessa, achar uma

casa adequada e acertar todos os pormenores já que ele conhecia o segredo.

Richard adormeceu muito tarde, por algumas horas, num sono pesado e febril. Quando acordou, os cientistas já haviam partido para o local das escavações. O médico decidiu ir para lá imediatamente a fim de avisar o chefe da expedição sobre a imperiosidade de ausentar-se por duas ou três semanas devido a um assunto familiar. Ao mesmo tempo, ele ordenou que o criado fizesse sua mala, colocando os pertences mais necessários, e a levasse ao navio, para onde ele iria diretamente do local das escavações. Richard decidiu encontrar-se com Almeris mais tarde, quando tudo já estivesse terminado. Então ele voltaria para buscar o restante da bagagem e se despediria da jovem.

II.

Naquela manhã Almeris acordou tarde. Ela se sentia cansada; sua cabeça estava pesada.

- Será que você não está doente, minha querida criança? — perguntou à hora do desjejum a bondosa Dora, alarmada com sua palidez e aspecto abatido. — Você nem tomou o leite. O que há com você?

- Nada, Dora! Hoje eu tive um sonho de mau augúrio — respondeu Almeris, afastando a xícara cheia.

- Então conte-me o sonho! Talvez suas preocupações sejam infundadas — tentou acalmar Dora.

Ela acreditava nos sonhos de Almeris, principalmente depois que alguns deles se confirmaram. Almeris debruçou-se pensativa sobre a mesa e balançou a cabeça.

- Não, Dora, meus sonhos nunca me enganam; sobretudo esse! Ouça e diga você mesma!

Eu me vi passeando na margem do Nilo com o médico ou Rameri, chame-o como quiser. Ele me falava de seu amor e eu estava infinitamente feliz. De repente da água surgiu uma nuvem escura. Ela se agitou e avançou. Ao tocar na margem, a nuvem

tomou a forma de uma gigantesca e escura flor de lótus. Em seguida, o cálice da flor se abriu e dela saiu a cabeça loira de uma mulher, que se intitulou Ericso. Seus olhos negros flamejavam e as melenas douradas esvoaçavam ao sabor do vento. Nos seus lábios zombava um sorriso, quando ela se inclinou sobre mim e gritou: "Eu sou o destino! Eu sempre hei de vencê-la"! Ela se interpôs entre mim e Rameri, empurrando-me com tal força, que eu senti uma dor horrível e perdi os sentidos.

Quando eu voltei a mim — no sonho, é claro — estava deitada na escarpa, no fundo de um escuro e estreito desfiladeiro. Junto a mim, Rameri ajoelhado chorava. Eu sentia suas lágrimas escorrendo-me pelas mãos. Eu compreendia que estava morrendo, sem sentir o menor medo. A morte parecia-me indescritivelmente agradável e estava feliz por encontrar-me nos braços de Rameri. Minha cabeça descansava em seu peito e ele me murmurava palavras carinhosas.

Aí eu comecei a desfazer-me em seus braços e Rameri tentava segurar-me alucinado. Eu queria ficar com ele! Mas apesar de todos os seus esforços e da minha ardente vontade de viver, senti que meu corpo havia se desfeito e tornou-se leve e transparente como o ar. Em vez de meu habitual vestido, eu envergava uma espécie de véu reluzente; uma auréola decorava-me a cabeça e eu segurava um ramo de palmeira.

Flutuei no ar e comecei a subir celeremente, sem sentir qualquer infelicidade, ciúme ou arrependimento, apenas um júbilo infinito. Tudo ao meu redor desapareceu — o Nilo, o desfiladeiro — eu só via Rameri ao longe, que continuava a chorar. E uma coisa estranha: suas lágrimas juntavam-se numa corrente de pérolas brilhantes, unindo seu coração ao meu, e, apesar do espaço que nos separava, eu sentia os batimentos de seu pulso. Em seguida tudo escureceu e despertei.

- Você entende, Dora, que este sonho deverá ter um significado profético. Tenho certeza de que algo irá nos separar.

Dora tentou reconfortá-la, mas ela mesma era demais supersticiosa para não ficar dominada por um mau pressentimento.

Almeris desceu desconsolada para o jardim e juntou um grande buquê de rosas que tinha a intenção de levar ao quarto de Leerbach. Já era tarde, o sol estava alto e o jovem médico já deveria estar há muito tempo nas escavações. Quando o porteiro confirmou que o médico já havia saído, Almeris dirigiu-se diretamente a seu quarto.

A desordem ali era total. As gavetas da cômoda estavam abertas e diversas coisas se espalhavam pelo chão, pois o mordomo, depois de fazer a mala, apressou-se em levá-la para o navio, deixando a arrumação do quarto para depois da saída do barão.

Surpresa, Almeris aproximou-se da escrivaninha para trocar o buquê no vaso, quando subitamente o seu olhar se deteve na carta e no retrato de Tea, que Richard, na pressa, esqueceu-se de esconder. Mal ela lançou um olhar para a foto, soltou um grito surdo e ficou branca feito cadáver, apertando a mão contra o coração que palpitava dolorosamente.

Aquele rosto sorridente no retrato era-lhe muito familiar: ela já o vira por diversas vezes em seus sonhos e visões. Era justamente o rosto daquela loira que, na noite anterior, lhe apareceu em nuvem negra e lhe gritou: "Eu sou o destino! Eu sempre hei de vencê-la".

Sua ameaça não era fortuita: ela encontrava ali, na escrivaninha do médico, a fotografia e, pelo visto, a sua carta.

Sua cabeça começou a girar e todo o seu ser tremia devido a uma sensação muito estranha, fazendo-a esquecer que, na essência, ela não tinha qualquer direito sobre Leerbach.

Pegou a carta e, à medida que lia febrilmente as linhas de sua rival, uma palidez cadavérica ia inundando-lhe o rostinho delicado, sua respiração ficou ofegante e um tremor nervoso sacudiu todo o seu ser.

A carta caiu de suas mãos paralisadas; cerca de um minuto ela ficou imóvel, murmurando maquinalmente:

- Eis o destino que me venceu! Se eu pudesse morrer!

Virando-se rapidamente, ela atravessou em alucinada carreira a casa, o quintal e o jardim, parando junto às ruínas do templo, onde gostava de ficar.

Recuperando com dificuldade o fôlego e suando em bicas, Almeris se encaramujou numa escura depressão e recostou a cabeça na parede. Seu coração batia com força terrível e uma dor aguda perpassava o seu peito. Ela queria chorar, mas não havia lágrimas.

Quanto tempo passou nas ruínas, nem ela saberia dizer. Só um pensamento a dominava: tudo estava acabado! Ela perdia Richard para sempre! A bagunça que vira em seu quarto, sem dúvida, era um sinal de seus preparativos para a viagem. Esquecendo-se de tudo, ele partiu para aquela que amava! Do peito sofrido de Almeris soltou-se um pesado e dilacerante gemido de lamento.

Uma lancinante dor, acompanhada de frio glacial em todo o corpo, tirou-a do estado de torpor. Ela levantou-se e quis voltar para casa, mas não conseguia andar. As pernas tremiam enfraquecidas e a dor no peito impedia-a de respirar.

A muito custo ela conseguiu chegar em casa, onde todos já estavam à sua procura. Desejando ficar a sós, Almeris retirou-se ao seu quarto, alegando dor de cabeça, para que ninguém a perturbasse. Mas a poucos passos da cama ela estremeceu e parou. Alguma coisa quente incomodava sua garganta. Ao mesmo tempo

o sangue jorrou-lhe da boca e cobriu seu vestido branco. Almeris estendeu as mãos para frente, caindo sem sentidos no tapete.

Dora, que procurava Almeris por todos os cantos, encontrou-a desmaiada e aos gritos levantou toda a casa. Maidel e sua irmã chegaram correndo. Com o esforço de todos, fizeram-na recuperar os sentidos. Mas a infelicidade e inquietação geral aumentaram mais ainda pelo fato de que o médico havia viajado não se sabia para onde; o taberneiro também descobriu, por um membro da expedição, que a ausência de Leerbach poderia demorar cerca de três semanas.

Ninguém conseguia saber o motivo do desmaio e Almeris, evidentemente, nada revelou. Ela só pediu que os familiares não se preocupassem, pois estava se sentindo maravilhosamente bem, salvo uma leve fraqueza que passaria em poucos dias.

Entretanto, tal esperança não se confirmou. Ainda que Almeris não quisesse ficar na cama, estava fraca e passava horas a fio no sofá. Veio uma leve tosse seca e o seu delicado rosto cobriu-se de uma palidez mórbida. Todos esses sintomas inspiravam preocupação geral. Além disso, Dora e Tusnelda, que de noite se revezavam no plantão junto à doente, começaram a notar que ela apenas fingia estar dormindo e que sua respiração se tornava rouca e pesada. Entretanto, se o estado fisico de Almeris inspirava cuidados, a ela, aos poucos, começou a voltar a tranqüilidade espiritual. Sempre rezando, acabou por resignar-se ao dominar

valorosamente qualquer sentimento pessoal e egoísta. Se "ele" era feliz, então isso era suficiente para ela. Almeris conseguiu se habituar a esta convicção e a sensação da vitória interior traduzia-se na expressão radiante e pensativa de seu rostinho encantador e em seu olhar, o que lhe imprimia uma beleza maior.

Cerca de dez dias depois Leerbach retornou. Ele estava alegre, satisfeito e tinha um aspecto feliz. Em lugar de Tea, ele encontrou com Lawford uma carta do velho conde, escrita poucos dias depois da missiva de Tea, chamando-o para o Cairo. O conde comunicava que o noivo de sua filha havia falecido num acidente ferroviário e que ele via aquela morte inesperada como uma vontade do destino, que decidiu a favor de Richard. Assim, ele notificava ao barão estar disposto a dar-lhe a mão da filha, contanto que as circunstâncias fossem mantidas em sigilo até o retorno de Richard do Egito, o que deveria ocorrer dentro de uns oito meses.

Neste ínterim, Tea se dedicaria ao luto que lhe impunha o dever em razão do fim trágico de seu noivo e parente. Se, após o vencimento desse prazo, o barão e Tea conservassem os velhos sentimentos um em relação ao outro, então nada mais impediria a sua felicidade.

Richard, por sua vez, achava que esse contratempo era o próprio desígnio do destino, o que lhe daria tempo para se pôr à prova e não tomar alguma decisão impensada. Na carta, anexada à

missiva do pai, Tea comunicava ao noivo aceitar as condições do pai e que até o seu retorno ela não iria escrever-lhe mais.

E assim, Richard retornou à velha Tebas com o estado de espírito elevado; logo, substituído por preocupação, quando o criado lhe contou sobre a doença de Almeris, sendo ele a única esperança, pois o aspecto da senhorita era mau.

Já passava das dez horas da noite, não obstante, Leerbach decidiu ir imediatamente à casa de Maidel. Em vão ele quebrava a cabeça para descobrir o que poderia ter desencadeado a mudança na saúde da moça. De súbito, uma suspeita veio-lhe à mente.

Almeris passou por aqui no dia da minha viagem? — perguntou ele.

- Sim, barão. A senhorita esteve aqui na hora em que eu fui levar a bagagem do senhor para o navio. O porteiro me disse que ela havia trazido um magnífico buquê e estava muito feliz. Dez minutos depois, ela saiu pálida e perturbada e feito louca correu em direção das ruínas. Mais tarde, já depois do meio-dia, a senhora Dora encontrou-a no dormitório, desfalecida e coberta de sangue.

Richard ficou branco e deixou-se cair impotente sobre a cadeira, enxugandoo suor. Ele estava certo! Almeris achara o retrato e a carta de Tea, que ele havia esquecido na mesa. Então, os ciúmes e a emoção provocaram aquelas fatídicas conseqüências que ele tanto temia.

Desolado, Richard dirigiu-se para a casa do taberneiro. Maidel ainda estava ocupado com os afazeres, no terraço, porém ele encontrou Dora e Tusnelda. Ambas ficaram muitíssimo felizes com sua volta e relataram-lhe todos os detalhes da doença de Almeris.

Quando o médico perguntou por ela, Tusnelda revelou desgostosa que, apesar de todos os seus conselhos, Almeris teimava em ficar sentada todas as noites na escada que levava à margem do Nilo, lá passando horas a fio.

Richard disse que ia buscar imediatamente a moça para examiná-la e saiu dirigindo-se ao rio. Era uma noite quente, estrelada, bonita e aromática; o ar estava extremamente limpo e o luar brilhante.

A escada, cujos velhos degraus foram ocasionalmente descobertos durante a construção do "O Descanso de Ramsés", estava à sombra de palmeiras. Richard avistou Almeris de longe. Ela estava sentada no primeiro degrau, a tal ponto absorta em pensamentos, que nada via ou ouvia.

Como de costume, trajava um vestido simples de musselina branca. Seus braços descobertos abraçavam os joelhos. Uma estreita fita amarela prendia seus vastos cabelos negros meio soltos. A luz do luar, a fita produzia uma impressão de aro dourado; uma flor de lótus estava espetada atrás dela. Sentada naquela pose, à

sombra das palmeiras bem junto ao Nilo, ela poderia ser tomada por uma egípcia, ressuscitada dos tempos de faraós.

Richard parou fascinado. Uma vaga recordação brotou em sua alma e pela mente lampejou uma visão fugidia um resquício misterioso do passado remoto. Pareceu-lhe já ter visto esta mesma paisagem, só que, ao invés de tristes ruínas, no horizonte desenhavam-se as colossais silhuetas de templos e obeliscos.

Tudo isso projetou-se-lhe na velocidade de um raio e desapareceu em seguida. Almeris tornara-se visivelmente mais pálida e magra, mas a expressão de contemplatividade e humildade combinava muito bem com seus delicados e harmônicos traços.

Um frenesi de carinho e pena encheu o coração de Leerbach. Naquele momento ele sentia claramente que Almeris lhe era o mais caro dos seres e que Tea, apesar de sua beleza, sua mente desenvolvida e origem nobre, jamais conseguiria ocupar um lugar em seu coração como aquela delicada e inocente criança.

Ele aproximou-se rapidamente da moça.

- Boa-noite, Almeris! Com que você está sonhando?

Almeris estremeceu e, virando-se rápido, murmurou:

- Rameri !

A seguir, refeita, ela acrescentou, estendendo-lhe a mãozinha:

Boa-noite, senhor Leerbach! Posso felicitá-lo?

Richard pôs-se a rir jovialmente, mantendo em sua mão a pequena mãozinha trêmula, e ajuntou alegre:

- Felicitar? Com o quê? Veja como se trai a curiosidade! ..

Richard calou-se; envergonhada, Almeris arrancou a mão, tentando fugir.

- Fique, sua ciumenta, e acalme-se! — disse ele, fazendo-a sentar-se à força. — Não há por que me felicitar. Eu voltei livre e jamais casarei com outra, pois amo só você, Almeris. Gostaria de ser a companheira de minha vida? Perdoar-me-á a criminosa cegueira que lhe trouxe tantos dissabores?

Almeris permaneceu calada por cerca de um minuto. Seu semblante denotava um júbilo infinito.

- Eu não sonhei com outra coisa! Era eu que o amava! Oh, como agradecer a Deus por esta enorme felicidade que me concedeu antes da morte?

- Por que você fala da morte, Almeris? — surpreendeu-se Leerbach, sobre quem aquelas palavras produziram uma opressiva impressão. — Você vai viver por mim! Eu a farei ficar boa e nós vamos viver longamente e felizes em meu velho castelo na Alemanha, caso queira ir comigo, pois você, sua malvada, ainda não respondeu se quer se tornar minha esposa.

- Haverá necessidade de perguntar se eu quero ser feliz? — Se eu sobreviver, vou lhe pertencer para sempre asseverou Almeris

com um sorriso alegre —, e eu quero viver! A vida com você seria tão bela! Mas — ela balançou a cabeça e um sorriso triste percolheu-lhe os lábios — eu sei que estou condenada! O destino é a favor de Ericso. Ela — a mulher do retrato — haverá de vencer, de viver e será feliz com você. E eu vou dormir sob a areia do antigo Egito!

O coração de Richard se comprimiu receoso e angustiado.

Ele abraçou a moça a seu peito e sussurrou:

- Por que nesta hora de felicidade, quando nós nos unimos, você diz essas coisas tristes? Você se parece com o pequeno Otelo! Acalme-se e afaste pensamentos ruins! A mulher que está no retrato é Tea e não Ericso. Ela não haverá de vencer, pois eu amo somente você e só com você casarei.

Richard contou em poucas palavras o seu relacionamento com Tea, o qual se rompia para sempre por si só. Depois, para distrair os seus pensamentos para um outro assunto, ele acresceu:

- Agora que você sabe de tudo, diga-me por que você me chama de Rameri e por que razão — eu não consigo entender — você identifica uma tal de Ericso com a condessa de Kronburg?

Almeris sorriu enigmaticamente.

- Eu lhe dei o nome que você usava antigamente, pois não é a primeira vez que nós estamos juntos na vida e amamos um ao outro; mas já naquela época o destino funesto me afastou do

caminho da felicidade. Eu o reconheci agora e também naquela época, quando eu era a romana Valéria. Você também me reconheceu com o coração, se não com os olhos incorpóreos. E todas as vezes que nos encontrávamos você se apaixonava por mim! A loira Ericso é mais bonita que eu, mas ela jamais possuiu totalmente o seu coração.

- Já que você sabe que eu era o assim chamado Rameri, você deve ter conhecimento de quem éramos nós na vida passada — sustentou o médico meio gozador e meio incrédulo.

- Eu não lembro bem de tudo — prosseguiu Almeris sem lhe notar a ironia. Eu sei apenas que você era um grande escultor e talhou duas esfinges que foram colocadas numa pirâmide. As esfinges tinham um segredo — que agora não lembro —, imaginado pelo sábio mago Amenhotep que desejava a nossa felicidade por eu ser noiva de outro, e o mago que nos protegia — querer impedir esse casamento. Mas Ericso, ao se apaixonar por você, estragou tudo. Isso aconteceu provavelmente há muito tempo, pois naquela época as pessoas vestiam trajes que se assemelham aos trajes das figuras que estão nas paredes dos templos. Bem depois, quando eu era a romana Valéria, tornei a apaixonar-me por você, mas a cruel Ericso arrebatou-me novamente o seu coração.

- E quem era eu então, quando você era Valéria? Também um romano?

- Não, você permaneceu sendo Rameri. Tanto você como Ericso dormiram por séculos inteiros da mesma forma como Amenhotep — o senhor de Ericso. E eu, de desgosto por ter perdido seu coração, tornei-me uma cristã e morri. De que forma, eu não me lembro, mas sei que a minha morte foi terrível.

E Almeris estremeceu involuntariamente.

- Não pense que eu perdi o juízo: tudo que eu digo é verdade. Amenhotep ainda continua a viver numa grande pirâmide, pois ele detém o segredo da longevidade — acrescentou ela, notando que o médico olhava para ela com expressão de tristeza.

De fato, a última parte da narrativa impressionou profundamente o médico, sugerindo-lhe a suspeita de que a jovem estava psiquicamente abalada. Ele não quis contrariá-la, mas prometeu a si mesmo dedicar-se ao tratamento de seu sistema nervoso, cujo estado mórbido provocava estranhas alucinações.

- Bem, está na hora de voltarmos para casa! O sereno que vem do rio pode piorar a sua saúde. Vamos!

- Levantando-a feito a uma pena, ambos voltaram rindo para casa.

Lá eles eram aguardados por Tusnelda, Dora e Maidel, que acabara de chegar. Vendo toda a família reunida, Leerbach, sem soltar a mão de Almeris, aproximou-se do velho taberneiro e pediu-lhe o consentimento e a bênção para se casar com Almeris.

No primeiro instante todos ficaram pasmos, mas algu-mas palavras quanto à posição social e financeira de Leerbach dissiparam todos os receios. Maidel abraçou os noivos e felicitou-os. Dora e Tusnelda não cabiam em si de orgulho e alegria com a idéia de que a querida Almeris se tornaria uma baronesa.

Todos conversaram animadamente. A cerimônia de casamento foi marcada para logo. Ao notar um rubor febril nas faces de Almeris, Richard, por temer que as demasiadas excitações pudessem prejudicar a jovem, anunciou que estava na hora de todos irem descansar.

Richard voltou para casa feliz, porém preocupado. Tudo acontecia mais rápido que ele havia imaginado. Em seu arrebatamento passional ele já havia tomado uma firme decisão que gostaria de discutir com todos. Agora ele já considerava de seu dever revelar a Tea toda a verdade; o que não era fácil. Sentindo-se exausto, ele decidiu adiar por alguns dias o envio da carta de despedida a sua ex-noiva. O médico já tinha dormido cerca de uma hora, quando foi acordado por Maidel, pálido e apavorado. Almeris começou de novo a verter sangue pela boca.

Rameri vestiu-se rapidamente e saiu correndo para casa de Maidel. A jovem jazia desacordada, branca como neve.

Uma hora depois de todas as providências, Almeris abriu os olhos, mas estava tão fraca que mal podia mover-se. Ao ver Richard, que se inclinara sobre ela, Almeris sorriu-lhe feliz, tomou

obedientemente o remédio que ele lhe dera e, segurando-o pela mão, adormeceu num tranqüilo sono restaurador.

Leerbach passou junto da cabeceira da enferma até o amanhecer. Seu coração estava oprimido. Como médico, ele sabia que a vida de Almeris estava por um fio. Mas, como um ser humano que acredita no que deseja, ele conseguiu se convencer de que seus conhecimentos, com a ajuda do amor e do organismo jovem, derrotariam a doença.

Os dias seguintes foram para Richard muito angustiantes. Como médico ele se desesperava, como um homem apaixonado ele se agarrava à esperança de que o seu senso julgava ilusória. As indagações da família ele respondia evasivamente. Almeris, entretanto, parecia feliz e estava totalmente calma. Apenas um dia ela perguntou a Richard se ele não achava melhor adiar o casamento por uns meses.

- Ao contrário, eu gostaria de antecipá-lo. Será mais fácil cuidar de você. e a certeza de seu triunfo sobre o destino, mais o fato de você ficar comigo para sempre, contribuirão para a sua rápida recuperação — respondeu-lhe Richard sorrindo.

Ele já tomara aquela decisão havia alguns dias. Se o destino dela era morrer, ele desejava, ao menos, dar-lhe o máximo de felicidade.

Uma expressão de tristeza inenarrável percorreu o rosto de Almeris, mas ela nada disse. Maidel, a pedido de seu futuro genro,

apressou os preparativos de casamento. Almeris mudou-se temporariamente para o quarto de Dora, enquanto o seu e mais dois quartos contíguos eram reformados para os futuros cônjuges. Entretanto, apesar daqueles alegres preparativos e do amor com que a cercavam Richard e seus familiares, o estado de saúde da moça piorava a cada dia. Ao saber de Tusnelda a história da mãe de Almeris, Leerbach entendeu que a doença era hereditária e que os sofrimentos e as provações de Fátima repercurtiram sobre a saúde da filha.

Na véspera do dia do casamento, Almeris estava visivelmente mais alegre e forte que nos últimos dias. Quando Richard veio visitá-la, ela estava sentada diante de um pequeno armário entalhado, de onde ia tirando algumas antigüidades e dispondo-as sobre a mesa.

- Você chegou bem na hora, Richard! — disse ela jovial, oferecendo-lhe para beijar os seus lábios rosados. - Ajude-me a tirar uma caixa da gaveta inferior. Tenho uma coisa que gostaria de dar-lhe.

Richard atendeu ao desejo e tirou do armário uma pesada caixa, bastante grande. Colocando-a sobre mesa, curioso, ele começou a examiná-la. O objeto, pelo visto, era bem antigo, mas não era de origem egípcia. As paredes e a tampa eram decoradas por incrustações de marfim e o desenho representava cupidos brincando com sátiros. Mas a maravilhosa obra de arte estava muito

danificada pela ação do tempo ou pelas mãos bárbaras. Em alguns pontos faltava marfim, em outros, o entalhe estava quebrado ou o desenho estava apagado.

- Meu Deus! Como podiam deixar estragar esta maravilha? — exclamou Richard.

- Esta caixa foi encontrada do jeito que está. Mas o que ela contém, eu acho que você vai gostar — disse rindo Almeris. Abrindo a tampa, a jovem tirou alguns chumaços de algodão e depois, não sem esforço, retirou um objeto embrulhado em pano.

- Veja! Parece um peso para papel! — prosseguiu ela desembrulhando o pano. Richard inclinou-se curioso e soltou um grito de admiração.

Sobre um pedestal de ágata vermelha repousava uma esfinge, provavelmente de basalto negro. A esmaltada klafta listrada, em azul e ouro, cobria-lhe a cabeça. A testa era ornada por uma flor de lótus em miniatura, de tal acabamento artístico, que parecia viva.

- O, grande Deus! Que obra de arte maravilhosa! exclamou fascinado Richard.

Mas subitamente ele estremeceu e, erguendo a antiga peça, apontou:

- Veja, Almeris! Esta esfinge é tão parecida com você, que não dá para acreditar. Apenas as feições dela são mais

amadurecidas e sérias. E um milagre! De que forma este tesouro veio parar em suas mãos?

- Eu encontrei. Aconteceu assim — prosseguiu Almeris. — Cerca de dois anos atrás, para cá veio um inglês e hospedou-se em nossa casa. Diariamente ele ia para as ruínas acompanhado por dois criados; o inglês, alegando estar copiando inscrições hieroglíficas, na realidade realizava escavações nas antigas tumbas, escondendo ali as peças encontradas.

Nessas buscas ele era ajudado por dois felás — por um bom dinheiro, é claro, e sob a condição de guardar o segredo. Como eu sempre perambulava pelos escombros, logo descobri o local de suas escavações secretas. Como aquilo me distraía, eu fiquei quieta. Quando eles descobriram que eu estava sabendo, ficaram muito assustados e bravos, mas, convencidos da minha discrição, tranqüilizaram-se e não me impediam de acompanhá-los.

Certo dia, eles encontraram na antiga necrópole uma câmara mortuária que devia ter pertencido a alguma família rica, pois era composta de dois ambientes, um dos quais estava emparedado. A entrada também estava fechada.

O inglês ficou animado. Ele achou ter encontrado um esconderijo cheio de tesouros. Quando o túmulo foi aberto, nada nele foi encontrado além de um banco e uma mesa de madeira, carcomida por vermes. No fundo jazia um esqueleto. O inglês ficou

possesso e explicou que, sem dúvida, ali habitara e morrera algum vagabundo e os amigos haviam emparedado o seu cadáver.

Para mim, entretanto, aquele cadáver jogado no canto inspirava uma pena indescritível. Alguns dias depois eu retornei ao túmulo. E desta vez, naquele canto onde estavam os ossos, eu avistei uma luz fosforescente. Por que eu não fiquei apavorada? — até hoje não consigo entender —, pois agora, só de lembrar, meu corpo treme todo. Na época eu só sentia uma terrível curiosidade e uma tal firmeza, que, sem a menor vacilação, aproximei-me mais e me convenci de que a luz partia através de uma fenda entre as pedras. Uma grande pedra cedeu ao empurrão de minha mão e girando sob os gonzos invisíveis abriu-me um esconderijo. Ali, envolta numa névoa fosforescente, estava esta caixa.

Escondendo-me de todos para não ser vista, eu, com muita dificuldade, trouxe a caixa para cá e achei nela a esfinge.

É dela que irradia essa luz estranha e eu sei que esse objeto guarda algum segredo. Esta esfinge me fala no silêncio da noite. Ela me disse coisas surpreendentes e me mostrou visões estranhas. Nessas visões eu vi você, Rameri! Bem, estou cansada de tanto falar; na próxima vez eu lhe contarei mais.

Ao notar a palidez e o cansaço de Almeris, Richard apressou-se em beijá-la e agradeceu pelo incomparável presente. Aos seus segredos e visões ele deu pouca importância, atribuindo-os às alucinações; mas a peça em si era uma obra de arte magnífica.

No dia seguinte, numa grande sala, foi instalado um altar provisório. Do Cairo veio especialmente um velho pastor, amigo de Maidel. Ele era o mesmo que havia batizado Almeris e agora, profundamente entristecido, via o estado lastimoso de sua saúde.

Engolindo lágrimas, Dora e Tusnelda colocaram na noiva um vestido branco, leve e simples, e o véu de noiva; arrumaram os seus cabelos, negros feito asa de corvo, com grinaldas de rutáceas. Almeris estava bela como um sonho, mas ao mesmo tempo tão delicada, pálida e transparente, que antes parecia uma visão do que uma mulher em carne e osso.

Quando a jovem ficou pronta, ela abraçou os seus benjeitores, agradeceu-lhes por todo o amor, amizade e cuidados com que a cercaram desde o dia de seu nascimento. A seguir, enlaçando o pescoço de Dora, acrescentou:

- Se eu morrer, ponha em mim este mesmo vestido que eu fui tão feliz.

- Ah! Como você pode falar essas bobagens num dia assim? — redargüiu contrafeita a bondosa mulher. Ultimamente você está bem melhor! Você ficou mais viçosa e forte. A felicidade fará o resto e daqui a alguns meses vai esquecer por completo esta droga de doença — acresceu Tusnelda tentando sorrir.

Mas Almeris balançou pensativamente a cabeça.

- Não, o meu sonho já me fez saber que logo eu retornarei ao mundo invisível. Meus sonhos se cumprem. Bem, tanto faz! Morrerei feliz por pertencer a Richard por mais dificil que seja partir deste mundo, quando a vida é tão maravilhosa.

A cerimônia de casamento foi simples e rápida para não cansar a noiva lívida, cujo olhar, ainda que radiante de felicidade, parecia já não pertencer a este mundo. Richard também estava branco e concentrado em pensamentos. Ele sabia que a morte se interpunha entre ele e a mulher amada. Além disso ele era atormentado com a lembrança de Tea. Ele não lhe escrevera ainda. Sem dúvida ela achava que ele estivesse na Núbia — seus colegas de expedição já haviam partido — e ela estava esperando por ele, enquanto ele ingressava numa união com outra. Era inegável que Tea também tinha direitos sobre ele. Por ele, ela estava disposta a tudo. De sua parte era baixeza não contar-lhe toda a verdade, não obstante, ele não conseguia fazê-lo. Em sua mente confrontavam-se as imagens de duas mulheres: uma era bela e cheia de vida e saúde; outra — uma flor moribunda, e as duas de novo faziam desencadear em sua alma uma luta tormentosa. Nos primeiros dias de casados, Almeris parecia ter renascido e às vezes, por alguns minutos, a despeito da ciência, Richard alimentava a esperança de que a natureza, através de caminhos estranhos, pudesse realizar o milagre e devolver a saúde ao organismo que se definhava. Mas o sonho durou pouco. Duas semanas depois da união, o estado de saúde da jovem sofreu uma rápida e fatídica reação. Ela recomeçou

a soltar sangue pela boca e Richard compreendeu que logo chegaria o fim do seu sonho maravilhoso.

Preocupado, o jovem médico não deixava sua esposa nem por um minuto, e ela, apesar de sua fraqueza, estava alegre e calma.

- Ela não entende a sua situação — pensava Richard.

Entretanto Almeris logo o tirou de seu equívoco.

Certa manhã, Richard trouxe Almeris para o terraço e a deitou numa poltrona. Após um longo silêncio, ela pegou a mão do marido e, apertando-a com força, disse:

- Meu bondoso Richard! Estou sentindo que o meu fim se aproxima e gostaria de conversar com você seriamente antes da nossa separação.

Leerbach somente assentiu com a cabeça. Sua voz estava embargada; ele nada conseguia dizer.

- Não me fale da separação: você vai viver por mim — balbuciou ele finalmente, apertando a si com tristeza a jovem esposa.

Almeris deitou a cabeça no peito do marido.

Um sorriso feliz mas triste vagava em seus lábios.

- Rameri! Meu amado! Não se amargure tanto! prosseguiu ela. — Está morrendo apenas o corpo e a separação é temporária. Os elos invisíveis que nos unem de século a século, de vida à vida

— são indestrutíveis. Nós renasceremos em nova forma, reconheceremos um ao outro e novamente nos amaremos. Eu agradeço a Deus do fundo da minha alma pela vida que eu tive. A felicidade que Ele me deu foi breve, mas, por outro lado, completa. Eu lhe pertenço, você me ama e me preferiu a Ericso. Morrerei em seus braços e o seu beijo cerrará os meus lábios. Nenhuma sombra anuviou a minha bem-aventurança. O que de melhor poderia me dar uma vida longa? Direi mais: é uma grande graça do Senhor por Ele ter me chamado para si no resplendor da juventude e beleza. Você, meu Rameri, você envelhecerá. A idade e as preocupações farão arcar o seu porte, farão seus cachos negros ficarem prateados e marcarão a sua testa com rugas.

Almeris acariciou com sua pequena e transparente mão a cabeça inclinada do marido.

- Eu, no entanto, vou viver em sua recordação eternamente jovem, tal como você me ama! Uma vez que toda vida humana tem que ter um fim, não é melhor morrer como eu faço?

- Você apenas esquece de uma coisa: se a sua sorte é invejável, eu, entretanto, fico sozinho — observou com voz indecisa Richard.

- Por que sozinho? redargüiu vivamente Almeris. Você esqueceu que antes de me conhecer já amava uma outra e ela também o ama! Justamente sobre isso eu gostaria de falar-lhe e pedir para que você faça todo o possível para obter o perdão de Tea

e casar com ela. Não me interrompa! Você terá que cumprir com o seu dever. Eu não quero que Ericso sofra a vida inteira como eu sofri durante esses angustiantes dias, quando achava que o tinha perdido. Ela compreenderá que o ser humano não tem culpa, quando dominado por essa misteriosa e poderosa força chamada amor. Ela perdoará por você ter ornado e aliviado os últimos dias da moribunda.

Eu espero que vocês se unam em uma vida longa e feliz, pois eu então serei apenas uma lembrança. Morta — eu serei uma rival inofensiva!

Sem dizer uma palavra, Richard apertou-a contra si. Desalento e emoção comprimiram-lhe a garganta. Por fim, a muito custo, ele conseguiu dominar-se e tentou com brincadeiras dissipar a impressão dessa conversa.

Passaram alguns dias sem nenhuma alteraçao visível no quadro da enferma.

Certa manhã, no entanto, ela acordou num estado de extrema excitação. Ela não estava sofrendo, mas não parava de se agitar e não queria que o marido se afastasse nem por um momento.

Richard, angustiado mortalmente, observava-a. Ele sabia que a hora da separação estava próxima.

A noite Almeris teve asfixia e taquicardia.

- Ar! ... Ar! ... Estou me sufocando! — gritava ela, arremessando a cabeça para trás nos travesseiros.

Richard ergueu-a nos braços e levou-a para o terraço. O ar fresco da noite parecia ter lhe feito bem e alguns minutos depois ela abriu os olhos. Encontrando o olhar desesperado do marido, Almeris subitamente abraçou-se ao seu pescoço e sussurrou com a voz entrecortada por lágrimas:

- Oh, como é dificil morrer quando a vida é tão bela!

Dominando-se, no entanto, imediatamente ela acrescentou:

- Não, o que eu lhe disse é minha última fraqueza. Não chore, meu amado, Rameri! Permita-me chamá-lo com este nome tão caro para mim, e deixe-me também agradecer-lhe por seu amor.

Ela calou-se e sua respiração tornou-se pesada; seus olhos embaçaram.

- Almeris! Não morra! — gritou Richard, apertando contra si a esposa numa angústia alucinada. Com este chamado, Almeris endireitou-se rapidamente, seus olhos faiscaram e as faces tingiram-se num rubor róseo. Jamais, talvez, Almeris estivesse tão bela, como naquele minuto. Com uma força totalmente insuspeita, ela atraiu para si a cabeça do marido e o beijou nos lábios. Neste esforço romperam-se os últimos elos que uniam o corpo à alma. As mãos descerraram-se, os olhos fecharam-se e o corpo soltou-se exânime. Almeris estava morta.

Maquinalmente, feito atordoado, Richard colocou-a sobre o sofá, arrumou os travesseiros e cruzou no peito as frias e imóveis mãos da esposa.

Só então ele subitamente entendeu que tudo estava acabado. Caiu de joelhos e com um gemido surdo enterrou o rosto nas pregas de seu vestido. Quanto tempo ele passou daquele jeito, a sós com a falecida, nem ele poderia dizer. Quando finalmente ele se levantou, tudo em volta estava quieto. A lua de que tanto gostava Almeris havia subido como se para cumprimentá-la e inundava-a pela última vez com seu dócil luar.

Richard sentia-se totalmente abatido. Ele tirou maquinalmente um lenço e passou-o pelos olhos inchados, testa úmida e cabelos desarrumados.

De repente o seu olhar se deteve, por acaso, sobre a falecida e ele recuou para trás assustado, sem acreditar em seus próprios sentidos.

Do fundo do terraço escuro partia uma larga faixa de luz fosforescente que envolvia o corpo de Almeris com uma névoa azulada. Sobre a cabeça da morta flutuava uma aura dourada, como se salpicada por brilhantes. Junto à cabeceira do leito, inclinando-se sobre Almeris, rodeavam-na seres em trajes brancos, com rostos serenos e majestosos. Nas mãos eles seguravam ramos de palmeira.

Subitamente um leve toque fez com que Richard estremecesse e se virasse. Diante dele estava Almeris — bela,

alegre e sorridente. Uma coroa de flores brancas decorava-lhe a cabeça. Nas mãos ela segurava um ramo vitorioso de palmeira.

- Morreu tão somente o corpo — disse ela em voz afável, levemente surda. — O meu espírito vive, sente e ama ainda mais do que antes, quando ele estava sob o fardo da carne.

Almeris fez um sinal de saudação com a mão e sorriu, a seguir começou a subir lentamente no ar. Por cerca de um minuto, a sua túnica prateada ainda fulgia ao luar, depois a visão começou a empalidecer e finalmente se dissipou no ar.

Richard estava imóvel, petrificado. Sua cabeça tonteou, a terra fugiu-lhe aos pés, tudo ao redor parecia girar. Ele perdeu os sentidos.

Quando abriu os olhos, já era dia. Ele estava deitado no sofá da pequena sala de jantar, anexa ao terraço. Em volta dele estavam Maidel, sua irmã e Dora. Todos estavam brancos e abatidos; os olhos de todos estavam vermelhos de lágrimas.

- Almeris morreu — gritou Leerbach saltando do sofá.

Maidel deixou cair das mãos uma toalha molhada com água fria, com a qual estava enxugando o rosto de Leerbach, e deixou-se cair na poltrona, desatando em choro.

- Sim, todos nós já sabemos da desgraça — disseram em uníssono Dora e Tusnelda, chorando copiosamente.

Um pouco depois, todos foram ao dormitório para onde foi transferida a falecida. Almeris parecia estar dormindo, mas o círculo ígneo já não lhe envolvia a cabeça.

III.

Após o enterro de Almeris, uma profunda melancolia apoderou-se de Leerbach. Ele não conseguia nem ler nem trabalhar e passava apaticamente o tempo; sua única distração era ficar ornamentando o túmulo da esposa. Um lúgubre e funesto silêncio também reinava na casa, cuja alma havia partido.

E eis que certo dia Maidel anunciou a Richard que estava vendendo o seu negócio.

- Não tenho para quem ficar trabalhando. Para nós, velhos, já é suficiente o que temos — disse entristecido. — E você, Richard, acho melhor partir e distrair-se, caso contrário ainda vai acabar doente — acrescentou ele, apertando amigavelmente a mão do médico.

Essa conversa tirou Leerbach de seu entorpecimento. Maidel estava certo: ele deveria sacudir de si toda aquela apatia. Após algumas reflexões, decidiu passar algumas semanas em Alexandria e, estando lá, resolver o que faria da vida. Ele se preparou rapidamente, querendo aproveitar o navio que no dia seguinte partiria de Tebas com os turistas.

Na véspera da viagem, à tardezinha. ele se dirigiu ao túmulo de Almeris, ornamentou-o pela última vez com uma coroa de lótus que ele próprio tecera e rezou por longo tempo. Depois, com grande

peso no coração, recostou-se no muro, sem forças para abandonar o local que lhe era caro em recordações. Feito viva, projetava-se em sua imaginação a criatura encantadora que agora repousava ali, sob aquela pedra, e ele involuntariamente relembrou aquela terrível visão na noite de sua morte.

- Não fique triste, meu amado! Eu o seguirei por todos os lugares para onde você fôr — sussurrou-lhe como se fosse no ouvido a voz nítida de Almeris.

Richard estremeceu e se virou, mas em volta não havia ninguém.

- É! De fato eu preciso partir! Já estou começando a ter alucinações nesta atmosfera neurótica — resmungou ele, dirigindo-se para casa.

A viagem e a arrumação das coisas distraíram até certo ponto Leerbach em Alexandria e devolveram-lhe a habitual agilidade mental. Apenas, vez ou outra, ele olhava para o retrato de Almeris e novamente a saudade se apoderava dele. Umas seis semanas depois, ele se acalmou de tal forma, que já podia pensar no futuro e em Tea a quem devia algumas explicações.

Dentro de algumas semanas terminaria o prazo de oito meses, estabelecido pelo velho conde para o seu retorno. "Assim eu vou, confesso a Tea tudo o que aconteceu e ela que decida se quer ou não casar comigo."

Tal foi a decisão do barão.

O luto que Richard seguia em seu coração fazia-o afastar-se dos barulhentos prazeres citadinos. Em compensação ele se entregou com novo ânimo ao estudo das antigüidades de todas as épocas, das quais Alexandria estava repleta.

Certo dia, durante a investigação de um dos sítios arqueológicos cheio de recordações do passado, Richard conheceu um apaixonado arqueólogo, o doutor Emanuel Ber, ex-professor de etnologia de uma universidade alemã. Homem rico e independente, Ber aposentou-se e já há alguns anos vivia no Egito, dedicando-se a diversas escavações por pura distração.

Apesar de seus sessenta anos, o professor era ainda uma pessoa ativa e forte. Sua índole alegre e grande vontade de viver faziam dele um excelente companheiro e, assim, a despeito da diferença das idades, ele e Richard tornaram-se bons amigos.

Estando Leerbach em casa decidido a pôr em dia a sua correspondência, para desocupar a mesa de trabalho, ele começou a revirar na gaveta diversas antigüidades que comprara de manhã. De súbito seu olhar se deteve na caixa, dentro da qual estava guardada a esfinge que lhe fora presenteada por Almeris.

Como poderia ele ter esquecido aquele objeto precioso? Como até então ele não o tinha mostrado ao professor? Richard tirou cuidadosamente a caixa, colocou-a sobre a mesa e começou a examiná-la atenciosamente.

Só então ele se convenceu de que a esfinge não era de basalto, mas de um material que lhe era estranho. Com admiração crescente, ele examinava aquela perfeição de trabalho e a delicadeza surpreendente dos ornamentos. Sua curiosidade aumentou ainda mais quando ele descobriu que ao redor da base de ágata, por três quartos de comprimento e quase meio metro de largura, havia uma inscrição hieroglífica.

- Ber precisa ler esta inscrição. Que azar que ele só volte da excursão depois de amanhã! — balbuciou Richard, fascinado com a magnífica cabeça da esfinge.

Involuntariamente e sem saber como, ele tocou com o dedo na flor acima da cabeça, apertando, pelo visto, o pistilo de ouro. No mesmo instante, ouviu-se um leve ranger e Richard foi bafejado por um ar úmido e um aroma tão forte, que sentiu tontura e jogou o corpo contra o espaldar da poltrona. Mas a fraqueza não demorou a desaparecer. Richard aprumou-se e viu surpreso que a esfinge havia se deslocado de sua base, deixando à mostra uma abertura prolongada, no fundo da qual havia um frasco e um objeto embrulhado num pano amarelado pela ação do tempo.

Richard, curioso, primeiro retirou cuidadosamente o frasco de cristal com uma espécie de líquido vermelho, fechado com rolha de prata, adornada por uma cruz vermelha esmaltada.

Surpreso, tirou o segundo objeto. Desembrulhando o pano, ele estremeceu e largou imediatamente tudo sobre a mesa. Aquilo

era uma mão de mulher, tão preservada que parecia viva. Um dos delicados e delgados dedos de unhas rosadas era ornamentado por um anel comum de ouro maciço. A Richard pareceu que justamente da mão é que se exalava aquele aroma agradável e excitante, que enchia o quarto e dificultava a respiração.

Uma fina pulseira de ouro envolvia o pulso, ao qual se prendia com uma corrente uma plaquinha metálica com uma inscrição. Richard conseguiu decifrar, com dificuldade, o que estava escrito, pois o texto era em latim. A inscrição dizia o seguinte: "Valéria, patrícia, morta em Cristo". Adiante seguia o dia e o ano da morte.

Um tremor de medo supersticioso percorreu o corpo de Richard quando ele, debruçando-se na mesa, começou a examinar a mão diante dele. Uma mulher que possuísse aquela magnífica mão deveria ser muito bonita. E a mulher deveria ser uma mártir, uma daquelas surpreendentes heroínas que a geração contemporânea, pervertida e céptica, compreendia tão mal, como não as compreendia também a sociedade romana. O líquido vermelho dentro do frasco era o sangue daquela Valéria — isso era claro. Mas por qual milagre este sangue, conservado por praticamente dois séculos, permaneceu fresco e líquido como se acabasse de jorrar da veia desta delicada e macia mãozinha?

Enigma! O mesmo enigma que escondia a forma pela qual esta mão de cristã veio parar numa esfinge egípcia, provavelmente muito antiga!

Como ele gostaria de desvendar este mistério do passado remoto! De que drama existencial teria participado esta maravilhosa mãozinha? Lábios de quem cobriam de beijos estes dedinhos delicados? Mãos de quem eles apertaram retribuindo a saudação?

De chofre, ele estremeceu e agarrou a cabeça com as mãos. Ele recordou-se daquelas palavras que lhe foram ditas por Almeris: "Eu fui a romana Valéria. Nós nos amávamos, mas a cruel Ericso arrebatou novamente de mim o seu coração. Da infelicidade eu me tornei cristã e acabei perecendo".

A Leerbach pareceu que aquelas palavras ainda soavam em seus ouvidos; e aqui, diante dele estava a mão da mártir, de nome Valéria, e a mão estava escondida na esfinge que tinha os traços do rosto de Almeris.

- Oh, como somos somos cegos e ignorantes! — balbuciou ele, enxugando o suor gelado de sua testa. — Talvez eu esteja neste minuto diante de uma página aberta do meu passado desconhecido e não consigo lê-lo! Já não me dissera a minha pobre e maravilhosa Almeris que nós havíamos vivido em outros corpos, conhecíamos e nos amávamos um ao outro! A vista destes fatos, terei eu o direito de negar? É claro que o coração que bate em meu peito é um órgão novo.

Mas o que pode provar que o espírito que anima este coração e a inteligência que funciona em meu cérebro já não pensaram e

não trabalharam antes? Como provar que o meu amor a Almeris não foi uma repercussão do passado?

Mergulhado em seus pensamentos, Richard não notou como os seus membros pareciam ter se enchido de chumbo e um tremor glacial ter-lhe percorrido o corpo. De repente a sua cabeça tonteou e tudo em volta girou e rodopiou. O aroma que enchia o quarto pareceu-lhe asfixiante e insuportável e ele recostou-se impotente no espaldar da poltrona. No entanto, nem por um instante os seus sentidos o abandonaram, pelo contrário — sua visão e audição pareciam ter adquirido uma sensibilidade quase mórbida.

Richard via todos os objetos emanarem uma luz fosfórica, uma névoa reluzente enchia o quarto e sob o frasco com o sangue acendeu-se uma chama. A chama começou a aumentar de volume, tornou-se branca, desceu, e aos poucos foi adquirindo a forma de uma mulher, de beleza extraordinária. Parecia com Almeris mas não era ela. Era mais alta, mais majestosa e soberba.

A visão aproximou-se sorrindo de Richard, beijou-o na testa e murmurou-lhe no ouvido com voz surda:

- Esta página do passado que a sua alma, esmagada por um novo invólucro carnal tenta inutilmente trazer para a lembrança, eu escreverei para você. A vida, enterrada sob as cinzas dos séculos, animar-se-á diante de você.

A mulher impôs uma das mãos sobre a cabeça de Richard, estendendo a outra em direção da mesa. Só então o médico

percebeu que para a visão faltava a mão do segundo braço. Mas, assim que ela tocou com a parte decepada a mão que estava sobre a mesa, esta se uniu e o membro tornou-se íntegro. Tudo era feito com a maior naturalidade; a desconhecida pegou um caderno e um lápis e, inclinando-se sobre a escrivaninha, começou a escrever com incrível rapidez.

Uma fita fosforescente serpenteava-lhe a mão e o lápis.

De súbito, da mão que repousava na testa de Richard espargiu um feixe de faíscas, cegando-o.

Pareceu ao médico que um golpe de pau o atingiu na testa e o arremessou ao espaço; no entanto, o baque foi logo substituído por uma sensação de prazer e conforto. A respiração voltou ao normal e ele já não estava mais sentado, mas flutuando junto à poltrona, continuando a ver a mulher em trajes brancos que, inclinada sobre a mesa, continuava a escrever. Por outro lado, tudo em volta havia mudado. As paredes do gabinete se abriram e pareciam sumidas na penumbra longíqua. A impressão era que uma forte rajada de vento varrera o espaço inundado de luz brilhante, e que neste fundo ofuscante se projetavam, feito quadros vivos, as paisagens, cenas de vida quotidiana, pessoas conhecidas e ao mesmo tempo estranhas. Este incrível panorama era acompanhado por um verdadeiro furacão de sons, melodias e vozes; os quadros iam se alternando com outros e, o que era mais estranho, pareciam

penetrar nele, ora envolvendo-o com frio glacial, ora ba- fejando-o com calor do meio-dia.

Richard concentrava toda a sua força tentando captar ou divisar o detalhe de pelo menos um quadro que passava por ele, mas era em vão. Mal se desenhava uma casa ou templo de alguma cidade egípcia antiga, uma vista noturna do Nilo, um tribunal romano, uma rua cheia de gente ou um campo sangrento de luta... tudo migrava tão rápido como num caleidoscópio, dando lugar a um novo quadro. Aos poucos, uma certa fraqueza apoderou-se dele. Todo esse turbilhão de sons e imagens o esmagava e sufocava. De repente um forte estalido tirou-o daquele estranho estado.

Tremendo feito vara verde, Richard endireitou-se e viu que a porta se achava quebrada e na soleira estavam o seu camareiro Fredrich, o comissário de polícia, o carpinteiro e um criado do hotel.

- O que isso significa? Por que razão, senhor comissário, o senhor irrompe no meu quarto dessa forma inusitada? — perguntou furioso Leerbach, levantando-se da poltrona.

- A pedido do proprietário do hotel e de seu camareiro, que disse que o senhor está trancado há três dias no quarto e não dá o menor sinal de vida. Uma vez que a porta estava trancada por dentro e o senhor não respondeu a nenhum dos nossos chamados, eu mandei que a porta fosse arrombada — respondeu o comissário.

Em seguida, fazendo uma mesura, ele acrescentou respeitosamente:

- Já que o senhor está vivo e em perfeita saúde, só me falta retirar-me e pedir-lhe desculpas.

- Você pelo visto endoidou, Fredrich! Sem nenhuma razão aparente, você pôs em pé a casa inteira e provocou um escândalo! — bradou Richard com raiva.

- Fui obrigado a fazer isso, pois já vai para o terceiro dia que o senhor está aí trancado e não dá o menor sinal de vida...

- Entre e encoste a porta! E vocês, todos para fora!— interrompeu Richard.

- Você ainda ousa mentir-me que tentou entrar aqui por três dias, quando, no máximo ontem, você me serviu um jantar frio e eu o proibi de perturbar-me, pois ia escrever umas cartas importantes!

- Oh, meu Deus! Mas isso era na quinta-feira, senhor barão, e hoje é domingo. Se o senhor não me acredita, olhe para estes jornais e se convença por si mesmo. Meu Deus! Que susto que eu tomei! No início eu pensei que o senhor estava se dedicando ao espiritismo, igual à senhora do apartamento 5, que costuma realizar inúmeras sessões e que lhe deu alguns livros ensinando invocar espíritos. Devido à morte da baronesa e a seu infortúnio, eu julguei que o senhor quisesse chamar o espírito dela. Asseguraram-me que

não havia nenhum perigo nisso; mas quando o senhor deixou de aparecer alguns dias, achei que o senhor estava morto e chamei o comissário.

Richard quase não o ouvia. Ele refletia sem condições de entender como o tempo, que lhe pareceu durar um minuto, poderia ter durado três dias? De repente, seus olhos detiveram-se num grosso maço de papéis que estava sobre a mesa. Richard certificou-se de que ali estavam as folhas cuidadosamente numeradas, escritas em letra miúda pela mão da mulher estranha. A esfinge continuava no mesmo lugar, mas os objetos que estavam dentro dela haviam desparecido, ainda que ele não se lembrasse de tê-los guardado.

- Muito bem, Fredrich! — interrompeu ele a tagarelice do criado. Traga-me um desjejum e depois me deixe sozinho. Fique tranqüilo, eu não vou pôr a tranca. Mande também consertar tudo, enquanto eu vou à casa do professor Ber.

Apesar de estar terrivelmente esfomeado, Leerbach comeu às pressas, desejando ficar a sós para se certificar de que ele estivera dormindo ou realmente na base da esfinge havia coisas que ele tinha visto.

Mal Fredrich se retirou, Richard sentou-se à mesa, puxou a esfinge e apertou o pistilo de ouro do lótus azul. Imediatamente ouviu um ranger e avistou a abertura em que estavam o frasco e um embrulho com a mão da mártir.

Então aquilo não foi um sonho! Richard quis novamente dar uma olhada na mão que se preservara tão magnificamente através de um método desconhecido. Desembrulhando o pano amarelado, ele surpreso viu que por dentro havia um desenho provavelmente feito com anilina, representando a esfinge e uma pirâmide. Sobre o desenho estava desenhado um mapa e acima dele uma inscrição heráldica.

- Preciso pedir a Ber que me leia tudo isto! A história começa a se tornar cada vez mais enigmática e interessante — murmurou Richard, recolocando a mão no esconderijo.

Puxando o maço de papéis ele se convenceu de que aquilo era uma narrativa completa, escrita em correta e requintada língua latina, digna do próprio Cícero. A narrativa tratava de uma tal de Valéria.

Richard fechou o manuscrito na gaveta da mesa. Naquele estado agitado em que se encontrava, não tinha condições de ler aquela estranha história escrita pela habitante de um outro mundo, pois ele lembrava nitidamente aquela bela figura de mulher que o beijou na testa e disse: "Eu escreverei para você a história de uma vida, enterrada sob as cinzas dos séculos".

Apesar de cansado, Richard sentia a necessidade de ar fresco e de movimento para pôr em ordem as suas idéias. Assim ele decidiu ir imediatamente à casa do professor Ber, que já deveria

estar de volta de sua excursão. Depois de trancar cuidadosamente a esfinge, saiu.

O professor estava em casa copiando e pondo em ordem uma série de inscrições que trouxera da viagem. Ele recebeu Leerbach jovialmente mas, estranhando o seu aspecto doentio, começou a inquiri-lo sobre a saúde.

Respondendo a todas suas perguntas evasivamente, Richard mudou de assunto e contou-lhe como Almeris havia encontrado a esfinge. Concluindo, ele pediu que o professor lesse a inscrição hieroglífica gravada na base.

Ber animou-se e prontificou-se a examinar o objeto tão interessante. Pegando um dicionário, um caderno e uma lupa, eles tomaram o caminho.

A visão da caixa e da esfinge fez Ber soltar um grito de admiração.

- Mas isso é além da perfeição! Essas peças não têm valor! — repetia ele fascinado com a perfeição do trabalho.

Finalmente ele iniciou a interpretação da inscrição hieroglífica sobre a base. Duas horas depois do trabalho silencioso, ele aprumou-se e enxugou a testa suada.

- Bem, o que está escrito aí? O senhor achou alguma indicação quanto à origem desta interessantíssima peça? —

perguntou Leerbach, que observava com impaciência nervosa o demorado trabalho do professor.

- Sim. A esfinge parece ser menos antiga que eu supunha. Pelo visto ela pertence à época de Amósis, ou seja, um pouco antes da invasão dos persas. O rosto da esfinge representa a princesa Nuíta. Esta esfinge é uma obra do escultor Rameri, mas...

- Rameri! O escultor era chamado Rameri? — interrompeu-o Richard, pulando da poltrona.

- Por que é que o senhor está tão agitado? Pode-se até pensar que o senhor conheceu Rameri! Ha-ha-ha!

E o professor rompeu em sua gostosa e alegre gargalhada. Em seguida prosseguiu:

- Aliás, a inscrição está muito obscura e trata de várias pessoas.

- Talvez sobre um tal de Amenhotep e Ericso?

Agora foi a vez de Ber abrir a boca de surpresa.

- Como? O senhor já havia lido e só queria testar-me? — disse ele após um minuto de silêncio.

Richard impaciente deu de ombros.

- Que besteira! Eu não li nada, pois não entendo de hieróglifos e não sei interpretá-los. Mas eu me vi, de uma certa forma, envolvido numa história tão extrordinária, que, decerto, dá para

endoidar! Agora me transmita palavra por palavra a inscrição talhada na base.

- Repito-lhe, a inscrição está muito obscura, provavelmente tem omissões e é escrita por duas pessoas. No início trata de certas instruções, onde cita o nome do escultor, contemporâneo de Amósis e da princesa Nuíta, cujo rosto é representado pela esfinge. Depois — totalmente incompreensível — o mesmo escultor presenteia a esfinge a uma senhora romana, de nome Valéria, chamando-a de cópia de seu primeiro trabalho. Depois desses disparates segue uma segunda inscrição, dirigida a Rameri por um certo Amenhotep, que se intitula um poderoso mago. Nela se informa que Amenhotep e Ericso estão num lugar seguro e que todos os detalhes e as instruções poderão ser encontrados por Rameri no esconderijo por ele conhecido. Eis praticamente palavra por palavra o sentido da inscrição. Se o senhor entende dela mais que eu, Leerbach, serei eternamente grato se me der a explicação.

Richard, apertando a cabeça com as mãos, deu uma volta pelo quarto. Depois, parando diante do professor, ele disse:

- Está bem! Eu lhe contarei tudo, pois começo a me perder nesse emaranhado de coisas.

Em poucas palavras Richard transmitiu-lhe o que ouviu de Allineris e como ele considerava tudo como coisas de alucinação. A descoberta feita por ele e a interpretação da inscrição concluída

pelo cientista apenas confirmavam os fatos citados pela falecida, por mais que isso fosse inacreditável.

Ber apenas soltava grasnados de descrença e coçava atrás da orelha.

- Devido a essa incrível coincidência dos fatos, eu não tenho o que negar; mas o senhor está certo de que não tenha sonhado tudo isso... quero dizer, a mão cortada e a história escrita pela mão do outro mundo?

Richard tirou em silêncio da gaveta um maço de folhas escritas, em seguida abriu a esfinge e dela tirou o frasco, a mão embrulhada no pano com o desenho da pirâmide e inscrição.

Como se não acreditando em seus olhos, o professor examinou atenciosamente cada objeto e depois balançou a cabeça.

- Raios que me partam se eu entendo alguma coisa! O sangue, se este líquido realmente for sangue, e a mão, que só de olhar eu fico arrepiado, a tal ponto que ela não parece com a mão de um piedoso cristão e, principalmente, este manuscrito, feito por fantasma — tudo isso é tão sobrenatural, que esta pílula é difícil de ser engolida de uma única vez. E necessário, antes de tudo, analisar e pesquisar — o que eu farei ao ler primeiramente a inscrição sob o desenho. Sem dúvida alguma, o senhor descobriu um esconderijo que é indicado pela inscrição na base e nós vamos conhecer as instruções que foram dadas a Rameri. Como este trabalho levará no mínimo umas duas horas, eu lhe sugiro, meu amigo, que deite e

descanse. O senhor mesmo parece com um fantasma. Todas as suas aventuras sobrenaturais acabaram por esgotar e abalar os seus nervos. Só Deus sabe com que tipo de descoberta eu o regalarei quando o senhor acordar.

Richard tinha consciência da justeza do conselho. Ele simplesmente caía de cansaço e sentia tonturas. Pelo que se lembrava, ele jamais havia ficado tão extenuado. Depois de tomar algumas gotas de calmante e um copo de vinho, deitou-se no sofá e adormeceu quase imediatamente num sono pesado.

Quando Richard acordou, já era noite e em cima da escrivaninha ardiam velas. O professor permanecia sentado com o desenho aberto na frente. Seu rosto expressava tanta inspiração e interesse febril, que Leerbach se surpreendeu.

- E aí, professor? Pelo seu aspecto, vejo que o senhor descobriu coisas interessantes — disse Richard, levantando-se do sofá.

Ber saltou da poltrona e, colocando ambas as mãos nos ombros de Richard, exclamou alegre:

- Sabe o que eu descobri, Leerbach? O mapa dos subterrâneos secretos da grande pirâmide e da galeria que a une com a esfinge de Gizé. Eu até gostaria de lhe propor ir comigo para as pirâmides e fazer uma pesquisa no local. Atualmente disponho de tempo livre. Estou tão interessado, que irei de qualquer forma, haja lá o que houver; quanto ao senhor, o senhor que sabe.

- Oh! Não quero outra coisa senão ir com o senhor. Mas o senhor acha realmente que é possível penetrar no subterrâneo da pirâmide? — perguntou Richard animado. — Eu li que os ocultistas consideram a grande pirâmide um templo de consagração de antigos mistérios e de abrigo, onde se escondem os magos de grau superior. Se tudo isso for verdade, receio que a galeria tenha se desmoronado e se destruído com o tempo.

- É isso que vamos ver! As instruções devem se basear na verdade, pois elas não se destinavam a nós, mas para aquele Rameri, citado na inscrição. Provavelmente a esfinge não foi parar nas mãos daquele a quem se destinava ou ele não conseguiu utilizar-se da mensagem, pois Amenhotep, o grande mago, dizia-lhe para aparecer na grande pirâmide, onde ele se encontrava com Ericso. A propósito, sobre ela! Devo dizer-lhe que eu folheei um pouco o manuscrito. Ali também é citada essa mulher que parece que teve um papel fatídico na vida de todas aquelas pessoas. Conforme eu consegui entender, Ericso apaixonou-se por Rameri e por ela também estava apaixonado Amenhotep. Ali se fala também de uma poção soporífera que faz adormecer por séculos inteiros; o que explica o fato de que Rameri, dos tempos de Amósis, podia cortejar a romana Valéria...

E o professor riu às gargalhadas. Richard no início o imitou, mas depois observou sério:

- Isso parece ridículo e impossível para a nossa mente céptica, mas depois de tudo que eu já vi e passei ultimamente, tudo é possível. Já não rejeito mais nada e me pergunto se o meu ceticismo não é pura ignorância.

- Com os diabos! Será que se pode permanecer céptico depois que uma mártir aparece, beija o senhor e lhe conta fatos que ocorreram dois mil anos atrás? — observou ironicamente Ber. Mas voltemos às pesquisas da pirâmide. Eu considero que é seu dever empreender esta pesquisa. Almeris, como o senhor assegurou, chamava-o por Rameri e como os fatos irrefutáveis comprovam que o escultor que tinha este nome existiu realmente, nada nos impede de acreditar, como acreditavam os egípcios, que o senhor é o Rameri reencarnado e que tem a responsabilidade de reverenciar os restos mortais de Amenhotep.

- Então está decidido que nós vamos! De qualquer forma, eu não estou menos interessado que o senhor. Se eu sou Rameri ou não — isso não é relevante — o importante é que nós caímos na pista de um drama estranho. A sorte é que a esfinge foi desenterrada de novo, o que ajudará nas nossas pesquisas. Professor, o senhor concorda em manter em segredo a nossa viagem?

- Sem dúvida! Seríamos objeto de riso. Nenhuma palavra a ninguém! Haverá tempo de falar quando desvendarmos o enigma da esfinge e o da pirâmide.

IV.

Uma semana depois, Leerbach e o professor já estavam no local das ruínas de Mênfis e à noite se instalaram em um bivaque aos pés da grande pirâmide. Eles alegaram uma excursão para realização de estudos arqueológicos. Com eles havia uma barraca, um árabe que lhes servia de guia e dois criados.

Depois do jantar, recolheram-se na barraca; os árabes deitaram-se junto à fogueira e adormeceram.

Enquanto isso, Ber e Richard completavam os últimos preparativos. Cada um pegou um rolo de corda forte, alguns archotes, e se armou de picareta e martelo. Traziam também uma cópia do mapa das galerias subterrâneas que — se o mapa estava certo — tinham uma extensão razoável, em função de que não foram esquecidas também as provisões.

Armados assim para o combate, eles partiram. A noite estava quente. Ao se aproximarem dos pés da esfinge, a lua subiu e à luz do luar a gigantesca silhueta do monstro simbólico destacava-se feito uma montanha no azul escuro do firmamento.

Entre as patas da esfinge, então totalmente limpas da areia, divisava-se uma grande placa de pedra, trazida pelo faraó Tutmés IV em oferenda à grande divindade Kopri, que lhe apareceu em

sonho quando o primeiro ainda era um príncipe, pedindo-lhe que tirasse a areia que cobria a sua imagem.

Richard e o professor examinaram atentamente a placa. Segundo o mapa, ali deveria haver uma entrada. Mas, por mais que eles procurassem e apalpassem as pedras, por mais que batessem com os martelos tentando achar um local oco — todos os seus esforços eram inúteis: a placa estava tão bem encaixada na pedra, que parecia ser sua parte integrante.

Após uma hora de buscas infrutíferas, o professor jogou o seu martelo e sentou-se na areia.

- Escute, barão! Toda essa história com os subterrâneos é apenas uma gozação e nós dois somos vítimas de uma antiga mistificação — disse ele desanimado, enxugando a testa molhada.

- Espere! — interrompeu Richard, que, com o ouvido encostado na placa, parecia muito compenetrado. — Talvez a gente esteja fazendo a coisa errada. As instruções no mapa dizem que se deve bater seqüencialmente em diversas letras da inscrição para se anunciar para dentro...

- A chegada de Rameri! — atalhou rindo o professor e acrescentou, limpando os olhos: O senhor esqueceu, meu caro amigo, que essas instruções já têm dois mil anos e que é pouco provável que alguém esteja esperando por Rameri, ainda que o mesmo tenha se tornado o barão Leerbach.

- Não sou tão pretensioso para esperar por isso, mas pode ser que as batidas seqüenciais, numa certa ordem, acionem uma mola secreta. De qualquer forma, já que estamos aqui não custa tentar! Passe-me o martelo e leia-me mais uma vez as instruções.

- Vamos tentar! — aquiesceu Ber.

Ele leu novamente as observações e ajudou Richard a encontrar os sinais indicados.

E no silêncio da noite soaram as batidas surdas do martelo.

- Jesus Cristo! Parece que eu ouvi algo como o tilintar de um sino! — gritou inesperadamente o professor, saltitando de surpresa.

Richard nada respondeu. Ele também ouvira um tilintar remoto e seu coração palpitava forte. Um minuto depois, ele estremeceu e pulou para trás: a placa moveu-se do lugar e abriu uma passagem estreita, suficiente para passar uma única pessoa por vez. Com a curiosidade compreensível, Ber e Richard adentraram e acharam-se num corredor escuro, em cujas paredes não havia nem pintura nem inscrições.

- O mais importante já conseguimos, mas como vamos continuar o caminho? Quanto à segunda porta, na inscrição nada se diz. Conforme o mapa, a galeria deve seguir em linha reta e depois virar para a esquerda — observou pensativamente o professor, colocando a lamparina na terra.

Neste instante ouviu-se um ranger. No fundo do corredor abriu-se uma porta e na soleira surgiu o vulto alto de um homem de branco com klafta na cabeça. O desconhecido ergueu o archote e as chamas trêmulas iluminaram levemente o seu rosto brônzeo.

- Quem são vocês, estrangeiros? A quem vocês procuram aqui? — interrogou ele numa língua que o professor reconheceu ser egípcio antigo.

Mas em seu assombramento, Ber não achava as palavras para responder e somente murmurou maquinalmente:

- Amenhotep... Rameri...

Não obstante a resposta lacônica, o guardião da entrada pareceu dar-se por satisfeito e gesticulou com a mão para que o seguissem. Ao acionar uma mola secreta, a abertura da entrada através da qual penetrava de fora uma tênue luz lunar se fechou silenciosamente, sem deixar qualquer sinal.

Leerbach e o professor entreolharam-se alarmados. Eles eram prisioneiros. Mas por mais arriscado que fosse o seu empreendimento — recuar já era tarde e eles seguiram calados o guia. A segunda porta fechou-se da mesma maneira que a primeira. Agora eles estavam caminhando através de uma comprida e estreita galeria, da mesma forma, sem nada nas paredes.

Não se localizaria aqui alguma sociedade secreta, uma loja maçônica ou algo parecido? — pensou o professor. — Sem dúvida

é muito estranho que os nomes de "Rameri e Amenhotep" conservaram ainda tanta importância que, graças a eles, nós somos recebidos. Cada uma que acontece!

Se fosse possível se explicar com aquele sujeito em alguma língua; não em egípcio antigo, que não tinha graça, tanto mais quando se está tão perturbado.

Ainda assim, o professor perguntou para onde eles eram levados. Mas de nada adiantava repetir a sua pergunta em inglês, em alemão e até em árabe — o guia misterioso insistia em manter silêncio.

- Provavelmente ordenaram-lhe para não responder nada ou fingir não estar entendendo — resmungou o professor.

Richard estava a tal ponto impressionado com os acontecimentos, que seguia maquinalmente o seu guia, sem condições nem de pensar.

O corredor virou bruscamente e eles deram num pequeno quarto redondo, bastante baixo, com uma grossa coluna no meio. Em todos os cantos viam-se pinturas em cores vivas, mas a luz era escassa e a agitação dos pesquisadores era demais forte para que eles pudessem apreciar aquilo com atenção.

Por meio de algumas palavras abruptas e um gesto representativo, o guia ordenou que eles deixassem no chão os pertences que traziam consigo. A contragosto, Ber e Leerbach

deveriam se separar de cordas, picaretas, martelos, archotes c demais tralhas; o saco com as provisões ficou fora, junto da entrada.

Quando tudo ficou ajuntado perto da parede, o guia desapareceu atrás da coluna; Richard e Ber nem se aperceberam quando ele abriu uma outra porta e eles começaram a descer por estreita escada.

Ao descerem, pela conta de Ber, mais de trinta degraus, eles pararam diante de uma grade dourada. Quando o guia a abriu, Ber e o seu companheiro viram diante de si um canal subterrâneo abobadado. Aos pés da escadaria estava atracado um barco, pintado de branco. Sua alta popa representava uma esfinge. Dentro dele cintilava uma chama que espalhava uma luz brilhante, parecida com elétrica, iluminando longe as paredes cobertas de pinturas e a superficie lisa do canal.

Todos os três embarcaram. O guia pegou nos remos curtos e eles partiram. O túnel era comprido e, por mais que avançassem, parecia se perder de vista. Subitamente o barco parou junto a uma escada que saía de uma parede. O desconhecido atracou o barco, subiu agilmente e acionou uma mola oculta na pintura da parede. Escancarou-se uma passagem através da qual se via um quarto bastante grande e bem iluminado. No recinto havia um leito coberto com pele de pantera, um grande baú de madeira decorado, estantes cheias de diversas caixinhas e rolos, umas cadeiras em estilo antigo

e duas mesas de pedra. Sobre uma delas estavam duas ânforas e duas taças; a outra — no centro do quarto — estava abarrotada de manuscritos e instrumentos estranhos. Atrás da mesa, inclinado sobre um pergaminho aberto, estava sentado um homem vestido de branco. Sua cabeça era encimada pelo mesmo tipo de klafta que tinha o guia.

Era dificil determinar-lhe a idade. Sua tez de bronze denotava majestosa tranqüilidade. Quando o guia lhe falou, ele olhou perscrutantemente para Richard e para seu acompanhante, ainda sentados no barco. O barão estava pálido feito cadáver. Seu nervosismo era tão intenso, que às vezes a sua vista se turvava e a respiração ficava presa. Ber também estava muito inquieto, mas a curiosidade de cientista fazia com que ele praticamente se esquecesse dos perigos dessa estranha aventura.

O professor aguçava o ouvido num esforço de ouvir a conversa dos dois estranhos. Inegavelmente eles falavam em egípcio antigo e o professor julgava-se um grande conhecedor dessa língua, sem sombra de dúvida achando-se capaz de fazer um discurso de saudação até para o próprio Ramsés II. Agora, para sua profunda humilhação, ele tinha que reconhecer a sua quase total ignorância da língua. De toda a conversa ele só conseguiu entender os nomes de Rameri e Amenhotep, inferindo que o nome do mago lhes permitiu o acesso até o local.

- Ouça, Leerbach! — disse o professor, inclinando-se ao seu companheiro. — Eu acho — que Deus me perdoe! — que o senhor é esperado aqui, ou melhor, não o senhor, mas Rameri. Pelo visto, eles não têm aqui nem relógio, nem calendário e se esqueceram de que desde a época da perseguição de cristãos se passou bastante tempo.

Richard não teve tempo de responder; o homem sentado à mesa levantou-se e fez um sinal para que se aproximassem. Os nossos pesquisadores subiram indecisos a escada e entraram no quarto, enquanto o guia desceu ao barco e a porta se fechou. O estranho examinou-os com um olhar hostil. A seguir, abrindo uma porta secreta na parede, ele fez um sinal para que o seguissem.

Todos os três se acharam numa galeria comprida, fracamente iluminada. Ao longo das paredes estendiam-se nichos, no fundo dos quais se divisavam vagamente altas estátuas escuras.

Richard recordou-se ter lido, num livro sobre ocultismo, uma descrição das provações que os antigos hierofantes impingiam àqueles que aspirassem à iniciação. Mas seria possível que tal lugar secreto ainda pudesse ficar preservado até aqueles dias?

Um temor supersticioso instalou-se sorrateiramente no coração inquieto de Richard, que tentava examinar o ambiente, mas o nervosismo fazia-o perder a cada instante a linha de raciocínio. Dominado por estranha sensação, ele quase não percebeu atravessar a soleira de uma porta de bronze, parando em um quarto

abobadado duas vezes maior do que aquele onde eles encontraram o acompanhante de agora. Uma luz viva mas suave, não se sabe de onde, inundava o ambiente.

O mobiliário era praticamente igual ao do primeiro quarto. Da mesma forma que lá, no meio da sala havia uma mesa de pedra, atrás da qual estava sentado um homem em traje branco.

- Amenhotep! — declarou o acompanhante.

Em seguida, apontando para os dois visitantes, ele acrescentou algumas palavras das quais Ber só entendeu que se falava de Rameri e de sua chegada imprevista.

Richard ficou petrificado. Até ele havia entendido que se tratava de Amenhotep, cujo nome até aquele momento lhes serviu de salvo-conduto e proteção. E por mais que ele o examinasse, sua mente recusava-se a reconhecer nele o sábio egípcio que, de acordo com o manuscrito e as palavras de Almeris, era seu amigo e protetor desde os tempos de Amósis e cujos traços eram-lhe estranhamente familiares.

O homem, que foi chamado de Amenhotep, levantou-se rapidamente e com um sorriso enigmático nos lábios olhou surpreso para Richard e Ber. Externamente ele aparentava ter uns quarenta e poucos anos, de traços pequenos e regulares de rosto, e um olhar penetrante.

- Rameri! E você e ao mesmo tempo não é você. Quem é essa figura excêntrica que o acompanha nesse traje ridículo como o seu? — perguntou o egípcio após um minuto de silêncio e estendendo as duas mãos em direção do jovem.

De nervosismo, Richard não conseguia abrir a boca e apenas compreendeu o gesto amigável e não as palavras de Amenhotep. Entretanto, Ber pôde entender algo e, adiantando-se, começou a explicar-se numa linguajar horrível — que considerava ser egípcio puro — a história da vinda deles.

Amenhotep, que não tirava os olhos de Richard, ouvia distraidamente as galimatias de Ber. De repente ele estremeceu e, agarrando a mão de Richard, exclamou desta vez em latim:

- Rameri! Você teve tempo de reencarnar-se e apareceu aqui conforme combinamos. De tanto trabalhar eu me esqueci do tempo!

- Graças a Deus! Finalmente eu ouço uma língua de gente! Agora podemos nos explicar — interrompeu Ber, esfregando contente as mãos. — Permita-me acrescentar, prezado Amenhotep, que passaram cerca de dois mil anos desde a época em que o senhor endereçou ao falecido Rameri o gentil convite de visitá-lo aqui.

- Sim! — acrescentou Richard. Por uma estranha coincidência, a nossas mãos veio parar um mapa, escondido no pedestal da esfinge. Nós viemos para cá — eu e o meu amigo — para fazermos pesquisas das ruínas e encontramos aqui pessoas

vivas, para as quais, pelo visto, o tempo não existe . Eu não me lembro do meu passado e só sei dele alguns trechos desconexos . Mas diga-me como é possível que você seja Amenhotep? Se for verdade, como você sobreviveu jovem e cheio de forças ? De que forma os séculos se foram e você não percebeu o fato ? Por que ação do tempo não o destruiu ou ao menos o envelheceu ?

Os lábios de Amenhotep esboçaram um sorriso enigmático.

- Aquele que conta o tempo conta as horas restantes de sua vida! É um negligente que espera do futuro algo melhor do que ele já tem e por isso não dá valor ao presente e está sempre desgostoso do passado. A inconstância da mente humana, as expectativas frustradas, os desejos insatisfeitos e os sofrimentos criados pelos próprios homens - eis aquelas sanguessugas que corroem e devoram o invólucro carnal. Aquele que afastar de sua vida estes estímulos destrutivos e em seu lugar sorver do espaço as substâncias capazes de manter e renovar a matéria, da qual é formado seu corpo, poderá preservar por longo tempo o invólucro carnal de sua alma . Nós ainda teremos muito tempo para conversar sobre este assunto importante. E agora, seja bem vindo ao meu abrigo! Minha amizade , Rameri , pertence-lhe, seja qual for o nome que se dê à forma humana que o reveste . Eu gosto de seu " eu" é eterno! Ele me fita com seus olhos e eu sempre o reconheço. Quanto ao amigo que você trouxe para cá, espero que ele se torne o meu também.

Amenhotep abraçou Richard, apertou a mão de Ber e convidou - os para sentar. O estranho que trouxe as visitas inesperadas se retirou modestamente .

Amenhotep começou a indagar a forma pela qual o segredo da entrada na pirâmide veio parar em suas mãos, mas as visitas , pelo visto, estavam distraídas e preocupadas.

E de fato , Richard parecia perturbado com tudo que acontecera e sua cabeça se recusava a trabalhar , enquanto que Ber estava morto de fome. Devido à sua natureza alegre e despreocupada , ele logo recuperou toda aquela sua empáfia e via sua incomum aventura por um lado bom ; ao tranquilizar-se, voltou-lhe também o apetite .

Amenhotep parecia ter lido o pensamento do arqueólogo; levantando-se, ele propôs:

- Não gostariam de comer algo, caros amigos ? Vocês, pelo visto , estão com muita fome!

Amenhotep gentilmente acompanhou as visitas para um outro quarto , ligado por um corredor comprido e estreito .

Nesse quarto, iluminado com a mesma luz estranha , havia uma mesa e nela dois cestos com doces e frutas, um prato de legumes cozidos, mel e duas ânforas: uma com leite e outra, de gargalo comprido , fechada com rolha de ouro . Junto havia algumas taças .

Ber sentou -se e decepcionado olhou para a mesa .

- Tudo isso , nobre Amenhotep , é maravilhoso, porém pouco substancial para uma pessoa esfomeada como eu. Um bom pedaço de carne frita seria mais a propósito - observou ele coçando atrás da orelha.

Amenhotep sorriu.

- Pratos tão vulgares não são adequados à atmosfera que aqui reina. Não obstante, no futuro eu tentarei satisfazer melhor os seus gostos. Agora , contente-se com o que temos – sugeriu ele animadamente.

- Ber, suspirando, começou a comer e praticamente em alguns instantes devorou tudo que havia sobre a mesa , pois Richard não tocou em nada ; tomou apenas um copo de leite e uma taça de vinho.

- Agora vão se deitar! Aqui há duas camas à disposição de vocês. Quanto ao resto, falaremos depois – disse Amenhotep retirando-se.

Sem precisar falar de novo , Richard e Ber deitaram -se sobre os travesseiros purpúreos . Eles praticamente caíam de cansaço e pegaram no sono quase imediatamente.

Ambos acordaram revigorados e novinhos em folha.

- Que sonho, heim?! Se três dias atrás alguém me dissesse que eu iria dormir tão gostoso no interior da grande pirâmide, no leito

que talvez seja contemporâneo a Quéops, eu teria lhe cuspido no rosto – observou o professor, espreguiçando-se prazerosamente.

- É, pode-se dizer , sem nenhum receio , que a nossa aventura foi algo inusitado! Somos os únicos que podemos nos gabar de termos conversado com uma pessoa que viveu três mil anos - completou Richard rindo.

Subitamente, ele apontou aflito :

- Veja, professor , senhor notou que sua roupa foi levada e substituída por aquelas túnicas de linho ?

- Com os diabos ! É verdade! Se a gente não quiser ostentar o mesmo traje com que passeava Adão no paraíso, teremos que voltar à moda dos tempos de Amósis – brincou o professor , pulando da cama.

Com ares de importância cômica ele colocou sandálias trançadas e vestiu uma longa túnica de linho de mangas curtas.

- Um pouco airosa, mas por outro lado é confortável e leve. Já que aqui não há senhoras, não considero este traje indecoroso - observou Ber, examinando-se com visível satisfação.

Richard , que se vestia circunspecto, levantou a cabeça e quase caiu da cadeira, devido a um acesso de riso. De fato, a figura volumosa do professor naquele primitivo e inusitado traje era quase cômica .

Ber ria também . Ao olhar para seu amigo, ele exclamou:

- Que belo aspecto, Leerbach ! A túnica lhe cai muito bem. Eu até agora ainda não me tinha dado conta de como o seu rosto tem um tipo egípcio. O senhor bem que poderia ser tomado por uma figura que acabara de sair do baixo-relevo!

Finalmente os dois estavam prontos: em pé, indecisos, eles não sabiam o que fazer. Sair do quarto – eles não ousavam tanto . Além do mais , não tinham a menor idéia da hora, já que o relógio sobre a mesa estava parado e também eles não conseguiam achar a chave para dar corda nele. Teriam eles perdido a chave ou alguém a havia pegado? – isso permaneceu um enigma.

A chegada de Amenhotep tirou-os da dificuldade . Depois de conversarem um pouco, dois anões trouxeram-lhes o desjejum, agora mais substancioso que na véspera, pois do menu fazia parte um peixe maravilhosamente preparado.

Ber estava no sétimo céu e acabou sozinho com todo o prato , porque Richard , ainda que recuperado por completo, não estava com fome e satisfez - se com leite e pão .

Após o desjejum, o altivo e alegre professor pediu que Amenhotep lhe trouxesse algo instrutivo que lhe poderia servir de subsídio, no futuro, para seu livro sobre a vida dos egípcios antigos, e que pudesse dar-lhe uma luz sobre alguns pontos ainda eram obscuros para os arqueólogos . Ao mesmo tempo, ele descreveu resumidamente a situação dos conhecimentos atuais e o objetivo almejado.

- Parece-me que o melhor que eu posso lhe sugerir é o estudo da língua egípcia , pois o seu discurso de ontem foi tão medonho, que eu não entendi nada – observou com leve sorriso Amenhotep. – Acredite-me e comece com isso . Eu já pedi ao meu amigo Meneft que lhe mostre tudo que sobrou dos nossos antigos santuários de consagração e que fale com você. Aproveitem a oportunidade ! E agora, vamos! Eu vou levar o senhor até ele . E você, Rameri, espere aqui. Nós precisamos conversar .

Ele voltou imediatamente e levou a sua visita ao quarto onde estava trabalhando na véspera. Fazendo Leerbach sentar se à mesa , ele lhe pôs a mão na cabeça e disse :

- Olhe para mim! Antes de passarmos para um assunto sério, é necessário devolver-lhe a memória do passado e recuperar a comunicação entre a inteligência astral e o cérebro material de seu novo corpo.

A Richard pareceu que um raio cintilante faiscou dos olhos escuros do mago, penetrando-lhe num jato ígneo na cabeça e causando uma dor tão insuportável que ele gritou e caiu sem sentidos. Quanto tempo ele ficou naquele estado, nem ele tinha condições de dizer . Mas quando a consciência lhe voltou, ele sentia algo estranho na cabeça, lembrando-o vagamente daquela impressão que ele já experimentara quando o espectro de Valéria lhe descreveu sobre o passado deles. Da mesma forma como naquele dia, diversas imagens avolumavam-se em sua memória,

mas já sem aquele barulho caótico como antes. As lembranças projetavam-se feito raios , agrupando-se em algo harmonicamente integral. Quando Richard se endireitou, a vida de Rameri projetou-se em sua frente com toda a realidade e os seus detalhes eram tão nítidos e tão bem conhecidos, como os detalhes de sua existência atual.

- Bem, Rameri! Lembrou o seu passado ? Lembrou sua antiga língua materna ? – perguntou sorrindo Amenhotep .

- Sim , mestre ! Você conseguiu este milagre – respondeu Richard, agarrando a cabeça com as duas mãos e involuntariamente falando na língua do antigo Egito .

- Antes assim! Vamos conversar ! Primeiro me conte sobre a sua vida atual e as circunstâncias que o trouxeram para cá .

Richard refletiu um minuto, pois com a volta das lembranças do passado, o presente parecia ter empalidecido . Em seguida, ele contou-lhe a história de sua vida, seu encontro com Almeris e os estranhos acontecimentos que o levaram à pirâmide.

- Almeris é a mesma Nuíta e Valéria – observou Amenhotep, que ouvia com atenção .

- Sim, e Tea é Ericso reencarnada – atalhou Richard . Amenhotep balançou negativamente a cabeça em sinal de objeção.

- Ericso está aqui, perto de mim. Essa é uma alma rebelde e insubmissa . Ela ficou arrebatada por amor fatídico a você e eu a

castiguei merecidamente . Eu estou apaixonado por ela e esta é a minha única fraqueza; mas para subjugá-la... falta-me a coragem . Uma vez que Ericso me excitava e atrapalhava o meu trabalho eu a fiz dormir,e ela dorme a alguns passos daqui .

- Perdoe-me, mestre ! Não quero duvidar de suas palavras , mas deixe-me citar algumas circunstâncias – disse acabrunhado Richard , em tom indeciso . - Almeris , que sabia bem de tudo, disse- me que Tea não é nada mais que Ericso. Agora que me voltou a memória, eu posso assegurar-lhe que Tea é seu retrato vivo.

Um rubor escuro cobriu o rosto brônzeo do mago e o seu cenho fechou-se sombrio .

- Vamos tirar as dúvidas! – propôs ele em voz recortada .

Através de um corredor, que Richard ainda não tinha visto , eles entraram numa sala subterrânea , no meio da qual ele viu surpreso a mesma esfinge que ele talhara que tinha as feições de Rameri.

Amenhotep fixou o archote à parede e , saltando sobre a base, acionou a mola, escondida na flor de lótus.

Quando o esconderijo se escancarou, ambos inclinaram-se avidamente sobre ele . Diante deles , envolto por uma névoa prateada, jazia um corpo de mulher .

Amenhotep arrancou o cobertor – um grito de ira soltou-se de seu peito. Ericso parecia um cadáver e, entretanto, apesar daquela

palidez cadavérica e círculos escuros ao redor dos olhos, ela estava bela. Delicada transparente, envolta por compridos cabelos dourados feito uma manta, ela jazia como a encarnação do sonho de um grande pintor.

Os olhos de Amenhotep ardiam de fúria . Ele apalpou o

corpo e disse:

- Almeris estava certa ! Aproveitando a debilidade da ligação entre o corpo astral e a matéria, a alma rebelde ousou afastar-se tanto que conseguiu reencarnar-se num novo corpo e com isso romper grande parte de vínculos que a prendiam aqui. Mais alguns esforços e ela teria se libertado definitivamente. Mas eu não lhe darei tempo para isso! Eu farei com que essa traidora retorne a seu invólucro carnal, que felizmente não está danificado, e lhe ensinarei a obedecer ao seu senhor !

Richard estava calado e não tirava os olhos de Ericso. Ele reconhecia que, mesmo naquela imobilidade cadavérica, ela era mil vezes mais bela que Tea e Almeris, e que o embevecimento dos sentimentos que aquela mulher provocava nele começava a despertar novamente .

- Mestre ! – gritou assustado Richard . – Pare! Permita que eu me retire antes que Ericso acorde. Sou uma pessoa fraca e a tentação tanto é maior porque ela me ama4 . Ela poderá fazer-me esquecer de que ela é sua e com isso trair a gratidão que eu lhe tenho pela hospitalidade.

- Acalme-se ! - respondeu Amenhotep , pondo-lhe a mão no ombro. – Ericso só é uma ameaça para você na ausência daquela que o une através do puro e indestrutível amor. Aquela outra, chamada de Nuíta , Valéria ou Almeris , eu chamarei do espaço onde vagueiam as sombras e lhe darei a vida.

Você será feliz em seus braços e a imagem de Ericso não terá sobre você qualquer poder . Sendo assim , acalme-se e acredite em mim. Mas4 , antes de tudo , eu quero fazer voltar a este corpo a alma da traidora que pensa que pode escapar de mim .

Cabisbaixo, Richard seguiu o mago, que o liberou, ordenando-lhe que esperasse em seu quarto.

Richard adormeceu imediatamente . Ele foi acordado pela voz de Amenhotep dizendo - lhe que o seguisse, e foram ao subterrâneo onde estava a esfinge.

- Pegue o corpo e me siga – disse Amenhotep . – Eu não posso carregá-lo, pois ele está envolto em fluidos de decomposição

- Erguendo cuidadosamente o esbelto corpo de Ericso, Richard carregou-o , seguindo o mago. Suas mãos tremiam , ainda que a carga fosse muito leve ; se não fosse o frio glacial dos membros, que permaneciam flexíveis, e a palidez cadavérica, Ericso poderia ser tomada por uma mulher dormindo .

Eles iam por um caminho novo, desconhecido a Richard, onde as galerias e os corredores se cruzavam como num labirinto .

Finalmente deram num quarto redondo , iluminado por cinco grandes e altos candelabros em suportes de bronze, onde ardiam chamas verdes como esmeralda .

No meio da sala, numa elevação de alguns degraus, havia um leito ladeado por cortinado negro. No tecido que revestia os degraus, as almofadas e o leito , viam-se bordados sinais estranhos e hieróglifos . Ao redor, localizavam-se sete trípodes, nas quais já estava pronto o carvão, ervas secas e pedaços de madeira resinosa, cobertos de pozinho branco.

- Coloque-a sobre o leito e tire a roupa dela! – ordenou bruscamente Amenhotep.

Richard obedeceu em silêncio. Parecia que ele já não tinha mais sua vontade. Somente um pensamento preocupante: “O que ele vai fazer com ela ” ? – remexia-se em seu cérebro sofrido. Todo o seu ser agitou-se quando ele tirou as últimas peças que cobriam o corpo da jovem .

Nesse interim, Amenhotep tirou de si a sua longa túnica de linho, permanecendo apenas com o cinto que lhe cingia a cintura .

- Fique lá! - ordenou o mago, apontando para um dos candelabros a óleo, junto ao qual Richard se recostou .

Amenhotep abriu um grande escrínio que estava no degrau e de lá retirou um bastão de sete nós, que enfiou atrás do cinto, um

saquinho com pó branco, o qual ele espalhou nas sete trípodes e , finalmente, uma taça e um frasco .

Ao encher a taça com o líquido do frasco , um vapor denso levantou-se, ouvindo-se um borbulhar.

Ao esvaziar a taça , Amenhotep tirou do cinto um pedaço de giz e desenhou com ele um círculo , inserindo nele o leito, as sete trípodes e a si mesmo.

Richard não despregava os olhos dele e aterrorizado observava a estranha mudança que se processava no aspecto externo do mago. Todo o seu corpo tomou uma tonalidade avermelhada e sob sua pele parecia que já não mais jorrava o sangue, mas o fogo. Tudo nele fosforizou-se, os dedos irradiavam feixes de luz, sua respiração parecia soltar turbilhões de flamas. Seu corpo tremia e sacudia-se, e cada movimento seu provocava uma espécie de ondas púrpuras que partiam de suas articulações e extremidades. Por fim , em tudo que ele tocava, deixava manchas fosforescentes.

Agarrando o bastão de sete nós , Amenhotep esfregou-o com as duas palmas da mão . Na ponta do bastão surgiu uma chama e no mesmo instante acenderam-se todas as trípodes – cada chama de cor diferente. Juntas, elas formavam as sete cores do prisma .

As línguas de fogo formavam , ao subirem, uma espécie de abóbada sob o corpo imóvel de Ericso, iluminando-a com luzes multicoloridas que se juntavam, mas não se fundiam numa só.

Então Amenhotep iniciou uma estranha canção cadenciada que soava ora possante, ora minguante, acabando num murmúrio . Girando o bastão acima da cabeça, com a outra mão ele parecia apontar para alguma coisa ao longe.

Nesse minuto ele era majestoso em seu corpo fosforescente, com a chama ofuscante que ardia acima de sua cabeça e com a expressão da vontade inabalável que cintilava em seu olhar.

Subitamente, dos pés de Amenhotep surgiu uma tênue fumaça. A terra tremeu, fortes rajadas de vento sacudiram com silvo as paredes do quarto . Dominado por uma fraqueza repentina, Richard agarrou-se ao candelabro de bronze . Um peso plúmbeo pareceu inundar-lhe todo o corpo. Ele ficou paralisado; mas a clareza da mente não se enuviara e ele tudo via e ouvia com uma sensibilidade mórbida.

De súbito, ouviu-se um forte estalido e a Richard pareceu que o quarto se desprendeu do lugar, feito uma árvore arrancada, girando com uma velocidade incrível.

O quarto pareceu alçar-se para o ar e aos silvos cortar o espaço . As paredes e o teto desapareceram na penumbra cinzenta recortada de raios. Mas com isso via-se mais nitidamente o corpo de Ericso, que jazia no leito sob a abóbada ignea , e Amenhotep , que aparentava uma estátua de ferro em brasa. Sem condições de suportar a luz ofuscante que se irradiava da quele quadro , Richard fechou os olhos.

O vôo estonteante através do espaço ainda continuava, mas dentro de algum tempo tornou-se mais lento e logo cessou . Então Richard abriu os olhos.

Ele olhou atônito para o espetáculo estranho para ele. Uma das paredes do quarto subterrâneo havia desaparecido e a ele juntou-se como em continuação um outro quarto, luxuosamente mobiliado , em estilo Vatto. Do teto pendia uma lâmpada sob a cúpula rosa, iluminando com luz suave a mobília revestida por um tecido branco de seda, com bordados de rosas ; a penteadeira, ornada com cortinado de renda, o espelho em moldura prateada, encimada com brasão de conde e uma cama, na qual jazia uma jovem que, pelo visto , parecia mergulhada num inquieto e profundo sono.

O coração de Richard sustou. No mesmo instante ele reconheceu aquele quarto; era o dormitório de Tea, e ali, atrás da porta semi-aberta, era o gabinete de trabalho dela. Tea contorcia-se e gemia em seu leito de seda, enquanto a alguns passos dela estava o lúgubre estrado negro, onde jazia inânime o corpo de Ericso.

Richard compreendeu instintivamente que alguma coisa terrível haveria de acontecer e que um perigo mortal ameaçava Tea. O pavor, a pena e o amor agitavam-se em sua alma. Ele queria gritar, lançar-se a seus braços e salvá- la, mas todos os esforços eram inúteis. Ele não conseguia fazer o menor movimento , nenhum som conseguia sair de sua garganta apertada.

Seu estado não poderia ser descrito. Achava que ia sufocar-se em sua impotência . Richard viu como Amenhotep penetrou no quarto de Tea, descobriu o cobertor , ergueu a jovem e a trouxe até o leito. Amparando Tea com uma das mãos, como a outra ele arrancou lhe a camisola de cambraia . A seguir, tirando detrás da cinta uma faca – cuja lâmina parecia ser feita de chamas que drapejavam para o alto e soltavam faíscas - ele a enfiou até o cabo no peito de Tea. Ao retirar a faca fumegante, ele mergulhou-a no corpo imóvel de Ericso.

Tea jazia imóvel nos braços do mago. Da ferida aberta no peito jorrava um rio de um estranho líquido vermelho fumegante, parecido com o sangue . Amenhotep ergueu a sua vítima de forma que a corrente vivificante caísse no corpo de Ericso, que logo tomou um suave matiz rosado, enquanto que o corpo de Tea começou a empalidecer. Quando aquele esgotamento terminou por completo, Amenhotep encostou de perfil a faca na ferida e esta se fechou. Eliminando os vestígios do ferimento também no corpo de Ericso, o mago jogou na cama o corpo Tea. No mesmo instante, um véu negro mas transparente separava ambos os quartos, como se fosse uma parede de vidro fumê .

Então Amenhotep levantou o bastão e iniciou o canto; o quarto começou a se mover. Como se através de uma névoa, Richard viu as torres e o jardim do castelo de Kronburg, e em seguida tudo sumiu . Eles precipitavam-se com silvos no espaço até

que se deu um novo abalo. O movimento estonteante cessou imediatamente e tudo tomou o aspecto de antes.

No mesmo instante Ericso soltou um grito inumano. Ela se levantou do leito e comprimiu as mãos contra o peito.

Ela ficou sentada imóvel, parecendo se sufocar, com olhos esbugalhados . De repente, viu Amenhotep , reconheceu-o e com gemido rouco jogou-se para trás.

Amenhotep estava parado, olhando para ela com desprezo. Em seus olhos brilhava a orgulhosa consciência de seu poder . Ele detinha o poder sobre as forças da natureza e governava sobre elas a seu bel-prazer. Quem ousaria contrapor-se à sua vontade ?

Depois , sem pressa, ele vestiu-se em sua longa túnica, pegou e trancou os objetos no escrínio, e , aproximando-se de Ericso, que continuava ainda sentada, disse-lhe calmamente, com uma leve ironia:

- Traidora ! Você imaginou que poderia fazer pouco caso de mim. Em vez de me esperar aqui enquanto eu terminasse um trabalho importante, você invadiu um novo corpo na tentativa de escapar de mim e desta forma alcançar o objetivo que você busca insistentemente, ou seja, possuir o homem que você ama, mas que não ama você. Você só se esqueceu de um detalhe: você é “minha” e jamais alguém haverá de tocá-la sem a minha permissão . Como você vê, sua alma teve de abandonar o corpo roubado e voltar a esse. Agora eu a amarrarei a mim com vínculos ainda mais

poderosos . Por enquanto , viva na pirâmide que me pertence . Para você eu erguerei um palácio com todos os prazeres terrenos. Mas tome cuidado não me enganar de novo ! Isso poderá custar-lhe muito caro!

Ericso levantou a cabeça e o ouviu, fitando-o com olhar cheio de ódio mortal. Todo o seu corpo tremia.

- Maldito ! – gritou ela com voz entrecortada de consternação, levantando-se rapidamente . - Cientista bandido ! Você se apoderou do ser humano para torturá-lo, fazê-lo sua propriedade, tirando-lhe todos os direitos legais . Eu o odeio e o desprezo! Por mais grilhões que você imagine para prender-me, eu o odeio, eu fugirei e farei tudo para escapar de sua tirania ! Se existir justiça divina, ela porá um fim em seus crimes .

Nesse instante ela viu Richard , que estava de pé feito um ébrio, recostado no candelabro de bronze, e com um grito de surpresa e alegria ela se jogou a ele , envolvendo as mãos em seu pescoço.

- Richard! Salve-me ! ... Salve-me dele! – gritava ela fora de si.

Amenhotep sorriu ironicamente.

Você espera em vão que ele a salve. Ele sempre preferiu Nuita . Agora ele a encontrou, apaixonou-se por ela e enquanto você esperava por ele como seu noivo , ele se casou com sua rival .

Ericso empalideceu e recuou .

- É verdade o que diz esse monstro ? - perguntou ela .

Richard baixou a cabeça. Neste instante Ericso parecia lhe ainda mais bela e mais querida no mundo. Mesmo a recordação de Almeris atenuava - se e apagava - se diante do encanto que produzia sobre ele aquela jovem .

Amenhotep inclinou-se sobre Ericso e sussurrou-lhe no ouvido algumas palavras , que Richard não conseguiu captar. A outra ficou branca e , tremendo todo com o corpo, olhou para ele aterrorizada. Depois , virando-se, ela saiu correndo do quarto.

- Lembre-se, Rameri, que Ericso pertence ao seu mentor e benfeitor! continuou o mago , abaixando pesadamente a mão sobre o seu ombro. – Para manter em você a firmeza, eu cumprirei a palavra e lhe devolverei aquela com a qual você é ligado com os vínculos mágicos de casamento. Almeris renascerá para você. Agora você necessita de um descanso, pois o que você viu abalou demasiadamente os seus nervos .

- Sim, é verdade! - respondeu Richard, enxugando o suor do rosto. – Agora, positivamente, eu não sei o que está acontecendo : perdi o juízo, estou sonhando ou tudo que vi é um milagre inaudito!

Amenhotep sorriu.

Você não perdeu o juízo e nem está sonhando: o que viu não é um milagre, mas a manifestação das forças da natureza ,

orientadas de forma diferente e com mais perícia do que se conhece c se sabe manipular no ignaro mundo material de onde você veio.

V.

Richard perdeu decididamente qualquer noção sobre o tempo. Após os extraordinários acontecimentos que havia testemunhado, ele adormeceu profundamente; quanto tempo dormiu? - nem ele poderia dizer . O seu relógio estava parado e sob aquela luz estranha, sempre uniforme , que inundava o quarto e tudo ao redor, não havia nem noites nem dias . Não encontrou mais o professor; deixar o quarto a ele reservado , ele não ousava. Por isso passava o tempo numa certa apatia. O anão que o servia lhe trazia o almoço , composto, invariavelmente , de frutas , doces, leite e mel .

Richard, entretanto , não sentia fome. A angústia e pre ocupação torturavam- no. As imagens de Tea, Ericso e Almeris apinhavam-se em sua mente. A primeira – se não era um sonho que ele tivera - havia morrido e ele foi testemunha de seu assassínio. O que acontecerá à segunda ? Que novos grilhões imaginará o mago para prender a sua vítima? Por fim, ressuscitará ele Almeris como prometera? Isso parecia total mente impossível; mas existiriam limites para o poderio de Amenhotep?

Absorto em suas reflexões , Richard cobriu o rosto com as mãos e não se apercebeu da entrada de Amenhotep . O mago fitou-o com seu olhar pensativo , em seguida pôs a mão em seu ombro e disse:

- Sim, o meu poderio tem limites! Ele acaba lá onde termina o meu conhecimento das leis que regem as forças da natureza e dos elementos que compõem o universo. O conhecimento , que lhe parece ilimitado, na realidade é muito limitado e eu sou tão escravo das leis, cuja ação eu conheço só parcialmente, como você, que as desconhece completamente . E agora, vamos! Eu manterei a minha palavra e lhe devolverei mulher amada.

Richard notou surpreso que eles iam por uma parte do subterrâneo novamente desconhecida para ele . Ele se viu numa imensa sala, cheia de objetos preciosos que outrora serviam ao culto. Havia ali *naos* de ouro , maravilhosamente entalhados, vasos de formas inéditas, símbolos místicos, escrínios de formas jamais vistas , rolos de tapetes e tecidos, e , finalmente, rolos de papiros enfileirados simetricamente nas estantes .

- Aqui vocês têm um verdadeiro museu! – observou Richard.

- Sim, os seus cientistas de hoje teriam muito interesse em examinar estas coleções. Neste esconderijo inacessível, os antigos hierofantes juntaram os mais preciosos tesouros do Egito . Aliás, é pouco provável que algum curioso consiga penetrar aqui - disse Amenhotep, puxando o seu acompanhante enlevado que parou indeciso - um arqueólogo havia se despertado nele.

Por fim eles entraram numa sala redonda totalmente escura. Somente depois que Amenhotep acendeu um archote, Richard viu

que no centro do recinto, numa base elevada, havia uma enorme estátua coberta por pano.

Amenhotep acionou uma mola e imediatamente na base se abriu uma porta e divisaram os degraus de uma estreita escada para baixo. Por fim o mago parou diante de uma porta de bronze e apagou o archote. Cerca de um minuto eles ficaram em completa escuridão. Em seguida, a porta se abriu e Richard, atônito, viu diante de si uma espécie de gruta com paredes luminosas. A mesma luz indeterminada que ele vira antes, o envolvendo, reinava também aqui, apenas mais intensa e de uma tonalidade azul-claro. Uma névoa agitava-se no ar e impedia enxergar claramente os objetos ao longe e ter uma noção das proporções da gruta.

Amenhotep tirou detrás do cinto o bastão de sete nós e, com um movimento rápido e enérgico, desenhou com ele no ar o símbolo da cruz. Um raio rasgou o ar e do interior da terra subiu uma densa fumaça que cobriu o ambiente. Quando a fumaça se dispersou parcialmente, Richard viu-se junto a uma grande janela redonda, da qual se podia divisar o cemitério mergulhado no luar, e onde estava enterrada Almeris. Ele avistou a cruz de mármore branco, aos pés da qual, recostando a cabeça à urna funerária, chorava de joelhos o gênio, viu as flores que cresciam aos pés do monumento. O vento noturno ramalhava a folhagem das árvores, sob as quais estava o banco onde ele passara tantas horas sonhando com Almeris.

E tudo aquilo era tão próximo e tão real que bastava somente saltar para fora daquela estranha janela para encontrar-se no interior da grade fechada. Subitamente, Richard estremeceu. Na pequena área coberta de areia diante do monumento apareceu o vulto de Amenhotep. Sua roupa branca era cheia de manchas fosforescentes; um amplo feixe de luz envolvia sua cabeça, e ouviam-se nitidamente as fórmulas mágicas que ele pronunciava numa língua estranha.

Ele continuava a agitar o bastão e parecia estar desenhando no ar os sinais cabalísticos que surgiam em forma de chamas sobre o túmulo, reverberando com a luz sangüínea no mármore branco.

Subitamente um relâmpago brilhante riscou em zigue-zague cintilante o céu escuro. O monumento sepulcral pareceu iluminar-se num clarão de incêndio, e, em seguida, rachou com o estrondo de uma explosão. Do interior da abertura que se formou surgiu uma nuvem branca, redonda como uma esfera , a qual rodopiou e voou em direção à janela. O túmulo e tudo o mais que o cercava – desapareceram.

Um minuto depois, a gruta tomou o seu aspecto anterior. Junto a Amenhotep , entretanto, rodopiava uma nuvem branca que logo se desenhou na figura de Almeris. Ela vestia uma espécie de traje claro e seus cabelos estavam soltos. Olhou zangada para o mago que, com a mão erguida e veias na testa intumescidas de esforço, encarou-a com olhar penetrante .

- Aproxime -se, Nuíta , Valéria, Almeris , e ocupe o seu lugar junto ao homem que você ama e que também a ama. Eu lhe devolverei a centelha vital, a densidade do corpo e a capacidade de sentir com todas as fibras de seu ser. Regale-se com as alegrias da vida e do amor!

À medida que Amenhotep falava, Almeris parecia ficar cada vez mais compacta. Suas faces e lábios tingiram-se e aos olhos voltou o brilho de antigamente . Ouviu -se então a sua voz suave e surda, que tremia naquele minuto de fúria:

- Como ousa você chamar-me e ainda com a brutalidade que desequilibrou o meu ser astral? Aquilo que vocêquer me proporcionar são desejos somente daqueles que ainda anseiam pela vida . Eu , entretanto, dominei a morte . Atravessei as portas lúgubres do incógnito, do qual tinha pavor, quando ansiava, com toda a minha alma, viver com o meu marido. Agora já é tarde! A morte rompeu os vínculos carnais que me prendiam aqui. Eu experimentei a alegria da libertação, desfiz-me do invólucro material e compreendi a grandeza das leis que, por meio dos sofrimentos e da morte, levam-nos para o caminho do aperfeiçoamento. Eu não quero que você me tire o que eu adquiri!

- Almeris ! Almeris ! – chamava Richard , estendendo-lhe as mãos. – Será que você deixou de amar-me, recusando-se à divina dádiva da vida?

- Não, não, eu o amo mais que nunca! Mas justamente porque os meus olhos se abriram, eu declino desta dádiva monstruosa, oferecida por esse pérfido servidor da ciência, que se utiliza das forças da luz para perpetrar atos de trevas e de violência sobre o espírito. Não se desespere! Eu lhe explicarei tudo .

Continuando a falar , Almeris aproximou-se como se atraída irresistivelmente pelo olhar suplicante da pessoa amada. Subitamente Amenhotep, com a rapidez de um raio , desenhou com o bastão um círculo ígneo ao seu redor. Da terra saiu uma chama. Uma onda de névoa avermelhada envolveu a figura límpida de Almeris , parecendo inundá-la de sangue . Almeris cambaleou e caiu na terra. A névoa púrpura parecia absorver-se nas pregas de sua roupa prateada e o corpo tomou uma tonalidade vital e rosada. Os seus olhos estavam fechados.

- O que você fez a ela ? – gritou Richard, quase esquecendo que Almeris havia morrido e que diante dele estava apenas seu espectro.

- Ela está absorvendo os fluidos vitais que corporificarão o seu corpo astral . Ela será um espírito e uma mulher ao mesmo tempo, e não temerá nem morte nem velhice - explicou sorrindo Amenhotep .

O círculo desenhado em volta de Almeris começou a se extinguir; então o mago aproximou-se dela , ergueu-a e colocou-a no leito.

Só então Richard notou na gruta um leito e algumas cadeiras. Além disso, perto da parede havia sete escrínios, feitos de um material transparente, à semelhança de cristal . Em cada um havia ânforas de cores diferentes: verdes como esmeralda , vermelhas como rubi, azuis com safira , e douradas ; de todas elas se irradiava uma luz fosforescente multicolorida. Nas estantes havia grandes taças e pratos.

Amenhotep pegou uma das taças e a encheu com uma substância que imediatamente se acendeu e ardeu, por cerca de um minuto, em uma chama ofuscante , apagando-se em seguida e espalhando uma leve fumaça agradável , de odor vivificante.

Colocando a taça sobre a mesa junto ao leito, o mago deu uns passos para trás . Neste instante Almeris abriu os olhos e aprumou-se. Agora ela já tinha o aspecto de uma mulher viva .

- Canalha! - exclamou ela com a voz trêmula de fúria . – Você abusa de seus conhecimentos para experiências criminosas ! Você quer humilhar-me da mesma forma que você é humilhado pela paixão impura a Ericso. Mas eu não tomarei a sua poção!

Com um gesto brusco, Almeris entornou a taça fumegante , cujo conteúdo se derramou no chão e a seguir evaporou-se.

- Eu sou forte ! Vou me opor com todas as minhas forças à sedução do sangue com que você encheu as minhas veias ; não sucumbirei nem macularei a minha coroa de lírios.

Ao ver a taça derrubada, uma expressão de fúria estampou-se no rosto brônzeo do mago.

Almeris se virou para Richard, cujo rosto refletia toda a tensão pela qual ele passava, e disse :

- Não se aflija, meu amado ! Entenda que eu não posso ser para você nada mais que lembranças queridas.

Enquanto ela falava, Amenhotep tirou do nicho uma trípode com o carvão. Fez um gesto autoritário, e o carvão acendeu-se. Pegando uma das ânforas, ele verteu uma parte de seu conteúdo na tripode com o carvão, onde se incendiou uma chama azul; a outra parte ele jogou em cima de Almeris. Esta soltou um grito desatinado e começou a empalidecer, derreter e finalmente se desfez numa luz dourada brilhante.

- Teimosa ! Fique aqui pairando como uma luz errante até que a chama que a reveste seja absorvida por uma centelha de amor e você mergulhe na taça que eu deixei aqui, tornando-se aquela mulher-espírito que eu fiz!

E uma vozinha débil, que mal se ouvia, respondeu-lhe:

- Eu vou rezar, e, apesar de minha ignorância, serei mais invencível que você, armado com todos os seus conhecimentos , pois a chama divina que está em mim se submete a leis superiores e mais poderosas.

Richard, com terror mudo , olhava para o mago, mas este parecia não notá-lo.

-Vamos! – ordenou ele . – Está na hora de você voltar e eu preciso trabalhar. Lembre-se de que só deverão me temer aqueles que traem a minha confiança. Eu castigo e recompenso seja quem for , de acordo com o seu merecimento.

Richard nada respondeu. Seu coração estava oprimido, a garganta embargada. Eles saíram em silêncio do subterrâneo. Richard voltou para o quarto e, para a sua surpresa, ali encontrou o professor.

- Finalmente o senhor apareceu! Onde é que o senhor se meteu por tanto tempo? - perguntou o barão, apertando a mão do seu amigo.

- Onde é que eu poderia estar além desta ratoeira? Quanto ao tempo, só o diabo sabe quanto passou desde que nós estamos aqui – respondeu Ber, que pelo visto estava de mau humor .

Eu admito que seria mais sensato a gente ter ficado em Alexandria do que ter empreendido esta incrível aventura - suspirou Richard. – Mas está feito e nada pode ser mudado. Conte-me, então, onde é que o senhor esteve e o que fez ? Passei hoje por um museu que faria os nossos arqueólogos saltitarem.

- Oh! Eu também vi bastante coisa interessante , sem poder usufruir delas, pois aqui vigora um princípio de racionalidade:

mostra-se um apetitoso prato de comida quente, deixa-se que ele seja cheirado, mas proíbe-se que ele seja comido .

- O que fez o suportar tal suplício de Tântalo? - perguntou Leerbach rindo.

- O seu encantador Amenhotep e o amigo dele, apresentado para que me fosse ensinado o antigo egípcio. Mas eu não consegui me entrosar com ele. Seus olhos expressavam um sorriso tão insolente que ... que ... coçavam-me as mãos, e eu, então, pedi a Amenhotep que ele me deixasse ler alguma coisa útil para o meu futuro livro . Após pensar um pouco, ele concordou e quis me dar dois pergaminhos, não muito antigos. Mas na estante eu vi dois outros pergaminhos, cuja extraordinária antigüidade saltava aos olhos, e pedi que ele os desse para ler. Amenhotep sorriu e respondeu que eu não os entenderia, mas que, se eu realmente os quisesse, ele me daria . Então ele me perguntou se conhecia suficientemente os símbolos hieroglíficos para interpretar documentos tão antigos. Eu lhe respondi que por mais de trinta anos eu estudava os hieróglifos e me considerava em condições de interpretar qualquer inscrição. – “Neste caso, pegue! O senhor encontrará aqui a história do Egito desde a sua fundação e, junto , a história da revolução na India , que desencadeou a imigração". Eu lhe agradeci e comecei a trabalhar. O senhor entende, Leerbach, a minha curiosidade em conhecer os novos dados referentes aos primeiros anos da humanidade, mas entenda a minha decepção e raiva quando percebi que não tinha condições de interpretar uma

única palavra. Convencido, por fim , de que eu não passava de, um estúpido burro, sufoquei o meu orgulho e confessei a Amenhotep que os símbolos dos papiros que ele me havia dado em nada pareciam com as inscrições habituais, e que naquela confusão de símbolos, sinais astronomicos , números astrológicos e tudo o mais , eu não tinha condição de orientar-me. -“Eu quis lhe dar outros papiros, mas cedi às suas insistências para que o senhor não atribuísse a minha recusa à má vontade ”– respondeu ele . Quando então eu lhe pedi para que ele me desse a chave para aqueles misteriosos caracteres antigos, ele balançou a cabeça. - "Isto eu não posso fazer , pois o meu juramento de mago proíbe-me de revelar os nossos segredos aos simples mortais. Tais manuscritos jamais podem cair em suas mãos. Somente os “iluminados ” de primeiro grau, cada um por sua vez, têm acesso a eles para estudá-los; só eles conseguem decifrá-los , pois um iluminado não se contenta, como o senhor, pelo estudo de uma única área de ciência: ele é também um hieroglifólogo, um astrônomo, um astrólogo, um químico, um médico e um matemático. Nos escritos antigos que nós temos, todas estas ciências desempenham um papel alegórico . Olhando, por exemplo , para este símbolo astronômico, qualquer iluminado lhe dirá que o fato em questão ocorreu em tal época. Um iluminado não precisa de nada além destes símbolos para orientar -se e dizer-lhe que em tal século, tal data, durante uma constelação propícia ou não, houve uma colheita abundante ou uma fome, uma guerra vitoriosa ou uma derrota , uma epidemia que ceifou o povo

ou o ano foi favorável. Veja! ” - e ele me mostrou um círculo vermelho decorado por uraeus [13], e que ficava ao lado de alguns sinais astronômicos e números. “– Este sinal é o brasão do rei; os dados astronômicos indicam o tempo de seu reinado. A cruz no peito da serpente fala - nos que ele reinou glorioso; as listras na pele indicam a duração de seu reinado. Os números que circundam o círculo completam o horóscopo e nos falam que esse rei morreu de morte violenta”. – O senhor compreende , barão, que depois destas complicadas explicações eu desisti de interpretar aqueles documentos. Presentemente, eu me dedico ao estudo de diferentes objetos que serviram ao antigo culto e os descrevo detalhadamente, segundo as explicações dadas por Amenhotep. Isso também é muito interessante. Entretanto, toda vez que penso nos pergaminhos e lembro que eu segurava nas mãos a chave do mistério e não consegui aproveitar-me dela - eu estouro de raiva! – concluiu o professor , jogando-se furiosamente sobre a cama.

Richard suspirou profundamente. Ele entendia a decepção do amigo. Mesmo Leerbach sentia- se desorientado naquele mundo anormal e estranho.

---

(13) Uraeus – naja fêmea irada, com o pescoço inchado ; personifica o olho inflamado de Rá e simboliza a natureza ígnea das coroas . (N.T.)

Passou mais algum tempo, cuja duração Richard não conseguiu definir, mas que ele calculou em alguns dias . O professor desapareceu; Ericso também não foi mais vista, da mesma forma como Amenhotep. Uma angústia torturante dominou o barão. Foi assim até que ele ouviu bastante satisfeito o som trêmulo de prata , anunciando - lhe que ele era esperado por Amenhotep. O mago, com ar de importância e compenetrado, estava vestido com mais elegância do que de costume . Ele trajava um peitilho decorado com pedras preciosas, e na testa, no centro do triângulo de ouro, fulgia um olho de brilhante.

- Eu o chamei para ser a testemunha de meu casamento com Ericso – disse Amenhotep.

Ao notar a estranheza de Richard , que o fitava desconfiado, o mago acrescentou :

- Eu quero descansar do meu trabalho interminável e ter um filho que seja um discípulo digno de mim e herdeiro dos meus conhecimentos .

Sem esperar pela resposta, o mago virou as costas e saiu . Richard seguiu-o cabisbaixo . Agora Amenhotep já lhe provocava medo, aliado a um sentimento tenso e desagradável.

O local para onde eles foram estava completamente vazio , com exceção de uma tripode colocada no centro. Nas paredes , viam -se desenhados sinais cabalísticos.

Um minuto depois e pela porta oposta entrou Ericso, acompanhada por uma anã . Ela vestia uma longa túnica e um véu de tecido prateado. Joias de valor incalculável adornavam -lhe o pescoço , o cinto e as mãos. Nos cabelos dourados repousava uma coroa de flores com pistilos fosforescentes brancos .

Jamais a beleza de Ericso se destacara com tanto brilho, nas clássicas feições de seu rosto; porém , parecia ter-se congelado em expressão de desespero . Seus olhos insistiam em ficar abaixados .

O coração de Richard bateu forte. O encantamento que Tea produzia sobre ele novamente se apoderou de seu ser, fazendo-o esquecer de Almeris , e no coração agitou-se um ciúme selvagem em relação a Amenhotep.

Sem ao menos olhar para Richard, Amenhotep pegou Ericso pela mão e a levou até a trípode. A seguir ele juntou a sua mão com a dela sobre a trípode e uma chama imediatamente se acendeu nela.

Ericso soltou um grito e jogou o corpo para trás. Em seu dedo surgiu uma aliança decorada com uma gema púrpura de extraordinário brilho.

- Eu a uni comigo com a chama do espaço! Tome cuidado para não desobedecer à lei que rege esta poderosa força da natureza, caso contrário você será punida duramente! Quanto a você – Amenhotep virou-se para Richard, medindo-o com um olhar,- para dominar o desejo impuro que lhe foi sugerido, a despeito da bondade de seu mestre, vá até Almeris, com a qual você está ligado

pela união mágica de matrimônio . Se conseguir convencê-la a voltar para você, sairão daqui ricos e independentes para usufruírem por longos anos de um amor e ideal . Vá, e use a sua autoridade; e não ouse aparecer diante de mim até que a sua tentativa seja coroada de êxito.

Sob o olhar autoritário do mago, Richard estremeceu e feito uma máquina dirigiu-se ao quarto onde estava a estátua enclausurada. Meio hesitante por alguns segundos, ele apertou, outra vez maquinalmente, a mola que abria a porta na base e desceu a escada.

O subterrâneo estava iluminado, mas Richard parecia não dar atenção a nada. Aproximou-se do leito, deixou-se cair sobre ele impotente e, de imediato, mergulhou num sono profundo como a morte.

Ao acordar, ficou assombrado ao reconhecer o lugar. Como ele fora parar ali sua memória não ajudava –, mas uma sensação mórbida processava-se em seu cérebro. Suspirando fundo, Richard jogou-se na cama e , apertando a cabeça com as mãos, tentou organizar os pensamentos. Ele não estava louco e nem sonhava; no entanto , tudo parecia um estranho pesadelo. Sim, ali era a mesma gruta onde o mago invocara Almeris, transformando-a depois numa centelha. Ali estavam os armários com ânforas coloridas, cheias de líquidos estranhos. E ali estava a trípode com a taça, dentro da qual Almeris deveria mergulhar para tornar-se visível e

palpável . Richard levantou- se, aproximou-se da trípode e examinou o incrível líquido. Depois ele novamente se sentou na cama. Estava aflito , morria de sede e tinha medo de tocar em qualquer coisa que fosse. Absorto em seus pensamentos, ele notou, de repente , sobre a mesa ao lado, uma taça de vinho e resolveu dar alguns goles; o vinho estava divino , o mesmo que ele já havia bebido com Amenhotep. Secou prazerosamente meia taça. Subitamente estremeceu; no fundo da gruta surgiu uma luz azulada, reverberando em ouro, que se aproximava do leito, parando finalmente na borda da taça.

Richard olhou curioso para ela e logo enxergou no meio da luz dois pontos escuros, estranhamente parecidos com olhos humanos.

- Almeris, é você? – murmurou angustiado Richard. A luzinha tremulou e uma voz leve , como o sopro de vento , sussurrou:

- Sim, sou eu! Que sofrimento horrível !

- Para que querer sofrer ? Você poderá tornar-se uma mulher e ser feliz.

- Eu não posso tornar-me uma mulher , pois não passo de um espírito, que o ama com amor verdadeiro , não material. Aquilo que "ele ” quer nos dar não é felicidade : é decadência e pecado .

Um sentimento contraditório invadiu a alma de Richard. O amor que lhe sugeria Almeris parecia ter se assomado com as novas forças, mas, ao mesmo tempo, a ele misturava-se um desejo incontrolável de liberdade . Ele não conseguia esquecer a promessa do mago de deixá-los saírem da pirâmide, se Almeris se tornasse uma mulher .

Saltando do leito , Richard estendeu as mãos em direção da luzinha.

- Para que falar do pecado e da morte se eles não existem mais – replicou ele . – Amenhotep devolveu-lhe a vida e nos prometeu felicidade , amor , independência e liberdade . O que você quer mais ? Antes de morrer você me havia dito : “Oh, como é difícil morrer quando a vida é tão bela!” Agora, quando entre nós só há uma trípode separando, você foge de mim e me retribui o amor com palavras frias e lugares-comuns . Afinal, eu tenho direitos sobre você!

E arrebatado por seu sentimento, Richard avançou tentando agarrar com as mãos a luzinha , que oscilante recuou para trás.

Em meio ao movimento brusco, Richard derrubou a tripode com a taça; o líquido derramou-se espargindo para longe respingos ígneos, vindo a acertar a luzinha errante. Esta, imobilizada, começou a empalidecer e ampliar-se, tomando a forma de Almeris em toda a sua límpida e delicada beleza. Quando Richard, com um

grito de alegria, quis lançar-se aos seus braços, ela recuou, levantou a mão como se quisesse detê-lo e disse entristecida:

- Pare e contente-se, repito, com o meu amor imortal – uma pura e sagrada chama que sobrevive à morte e não depende da matéria. Não se ofusque diante dos poderosos encantos do indigno , que, conhecendo a luz, utiliza-se das trevas em seus intentos. Por fim, ponha um freio em seu egoísmo com o qual você quer destruir toda a minha obra de purificação.

Richard ficou branco baixou a cabeça.

- O que vai nos acontecer aqui? – observou ele após um minuto de silêncio. – Agora você é uma mulher real , precisamos tomar uma atitude.

Um leve barulho fez com que Richard se virasse e surpreso ele viu Amenhotep. O rosto do mago denotava grande contentamento .

- Glória e louvor à sua habilidade, Rameri ! – disse ele com sorriso dúbio . – Já que vocês chegaram a um acordo , eu também manterei a promessa.

Um grito de alegria soltou-se do peito de Richard. Ele iria abandonar aquela horrível pirâmide, onde podia enlouquecer; respirar outra vez o ar puro dos campos , ver as pessoas e a sua terra natal, e de novo mergulhar na vida quotidiana, com o seu barulho e as preocupações, mas também com a sua liberdade e a animação.

Richard ansiava sair o mais rápido possível daquela vida espectral no meio daquela gente sem idade , sempre exalando aqueles aromas sufocantes e mergulhada naquela repulsiva e uniforme luz, que em nada lembrava os raios vivificantes do sol nem a luz suave do luar.

- Oh! Agradeço, Amenhotep! - exclamou ele radiante. - Deixe- nos partir rapidamente; permita-me levar a esposa à minha pátria , à casa dos meus ancestrais! Fico profundamente grato pela sua hospitalidade, pelas maravilhas que você me mostrou e pela preciosa dádiva da liberdade que você me concede .

Amenhotep balançou a cabeça.

- Você me pede o impossível, Rameri ! Jamais algum mortal que aqui entrou vivo saiu do seu interior. Retornar ao mundo com as impressões daquilo que você viu aqui é vedado pelos nossos estatutos. Mas como você anseia tanto pelo ar fresco e pela luz solar, eu lhos darei e, cumprindo a promessa , cercá-lo-ei de todo o luxo possível e de todas as benesses terrenas. Vamos!

Amenhotep pegou Richard pela mão e o arrastou consigo. Estremecendo ao contato da mão do mago, fina e forte como o aço e quente como uma brasa, ele o seguiu cabisbaixo, acompanhado de Almeris .

Eles entraram num longo corredor, estreito e escuro, no fundo do qual parecia reluzir uma tênue luz .

O traje fosforescente do mago indicava , com a sua luz , o caminho a Rameri; naquela galeria subterrânea só podia passar uma pessoa por vez. Por último ia Almeris, rezando em silêncio .

De súbito, de um nicho escuro apareceu uma sombra. O vulto agarrou a mão de Almeris e a voz sussurrou :

- Pegue este embrulho . Coloque o seu conteúdo no altar e acenda diante dele uma vela de cera. Em seguida, crave em seu peito a faca sagrada e você se tornará um espírito livre, libertando-se do corpo que a oprime . A fumegante lâmina de seu sangue enfie na terra.

A sombra desapareceu. Mal se contendo de alegria, Almeris apressou o passo, escondendo sob a capa o pacote recebido .

Por fim , a galeria que parecia inacabável fez uma curva e, a uma centena de passos depois, terminou numa parede. Amenhotep abriu a porta e um jato de ar puro e fresco bateu no rosto de Richard. Diante dele se estendia, iluminado pelo luar , o deserto.

Dando alguns passos, Richard viu-se aos pés da grande pirâmide. Ao longe, divisava-se a gigantesca silhueta da esfinge de Gizé . Não, não era um sonho! Ele estava livre .

- Oh! Sou-lhe grato, Amenhotep ! - disse Richard, estendendo - lhe as mãos. – Você queria dar-me um susto! Agradeço-lhe por ter-me devolvido a vida!

- Silêncio ! Fique quieto! – disse autoritariamente o mago, indo a passos grandes para a frente .

Richard, feito enfeitiçado, seguia-o junto com Almeris.

O mago parou e, erguendo o bastão, desenhou no ar um círculo. Imediatamente do bastão surgiu uma serpente de fogo e , percorrendo o círculo imaginário , retornou ao ponto de partida . Então Amenhotep saudou os quatro lados, pronunciando palavras numa língua estranha e batendo a terra com o pé .

Ouviu-se o rolar surdo do trovão. Uma densa névoa cobriu tudo; da terra surgiram chamas amarelas e a atmosfera encheu-se de aroma asfixiante .

A cabeça de Richard tonteou e ele caiu sobre a terra. Tudo ao seu redor tremia e agitava-se: a terra parecia partir em pedaços . Ele ouviu o murmúrio da água . Pareceu-lhe estar flutuando sobre as ondas e ele perdeu os sentidos .

Quando Richard abriu os olhos , estava deitado na grama macia e fresca, aos pés de uma grande figueira. A alguns passos, recostada ao tronco de uma palmeira estava Almeris. Aparentava calma e os seus olhos, cheios de amor, fitavam-no com tristeza.

Richard pôs-se de pé e examinou ao redor : ele se encontrava num imenso jardim sombreado . Em todas as direções abriam-se alamedas, ladeadas de arbustos de rosas e jasmins e belíssimas floreiras. Ao longe, via -se uma piscina de mármore, dentro da qual

jorrava um fio prateado de água ; no fundo de uma larga alameda fulgia um palácio em estilo árabe, como um brinquedo dourado , esculpido de renda esmaltada.

Na galeria aberta de colunas finas, uma mesa já estava posta. Criados em túnicas listradas punham sobre ela pratos de iguarias e ânforas de vinho , decorando-a com cestos de flores .

Richard correu para o terraço, Almeris seguiu-o silenciosa. Galgando o terraço e esfregando os olhos de surpresa, ele começou a apreciar o luxo mágico que o cercava, a admirar o maravilhoso serviço de mesa, a apalpar os pesados reposteiros purpúreos, bordados a ouro . Pelo que ele se lembrava do deserto, um pedaço estéril da planície onde se localizava Menfis , o luar iluminando a esfinge e a pirâmide - que milagre fez aparecer aqui este jardim maravilhoso com um palácio mágico , executado com luxo imperial e iluminado, assim como o jardim, pela mesma estranha luz azulada que clareava o subterrâneo da pirâmide ?

E todos estes tesouros foram presenteados por Amenhotep

Richard virou-se alegre para a jovem mulher, atraiu-a a

seus braços e beijou- a apaixonadamente.

- Almeris! Minha amada ! Deixe de se atormentar à toa! Já que lhe devolveram a vida, vamos viver e amar um ao outro. A felicidade é um convidado demais raro para o expulsarmos do nosso lar.

Almeris não opôs resistência ao beijo. Um leve sorriso vagava em seus lábios .

- Que assim seja ! – sentenciou ela . – Eu o amo e a sua felicidade é-me mais cara que tudo . Mas antes de pertencer -lhe e iniciar uma nova vida, permita-me que eu faça uma oração a sós! Prometa-me ainda que ...

– Tudo o que quiser! – interrompeu radiante Richard.

– Assim, prometa-me não tocar sem mim esses pratos que lhe parecem tão apetitosos. Isso é coisa de magia, uma miragem vazia, que pode ser destruída com um sopro. A magnífica casa e todos esses tesouros de arte, tudo são reflexos do passado, animado pela vontade poderosa do mago: os servos são os espíritos inferiores, submissos à voz de seu senhor . Mas a fé e a oração são mais poderosas que qualquer magia. Elas nos orientarão e apontarão o caminho a seguir, enquanto o meu amor o protegerá de qualquer ameaça .

– Tranqüilize- se! Ore em paz mas não demore, estou morto de fome; vou esperar por você – disse Richard alegre .

Almeris desapareceu no quarto contiguo ao terraço. Orientando-se rapidamente, ela achou um gabinete retirado. Ao entrar e trancar a porta, tirou o pacote e desenrolou um tecido branco e fino como cambraia . No embrulho havia um crucifixo metálico muito antigo, uma pequena lamparina, um frasco com

óleo, uma vela de cera e um punhal com cabo de marfim , cuja brilhante lâmina azul trazia desenhos de símbolos mágicos .

Almeris colocou o crucifixo sobre a mesa , acendeu a lamparina e pôs-se de joelhos.

– Nosso Senhor Jesus Cristo, Salvador misericordioso! Quebre os encantamentos de seu servidor indigno! – murmurou ela piamente. – Ele quer macular a minha alma, arrastar-me às paixões terrenas e subtrair-me o mérito do selo da morte que obtive.

À medida que ela orava, do crucifixo irradiava-se uma luz ofuscante que parecia envolvê-la numa onda prateada e aromática. O peso terrível que parecia oprimi-la diminuía a cada instante.

Cheia de gratidão e júbilo, a jovem ergueu as mãos.

– Meu Pai Celeste ! Se a minha oração alcançou o Seu Altar, liberte a minha alma, que deixou de seduzir-se por alegrias terrenas e permita que o meu sangue derramado destrua todos os encantamentos da magia, fazendo retornar para as trevas os espíritos inferiores que povoam este palácio enfeitiçado.

Almeris agarrou o punhal e , olhando fixamente para o crucifixo, do centro do qual parecia agora irradiar-se um feixe de luzes, cravou-o no coração.

Do ferimento espargiu uma névoa avermelhada, e , quase imediatamente, um abalo, parecido com o rolar do trovão, sacudiu a terra até a sua base. Nuvens escuras, rasgadas por relâmpagos ,

espalharam-se em todas as direções. Almeris elevou-se no ar e desapareceu nos raios da luz .

VI.

Uma sensação de frio e umidade fez Richard voltar a si. Surpreso, ele viu Ericso que , de joelhos diante dele , passava-lhe no rosto uma toalha molhada .

– Rápido! Levante-se rápido! Temos que fugir. Só temos duas horas de tempo para sairmos da pirâmide – apressou a jovem em voz entrecortada. Estava pálida feito cadáver, seus olhos ardiam e as mãos tremiam. Atrás da cinta, via-se enfiada a misteriosa faca que quebrara o encantamento.

Richard sentiu instintivamente que corria perigo. Ele levantou-se, mas sua cabeça estava tão pesada e as pernas tão fracas que ele se recostou na parede, tentando juntar as idéias . Lembrou ter andado por um palácio árabe quando, de repente, ouvira um trovão e tudo ao seu redor desaparecera. O que aconteceu depois , ele não tinha a menor noção e não conseguia entender como fora parar naquele escuro porão vazio que mais parecia com uma câmara mortuária de mastaba (14) .

Ericso não lhe deu tempo para muitas reflexões.

- Ande! Ou o senhor quer ficar aqui para sempre como prisioneiro? - gritou ela , sacudindo fortemente o jo vem pela mão.

---

(14) Túmulo antigo de construção especial, encontrável perto de Menfis.

A palavra “ prisioneiro" devolveu a Richard sua presença de espírito e energia. Ele endireitou-se rapidamente e foi atrás de Ericso. Alguns minutos depois estavam no deserto, não longe da pirâmide, para cuja direção o arrastava apressadamente a sua acompanhante .

- O que você está fazendo? Nós precisamos correr em outra direção! – gritou Richard.

- Naquela direção nós não podemos correr. O círculo mágico dentro do qual Amenhotep o encerrou não está destruído. Nós devemos sair pelo mesmo caminho que o senhor entrou. E isso deverá ser feito antes do amanhecer – disse Ericso apressando os passos.

Quando eles se aproximaram da entrada semidestruída da pirâmide, Ericso e Richard esgueiraram-se através dela para dentro. Num dos corredores, a jovem acionou uma mola e abriu a porta oculta na parede. Iluminando o caminho com archote, eles desceram uma escada infindável e por uma segunda porta penetraram numa galeria comprida , escassamente iluminada, com nichos pelas laterais . Richard reconheceu o lugar. Poucos minutos depois, eles foram parar na sala redonda , onde ele e o seu companheiro deixaram os pertences trazidos de Alexandria para as escavações. Ali ainda permaneciam amontoadas as picaretas, cordas e lamparinas e , junto a tudo, estava Ber, com rosto desolado.

- O que está acontecendo? Para onde estamos indo ? Quem é essa mocinha que me trouxe para cá e disse que nós íamos escapar desta ratoeira? - gritou o professor, correndo em direção a Richarda

Richard quis responder, mas a febrilmente impaciente Ericso interrompeu na primeira palavra.

- Conversem depois! Agora qualquer minuto é importante! – gritou ela, recolhendo no canto o escrínio e ali guardando o punhal mágico .

Em seguida, ela enrolou-se na capa escura e todos partiram.

O barco permanecia em seu lugar e os fugitivos desceram pelo canal . Depois eles atravessaram o corredor e na pequena sala encontraram o mesmo misterioso guardião, sentado à mesa e trabalhando. Ber e Richard estremeceram. Achavam que tudo estava perdido; mas Ericso aproximou-se dele, sussurrou algumas palavras e mostrou-lhe um anel ornado com uma reluzente gema ofuscante. O guardião levantou-se em silêncio. Eles passaram pelo corredor e, em seguida, a estreita abertura escancarou-se e todos os três se acharam fora, perto do monumento que ficava entre as patas da esfinge.

À sua frente, estendia-se agora o deserto. Ainda que fosse noite, um vento fresco anunciava a aproximação do amanhecer.

- Por fim estamos livres ! Mas o que faremos agora? - exclamou Richard , enchendo o peito com o fresco ar da noite.

- Antes de mais nada , devemos sair daqui e voltar para Alexandria - respondeu Ericso.

- Você está com medo de que Amenhotep comece a nos perseguir?

- Não agora! O contragolpe do encantamento quebrado deixou-o desacordado . Mas essa impotência é passageira e eu prefiro estar longe do alcance de suas mãos!

Eles reiniciaram a caminhada . Entretanto, com a chegada do dia, todos os três sentiram-se tão cansados que tiveram que parar para descansar um pouco.

No início ficaram estendidos em silêncio na terra, cada um compenetrado em seus pensamentos, mas graças à natureza vivaz do professor, ele foi o primeiro a voltar à realidade prática

- Ouça, Leerbach, e você, gentil senhorita – nossa libertadora! Devemos discutir como chegaremos até Alexandria ou , pelo menos , até o Cairo – disse ele em voz alta, levantando-se . – A empreitada não é fácil ; primeiro , devido aos nossos trajes – muito elegantes, é claro, para os tempos de Amósis mas demais ... airosos para a nossa época. Além disso eu não tenho um níquel sequer e suponho que os senhores não têm mais que eu .

Pela primeira vez Richard olhou para as suas sandálias trançadas, sua primitiva túnica com mangas curtas e , a despeito da

situação difícil, soltou uma gargalhada. Apenas Ericso, envolvida dos pés à cabeça pela capa escura, não revelava os seus trajes.

- De fato, nesses trajes o senhor será tomado por um louco e levado ao manicômio . Quanto ao dinheiro , estou na mesma situação que o senhor e realmente não sei o que podemos fazer ! – revidou Richard, meio risonho, meio aflito.

- No que se refere ao aspecto financeiro, eu espero tirá-los dessa dificuldade - observou sorrindo Ericso. - Dinheiro, na verdade, eu não tenho, mas trouxe comigo algumas jóias que eu peguei intencionalmente e que deverão representar um capital bastante sólido.

Ericso deixou entreaberta a capa com o capuz. Uma verdadeira cascata de luzes multicoloridas reverberou dela, envolvendo-a numa auréola reluzente, espargindo do aro que lhe decorava a testa, do colar de cinco fileiras, da cintura e dos braceletes . Richard e o professor olhavam estupefactos para aquelas antigas preciosidades maravilhosamente executadas, decoradas por pedras de valor fabuloso.

- Em você está pendurado, se não for o patrimônio de um rei, pelo menos o de um príncipe - exclamou o professor. Que pérolas! E esses pingentes de esmeralda em forma de pêra que ornam o diadema e o colar - eles não têm preço!

- Isso pouco me consola! Confesso que eu pretendia vender estas jóias para que a gente pudesse se vestir e sair do Egito.

- Para tanto basta um anel ou um pingente. Sugiro lhe que guarde as jóias no escrínio, longe de olhos indiscretos , para não sermos mortos por causa delas – observou Ber.

- Talvez o senhor tenha razão! – aquiesceu Ericso. Ela tirou-as de si e guardou-as no escrínio, que se verificou cheio até a tampa. Estendendo um anel com uma magnífica safira, perguntou ao professor .

- Isto será suficiente?

- Sem dúvida . Se você me confiar esse anel e também me emprestar a capa, estou disposto a ir até o Cairo; vendo o anel e compro roupa para todos nós, caso você aceite ser minha credora temporária.

- O senhor me ofende com essa pergunta ! Nós ficaremos muito gratos por esse imenso favor que irá nos prestar. Mas onde ficaremos aguardando o seu retorno? Aqui, neste fosso? Não é muito confortável !

- É uma pena que os nossos guias desapareceram com a barraca e todas as provisões! – observou Richard suspirando profundamente.

- Eles não conseguiram agüentar nos esperar! Suponho que nós passamos pelo menos duas semanas naquela maldita pirâmide . Mas eis o que eu posso lhes propor : no ano passado eu tomei parte em umas escavações que se realizavam aqui, e , na ocasião,

eu freqüentava a casinha de um velho felá, que fica aqui perto . Se eu pedir, o velho Selim lhes dará um abrigo até o meu retorno e ninguém suspeitará nem de vocês nem do precioso escrínio.

A proposta foi aceita unanimemente e , algumas horas depois, Richard e Ericso se instalavam no humilde casebre do velho. Selim partiu com o professor ao Cairo para ajudá-lo a trazer as compras .

Quando o professor e o felá saíram, Richard pensou em discutir com Ericso o futuro deles , mas ela estava tão cxtenuada e aflita que ele achou por bem deixá-la descansar um pouco e sugeriu-lhe que ela fosse dormir para estar em condições de continuar a viagem após a volta de Ber.

-Devemos apressar-nos , pois Amenhotep talvez tenha voltado a si acrescentou ele .

- Não ! O golpe que levou foi tão forte que ele precisará ainda de muito tempo para recuperar-se. Mas a questão é outra . Assusta-me a sua proximidade e eu quero sair daqui o mais rápido possível – disse Ericso , deitando -se sobre um punhado de grama no chão e fechando os olhos.

Leerbach adormeceu logo. Ericso estava demais preocupada para dormir. Um verdadeiro turbilhão de pensamentos desencadeara-se em sua cabeça.

O que o futuro lhe guardava? O que aconteceria a ela – sozinha no mundo, sem nome, sem situação legal? Richard, pelo

visto, a amava, ou melhor, ele amava Tea; mas Tea morreu. E poderia ela confiar no amor de um homem para o qual bastaram algumas semanas para esquecê-la e casar-se com outra? E esta outra era Nuita, que ele sempre preferiu a ela ! Nuita, ao se tornar Almeris, não o quis, e preferiu a bem- aventurança celeste às fugazes alegrias terrenas.

Ainda que ela se casasse com Richard, sua felicidade fora envenenada. Feito uma ameaçadora nuvem negra, interpunha-se em seu caminho da vida o terrível Amenhotep. Ela conhecia demasiadamente bem sua paixão e ciúme, e sabia que ele reapareceria e tentaria subjugá-la . Oh, como ela odiava aquele feiticeiro que a fez de escrava e que, com os seus conhecimentos das forças misteriosas da natureza, prolongava eternamente a vida deles!

Neste minuto ela ansiava pela morte, como uma libertação.

E ele - aquele odioso homem – ainda queria que ela fosse sua esposa para dela ter um herdeiro de seus criminosos e tirânicos conhecimentos ! Só de pensar nisso, pânico e nojo romavam conta dela.

Não , isso jamais aconteceria! Ela sempre o enfrentara; ela, uma fraca e estúpida poeirinha em comparação com ele, venceu. Agora também escapou dele, praticamente no mesmo instante em que ele quis fazer dela a sua esposa. Ela viu a taça preparada , cujo

conteúdo deveria amarrá-la para sempre , fazendo-a apaixonar -se por Amenhotep.

Entretanto, não era à toa que ela era aprendiz do mago. Não foi à toa que ela estudou, espionou e descobriu vários de seus segredos. Uma parte do ritual mágico era de seu conhecimento ; ela sabia quais meios empregava ele para a reprodução ou aniquilação de suas criaturas efêmeras e para a invocação ao espaço dos seres com os quais ele povoava as suas obras. Ela conseguiu até chegar ao santuário mais secreto de Amenhotep e furtar da ara a faca sagrada e o anel do mago. Ericso sabia que ninguém, além de Amenhotep, jamais tocara naqueles objetos e, enquanto eles estivessem em seu poder , ela estava suficientemente armada contra o seu soberano . Mas, a despeito desta certeza, oprimia - a uma sensação de terrível solidão e consciência de sua impotência. Fechando o rosto com as mãos, Ericso pôs-se a chorar amargamente. O cansaço, porém, foi mais forte; depois de desafogar-se em lágrimas, ela se esqueceu e adormeceu num sono pesado.

À tardinha do dia seguinte chegou Ber. Ele estava elegantemente vestido e encontrava-se no melhor de seus humores. No pacote ele trouxe trajes completos para Richard e Ericso, que acordaram um pouco antes da chegada do professor. A vinda de Ber distraiu a todos e a sua narrativa humorística sobre a viagem animou definitivamente a todos.

Uma hora depois todos se transformaram em europeus. Um simples vestido preto e um pequeno chapéu de palha caíam maravilhosamente bem em Ericso. Mas , apesar do traje irrepreensivelmente elegante, toda a figura de Ericso respirava algo estranho e exótico, o que atraía a atenção dos viajantes, tanto no Cairo como no trem que os levou para Alexandria.

Leerbach e o professor estavam preocupados com seus negócios particulares e ficaram perplexos quando, ainda no Cairo , souberam que a sua ausência durara cinco meses, e não dois, como haviam presumido . De fato, nos fantásticos subterrâneos da pirâmide, o tempo parecia não existir, mas no seu mundo real, sem dúvida, eles seriam dados como mortos, e tal suposição trazia conseqüências bastante indesejáveis para seus negócios .

Entretanto, tudo correu melhor do que eles imaginavam . A viúva fleumática que tomava conta da casa do professor já estava demais acostumada às extravagâncias do professor para se alarmar com a sua ausência e aguardava calmamente o seu retorno. O fiel Fredrich reservara por um ano o quarto que era ocupado por seu senhor. Com esse objetivo , ele se utilizou de uma significativa importância recebida da Alemanha , destinada a cobrir gastos em caso da ausência do barão.

E assim Richard encontrou a casa da maneira como a deixou. Ao encontrar em cima da mesa o misterioso peso de papel, Ericso estremeceu e apontando para ele observou baixinho:

Eis a cópia daquela esfinge que você outrora havia talhado! Aqui, na sua base, deverá estar guardada a mão de Valéria, que se conservou fresca, pois, depois de cortá-la, Amenhotep impregnou-a com uma substância que assegura a qualquer corpo um aspecto vivo.

Ericso aproximou-se e quis acionar a mola , mas Richard a deteve.

- Deixe em paz o passado , Ericso! Agora deveremos pensar no futuro e tomar alguma decisão - o que eu tenciono fazer assim que nós nos recuperarmos moral e fisicamente.

À noite chegou Ber, e os três foram tomar um chá no quarto de Ericso. O professor sentia-se maravilhosamente bem: comia e bebia por dois, brincava e fazia troça da expedieção deles.

- Naquela pirâmide nós dois parecíamos com um califa e seu vizir, que o feiticeiro transformou em garças – repetia ele rindo. – Só uma coisa eu não posso entender: por que Ericso, que conseguiu nos tirar de lá, ela mesma não saiu de lá antes ?

A jovem esboçou um sorriso amargo.

- Para onde eu iria? – sozinha, sem situação social legal – sustentou ela. Aliás, toda a minha vida é tão extraordinária que vocês me tomariam por louca se eu a contasse. O que vocês pensariam de mim se eu lhes dissesse que, tal como vocês me vêem agora, eu já vivi nos tempos de Amósis , dormi por séculos inteiros

e acordei em Alexandria durante o domínio romano, e que, presentemente, eu me encontro no mesmo corpo imperecível desde então?

Ber, que a ouvia com o vivo interesse, corrigiu nervosamente os óculos.

- Seis meses atrás , eu, com toda a certeza, acharia por bem interná-la num manicômio. Agora, no entanto , após minha permanência na pirâmide, já não descarto nem afirmo mais nada. Aliás, seria bom que você tratasse seriamente seus nervos, que estão terrivelmente abalados.

Dois dias mais tarde, Richard e Ericso encontravam-se a sós depois do almoço; o barão andava nervosamente pelo quarto e parou diante da jovem, que, pensativa , estava sentada no sofá.

Como ela parecia com Tea e ao mesmo tempo era uma outra pessoa, ainda mais bela e encantadora! Em seu olhar profundo brilhava a consciência dos fatos e das lembranças do seu extraordinário passado; os olhos risonhos de Tea, entretanto, fulgiam com a despreocupação do presente.

Na virginal fronte de Ericso estampara-se a grandiosidade dos séculos vividos. Mas quem quer que ela fosse, Tea ou Ericso, a sua visão produzia sobre ele uma impressão encantadora.

Sentando-se ao seu lado, Richard apertou- lhe fortemen te a mão disse:

- Ericso! Devemos nos explicar e tomar alguma decisão. Jovem e bonita, você não poderá ficar vivendo sozinha. Eu não poderei ser seu protetor legal se você não for minha esposa . Você sabe que eu a amo como amei Tea , e que eu anseio por me casar com você , se ...

Ela arrancou bruscamente a mão.

duas vezes por

- A quem você dirige o seu amor inconstante? À duquesa Tea, que você esqueceu tão rápido para a filha do taberneiro, ou a Ericso, que você sacrificou por Nuíta e Valéria? – interrompeu ela com um sorriso amargo.

Uma estranha sensação de dualidade se remexeu no coração de Ericso. Os ciúmes e, ao mesmo tempo , um profundo ressentimento pela ofensa causada a Tea confrontavam-se nela com o louco e obstinado amor que a escrava grega nutria pelo jovem escultor, sugerindo-lhe uma afeição canina, obrigando-a a implorar o seu amor e suportar maus tratos.

Richard empalideceu. Um silêncio se fez no quarto.

- Sua censura procede , ainda que seja injusta – defendeu-se ele, cerrando o cenho. – Mas você se esquece de que Rameri já amava Nuita antes de suspeitar da existência de Ericso; esta , entretanto , quis interferir na minha vida, alterar o curso do meu destino e mexer irrefletidamente com as terríveis forças ocultas que

nos afetam até hoje. Assim , é bem natural que o meu amor tenha despertado novamente quando eu encontrei, ainda que sob um outro invólucro, aquela que conquistara o meu coração inicialmente. Você, Ericso, sempre me impressionou profundamente com sua beleza e inteligência. Eu valorizava o seu amor por mim e, da minha parte, amo-a tão sinceramente quanto amava Tea . Sim, eu amava Almeris e casei-me com ela para proporcionar uma derradeira alegria à flor moribunda. A morte rompeu com os vínculos que nos uniam e ela própria preferiu a liberdade do espaço a viver comigo. E assim eu tenho direito de oferecer-lhe o meu amor e um sobrenome , se você quiser aceitá-los .

- Oh! Se eu pudesse expulsar estas recordações infernais! – murmurou Ericso, agarrando a cabeça com as duas mãos.

Uma profunda pena tomou conta de Richard. Ele atraiu a carinhosamente a si e beijou-a.

- Pobrezinha! Esqueça o passado e tente encontrar a felicidade no presente.

Ericso, calada, encostou a cabeça em seu peito. Ambos ficaram em silêncio cerca de um minuto. Ericso se aprumou. Lágrimas brilhavam em seus olhos, mas no rosto brincava um sorriso de felicidade .

- Você tem razão, Rameri! Para que envenenar o presente com as recordações do passado ? Admitamos que agora eu

concorde em ser sua esposa. Quem será levado por você ao altar ? Ericso não tem nome, ela saiu da pirâmide, mais velha milhares de anos. Eu não tenho família, nem parentes, nem documentos legais. Como vamos sair dessa?

- Oh! Isso é muito fácil! Eu já conversei com Ber e nós decidimos que ele a adote como filha. Isto já basta para lhe dar uma situação legal. Há uma outra questão que me preocupa .

Richard pensou por um minuto.

- Você é esposa de Amenhotep!

Ericso balançou a cabeça negativamente.

- Ele me uniu a ele com a chama do espaço, mas eu nunca lhe pertenci. Ele estava aguardando por uma constelação favorável para me desposar, mas eu fugi em tempo .

- Neste caso só nos resta agradecermos a Deus e sermos felizes ! – exclamou Richard alegremente. Confesso-lhe que eu fiquei mais atormentado com a idéia de que você pertencesse a Amenhotep. Mas tranqüilize-se, minha pequena ciumenta: Almeris não é uma rival perigosa .

Ericso suspirou e balançou a cabeça.

- Eu não tenho ciúme, Rameri , mas, tanto como você, tenho medo de Amenhotep. O fato de eu não ter pertencido a ele não basta para tranquilizar-me. Lembre-se de que ele achou o meu espírito no novo invólucro carnal, arrancou-o do jovem organismo cheio de

vida e obrigou-o a voltar a este corpo, que conta centenas de anos, e que, somente graças ao seu conhecimento, não deixa que ele se transforme em cinzas. Cedo ou tarde, Amenhotep nos encontrará e destruirá a nossa felicidade , pois ele me uniu a ele pela poderosa força da natureza. Tenho em meu dedo um anel mágico que não consigo tirar; ele parece ter grudado.

- Maldito feiticeiro! Ele tem escapado por muito tempo das autoridades. Mas eu denunciarei aquele bando e por melhor que esteja escondido o seu abrigo, ele será achado! – gritou fora de si Richard .

- Pelo amor de Deus! Deixe-o e não desafie aqueles que vivem na pirâmide! – murmurou Ericso com a voz trêmula. – Amenhotep não está sozinho. Eu vi, no subterrâneo, reunidos, doze magos. Além disso eles têm discípulos, cujo número eu desconheço. Não atraia sobre si a vingança deles. Enquanto o anel mágico estiver em meu poder, o próprio Amenhotep é impotente diante de mim. Da minha parte, eu farei tudo para conservar este tesouro!

Richard baixou a cabeça. Ericso estava certa. O que ele poderia fazer contando com recursos humanos comuns contra um homem que possuía um poder praticamente ilimitado e para o qual não existia nem tempo nem espaço? Que vingança aguardava aquele que ousou raptar-lhe a mulher amada? Richard ficou

dominado por pânico. Mas essa fraqueza foi passageira e ele ergueu decidido a cabeça.

– Deus irá nos ajudar! – disse ele energicamente. Por maior que seja a força e o poder de Amenhotep, Deus é mais forte.

- Seja como você quiser, e que Deus abençoe nosso amor e a nossa união - acrescentou Ericso emocionada.

Depois eles discutiram os detalhes de sua viagem e o futuro casamento. Ficou acertado que dentro de três dias deixariam Alexandria e iriam a Brindizi, e que a cerimônia iria realizar-se na Europa. Tal era o desejo de Ericso, que, movida por um incontrolável e vago medo, adiava a cerimônia.

Ber, que se dedicou com seriedade ao seu papel de pai adotivo, iria junto com eles. Na véspera da viagem, Richard, ao ir fazer compras , encontrou-se com Maidel. O taberneiro mudara muito e envelhecera. Ele ficou feliz em encontrar o barão e contou-lhe que havia vendido bem o seu empreendimento , tendo se mudado para Alexandria , onde se estabeleceu definitivamente. Acrescentou também que já estava farto de Tebas, depois de um estranho acontecimento no túmulo de Almeris.

- O que foi que houve?

- Cerca de cinco meses atrás o monumento sepulcral partiu-se todo .

- Conte- me, por favor, todos os detalhes! – pediu Richard empalidecendo.

- Ele se lembrou da cena , quando Amenhotep invocara o espírito de Almeris e um raio partiu a lápide sepulcral .

- Vamos até em casa e o senhor saberá dos detalhes através de uma testemunha - propôs Maidel . – O senhor deve se lembrar do velho Sebastião, o guarda do cemitério . Ele presenciou o acontecimento, que o deixou tão consternado que ele cedeu o lugar a seu sobrinho, e está se mudando para minha casa.

Nervoso , Leerbach decidiu ir imediatamente à casa de seu sogro, que morava nos subúrbios da cidade. Tusnelda e Dora receberam-no de braços abertos. Era visível que a morte da adorada Almeris acabara definitivamente com elas.

O velho Sebastião trabalhava no jardim e apareceu imediatamente ao chamado de Maidel; entretanto, era evidente que lhe era desagradável relembrar aquele enigmático acontecimento .

Por fim, vendo o nervosismo de Richard, ele contou o que tinha visto.

- Eu entendo , senhor barão, a sua curiosidade, mas juro que só de lembrar o ocorrido fico arrepiado e gostaria de esquecer tudo– considerou ele . – Bem, eis o que eu presenciei cerca de cinco meses atrás .

De dia eu estava com muito serviço e, como na manhã seguinte eu teria que arrumar o túmulo de um inglês, que ficava próximo ao de sua esposa, fui para lá à noite. A lua estava clara e era possível trabalhar como se fosse de dia. Eu estava um pouco atrasado e o trabalho teria que ser terminado, sem falta, naquela noite, pois a viúva do inglês , ainda que tivesse avisado que viria, só dois dias depois, poderia também vir antes.

Terminado o trabalho, comecei a jogar areia na trilha; de repente ouvi atrás de mim um silvo de vento e uns estalidos; parecia uma árvore crepitando.

Eu me virei e fiquei pasmo. Sobre o túmulo da baronesa pairava uma imensa nuvem negra como tinta nanquim, como se salpicada de faíscas. Daquela nuvem levantava - se um turbilhão de fumaça amarela. Mal eu consegui entender o que poderia significar aquilo, ouviu-se um forte trovão e um raio atingiu o túmulo . Fiquei aturdido e uma forte rajada de vento derrubou-me no chão . Quando me levantei, os ouvidos zumbiam, eu já não enxergava mais nada e fugi apavorado, pensando que ia desencadear-se uma forte tempestade. Entretanto , nada aconteceu: o céu estava claro, o ar calmo e quente , assim, positivamente, não deu para entender nada .

O meu sobrinho , Gregor , também ouviu o rolar do trovão , mas achou que aquilo fosse um tiro de pistola dado por algum turista. Eu , no entanto , posso jurar que o trovão foi verdadeiro .

Quando de manhã nós fomos ao cemitério, vimos que a lápide de mármore no túmulo de sua esposa estava rachada, estando inclusive danificada a mão da estátua de anjo, enquanto todos os outros túmulos permaneciam intactos.

Ficamos todos impressionados e a viúva do inglês até deu uma explicação , dizendo que a lápide de mármore se rachou em conseqüência de gases que se formaram devido à decomposição do corpo . Mas eu achei aquilo tudo uma besteira . Se o inglês, enorme e gordo como um porco castrado , ao se decompor não explodiu o seu túmulo, como isso poderia ter acontecido com o corpo da baronesa, pequena, delicada e transparente como uma visão . Não, não! Sem dúvida , é coisa do capeta; mas como ele ousou tocar o túmulo da nossa santa Almeris – não dá para entender !

E o velho persignou-se.

A narrativa desconcertou Richard . O que ele , nos recônditos da alma, achava que era um sonho, uma alucinação da mente excitada, era uma realidade ! Ao se despedir da família de Maidel, ele, para não amargurá-los com a notícia de seu casamento, disse que iria viajar no mesmo dia, mas prometeu escrever e visitar , no futuro, o túmulo de Almeris .

Quando Richard voltou ao hotel, Ber estava sentado com Ericso. Ele contou-lhes tudo que tinha ouvido, mas Ericso parecia não ter se surpreendido nem um pouco; por outro lado, o professor começou a andar pelo quarto , como um leão enclausurado numa

jaula , ora puxando sua longa barba, ora emaranhando os cabelos grisalhos. Por fim , ele estacou e meio rindo , meio zangado , disse:

- Eu perdi a minha grande prerrogativa de me surpreender e duvidar de seja o que for . Tudo é possível! É possível até que a Lua desça aqui na nossa mesa para servir-nos de peso de papel. Basta!

No dia seguinte, ao alvorecer , o navio saía do porto Alexandria. Em pé no convés, Ericso olhava pensativa para a antiga terra das pirâmides que ia desaparecendo. Seria ela perseguida pelo mesmo destino funesto também nas margens do Reno, como o fora nas margens do Nilo ?

VII.

Cerca de três semanas depois, nossos viajantes chegaram a Colônia e se instalaram temporariamente num hotel. No dia seguinte Richard foi procurar uma dacha adequada, que, pelo desejo de Ericso, deveria ficar perto do castelo Kronburg,

A partir do dia da chegada na Europa, Ericso sofreu uma estranha mudança. Todo o seu passado pareceu recuar e desbotar; ela ficou cada vez mais dominada pelas recordações das impressões que se referiam à sua vida como Tea. Uma das conseqüências naturais desse novo estado de espírito foi o despertar de amor ao pai e o desejo ardente de rever todos aqueles lugares onde ela fora tão feliz.

Richard e o professor tinham muitos assuntos para resolver quanto ao cumprimento das diversas formalidades , e o barão , além disso, queria efetuar algumas reformas no castelo; decidindo-se desta forma que Ericso passaria esse tempo em algum lugar perto do castelo do conde.

Um acaso contribuiu para a realização do desejo deles: praticamente nos limites do parque de Kronburg , estava em oferta de aluguel uma pequena mas confortável dacha mobiliada e o barão apressou-se em alugá-la. A noite do dia seguinte, veio também Ericso numa carruagem fechada.

Quando duas semanas depois o barão e Ber retornaram à vila, eles encontraram Ericso amuada. Inquirida, ela contou que tinha medo de sair de casa e evitava de todas as formas um encontro com as suas ex-empregadas para não chamar a atenção devido à sua enorme semelhança com Tea. Por duas vezes ela viu o conde passando por ela. Ele estava muito mudado, envelhecera e parecia muito triste. Através de terceiros ela soube que depois da morte da filha, o conde começou a levar uma vida retirada, sem ver e sem receber ninguém em casa .

Certo dia, ela por pouco não descera do balcão e se lançara aos braços dele. Entretanto , o bom senso deteve-a a tempo . Seu coração sangrava e o desejo de visitar o castelo , rever o pai e todos os lugares queridos torturavam-na praticamente tanto quanto o seu eterno medo de Amenhotep .

- Pobrezinha! – disse Richard, beijando carinhosamente a face de Ericso, úmida de lágrimas . – Para tirá-la dessa dor e devolvê-la aos braços do pai, eu estou disposto a arriscar uma louca tentativa: eu vou até o conde e revelo-lhe toda a verdade.

- E ele vai achar que você perdeu o juízo e que eu procuro aventuras – observou Ericso, sorrindo entre as lágrimas.

- É possível e até bem provável! Mas, de qualquer forma, vamos arriscar. Na verdade nós temos provas convincentes, ainda que estranhas: a recordação dos fatos que só Tea poderia lembrar. Além disso, você é tão rica que qualquer suposição de uma

chantagem ou algum interesse financeiro desaparece por si só. Depois, o professor Ber é uma testemunha digna de confiança, que não pode ser menosprezada .

Ericso passou uma noite insone. A incerteza quanto ao resultado da arrojada tentativa de Leerbach somava-se ao indefinido e invariável pavor que tinha de seu perseguidor . Sua audição estava morbidamente aguçada e ela estremecia com o menor barulho, esperando que a qualquer minuto Amenhotep pudesse aparecer – para quem não havia nem obstáculos nem distância – para matá-la ou levá-la de volta. O simples pensamento de voltar à pirâmide fazia-a ficar aterrorizada. Depois de ter respirado por algumas semanas o ar puro, sentir o calor vivificante e a luz do sol, ver ao seu redor a vida e movimento, parecia-lhe impossível ter que suportar novamente a atmosfera tépida e a monótona luz azulada sempre uniforme, sob a qual não se sabia se era dia ou era noite. Não , a morte era mil vezes preferível àquela existência anormal.

Decidido a fazer a tentativa, Leerbach , já no dia seguinte, dirigiu-se ao castelo Kronburg e fez entregar ao conde o seu cartão. O criado retornou imediatamente e pediu que o barão o seguisse. Passando por uma série de salas vazias, Richard entrou no gabinete.

O conde estava sentado à mesa , sobre a qual havia um livro aberto , mas aparentemente o conde não o lia. Com a entrada de Leerbach, ele levantou-se rapidamente e estendeu-lhe a mão.

- Bem-vindo, meu querido, ainda que a pessoa atrás da qual o senhor apareceu, morreu, enquanto eu lhe negociava felicidade!

O conde calou-se, enxugando uma lágrima. Apontando para Richard uma cadeira, ele acrescentou:

- Eu lhe telegrafei para Alexandria, notificando a morte de Tea, mas responderam-me que o senhor havia viajado algumas semanas antes e ninguém sabia onde o senhor podia estar que tinha lhe ocorrido. Faz tempo que o senhor voltou? Foi lá ou aqui que o senhor soube da nossa desgraça?

- Eu já sabia de tudo antes que o seu telegrama chegasse a Alexandria. Tea não morreu de doença, mas foi vítima de um assassinato ocultista, cuja testemunha fui eu mesmo - respondeu suspirando profundamente Richard .

O conde olhou para ele surpreso e desconfiado.

- Eu vim – prosseguiu Richard – para contar- lhe as coisas mais incríveis e peço que o senhor me ouça atenciosamente. Talvez o senhor me julgue um louco , e mesmo eu, quando penso no que vi e no que passei, duvido de meus sentidos. Entretanto, tudo é verdade.

- Fale! Prometo que vou ouvi-lo com toda a minha atenção – assegurou o conde , continuando a olhar surpreso e curioso para o rosto ardente e perturbado do seu interlocutor.

Richard começou a narrativa e quando chegou até o ponto de seu casamento com Almeris, o conde ficou fulo e, saltando da poltrona, gritou furioso:

- Como o senhor pôde , no momento em que eu entregava a mão da minha filha, escolher para a esposa a filha de um taberneiro? Tea provavelmente soube de sua traição e a amargura foi a causa de seu infarto .

- Acalme-se , conde! O senhor está enganado – interrompeu-o Richard . – Tea não sabia de nada. Mais adiante o senhor vai entender que o meu amor a Almeris, tanto quanto o da condessa a mim, vinha do passado remoto. Quanto ao meu casamento com Almeris , era a última alegria que eu queria proporcionar a uma jovem vida que se extinguia , pois eu, sendo um médico, sabia que as suas horas já tinham sido contadas. Após a morte de Almeris, eu quis vir para cá e confessar tudo a Tea, deixando - a decidir se ela me perdoava ou não . Agora eu vou retomar a narrativa .

O conde fez um gesto de consentimento e afundou-se calado na poltrona. Quando, no entanto, a narrativa atingiu o momento da história do achado no pedestal da esfinge, o ponto em que a visão lhe escrevia e, finalmente, quando ele contou sobre a expedição empreendida pelo barão e o professor Ber , o rosto do velho tomou a expressão de pena e solidariedade , seus olhos diziam nitidamente que ele duvidava da saúde mental de Leerbach.

Richard finalizou a sua narrativa com as seguintes palavras: "A alma de Tea habita agora o corpo de Ericso, mas o amor delà ao senhor continua o mesmo. Ela está sofrendo muito. Para tentar devolver-lhe o pai, e ao senhor a filha perdida , eu vim para cá" .

O conde balançou a cabeça e um sorriso de compaixão esboçou - se em seus lábios.

- Meu pobre amigo! O senhor está doente . A desgraça , mais o sol quente da África, causaram-lhe as alucinações e abalaram seu sistema nervoso. O senhor provavelmente não tem idéia de toda essa incongruência de fatos que acaba de me contar. Surpreende-me sobretudo o fato de que o professor Ber, de quem muito ouvi dizer ser um cientista sério e ao qual o senhor chama de amigo, possa confirmar tal baboseira em vez de tentar dissuadi-lo. É certo que em sua narrativa há alguns detalhes autênticos quanto à morte de Tea . Ela morreu à noite, sua camisola estava rasgada, mas ninguém viu na região de seu coração qualquer sinal mágico, que o senhor afirma ter visto. O que se refere à famigerada Ericso, dentro da qual supostamente habita a alma da minha filha, eu acredito que habilidosa fulana abusa de sua confiança para tentar chantagear-me. Felizmente eu tenho suficiente bom senso para não cair na conversa de sua identidade com Tea .

Richard sorriu.

– Tudo o que o senhor diz é justo, se analisado sob um ponto de vista normal, salvo a suposição de que Ericso planeja chantageá-

lo: ela é rica . Se o senhor viesse comigo e visse pessoalmente aquela divina criatura, suas convicções ficariam muito abaladas.

- Não , não4 ! Sem dúvida essa fulana é muito parecida com Tea e sua visão somente abriria as minhas feridas – objetou o conde. Dominando-se de imediato, ele se levantou da poltrona.

- Está bem! Eu vou com o senhor com a condição de levar Nemvrode, o cachorro predileto da minha falecida filha. Nemvrode era muito apegado a Tea e aí eu vou ver se ele consegue pressentir em Ericso a sua antiga dona.

- O senhor quer exigir demais de um cachorro, que só pode sentir as emanações de um corpo sólido. Mas tanto faz! Faremos a experiência e veremos se mais uma vez o instinto não irá triunfar sobre a razão.

E Richard afagou a cabeça sedosa do cachorro que olhava para ele com seus olhos inteligentes e tristes .

Eles atravessaram em silêncio o parque e dirigiram-se pela alameda que levava à dacha. Mal eles se aproximaram do portão do jardim, Nemvrode, que até aquele momento seguia ao lado do seu dono, baixou a cabeça e começou a mostrar indícios de impaciência, e, em seguida, feito uma flecha , desembestou latindo alegremente em direção do terraço, saltitando e lambendo as mãos e até o rosto da mulher que ali estava sentada e que se levantou com a aproximação do conde .

- O senhor vê? O cachorro cumpriu com a missão a ele dada - observou em tom sério Richard. - Seu instinto reconheceu naquele corpo, que ele viu pela primeira vez, o querido e familiar espírito dela. E o senhor , ainda assim continua duvidando?

O conde nada respondeu. Ele estava branco e não tirava os olhos de Ericso, cuja incrível semelhança com Tea o havia paralisado .

As mesmas feições clássicas , os mesmos bastos cabelos dourados e a mesma cor brilhante do rosto; sua estatura, porém , era menor, e toda a figura mais magra e mais delicada. Ao rosto faltava um viçoso rubor, e à pequena boca uma expressão feliz e despreocupada. Em seus grandes, tristes e sombrios olhos lia-se o mistério de sua vida. Ou seja , ela era e não era Tea .

Ericso, inquieta , olhava temerosamente para o conde. E se ele não quisesse reconhecê -la? Feito uma onda, rolou em sua mente a conscientização de que ela era Ericso, escrava do mago e que este mesmo corpo estivera em Mênfis no tempo de sua grandeza e que estes mesmos olhos, que agora fitavam Kronburg, viram Amósis. Ela sentiu-se enfraquecer . Estendendo as mãos ao conde , ela murmurou em voz quase inaudível :

- Pai! Sou eu!

O conde deu um passo para trás e fez um gesto como se a repelisse.

- Prove! ... Prove! ... que você é minha filha! – gritou ele em voz entrecortada.

Ericso empalideceu e sem forças baixou as mãos. Provar a sua identidade? Como e para quê? Ela não tinha pretensões sobre a herança nem exigia quaisquer direitos . Ela sabia que os direitos de Tea , condessa de Kronburg, foram para sempre soterrados no momento em que atrás de seu caixão foram fechadas as portas do túmulo familiar. Ela ansiava tão somente pelo amor e carinho do pai.

- Para que provar se o coração e a voz do sangue não se manifestam? – retorquiu ela com desprezo e saiu correndo do quarto, acompanhada do cachorro que não a largava.

O conde cambaleou, agarrou a cabeça com as duas mãos e teria caído no chão se o barão e Ber não o segurassem .

- Oh! Estou ficando louco! É a sua voz, ainda que mais profunda e sonora ! – disse ele , enquanto o faziam sentar-se na poltrona.

Richard correu para buscar vinho . Quando o conde se acalmou e se recuperou um pouco do nervosismo, Leerbach apresentou-lhe o professor . O jovial Ber contou-lhe, por sua vez, a incrível aventura em que eles se embrenharam irrefletidamente, pensando empreender uma simples pesquisa científica com base num documento curioso como o mapa dos subterrâneos da pirâmide .

- Juro-lhe, conde, que até aquele dia, em toda a minha vida eu fora um positivista e um servidor feroz da ciência. E até o momento em que entrei naquele incrível mundo e conheci aquele diabólico Amenhotep , eu não acreditava nem em Deus nem no demônio – concluiu ele alegre .

- E o senhor está seriamente convencido, professor, de que um ser humano pode viver alguns milhares de anos e que um mesmo espírito pode animar dois corpos? – perguntou o conde, já menos cético que antes.

- Não posso afirmar Ericso viveu no tempo de Amósis, pois eu mesmo não vivi na época dele. Ela só apareceu misteriosamente na pirâmide - De onde ? Eu não sei. Segundo Leerbach, ela é a imagem viva de sua filha. Que ele me contou todos os pormenores do assassinato da condessa – isso eu lhe posso jurar! Da pirâmide nós fomos tirados pela mesma Ericso. As jóias que ela ali pegou representam pelo seu valor um patrimônio colossal. Venha comigo! Eu vou mostrá-las ! Basta o senhor olhar para elas para se convencer de que elas pertencem à antigüidade remota .

O conde, feito sonâmbulo , seguiu o professor , que o levou até um quarto trancado à chave. No quarto havia um cofre à prova de fogo. Ber o abriu e mostrou primeiro a túnica de um estranho tecido prateado, ornada de bordados mágicos; em seguida, abriu o escrínio e dispôs diante do conde as maravilhosas jóias, cuja antigüidade não deixava dúvidas.

Desolado, o conde sentou -se, agarrou nervosamente a cabeça com as mãos e começou a pensar. Em seguida, endireitando -se, ele disse calma e firmemente :

- Perdoem, senhores , a minha desconfiança, mas eu mesmo estive presente no enterro da minha única filha. Os médicos confirmaram que ela faleceu de infarto. E eis que, não se sabe de onde, aparece uma mulher estranha com os traços de Tea e me diz que ela é minha filha! Dá para enlouquecer ! O bom senso recusa a aceitar tal coisa. Eu nunca fui um místico ou um iluminado. Ainda que eu me interesse por problemas de ocultismo, nunca os estudei e nem ao menos suspeitei da existência de semelhantes mistérios. Não obstante, tudo o que aconteceu me toca muito de perto, e a sua probidade e autoridade imprimem à sua narrativa tanto peso que eu não medirei esforços para descobrir a verdade . Ai de Amenhotep se eu me convencer de que ele cometeu esse crime! Não só dos subterrâneos da pirâmide, mas mesmo debaixo da terra eu o arrancarei e me vingarei pelos meus sofrimentos e por ele ter escolhido a minha criança como vítima de sua bruxaria diabólica.

O conde levantou-se e sacudiu em ameaça o punho cerrado. Ao se acalmar, ele prosseguiu:

- Agora eu preciso de duas coisas. Primeiro, que essa jovem, que os senhores chamam de Ericso, escreva no papel, fechando no envelope, as últimas palavras e o nome que foram pronunciados por minha moribunda esposa: só eu e Tea estivemos presentes na

ocasião. Só Deus e nós sabemos essas palavras que se referem a um segredo familiar, bem guardado. Segundo, eu peço que os dois venham à noite ao meu castelo. Os senhores me acompanharão até o túmulo e ajudarão a examinar o corpo de minha filha. Eu quero me convencer se existe na região do coração algum sinal de que me fala Leerbach e que deve servir de prova daquele crime ocultista.

Ao obter a confirmação deles, o conde retirou-se, alegando que naquela hora ele precisava de paz e isolamento.

Após a saída do conde, Richard foi ao quarto de Ericso. Ela estava terrivelmente inconsolada; seus olhos estavam vermelhos . Quando ele lhe transmitiu o pedido do pai , ela noinício recusou-se de vez.

- Que ele me deixe em paz! Não quero provar nada para ele! – disse ela .

Leerbach começou a convencê-la, argumentando o quanto era natural e desculpável a desconfiança dele.

Por fim Ericso acalmou -se, pegou um papel de carta, escreveu nele algumas palavras, colocou no envelope e o colou.

Ao entregar a carta ao noivo ela lhe pediu que a deixasse sozinha, pois se sentia cansada e queria dormir4 .

À noite Leerbach e o professor dirigiram-se ao castelo. O conde esperava por eles com impaciência febril. Tudo estava

pronto para a excursão noturna. Sobre a mesa, via-se uma lamparina acesa, uma vela e duas chaves.

Falaram-se pouco. Pálido e compenetrado, o conde pegou as chaves e a lamparina, deu a vela para Richard e convidou a todos que o seguissem. Eles desceram ao jardim e dirigiram-se ao túmulo da família, construído em forma de uma capela e que se encontrava na extremidade oposta do parque .

O conde e os seus acompanhantes entraram por uma porta lateral e desceram pela escada num amplo túmulo abobadado , no fundo do qual se divisava um altar, decorado com um cortinado de veludo . Nele havia um crucifixo e castiçais de prata.

Por todos os cantos viam-se caixões, de formas e tamanhos diferentes . Alguns já estavam enegrecidos e depauperados pelo tempo, outros eram mais recentes. Dentre os últimos, um pesado caixão metálico chamava mais atenção pela fartura de flores que o decoravam – via-se a mão amada do pai.

O conde parou indeciso, mas depois se aproximou e abriu o caixão com a chave. Richard ajudou -o a levantar a pesada tampa metálica. No início não se viu nada além de monte de gaze e flores ressequidas. Um frio gélido percorreu o corpo de Richard quando ele lembrou , com clareza mórbida , a cena do assassínio cometido por Amenhotep.

O conde retirou com a mão trêmula o véu de gaze. Então, à luz trêmula da lamparina , ficou à mostra o rosto bonito,

amarelecido e escurecido da morta. Seus maravilhosos cabelos dourados estavam dispostos em duas tranças pesadas no vestido branco de seda. Nas mãos fechadas via -se um crucifixo .

O conde tirou do bolso uma tesoura, afastou os braços da defunta e quis tentar cortar o vestido no local do coração, mas as forças subitamente o abandonaram e ele recuou, buscando um apoio com a mão .

- Deixe que eu faça isso ! É duro demais para o senhor! - disse o professor , enquanto Richard apoiava o infeliz pai .

Ber cortou rapidamente o tecido de seda e a camisola de cambraia e descobriu uma parte do peito. Na pele amarelada podia se ver, como se desenhado com tinta nanquim, um triângulo com a cruz virada para baixo.

A cabeça de Richard tonteou e ele olhou calado para o sinal misterioso. Um grito rouco soltou-se do peito do conde .

- É o selo do diabo que asfixiou minha criança!... Juro-lhes que não havia nada quando os médicos examinaram o corpo! – gritou ele fora de si.

Vendo a sua dor, Ber fechou apressadamente o caixão e quase à força levou o conde ao castelo. Para acalmá-lo de qualquer forma, Richard entregou- lhe a carta com a resposta de Ericso, mas, mal Kronburg a leu, perdeu os sentidos. Somente após longos esforços, Richard e o professor conseguiram fazê-lo voltar a si, mas ele

estava tão fraco que eles tiveram que deitá-lo na cama e dar-lhe um remédio com o auxílio do camareiro.

Quando, finalmente, Leerbach e o professor iam se despedindo do conde, este apertou fortemente a mão de Richard e sussurrou:

- Eu quero vê-la! Traga-me amanhã o espírito da minha filha!

O conde passou uma noite infernal . Apesar das evidencias, apesar da confluência estranha das circunstâncias que confirmavam o fato inédito, seu senso recusava-se a admiti- lo.

Filho de um século cético e prosaico , em que só se aceitava aquilo que era confirmado e sancionado pela ciência oficial, o conde achava que ia endoidar naquele labirinto do mundo oculto, no qual veio parar. A seu ver, as incríveis e impossíveis evidências com que se confrontara fariam ruir finalmente todas as convicções em que ele crescera e envelhecera.

Já era dia quando ele adormeceu. Ao acordar, lá pelas quatro horas da tarde, ainda quebrado fisicamente, ele estava mais calmo de espírito,

Depois do almoço o conde se recolheu em seu gabinete, contíguo à biblioteca . Era seu quarto favorito e compunha-se na verdade de dois ambientes, ligados por um arco, fechado por um reposteiro de veludo lilás. Os móveis eram de estilo da idade média, talhados da escura madeira de carvalho, cadeiras com altos

espaldares, um antigo armário entalhado onde eram guardadas diversas lembranças, jóias, coleções de medalhas, moedas etc ...

Com um semblante pensativo e preocupado, o conde ficou andando pelo quarto e o seu olhar vagava distraidamente pelas estantes cheias de livros e manuscritos. De repente ele parou diante de uma escrivaninha não muito grande, com acabamento em prata e marfim e que continha uma enormidade de gavetas, seções e lugares secretos. Tea tinha uma verdadeira adoração pela escrivaninha e conhecia todos os seus segredos.

Se Ericso soubesse abri-la e localizar-se em tudo , isso seria uma prova cabal de sua identidade com a filha.

O conde pegou um pedaço de papel e escreveu febrilmente algumas linhas, em que pedia que Richard e Ericso viessem à sua casa, suplicando à jovem que ela lhe perdoasse a sua indecisão e a desconfiança. Duas horas depois, Ericso envolvida em uma grande manta, com rosto encoberto por um véu escuro, entrava em companhia de Richard no gabinete do conde.

Quando Ericso descobriu o véu, tirou a manta e parou indecisa, o conde pegou as suas mãos e começou a olhá-la fixamente .

- Tea! Tea! É você ou não é você? São seus olhos, mas a expressão mudou ; é seu sorriso, mas ao mesmo tempo nele há alguma coisa diferente – balbuciou ele triste.

Subitamente, num ímpeto ele exclamou :

- Minha criança! Perdoe-me as dúvidas, mas a minha velha cabeça recusa-se a aceitar o extraordinário milagre de sua reencarnação. Diga-me e isso será a última prova – , em que gaveta desta escrivaninha está o retrato de seu irmão falecido? Se você puder fazê-lo , eu não poderei ter mais dúvidas de que o túmulo me devolveu a sua vítima.

Dizendo isso, ele estendeu à jovem o molho de chaves.

Ericso, com sorriso triste nos lábios, aproximou-se da escrivaninha e apertou uma mola secreta. Imediatamente se abriu uma tábua dianteira, deixando à mostra uma infinidade de portinhas e gavetas. Escolhendo uma chave, a jovem abriu mais uma seção e de lá tirou um estojo.

- Eis o retrato de Ervin! – disse ela . – Nesta gaveta está a carteira do tio Adalberto com marcas de sangue e com um furo de bala; aqui, do lado esquerdo, estão as jóias da mamãe e a carta que ela lhe escreveu ainda noiva, e , ali, os meus primeiros sapatinhos e...

O conde não deixou que ela continuasse . Com um gemido surdo ele atraiu Ericso aos seus braços e, chorando copiosamente, começou a cobri-la de beijos. Depois caiu na poltrona. Ericso ficou de joelhos e encostou a cabeça no peito do conde.

- Papai ! Meu querido papai ! Você me reconhece como sua filha.

Uma sensação indescritível, estranha a Tea, que desconhecia o passado, apoderou-se dela. Em sua memória passavam nitidamente todas as fases das duas existências - Ericso, uma órfã, escrava e vítima eterna de Amenhotep, cstava feliz e dava um imenso valor aquele amor paterno que jamais tivera.

Quando , por fim , o pai e a filha se acalmaram um pouco, o conde apertou contra si a cabecinha loira de Ericso e disse alegre:

- Agora, minha querida, precisamos pensar em como lhe dar uma situação legal. Para dizer a verdade, nós não podemos fazer isso, cu só posso adotá-la. A este propósito cu tive uma bela idéia . Eu tinha um primo, também um Kronburg como eu, contudo um canalha e aventureiro, cujo parentesco a nossa família não reconheceu. Ele emigrou para a Turquia, vindo a falecer la repentinamente . Antes de sua morte, ele me escreveu. Assim, eu vou a Constantinopla para onde eu pedirei que você vá antes, e depois a trago de lá como a filha dele.

O plano foi aceito decidiu-se que Ericso e o professor iriam a Constantinopla no dia seguinte, onde a eles se juntaria o conde. Leerbach , no entanto, deveria voltar à sua propriedade e só depois aparecer, já como o noivo.

O planejado se executou com precisão e seis semanas depois o conde voltava com Ericso ao castelo, apresentada aos vizinhos

como a filha do seu primo Oswald , que, excêntrico, lhe deu o totalmente estranho nome de Ericso.

Todos acharam bem natural a incrível semelhança da jovem com Tea . Na sociedade ela foi recebida de braços abertos. Algumas coisas estranhas que se exteriorizavam nas maneiras e opiniões de Ericso foram atribuídas à sua inusitada educação

Em seguida veio Leerbach, sendo logo depois anunciado como o noivo de Ericso. O casamento foi marcado para dali a três semanas.

Apesar de toda a felicidade que a cercava, do amor do pai e de Richard e de um futuro sem nuvens , que parecia guardar-lhe o destino, Ericso continuava preocupada e nervosa. Ela estremecia e empalidecia ao menor barulho e frequentemente era acometida de pensamentos lúgubres .

Richard compreendia que a causa de tudo era o medo de que o seu perseguidor reaparecesse; vez ou outra o seu coração também ficava oprimido ao lembrar de Amenhotep. Não obstante, ele e o conde tentavam de todas as formas convencer Ericso de que o seu medo era infundado, e de que, se o egípcio quisesse apoderar-se dela, já o teria tentado antes.

Ericso sempre permanecia surda àquelas dissuasões, mas certo dia não agüentou .

Agora se vê, pai, que você não sabe nada de Amenhotep , mas Richard deveria ter uma noção clara sobre o poder dele. Ele poderá esgueirar-se até mim em forma de uma lagartixa, desabar sobre mim como um furacão, envolver-me e arrastar-me ao espaço. Os relâmpagos se submetem a ele e a sua vontade pode destruir rochas. Minha única esperança é que ele não vá querer matar-me e eu consiga proteger-me de seus ataques com a faca sagrada que eu peguei dele e da qual nunca me separo. Para ele fazer uma nova vai levar muito tempo, e as facas mágicas de outros magos não lhe servem .

Aproximava -se o dia do casamento e nada confirmava ainda os pressentimentos de Ericso; a vida no castelo fluía nos seus eixos.

Ber, por insistência do conde, também foi morar no castelo . Os velhos tornaram-se bons amigos e, sendo apaixonados por xadrez, enfrentavam-se todos os dias. O professor era solteiro, não tinha família nem parentes próximos, o conde dava-lhe toda a liberdade de dedicar-se aos trabalhos arqueológicos, e Ber aceitou agradecido a oferta. No presente momento ele se dedicava à descrição científica das jóias de Ericso, que o conde proibiu de vender.

À noite , na véspera do casamento , todos estavam reunidos. O conde e Ber jogavam xadrez como de costume; o noivo com a noiva estavam no salão conversando . Ericso parecia preocupada e inquieta como nunca. Ao colocar a cabeça no ombro do noivo, ela

ouvia distraída as suas ponderações quanto a ficar calma e não superestimar o poder do mago, que pelo visto desistira da perseguição ou perecera em conseqüência do contragolpe das forças que ele desencadeara.

- Queira Deus que esta ou outra possibilidade se confirme! - observou suspirando a jovem.

Nesse instante , em algum lugar bem ao longe, soou nitidamente o tilintar de um sininho de prata.

Ericso ficou branca feito cadáver e saltou do sofá.

- É ele ! Está ouvindo ? Este som anuncia a sua aproximação – sussurrou ela .

O seu olhar vagava meio perdido pelo quarto.

Richard, que também tinha ouvido o tilintar, levantou-se e recostou-se à mesa . Subitamente , na parede diante dele surgiu a silhueta de um enorme gato, cujos olhos esverdeados começaram a fosforizar-se.

Mas antes que pensasse em algo, Ericso esgueirou-se feito uma sombra até a visão. A faca de Amenhotep reluziu em sua mão e ela bateu fortemente com ela na parede. No mesmo instante, ouviu-se um forte estalido, da lâmina da faca espargiu-se um feixe de faíscas e diante do atônito e assustado olhar do barão, na parede surgiu a imagem, como se desenhada, de um enorme gato.

Um suspiro de alívio e triunfo soltou-se do peito de Ericso . Mais uma vez ela venceu o mago com a sua própria arma e paralisou as garras orientadas contra ela.

Recuperando-se do susto, Richard correu para chamar Ber e o conde e contotou-lhes sobre o ocorrido.

Calados , eles examinaram atentamente a imagem que ficou impressa na parede. No local, onde acertara a faca , via-se um misterioso triângulo com a cruz invertida.

- Hum! – fez o professor finalmente. – Pelo visto o senhor Amenhotep não quer nos deixar em paz e ainda vai mostrar a sua pessoa!

Apesar de sua vitória, Ericso ficou em tal estado de nervos que precisou que lhe dessem calmante.

O dia do casamento estava claro e ensolarado; por outro lado os espíritos das pessoas iniciadas no segredo de Ericso não estavam tranquilos.

Assim que Richard ficou completamente pronto, ele foi até o gabinete do conde que, temendo um novo atentado durante a cerimônia, começou a discutir alarmado as possíveis tramas por parte do mago.

- Sou demais ignorante nessas coisas para prever o que poderá acontecer; a julgar pelas coisas de que eu fui testemunha , devo confessar que tudo pode ser esperado. Além do mais, para o cúmulo

da infelicidade, essa estranha pessoa realizou uma espécie de união matrimonial com Ericso. Evidentemente que a cerimônia mágica, sendo perpetrada sem a vontade dela, só tem importância aos olhos de Amenhotep, ainda que ele imagine ter adquirido direitos sobre ela e desta forma empenhe todas as suas forças para reaver a sua propriedade.

- Eu pagaria caro para que a cerimônia Matrimonial já tivesse sido realizada! – observou suspirando o conde. – Mas eu acredito na ajuda de Deus: Ele não permitirá tal injustiça!

Ericso estava nervosa e se vestia pensativamente para o casamento. Ela estava encantadora em seu vestido branco com um longo véu de noiva na maravilhosa cabecinha dourada . Absorta em seus pensamentos , ela mal se olhou no espelho e só suspirou aliviada quando colocou atrás do cinto a faca sagrada do mago, cobrindo-a com um buquê enlaçado por fita .

A cerimônia iria realizar-se na paróquia localizada a um quilômetro do castelo. O tempo estava maravilhoso . Ericso com o pai sentaram-se na carruagem, atrás da qual, numa fileira comprida, vinha o cortejo com as carruagens de amigos e outros convidados.

O cortejo já estava no meio do caminho quando subitamente o sol se escondeu atrás das nuvens, que encobriram todo o céu.

- Olhe, pai: está chegando uma tempestade! – disse Ericso, apontando preocupada para o firmamento.

- Ultimamente, devido a esse calor tropical , isso é bem natural, minha criança. Além disso , é de bom agouro a chuva espargindo a coroa de noiva - tranquilizou o conde.

- Sim, se a tempestade fosse natural – suspirou Ericso.

- O medo tem olhos grandes, minha querida! Devido a seus nervos abalados, em todo lugar você parece ver fantasmas. E a arma que você tem na mão, já não lhe mostrou o seu serviço? Talvez você por descuido a esqueceu em casa? – acrescentou ele , assustado .

- Não ! Ei-la aqui, embaixo de minhas mãos. Para o meu azar, eu não conheço todas as suas propriedades e as formas de manejá - la , a sorte que eu até agora tive foi um mero acaso .

Neste instante a carruagem parou diante do portão e a conversa interrompeu-se. Em quase dez minutos , a tempestade aproximou-se definitivamente. O céu escureceu, o ar tornou-se pesado e sufocante e a luz do dia deu lugar a uma penumbra pálida. No momento em que Ericso, segura pelo braço pai, entrou na igreja, um forte rolar do trovão sacudiu a terra e abafou o som do órgão; um ziguezague igneo riscou o céu escuro.

Uma inquietação correu pelas fileiras da elegante multidão que enchia a igreja. A lividez cadavérica da noiva e o aspecto preocupado e constrangido do noivo teriam chamado *a priori* a atenção de todos, mas o medo diante do furacão enfurecido

esquecer tudo. Os raios e o ribombar do trovão seguiam -se ininterruptamente; o vento assobiava, uivava e gemia, vergando e quebrando árvores. Suas rajadas impetuosas alcançavam o interior da igreja, ameaçando apagar as velas, ainda que as portas estivessem fechadas .

Ericso, empalidecida, toda absorta apenas no perigo que a ameaçava, prostrou-se de joelhos ante o altar. Ainda que sua coragem não fraquejasse nem por um instante, ela não prestava nenhuma atenção à cerimônia; as palavras do sacerdote , o órgão e o canto soavam em seus ouvidos como um vago e remoto zunzum.

No momento em que os nubentes trocavam as alianças, um graúdo granizo caiu no telhado da igreja e com seu barulho abafou tudo . Algumas janelas foram quebradas. Então , por entre o rugido do vento e o barulho ensurdecedor da chuva torrencial ouviu-se, vindo de longe, um tilintar como se de sininhos de prata.

O sacerdote calou-se e os convidados, tomados de terror e fugindo da chuva, correram, empurrando-se, para o lado oposto da igreja , onde o granizo ainda não havia quebrado todas as janelas. De súbito um novo e terrível rolar do trovão sacudiu o prédio até às fundações. Através da janela irrompeu um relâmpago esferoidal e dirigiu-se diretamente para Richard .

No mesmo instante, Ericso lançou-se para a frente e, tirando a faca mágica detrás do cinto, dirigiu a sua ponta contra a bola ignea, a qual estourou e se desfez em feixes de faíscas. Um rugido

selvagem ouviu-se depois, acompanhado por estertores de uma pessoa, sendo asfixiada . Os últimos esforços parecia que extenuaram a tempestade e ela começou a enfraquecer. A chuva e o vento amainaram, o céu se limpou e uns dez minutos depois apareceu o sol . Agora tudo ao redor já estava calmo e somente as poças de água, a vegetação molhada, as árvores arrancadas pelas raízes e as janelas quebradas teste munhavam a passagem meteórica da tempestade.

No meio do pânico geral , provocado pelo relâmpago esferoidal, ninguém notou a inesperada interferência da noiva e ninguém viu em sua mão a misteriosa arma reluzente. Entretanto, este incidente produziu uma impressão negativa sobre os presentes; cada um, involuntariamente , pensou que a tempestade que interrompera o casamento servia de mau presságio para o jovem casal.

A despeito de tudo , junto com o aparecimento do sol e o céu limpo, voltou a alegria e a animação. Os jovens foram cobertos de felicitações e votos; agora que todo o perigo passou ao largo, as pessoas riam e zombavam do medo que passaram. Richard levou nos braços a sua jovem esposa até a carruagem. Esta havia sofrido alguns danos, ainda que pequenos, apesar de todos os esforços do cocheiro e dos criados em segurar os cavalos enlouquecidos. Atrás dos jovens saíram também os convidados; as damas, suspendendo cuidadosamente as pontas dos seus vestidos, caminharam pelas pocas.

Quando os consortes se acharam na carruagem, a força da alegria de Richard desapareceu. Ele não podia deixar de reconhecer que escapara de um perigo mortal, e, abraçando Ericso pela cintura, atraiu-a junto de si e murmurou carinhosa e agradecidamente:

- Obrigado, minha querida, minha heroína e salvadora! Eu provavelmente estaria morto a esta hora!

- Infelizmente isto é apenas uma vitória momentânea, somente um adiamento e não a libertação – disse ela nervosa. - Eu me censuro amargamente por ter atraído a você a vingança de Amenhotep, condenando-o para um perigo eterno. Ele não vai parar de nos perseguir e não nos deixará gozar da felicidade.

- Deus nos protegerá como Ele o fez de maneira tão real! Ele nos sugerirá como vencer e acabar com o mago com a sua própria arma assegurou Richard convicto .

O resto da festa passou sem qualquer incidente. Após um magnífico almoço, todos dançaram e passearam pelo parque. Já era noite alta quando os últimos convidados foram embora.

Ericso retirou-se ao seu aposento: o conde chamou Ber e Richard ao seu gabinete para conversarem e discutirem os detalhes do estranho e terrível acontecimento que perturbou a cerimônia do casamento.

Libertando-se de seu pesado vestido nupcial, Ericso vestiu um penhoar bordado de cambraia, cingido na cintura com um

cordão de seda, com largas mangas que lhe descobriam os maravilhosos braços, como se talhados de marfim. Ela gostava muito desta espécie de trajes leves que lhe lembravam as antigas túnicas. Soltando seus longos e maravilhosos cabelos, Ericso saiu do dormitório e foi para o *boudoir*, requintadamente arrumado com flores e obras de arte. Parando por um minuto, maquinalmente olhou distraída em volta do luxuoso quarto; em seguida escancarou uma grande porta e saiu para o amplo terraço, cuja escada, de alguns degraus, levava ao jardim.

A noite era tranqüila e maravilhosa; o ar estava tépido e aromático . Dos canteiros chegavam os aromas inebriantes das rosas e lírios . Um leve ruído de água do chafariz ouvia-se no silêncio da noite . Acotovelando -se sobre a balaustrada, Ericso olhou pensativa ao redor. Bem à sua frente estendia-se o relvado, contornado até longe pela densa e escura folhagem do parque. A lua subiu e envolveu tudo ao redor com a suave e azul luz sonolenta.

Um suspiro pesado soltou-se do peito de Ericso. Como ela poderia ser feliz aqui, finalmente livre da pirâmide-prisão e unida à pessoa amada, se não houvesse em seu caminho, feito um espectro terrível, se interposto Amenhotep. Ao lembrar do mago, uma comichão glacial percorreu-lhe o corpo e ela inquieta pôs a mão na cintura. Ao apalpar o cabo de sua arma, Ericso acalmou-se e novamente mergulhou em seus pensamentos.

Quando, finalmente , terá fim esta vida dura por séculos inteiros? – perguntava- se ela inquieta. – Será ela sempre jovem e bela ou, com o tempo, ela será apanhada pelo destino normal de todos os mortais?

Detendo involuntariamente o olhar sobre a sua mão que repousava na balaustrada, em seus lábios esboçou-se um sorriso amargo. Quem iria acreditar que esta mesma mão, de pele acetinada e com as unhas rosadas, tecera outrora grinaldas para a festa do touro de Ápis e levava sacrifícios ao deus naquele templo, cujas ruínas estão agora enterradas pela areia do deserto?

Uma rajada de vento frio tirou-a do devaneio e aos ouvidos de Ericso chegou o tilintar longinquo do sininho de prata . Ela ficou lívida e, cambaleando, deu alguns passos para trás. Arrancando da cintura o punhal , ele desenhou rapidamente um círculo em sua volta; da lâmina espargiu-se um fio fosforescente e, feito uma flamejante serpente, percorreu ao redor . Ericso ficou imóvel em pé, tomando fôlego, apertando o punhal contra o peito. Ela sentia a aproximação da pessoa fatídica.

Algo estranho se processava na natureza: o ar em volta parecia zunir e tremer; um aroma sufocante bafejou-a. No horizonte fulgurou uma estrelinha vermelha que começou a crescer rapidamente , aproximando-se com uma incrível velocidade.

Logo , um disco vermelho-sanguíneo cobriu o céu e os objetos circunvizinhos parecia serem mergulhados num clarão de

incêndio . Como se através de uma névoa , via agora Ericso as palmeiras entre as quais rodopiava uma nuvem fosforescente esbranquiçada. Até o próprio ar parecia ser diferente; sobre ela bafejou o calor de deserto.

A estranha miragem deslizava em sua direção como se empurrada pelo vento, e , subitamente , ao se encontrar com o círculo desenhado por Ericso, estancou . O véu nevoento dispersou-se e diante dos olhos de Ericso abriu-se o jardim do mago , ao lado de sua casa em Menfis , que ela tão bem conhecia.

Bem aos pés do terraço começava uma larga alameda, coberta de areia vermelha e contornada por um lado por figueiras e acácias, e por outro, estendia -se um prado com algumas palmeiras. À sombra das árvores havia uma esfinge de granito, aos pés da qual borbulhava uma nascente.

A nuvem esbranquiçada tomou então uma forma definida e Ericso reconheceu Amenhotep, parado a alguns passos dela, fitando-a com o seu olhar flamejante. Em volta de sua mão direita enrolava-se uma serpente verde-esmeralda e a mão esquerda segurava um castiçal, cuja luz ofuscante iluminava num clarão toda a figura do mago. A luz multicolorida sobre a cabeça ora fulgia vivamente, ora bruxuleava e extinguia-se num sinal de sua fadiga.

Um tremor nervoso percorreu o corpo de Ericso. Para ela – sendo uma arma e discípula do mago, iniciada na ciência por ele – estava claro que a luz astral que partia do lume deveria ofuscá-la e

cegá-la, o que ocorria com todos ele iluminava com aquela luz misteriosa .

Fazendo um esforço terrível, Ericso concentrou toda a sua força de vontade e aprumou-se:

- O que você quer de mim, Amenhotep? – perguntou ela com voz abafada . – Cuidado! Não me leve ao desespero! Antes eu cravarei no coração esta faca e porei fim à minha maldita e infeliz existência do que me tornar escrava e prisioneira em sua asquerosa pirámide. Viva você não me pega! Eu o odeio e prefiro a mordida da cobra ao seu bcijo. Não é agora, quando eu me uni finalmente à pessoa amada, que cu permitirei que você me arranque viva dos seus braços!

Uma chama lúgubre acendeu-se nos olhos de Amenhotep

- Criatura ingrata! – soou sua voz irada . - Cobra , que eu aqueci no peito e pela qual, infelizmente, me apaixonei! Somente essa fraqueza ,a única que eu não venci e que me impede de aniquilá-la. Quanto a " ele ”, que você ousa preferir a mim, eu o esmagarei feito a um verme ! Você me pertence, Ericso, e eu saberei defender os meus direitos com todas as forças de que disponho.

Ao ver aque Ericso estremeceu e apertou convulsionada faca ao peito, ele suavizou o tom.

- Para que você quer uma guerra? Devolva-me a arma, siga - me voluntariamente e perdoarei a ambos. Dar-lhe-ei o esquecimento . Farei desaparecer no seu coração o amor que cegou e destrói você. Aos seus pés eu colocarei todo o poder dos conhecimentos por mim adquiridos! Das minhas mãos voce beberá a taça da vida e da beleza eternas! Jamais seus cabelos dourados ficarão brancos, a sua pele acetinada não se cobrirá de rugas e o brilho de seus olhos nunca se apagará. Em meu amor você experimentará a felicidade suprema , uma paixão ardente e gozo infinito. A mim você sempre verá tal como eu sou agora: o tempo não exerce qualquer influência sobre a minha beleza. Será que não a seduz ser a amada de um mago e compartilhar com ele todo o seu poder? Abra os olhos, sua cega, e olhe para mim! Será que eu sou pior do que aquele ínfimo homem, condenado a doenças e destruição e que daqui a alguns anos será um velho decrépito e asqueroso? Será que sou pior que ele , sempre indeciso e pérfido, e que sempre a ama apenas pela metade , até que a outra não lhe aparece no caminho! A Nuíta, Valéria e Almeris – eis a quem pertencem os melhores arrebatamentos da alma de Rameri ! E você ficou inebriada com a sua paixão! E em prol deste torpe e humilhante sentimento você quer sacrificar tudo?

À medida que Amenhotep falava, uma mudança estranha se processava em seu aspecto externo. Um rubor febril cobriu as suas faces sempre brancas, suas ventas finas tremiam e a sua expressão normalmente carrancuda e severa se tornou séria e pensativa .

Ericso parecia grudada a terra e não despregava os olhos dele. Ela tinha impressão de que diante dela estava uma outra pessoa desconhecida. Pela primeira vez na vida, ela enxergava nele não um soberano, mas um homem, e examinava curiosa a sua figura alta e esbelta. Ele estava sem a klafta , o que ela não estava acostumada a ver, e parecia-lhe mais jovem. Os densos cabelos negros, feito asa de corvo, contornavam a sua testa com caracóis rebeldes e sedosos, o que imprimia ao seu rosto um caráter completamente diferente.

O coração de Ericso bateu forte de admiração. Sim, Amenhotep era belo, e não só externamente, mas, também , pela beleza que emanava do conhecimento, da energia e da força inabalável que fulgiam em seus olhos, que deveriam pôr aos seus pés quem quer que fosse; belo, por fim , pela tranqüilidade soberba com que respirava todo o seu ser , apesar do porte esbelto de um jovem que se destacava nitidamente no fundo vermelho- escuro da miragem . Na mente de Ericso, projetou se a imagem atraente de Richard e então, pela primeira vez, a bonita cabeça do marido pareceu-lhe insignificante , uma pálida e débil sombra em comparação com aquele gigante, esbanjando vida, força e poder, parado diante dela. Ela passou pensativamente a mão pela testa. Neste minuto, ela não tinha a consciência do terrível perigo que a espreitava, jamais ela esteve tão próxima de seu fim. O que Amenhotep não conseguira alcançar com todo o seu conhecimento, conquistava-lhe agora sua personalidade encantadora, que pela

primeira vez podia ser avaliada. Dois princípios eternos, um ativo, outro passivo - a força e a fraqueza – atraíam-se irresistivelmente pela força inquebrantável da criação.

Ele não tirava o olhar do rosto perturbado de Ericso, parecendo ler cada pensamento seu, e o rosto do mago abriu-se num sorriso radiante, iluminando a fronte austera com a sedução irresistível . O coração de Ericso bateu com um novo sentimento, jamais experimentado. O fascínio por ele e a consciência da própria insignificância, uma espécie de frenesi vago, mas impetuoso, perturbavam-na. Um suor gelado inundou-lhe a testa, enquanto Amenhotep, com um sorriso triunfante e irônico nos lábios semi-abertos, aproximava-se lentamente do círculo mágico. Mais alguns passos e ele o teria transposto, antes que a alquebrada e paralisada Ericso pudesse esboçar qualquer movimento para empurrá-lo . Subitamente no ar, ouviu -se um som trêmulo e o velho relógio do castelo bateu meia-noite.

Amenhotep estremeceu, ficou lívido e recuou, como puxado por uma força poderosa . A visão começou a afastar-se para trás e elevar-se para o ar. Ainda por algum tempo Ericso via, como se através de uma névoa, a figura alta do mago, recostando-se ao pedestal da esfinge. Os seus olhos estavam cerrados, a lamparina emborcada apagava-se em sua mão e, sob os pés, feito uma fita de esmeralda, jazia enrolada a serpente. Depois, tudo ficou embaçado, começou a desfazer-se e finalmente mergulhou na luz brilhante do luar .

As forças de Ericso extenuaram-se, a cabeça tonteou e ela caiu sem sentidos no piso de pedra do terraço. Foi nesse estado que ela foi encontrada por Richard e o conde. Assustados mortalmente, eles a levaram ao boudoir e após muitos esforços ela voltou à consciência .

- Você sofreu um novo ataque ? Ele a feriu? – cobriram-na de perguntas , mal Ericso abriu os olhos .

- Não , não! As emoções pelas quais eu passei durante o dia foram a causa da minha perda de sentidos – respondeu ela balançando a cabeça.

Ericso lembrava-se claramente da visão, mas um sentimento incompreensível cerrava-lhe os lábios. Por nada neste mundo ela diria a alguém o que lhe havia acontecido.

Tranquilizando-se quanto à saúde da filha, o conde retirou-se, enquanto Richard, feliz, fez a esposa sentar-se no sofá. Recostando a cabeça no ombro do marido , Ericso ficou em silêncio ouvindo-o distraída; seus pensamentos estavam longe. Com um interesse estranhamente aguçado, ela comparava Leerbach com Amenhotep e pela segunda vez a imagem do barão desbotou. O seu olhar parecia sem brilho, a conversa banal e o sorriso meigo em nada lembrava aquele sorriso sedutor que a excitava e subjugava .

Sim , Amenhotep era o seu senhor; não aquele que ela conhecia antes e odiava – um carrancudo e severo mago, sempre sentado atrás de seus manuscritos e frio como os seus longos trajes

brancos que lhe imprimiam um aspecto de estátua; não , o novo senhor , que monopolizava todos os seus pensamentos, era um homem encantador e terrível que governava as forças da natureza! E aquele homem agora lhe suplicava o seu amor, prometendo-lhe em troca a juventude eterna e a felicidade infinita.

Os pensamentos de Ericso voavam cada vez mais alto . E como seria a vida, se em lugar dos subterrâneos lúgubres da pirâmide, onde reinava o silêncio eterno e a luz artificial, Amenhotep morasse num magnífico palácio arejado, ilumina do por raios solares , vestindo uma elegante roupa moderna - ele se tornaria então um homem muito perigoso. Oh! Por que ele nunca se mostrou da forma que foi hoje? Ela então, sem dúvida alguma , teria se apaixonado por ele e muitos aborrecimentos teriam sido evitados!

Ela estremeceu e endireitou -se, sentindo nitidamente como a sua testa foi tocada por uma mão com dedos compridos e delgados. Quando ela olhou para o marido, viu aterrorizada que ele estava pálido como cadáver e os seus olhos pareciam vitrificados. E de repente, nas pupilas embaçadas de Richard acendeu-se o olhar flamejante do mago e os braços imóveis do marido ergueram-se para atraí-la a si num abraço apaixonante. Mas tudo durou por alguns instantes. Um forte tremor sacudiu o corpo de Richard e ele , sorrindo , curvou-se meigamente para Ericso e a beijou ardentemente .

A jovem trêmula envolveu com os braços o pescoço do marido e apertou-se a ele. Ela não queria pensar mais . Ela ansiava somente pelo amor e pela felicidade m paz, que conquistara com tanta dificuldade.

III.

Passaram-se cerca de oito meses do dia de casamento de Ericso. Nada interrompia a felicidade do casal e nada indicava que Amenhotep continuava a sua perseguição. O mago desapareceu sem deixar vestigios! Mas não foi esquecido . Ericso lembrava-se amiúde da sua ultima visão. Por vezes, sentada sozinha em seu *boudoir,* ela aguardava nas sombras e nas paredes o aparecimento da silhueta esbelta do egípcio ou o habitual tinido, anunciando a sua aproximação , mas em todo lugar reinava o silêncio. Decididamente ela fora esquecida ou rejeitada. Se, de um modo geral, Ericso sentia-se feliz com isto , por vezes era dominada por uma espécie de irritação, assaltada por pensamentos sombrios. Nesta hora ela procurava isolar-se. É claro que era feliz e até muito feliz, mas não como havia sonhado. Dotada de uma natureza ardente e apaixonada, ela não encontrava em Richard uma resposta aos seus próprios sentimentos e o amor calmo e contido do marido insultava-a e irritava-a.

Em sua alma despertou um acentuado ciúme a Almeris. Era a defunta, eternamente viva, que lhe roubava a melhor parte do coração do seu marido! E ela , Ericso, estava sempre em segundo plano. Richard não escondia isso e conservava sobre a sua escrivaninha o retrato de Almeris, recusando-se a guardá-lo, apesar dos pedidos e agrados da sua jovem esposa.

Estes fatos provocavam um esfriamento das relações entre o casal, por curtos períodos, é verdade, mas que deixavam arestas invisíveis.

No inverno e, principalmente, no começo da primavera, o velho conde era acometido de fortes dores reumáticas nas pernas e, a conselho de médicos, deveria passar por um tratamento de águas numa estância no sul da Áustria.

A enfadada Ericso decidiu acompanhar o pai e facilmente convenceu o marido. Quanto a Ber, este adaptou-se tão bem à família que não havia dúvida quanto ao seu assentimento em acompanhá -los .

Ao chegarem ao local, todos se instalaram confortavelmente . Enquanto o conde tomava seus banhos, duchas, bebia águas , e o professor empreendia excursões arqueológicas pelas redondezas, o jovem casal divertia-se a seu modo , já que a temporada mal começara e havia relativamente poucos hóspedes. Sendo um apaixonado por cavalos e bom cavaleiro, Richard ensinava à esposa a arte do hipismo. Ericso também apaixonou-se pelo esporte e acompanhava o marido em seus passeios .

Um dia, durante um longo passeio, passando por sombrosa alameda que levava a uma estrada, eles cruzaram com um cavalariço conduzindo um cavalo de inusitada beleza.

- Veja que maravilha de animal ! – exclamou admirado Richard .

E, aproximando-se, perguntou a quem pertencia o cavalo.

- Este cavalo pertence ao meu amo, o nababo Adumanta Odear – respondeu o cavalariço .

O barão até apeou para examinar melhor o garanhão, que era realmente magnífico : seu pêlo, negro como a asa de corvo, refletia tons azulados ; a fina crina e o rabo, sedosos e ondulados como cabelos femininos, também eram negros e somente na testa se destacava uma mancha branca como a neve. A esbelteza e a firmeza das formas apontavam a descendência árabe do garanhão, que relinchava, empinava nas patas traseiras e cavava impacientemente o chão com seus cascos.

Percebendo o olhar admirado do barão, o cavalariço oboservou:

O cavalo está à venda, senhor. Meu amo não se adaptou a ele. Dois ingleses já tentaram comprar o Salamandra, mas o negócio não se concretizou.

- Ótimo ! - exclamou eletrizado Richard.

E deixando cair uma moeda na mão do cavalariço, acrescentou :

- Diga-me, meu amigo, onde reside o seu amo e se posso vê-lo agora mesmo.

- Ele mora ali, naquela grande vila cercada pelo jardim – respondeu o cavalariço, apontando para o fundo da alameda lateral

. – Só que agora o meu amo não se encontra em casa. Venham, por favor, amanhã ao meio-dia.

Ao voltarem para casa, Richard e a esposa descreveram com tanto entusiasmo o maravilhoso cavalo ao conde que este também se interessou. E a compra do Salamandra foi decidida por unanimidade.

No dia seguinte, exatamente ao meio-dia, a carruagem do barão parou junto à entrada da vila . Era um grande prédio no estilo italiano, cercado por um enorme jardim .

O barão foi recepcionado no hall de entrada por criados negros e indianos. Em seguida, na sala de visitas adjacente , ele foi recebido por um velho hindu, todo de branco, que inquiriu altivo ao barão o que ele desejava.

Quando o barão explicou o motivo da sua visita , o hindu saiu da sala e retornou dez minutos depois, anunciando solenemente que seu amo estava disposto a recebê- lo.

Leerbach seguiu o velho. Eles atravessaram uma série de amplas salas, luxuosamente decoradas em estilo oriental. Em todas elas as cortinas estavam fechadas e esta penumbra e , sobretudo , o profundo silêncio, faziam lembrar ao barão , inexplicável e estranhamente, os subterrâneos da pirâmide .

Finalmente seu guia levantou um pesado reposteiro azul claro e eles saíram para um terraço fartamente decorado com plantas

exóticas e fechado lateralmente por cortinas de seda azul-clara. Somente um dos reposteiros estava meio levantado, deixando antever uma escada que descia para o jardim .

No fundo do terraço de um lado da parede, estava armada uma rede de dormir de seda listrada. Do outro lado, achava-se um sofá largo e baixo . Sobre a mesa, diante do sofá, havia uma grande bandeja de prata com duas cestas: uma com frutas e outra com doces, e uma ânfora de ouro cinzelada e esmaltada. Ali também havia uma pequena xícara, pela metade, de café preto.

Sobre as almofadas do sofá estava deitado um homem, lendo uma revista inglesa. Quando o barão entrou, ele deixou a revista de lado, levantou-se, cumprimentou amavelmente o visitante e indicou- lhe um lugar para sentar.

Richard examinou o desconhecido, estranhando o fato de que um homem, aparentemente possuidor de grande fortuna, quisesse vender um cavalo tão maravilhoso e raro.

O nababo Adumanta Odear era um homem de uns trinta e cinco anos , alto e esbelto, tez da cor de bronze . Os cabelos negros, bastos e levemente endulados caíam sobre a testa ; a longa barba e o bigode escondiam sua boca. As so brancelhas eram tão compridas e grandes que praticamente escondiam o seu olhar. Estava vestindo um traje claro de seda , cingido na cintura por uma bela faixa de seda . Sobre uma banqueta ao lado estava um grande chapéu de palha de abas largas.

Richard comunicou-lhe o motivo de sua visita e perguncou o preço do cavalo.

– É verdade! Outro dia eu pensei em vender Salamandra, mas agora mudei de idéia – respondeu com ar de indiferença o nababo.

Ao notar a decepção do barão, ele acrescentou sorrindo :

- O senhor queria muito comprá- lo?

- Confesso que adoro cavalos e nunca vi um melhor do que o seu; além do que, a minha esposa está louca por adquirir um garanhão tão fabuloso!

- Oh! Se é desejo de uma dama, então nós ainda podemos conversar sobre o assunto, mas eu não aconselharia a baronesa a cavalgar o Salamandra - observou amavelmente Adumanta.

Richard entusiasmou-se e apressou-se em agradecer-lhe e , então, entabulou-se uma animada conversa . O hindu contou que morava ali havia poucas semanas e já está morrendo de fastio. Sua vontade era descansar da longa e cansativa viagem pelo Egito , Núbia e Tibet.

Este tema entreteve o barão, e quando, uma hora mais tarde, ele começou a se despedir, o jovem hindu já lhe era profundamente simpático e o barão acabou convidando-o a visitar sua casa. O hindu agradeceu, aceitando o convite. Ao despedir -se, Richard arriscou a fazer uma pergunta indireta quanto ao preço do cavalo, mas Adumanta balançou a cabeça e respondeu sorrindo:

- Por enquanto, vamos deixar esse assunto de lado. Sobre a venda de Salamandra eu vou discutir com a baronesa.

O relato sobre a visita da casa do nababo animou a família e todos ficaram aguardando curiosos a visita do mesmo. Dois dias mais tarde , mal haviam eles terminado o desjejum , em frente dos portões da entrada parou uma carruagem puxada por um par de maravilhosos garanhões, sob o comando de um cocheiro negro portando uma simples e escura libré . O cartão de visita entregue pelo criado dizia: "Adumanta Odear Allan” .

Ericso ainda examinava pensativa o cartão, admirando a estranha combinação de nomes indianos e ingleses, quando o nababo entrou na sala de visitas. Richard apresentou-o a toda a família, e ele , aproximando-se da anfitriã, beijou-lhe a mão . Todos se sentaram e iniciaram a conversa, mas Ericso pouco participava dela. No primeiro olhar para o hindu, ela sentiu um certo aperto no coração, ainda que nunca o tivesse visto antes. O porte alto de Adumanta pareceu-lhe familiar e ela acompanhava em silêncio todos os seus movimentos. A mão, da qual ele tirou a luva, era delicada, muito bem cuidada, como uma mão feminina , e ostentava um anel com uma maravilhosa safira .

Entretanto, o timbre gutural e sonoro de sua voz fê-la estremecer, trazendo de volta a lembrança de uma outra, bem conhecida e aterrorizante. Ela tentou em vão ver os olhos do nababo , porém as compridas e densas sobrancelhas encobriam a

sua cor e o olhar. O coração de Ericso bateu mais forte. Sem se dar conta, ela procurava Amenhotep naquele estranho; mas este não era ele - concluiu ela finalmente. Pelo jeito, ela já está delirando! Some-se o fato de que Amenhotep jamais abandonava a sua preciosa pirâmide e seus *in -fólios*, sobre os quais se debruçava dias a fio . Espantando esses pensamentos enfadonhos , ela juntou-se à conversa.

Na primeira oportunidade , Ericso perguntou, sorrindo, a razão pela qual o nababo havia acrescentado ao seu nome mais um nome inglês.

- Minha mãe era inglesa, filha do coronel Allan – adiantou Adumanta. - Vejam só, meu pai apaixonou-se perdidamente por uma estonteante loira – assim era a minha mãe – e esta correspondeu-lhe . Entretanto, a família dela opôs-se formalmente contra a união com um pagão , o que lhes era abominável. E então miss Allan fugiu e, apesar de todos os obstáculos, tornou-se a esposa do rajá . Eu sou o fiel reflexo deste casamento, ou seja, sou meio europeu e meio hindu. Devo à minha mãe, minha primeira preceptora, o conhecimento das línguas européias, a familiaridade com os costumes do mundo de vocês e o moderado ódio aos ingleses. Ela também me dotou da paixão por viagens. Recebi de meu pai uma razoável fortuna, e , sendo filho caçula, vivo com total independência e não conheço nenhuma lei, além da minha própria fantasia, que sempre me arrasta em busca de novas impressões ! – concluiu Adumanta, sorrindo .

Após passar uma hora com eles , o nababo despediu-se e foi embora.

Percebendo que Ericso não participou do hinário de lisonjas , desperdiçadas em direção do hindu, o conde observou, rindo:

- Veja só, Richard ! A sua esposa ficou de repente pensativa e sonhadora! Será que o belo hindu não lhe conquistou o coração?

- Tenho a impressão de que existe uma estranha semelhança entre ele e Amenhotep. Eu vivo com medo de que ele apareça com um novo aspecto observou Ericso em tomtristonho.

Uma gargalhada homérica dos presentes veio como resposta às suas palavras.

- Oh, baronesa! Nunca imaginei que a senhora fosse tão pusilânime!... Não resta dúvida de que a senhora tem razões convincentes para temer o senhor Amenhotep. Mas reconhecê-lo neste encantador Adumanta, que de oriental só tem o nome, queira ou não, é muito cômico! Imaginem só! Amenhotep usando trajes no grito da moda; Amenhotep conversando sobre teatro, corridas e virtudes de cavalos ! Ah, Ah, Ah ! Não consigo imaginar isso sem rir!

- O professor tem razão! O velho feiticeiro não sairá de sua pirâmide e tentará alcançá-la por outros meios - interferiu o conde. - Realmente, é até engraçado farejar o velho bandido no amável Adumanta! Além disso, já vai fazer um ano que o egipcio não dá

sinais de vida. Assim, esqueça esta página do passado que, aparentemente, está definitivamente fechada. Para qualquer eventualidade , você possui uma arma mágica, contra a qual Amenhotep nada pode fazer.

- Oh! Eu nunca me separarei desta arma . Mas vocês estão certos: o nababo não pode ser Amenhotep – concluiu Ericso, suspirando com alívio.

A partir daquele dia, Adumanta tornou-se uma visita assídua na casa do conde e granjeou a simpatia de todos pela sua polidez, atenção cavalheiresca com Ericso e inteligência flexível e desenvolvida; o jovem hindu possuía erudição e conhecimentos espantosos para a sua idade, o que não o impedia de participar de diversões mundanas e aparecer em passeios ou visitas ao cassino, onde Ericso se tornou a rainha da beleza. Onde quer que aparecesse, ela era cercada por uma multidão de admiradores e ninguém estranhava ver junto dela o jovem hindu. Ericso não raro percebia a fascinação que se acendia nos negros olhos de Adumanta , mas estava tão acostumada com os admiradores em sua volta que não dava a isso a menor importância .

Certa vez, o nababo convidou o conde com a família para um almoço em sua residência. Não havia motivos para recusar e no dia marcado todos se dirigiram para a vila . O jovem anfitrião recebeu os convidados com a habitual hospitalidade e encantou a todos com a sua amabilidade.

Oferecendo o braço a Ericso, ele conduziu-a, através de uma infinidade de salas decoradas com o luxo oriental, para uma pequena sala de visitas , cuja decoração original causou admiração em todos. As paredes drapejavam de tecidos orientais, purpúreos e bordados em ouro, numa mesclagem de seda e renda coloridas artisticamente. Flores exóticas e plantas tropicais , distribuídas em profusão , transportavam os visitantes para a Índia .

- O senhor vive num verdadeiro castelo encantado! Só está lhe faltando uma coisa : uma jovem e bonita esposa para dar mais vida a todo esse luxo - observou Ericso sorrindo.

- Infelizmente, baronesa, a falha que a senhora está apontando não se deve a mim. Sou casado, mas a minha esposa me abandonou covardemente e desde então eu levo, a contragosto , uma vida de solteiro.

O coração de Ericso apertou-se ao notar a ira que faiscou por entre as sobrancelhas semicerradas do hindu .

- Sua esposa o abandonou ? Isso é estranho ! Parece-me que o senhor possui todas as virtudes para conquistar o coração de uma mulher - observou ela com misto de espanto e desconfiança.

Um sarcástico e enigmático sorriso esboçou - se momentaneamente nos lábios de Adumanta.

- Estou sendo por demais indiscreta?

- Nem um pouco, baronesa ! Suas palavras são uma lisonja para mim, mas quanto ao meu casamento, não é nenhum segredo. Eu adotei e eduquei uma órfã , pela qual acabei-me apaixonando e quis me casar com ela , sem levar em conta que uma mulher, antes de mais nada, procura por diversão e alegrias . E como eu poderia, um obreiro intelectual sempre ocupado, fazer o papel de um cavalheiro amável? Resumindo, eu não consegui conquistar-lhe o coração.

- E por que ela aceitou ser sua esposa ? – perguntou Ericso , novamente tomada por uma profunda e doentia sensação.

- Ela se sentia embaraçada em dizer- me um "não" abertamente, no entanto me deu uma resposta sincera fugindo com outro.

-Os presentes entreolharam- se admirados .

- Diabos ! exclamou Lecrbach. E como deve ser esse sedutor que ganhou a preferência dela?

- Oh! Não passa de um simples mortal, com nada que o destaque numa multidão. Como se vocês não soubessem que o coração de mulher é um enigma. Uma mulher é um ser inconstante c caprichoso. A ocasião submete-a a um homem e também a ocasião faz dela uma traidora!

O olhar irado que acompanhou essas palavras, dirigido a Richard, espantou terrivelmente Ericso.

- E ela cra bonita ? perguntou , quase inconscienicmcntc.

- E a senhora acha que eu tenho mau gosto? Ela era linda como uma visão celestial. E a felicidade só vai voltar para mim quando ela novamente ocupar seu lugar ao meu lado.

- O senhor a obrigará a voltar? balbuciou Ericso, pálida e resfolegante.

- Oh, não! Eu vou tentar conquistar seu coração e fazê-la perceber a própria ingratidão, e aí, então, ela voltará voluntariamente ao lar. Bem, senhores, estão avisando que o almoço foi servido . Permita-me , baronesa, conduzi-la à mesa.

Ericso sentou -se à mesa com um ar carrancudo. Todas suas vagas suspeitas afloraram novamente e ela observava com hostil e febril afinco cada movimento do hindu, comparando o com Amenhotep.

Adumanta parecia não ligar e palreava animado, servindo amavelmente aos convidados um verdadeiro almoço de Lucullus. Ele, no entanto, limitou -se a mordiscar alguns legumes e bebericar um copo de vinho .

- Percebo que o seu europeismo não chegou ao ponto de compartilhar conosco este maravilhoso faisão – observou alegre e maliciosamente o professor .

O hindu sorriu.

- O senhor tem razão. O meu europeísmo é bem superficial. O velho brâmane que me educou incutiu em mim a sua própria aversão por alimento animal. E , além disso , os conhecimentos de ocultismo exigem dos adeptos que estes se restrinjam a ingerir alimentos exclusivamente vegetais.

- E por que o obrigaram a estudar essas ciências? - perguntou rapidamente Ericso.

- Eu mesmo quis. O velho Ardjuno era amigo do meu pai. Ele vivia num pequeno pagode no fundo do jardim que cercava o palácio. Este homem sabia contar tão bem sobre os maravilhosos mistérios e forças da natureza que eu resolvi ser seu discípulo. É evidente que comparado com Ardjuno, eu não passo de um simples ignorante.

A conversa passou a girar em torno da Índia e de seu passado, concentrando-se nas ciências ocultas e milagres realizados pelos faquires .

- Todos os faquires são em parte prestidigitadores e os fenômenos realizados por eles , não importa quão extraordinários possam lhes parecer, não são milagres, pois não existem milagres na natureza observou Adumanta . – Não há fundamento chamar de milagre a arte de dominar as forças da natureza que nos cercam. Nada escapa de um verdadeiro sábio e a magia autêntica consiste no desenvolvimento dos poderes interiores do homem, fazendo-o capaz de enxergar, ouvir e absorver aquilo que os outros não

enxergam e não ouvem, e, às vezes sentem sem entender. Enfim, é o desenvolvimento do próprio sexto sentido ou a capacidade de penetrar no mundo invisível , que os senhores rejeitam completamente. Com este objetivo, os nossos sábios concentram em seu organismo tal quantidade de força astral ou de luz , que isso não só aguça os seus sentidos, mas substitui-lhes os melhores instrumentos óticos de vocês, permitindo-lhes a possibilidade de ver aquilo, de cuja existência vocês nem suspeitam.

- E o senhor possui esse poder ? – interessou-se o professor

- Sim, em parte. Então , por exemplo , eu vejo nesta jarra de água o embrião de uma alga, à qual só faltam alguns ingredientes essenciais para começar a desenvolver-se . Vocês acreditam? – acrescentou ele sorrindo . – Pois bem! Vou tentar fazer visível aos seus olhos aquilo que estou vendo.

O hindu retirou do bolso um bonito lenço de fular que exalava um forte aroma , sempre emanando de Adumanta , e cobriu com ele a sua mão e a jarra.

Ericso, com um olhar inquieto, observava -o, tentando lembrar a forma das mãos de Amenhotep e, ao mesmo tempo, recriminando-se por sua ridícula desconfiança.

- Por que me olha assim , baronesa ? Será que receia que eu tire da jarra um crocodilo? - brincou o nababo, sorrindo.

- Oh! Se o senhor fizer isso, significará que os seus conhecimentos são maiores que os de Amenhotep – exclamou descuidadamente o professor.

Richard e o conde desataram a rir.

- Maiores que os de quem? – perguntou o hindu tão calma e indiferentemente que Ericso, que não tirava os olhos dele, suspirou aliviada, convencendo-se de que ele ouvira este nome pela primeira vez.

O professor respondeu, constrangido:

- Eu estava me referindo a um homem que também se dedicava à magia e era muito hábil, mas que não vive aqui.

- E vive onde? Eu sempre tento conhecer pessoas que estudam magia - prosseguiu tranqüilo Adumanta .

Confuso e constrangido , o professor balbuciou em resposta:

- Realmente, eu não sei onde ele se encontra no presente momento. Há muito tempo não tenho notícias dele .

Um imperceptível sorriso zombeteiro esboçou - se nos lábios do hindu. Era difícil dizer se foi provocado pela resposta de Ber ou era fruto de satisfação pessoal ao impressionar seus hóspedes com a surpresa, pois naquele instante ele retirou o lenço de fular - e todos soltaram um grito de assombro.

Do fundo do líquido cristalino elevava- se agora um fino e flexível caule, sustentando acima da água uma flor azul como

safira, com corola rósea e folhas verde- pálidas , largas e redondas, cobertas por uma penugem prateada. O fundo da jarra estava coberto de plantas das mais variadas formas, todas com uma folhagem uniforme e cinzenta , com filetes de cor púrpura . Por entre esta vegetação nadavam minúsculos peixinhos dourados e prateados e golfinhos de bocas largas . E no fundo deste inesperado aquário, sobre um tapete de musgos, repousavam dois crocodilos em miniatura, do tamanho do dedo mindinho.

Enquanto os presentes examinavam admirados aquele pequeno mundículo, gerado diante dos seus olhos , Adumanta observou jovialmente:

- Como vê, baronesa, não havia motivos para receios! O que os senhores vêem é muito simples. Eu não gerei as criaturas que ali se movimentam - elas já existiam nesta água, mas eram invisíveis para vocês . Com a ajuda do calor eu aumentei-os, tornando-os visíveis aos olhos.

Ericso nada respondeu. Seu coração batia angustiado e ela enxugou nervosamente o rosto com seu lenço. O gesto que o hindu fez para tirar do bolso o lenço de fular pareceu-lhe estranhamente familiar . E essa profunda ruga entre as sobrancelhas e a veia saltada que ela viu tantas vezes na testa de uma outra pessoa! Mas, não! Isso é impossível! Seus nervos doentes vêm assustando-a com o mesmo fantasma. Como se ela não soubesse que a magia exige

uma terrível força de concentração! Obviamente, os outros magos também devem ter uma ruga semelhante na testa .

- Decididamente, baronesa, eu devo tê-la assustado! Lamento profundamente - disse o nababo, olhando penalizado para o rosto perturbado de Ericso.

- Absolutamente ! – contestou ela . – Eu não me assustei. Eu só temo a magia e ...

- E magos – interrompeu Adumanta.

A jovem calou-se confusa.

- E por que os teme, baronesa? Alguém lhe fez mal? Isso é absolutamente improvável, pois me parece que todos os encantos estão do seu lado. A senhora possui uma arma suficientemente poderosa para dominar todos os magos, sem temer os seus poderes.

Ericso enrubesceu e Adumanta acrescentou maliciosamente:

- A senhora excita a minha curiosidade, baronesa! Positivamente , sinto vontade de consultar o meu espelho mágico. Basta olhar para saber de tudo !

- Oh! Mostre-nos esse espelho! – exclamaram em uníssono Ber e o conde, com tal veemência e demonstrando tanta curiosidade que o nababo se jogou no encosto da poltrona, soltando uma sonora gargalhada. Seu riso era tão contagioso que todos os presentes , inclusive os dois curiosos , juntaram-se a ele .

- Adumanta deve perdoar a nossa curiosidade – justificou-se alegremente o conde. – Mas o senhor tocou num assunto que nos interessa sobremaneira. Depois do que o senhor fez com essa jarra , que milagres podemos esperar do seu espelho?

Ericso suspirou aliviada. Agora ela estava convencida de que o misterioso desconhecido não era Amenhotep. Aquele nunca teria rido daquela maneira! Lembrou-se de toda a sua vida em Mênfis , Alexandria e na pirâmide. Ela nunca tinha ouvido um riso semelhante partindo daqueles lábios sérios e severos, que só sabiam dar ordens e pronunciar encantamentos. Foi como se tivessem tirado um peso de sua alma, e ela, já recomposta , sorria alegre e coquetemente para Adumanta .

- É verdade ! Eu tenho uma prevenção contra os magos. Talvez isto se deva ao fato de que eu os via sob o ângulo mau. Mas um mago amável como o senhor me fará mudar de opinião, mostrando o lado interessante desta ciência.

Um olhar irônico faiscou sob as sobrancelhas abaixadas do hindu. Ao fazer uma mesura respeitosa , ele disse sorrindo :

- O seu pedido é uma ordem, baronesa! Tanto os meus conhecimentos como eu estamos sempre a seu dispor. Após o almoço, eu os levarei ao meu gabinete de trabalho , onde mostrarei um pouco dos meus conhecimentos , que, aliás , são bem limitados.

Todos agradeceram ao anfitrião e terminaram alegremente o almoço. Depois do café, Adumanta conduziu o grupo para uma

grande sala circular que tinha um profundo e escuro nicho , coberto por uma cortina violeta que no momento estava levantada.

- Baronesa e senhores – disse o nababo , abrindo uma porta escondida por um tapete -, não gostariam de passar para o quarto contiguo e certificar-se de que o nicho não tem qualquer comunicação com o quarto e que ali não há qualquer aparelho suspeito? – O recinto não era grande e estava vazio . As paredes nuas nada tinham além do reboque .

- Agora examinem também o nicho. Eu gostaria de mostrar-lhes o pátio do meu palácio perto de Delhi e também o meu elefante preferido.

O professor levantou -se e , com o ceticismo próprio de sua personalidade, pegou a vela. Entrando no nicho, ele apalpou e bateu nas paredes, voltando em seguida. As paredes eram grossas, mestras, e o quarto contiguo era demasiadamente pequeno para comportar um elefante.

Rindo a valer do jeito compenetrado do professor , Adumanta Odear colocou algumas poltronas diante do nicho. Em seguida, apertou uma mola. Imediatamente , as grandes janelas foram fechadas pelas venezianas, que, por sua vez, foram cobertas por uma grossa cortina. Somente uma luz tremeluzente de vela, colocada num canto, mal iluminava o quarto.

O hindu sentou - se na poltrona , recostou-se no seu espaldar e fechou os olhos . Após alguns minutos – uma eternidade para os

presentes – Adumanta endireitou-se, tirou do bolso um frasco e derramou o seu conteúdo no nicho. Sentiu-se um aroma picante e muito forte. Uma fumaça espessa subiu e envolveu totalmente o nicho, onde algo parecia crepitar no fogo.

Ericso novamente sentiu aquele peso na alma. Parecia lhe estar de volta dentro do misterioso círculo mágico que portanto tempo a manteve prisioneira. Ela não podia ver o rosto do hindu, mergulhado na sombra, mas as suas mãos erguidas delineavam-se nitidamente no lusco - fusco. Pareciam fosforescentes e os longos e finos dedos irradiavam luz e derramavam faíscas. Aos poucos a cortina de fumaça começou a dissipar-se e, através dela, viam-se chispas coloridas que alternavam com relâmpagos. Depois , tudo se fundiu numa luz rósea, de brilho suave. A cortina de fumaça dissipou-se completamente e diante dos olhos estupefatos dos presentes ergueu-se um amplo pátio com piso de mármore, no fundo do qual se via um palácio de arquitetura indiana. Alguns degraus conduziam a um grande terraço, cujas colunas sustentavam o teto em multicoloridas treliças talhadas, feito uma renda, douradas e esmaltadas. No meio do pátio havia uma piscina de mármore com chafariz, cujo jato d'água reverberava milhares de luzes coloridas. Em volta espalhavam-se altas palmeiras e figueiras. Todo este maravilhoso quadro, transpirando tranqüilidade e conforto, estava mergulhado na penumbra rósea do pôr-do-sol. Sob as palmeiras, junto ao terraço, um enorme elefante

branco devorava a ração servida num grande cesto de vime , mastigando-a ruidosamente .

Os presentes estancaram e cmudeccram de cspanto. Adumanta , levantando-se da poltrona , foi o primeiro a romper o silêncio.

- Então, senhores, não gostariam de conhecer a minha casa? - indagou o hindu , oferecendo o braço a Ericso.

- Esta, inconscientemente, como num sonho, seguiu-o através do pátio e subiu ao terraço; os outros acompanharam. Não acreditando nos próprios olhos, eles examinaram ao redor. O professor, para certificar-se de que não estava sonhando , deu em si um puxão de orelha e pisou no próprio calo comtanta energia que não conseguiu conter um grito de dor. Não havia dúvida – ele estava acordado.

O conde e Richard, seguindo seu exemplo, também fizeram seus testes: um colocou a mão sobre o jato do chafariz, sentindo o frescor da água, o outro afagou o elefante e aspirou profundo o ar úmido e aromático, tão diferente do europeu. Subindo ao terraço, o professor colheu de um grande vaso uma flor azul de lótus e a prendeu na lapela.

Ericso parou no terraço e, apoiando-se no braço do nababo , não conseguia tirar os olhos do reposteiro listrado que fechava a entrada do palácio. Um trabalho estranho se processava em sua mente. Tudo ela via agora, lhe parecia familiar e já visto

anteriormente. Por trás daquela porta deveria haver uma grande sala com colunas verdes, mobiliada com sofás baixos . Depois viria uma sala semicircular, cheia de flores, com um fantástico arranjo de sândalo. A sala levaria a um outro terraço menor , diante do qual se estendia o jardim.

Arrastando o seu acompanhante, Ericso dirigiu-se rapidamente para a porta de entrada. Ela ansiava confirmar aquelas lembranças ressuscitadas. De fato , ela não se enganou: atrás do reposteiro realmente havia uma grande sala com sofás e mais adiante uma sala de visitas com um terraço. Até a cadeira de seda vermelha estava em seu lugar, ao lado da mesa , sobre a qual havia um cesto , uma ânfora e uma taça. E então voltou lhe a lembrança de que naquela mesma área ela costumava dançar ao luar, cabelos soltos , trajando uma branca e airosa túnica enfeitada de pesados colares e pulseiras . Só que no terraço, encostado na coluna, não estava este hindu de fraque preto, mas Amenhotep, vestindo uma túnica de linho, severo, indiferente e frio como sempre .

Ericso, sentindo que as forças a abandonavam , sentou-se na cadeira mais próxima e apertou a mão contra o coração palpitante.

- Baronesa , a senhora parece cansada ! Gostaria de refrescar-se com um vinho de palmeira? soou a voz sonora de Adumanta, oferecendo-lhe uma taça de ouro, cheia de vinho de forte aroma. Ericso aceitou a taça .

Intencionalmente ou não , a taça escapou-lhe da mão trêmula e o vinho espalhou-se pela sala .

Neste instante Adumanta virou-se para o outro lado e Ericso não viu a fúria que faiscou em seus olhos .

- Infelizmente o tempo está passando. Vamos, senhores! – dirigiu-se ele calmo aos convidados.

Eles atravessaram rapidamente a sala e o pátio. Mal o professor , que vinha por último , passou pelo arco abobadado que formava uma espécie de um longo e escuro corredor, todos se viram sentados em suas poltronas na sala circular , iluminada pela vela. Diante do nicho ainda pairavam nuvens espessas, que também , aliás, sumiram imediatamente .

- Santo Deus! Que sonho! – exclamou , suspirando, o conde.

O que os senhores viram não foi um sonho ! Simplesmente realizaram uma excursão ao meu palácio no Himalaia - asseverou Adumanta, rindo e enxugando o rosto avermelhado.

- É claro que não sonhamos! Vejam , esta flor de lótus azulada na minha lapela é uma prova de que nós realmente fizemos um passeio à Índia, sem perder um minuto ! – exclamou Ber, radiante.

-É verdade . O punho da minha camisa ainda está molhado da água do chafariz – acrescentou o conde, apalpando a manga.

Richard sem nada dizer mostrou um colibri vivo, que segurava na mão.

- Ele estava sentado na balaustrada e deixou-se apanhar – explicou o barão, soltando o passarinho .

- Essa não ! Isso ultrapassa os limites da mais fantástica imaginação, da mais incrível magia . O senhor , Adumanta , é um segundo Amenhotep! - exclamou o professor, sem se dominar , andando nervosamente a passos rápidos pela sala.

Quem é esse indivíduo que o senhor cita pela segunda vez e que considera um grande mago? – perguntou o hindu , olhando perscrutadoramente para Ber.

Ericso, entretanto , veio em seu auxílio e o livrou da necessidade de responder a esta questão delicada . Aproximando-se rapidamente do nababo , estendeu-lhe a sua pequena mão e , com a voz trêmula de emoção, disse:

- Sua ciência é aterrorizante, senhor Allan! Mas eu gostaria de submetê-lo a um último teste, pedindo-lhe para dizer qual é a minha idade e a minha origem . Isto é , se o senhor não achar a minha pergunta impertinente!

- Nem um pouco, baronesa! Terei imenso prazer em responder- lhe.

Adumanta debruçou-se sobre a palma da mão acetinada da jovem, sorriu zombeteiro e deixou antever por entre o bigode negro os seus maravilhosos dentes, de uma brancura ofuscante.

- Baronesa , se alguém ouvisse o número que conta a sua idade, sem ter visto o seu rosto encantador, pularia para trás de terror e todos os admiradores que suspiram aos seus pés fugiriam horrorizados. Mas tenha a bondade de se sentar! E os senhores também! Para satisfazer a vontade da baronesa, eu vou invocar o passado, assim como há pouco invoquei o presente . Aquilo que os senhores virem completará a minha resposta.

Os convidados ocuparam inquietos os seus lugares. Somente Adumanta permanecia como sempre calmo e compenetrado. Tirando do bolso um punhado de areia, ele a jogou dentro do nicho escuro.

Novamente subiu uma espessa nuvem e, quando se dissipou, Richard e Ericso não conseguiram conter um grito de espanto ao verem o quadro que se descortinava diante dos seus olhos – vivo e real como a própria existência .

Ali , a dois passos de distância , eles viram o interior da pirâmide, construída outrora pelo príncipe Puarma no jardim do seu palácio em Mênfis . À luz de duas lamparinas a óleo, podia-se distinguir duas estátuas mortuárias , uma ara sobre a qual fumegavam ervas aromáticas e duas esfinges, misteriosas e estranhas em sua beleza formal, que com seus olhos brilhantes pareciam firar os espectadores.

Da mesma forma como naquela noite terrível , quando Ericso adormeceu por longos séculos, a porta da pirâmide estava semi-

aberta. Através da fresta viam-se árvores e arbustos do jardim, iluminados pelo luar . Ao longe ouviam-se vozes, canto, barulho e conversas que vinham do local do banquete de casamento de Nuita com o príncipe Puarma.

Esquecida de que diante dela estava apenas uma visão e não a realidade, Ericso por pouco não correu para dentro da pirâmide , tão viva era aquela cena invocada do passado; uma rajada de vento gélido jogou-a de volta à poltrona .

Richard também levantou-se, mortalmente pálido, e com as mãos estendidas olhava em silêncio para as esfinges – para a sua criação – tombando no chão feito ceifado, em tempo de soltar ainda um grito:

- Minhas esfinges!... Minhas esfinges!

A visão desapareceu imediatamente .

Ericso aos prantos correu para o marido, que nababo levantou como a uma criança e colocou sentado na poltrona.

- Acalme-se , baronesa! O seu marido voltará a si em instantes - tranquilizou Adumanta, aproximando um frasco ao nariz do barão. – A senhora não deve ficar tão abalada. Eu simplesmente trouxe à vida uma luz do passado .

Neste instante Richard abriu os olhos . Zombando da própria fraqueza dos seus nervos, ele se queixou de uma forte dor de cabeça e quis ir para casa.

O nababo não se opôs , e os convidados, agradecendo calorosamente a Adumanta pela amável recepção e demonstração das maravilhosas experiências de sua ciência, retiraram-se.

- Receio que esse homem ainda nos traga dissabores. Tenho a impressão de que nós já estamos sob influência das suas forças ocultas – murmurou Ericso, sentada na carruagem ao lado do marido.

IX .

A pesada impressão, provocada pela visita à casa de Adumanta e pela estranha visão, dissipou-se no dia seguinte, e a vinda do hindu, que veio certificar-se do bem-estar de todos , acalmou-os definitivamente .

Adumanta fazia tanta troça da sua própria arte de prestidigitador e zombava com tanta graça do medo infundado incutido em todos pela assombrosa visão que conseguiu fazê-los rirem . O ceticismo de Ber e do velho conde fortaleceu-se; Richard concordava passivamente com todos os argumentos do hindu , e somente Ericso, no fundo d'alma , guardava um vago pressentimento , para o qual não conseguia encontrar um motivo aparente.

O tempo passava alegremente, e um dia o nababo, ao qual todos se afeiçoaram, anunciou que partiria para Londres em razão de negócios inadiáveis, retornando, porém, para passar o outono em seu castelo perto de Gmunden, para onde ele convidava os amigos para a temporada de caça, e onde também estariam reunidos os seus outros amigos .

O convite fora feito de maneira tão simples e amável e o hindu era tão simpático a todos que o conde não hesitou em aceitá-lo. Richard , um caçador fanático, ficou particularmente contente. E

um mês mais tarde, a família do conde chegou a Gmunden e foi amavelmente recebida pelo nababo. O castelo, mesmo sendo de construção antiga, era habitável e bem mobiliado. Um enorme parque , ou melhor , uma floresta cercava-o e tinha caça abundante. As acomodações destinadas ao conde e à sua família eram luxuosas. O *boudoir* de Ericso era particularmente gracioso.

O quarto era todo decorado com gaze branca renda, e estofados de seda branca e grande quantidade de flores raras .

Mas o que mais lhe agradou foi o terraço do qual se abria uma maravilhosa vista do parque e imediações. Ali ela passava horas a fio sonhando, enquanto os homens jogavam bilhar, xadrez ou discutiam política .

Uma semana depois chegaram os outros convidados: duas famílias inglesas e alguns oficiais austríacos. O castelo imediatamente se tornou animado e ruidoso. O tempo estava divino e cogitava-se um longo passeio a cavalo, seguido por uma caça da à raposa.

Ericso, que sofria de cefaléia nervosa , recusou-se a participar do passeio e ficou no castelo em companhia de uma lady idosa e sua filha , que alguns dias antes havia machucado o pé . As damas saíram ao terraço para a despedida e Ericso viu, com enorme surpresa , que para Richard haviam trazido aquele garanhão negro que os encantara outrora . O barão trocou algumas palavras com Adumanta e feliz agradeceu-lhe.

Uma sensação indefinidamente triste apertou o coração de Ericso. Aproximando-se do marido , que acariciava a crinasedosa do cavalo, ela sussurrou-lhe no ouvido :

Richard, se você me ama, então não monte esse cavalo! Eu tenho medo dele e ele me incute um mau pressentimento.

- Mas minha querida! De fato , os seus nervos estão extremamente abalados – revidou impacientemente Richard.

- Adumanta acabou de me presentear com o Salamandra e , em troca deste régio presente , devo retribuir-lhe com indelicadeza e humilhante pusilanimidade?

E sem dar atenção à esposa, Richard deu as costas e montou o cavalo. Todos o cercaram; os oficiais olhavam, ardendo de inveja, o cavalo e o cavaleiro .

Ericso, ofendida, voltou-se, pegou a jovem lady pelo braço e foi para o castelo. Os seus pressentimentos, contudo, não se confirmaram.

Richard voltou do passeio incólume , saudável e muito bem disposto. Estava repleto de lebres penduradas, que havia caçado. Ao beijar a esposa, segredou-lhe com bonomia:

- Está vendo , querida, o que valem os seus pressentimentos ! Eu nunca tive tanta sorte e Salamandra é o melhor cavalo que já montei .

O tempo passava assaz alegre, sem nada acontecer que pudesse perturbar ou assustar Ericso. Mesmo assim, ela não estava tranqüila , convencida de que Adumanta Odear não nutria por ela a simples admiração que sua beleza sugeria a tantos admiradores, mas um sentimento mais profundo e perigoso. Inúmeras vezes ela tinha notado que, ao beijar a sua mão, por baixo das sobrancelhas baixas do hindu brilhava a chama devoradora da paixão. Este beijo e o aperto de sua mão quente já não se constituíam num respeito comedido de um homem mundano. Ao entardecer , quando todo o grupo se reunia e ficava sentado pequena sala de visitas, o nababo permanecia sentado em silêncio, recostado na poltrona, fitando-a com um olhar atormentador. Parecia-lhe que as pupilas escuras do terrivel mago ficavam fosforescentes na penumbra.

Ericso ia dormir cansada e sentindo-se quebrada. Ela ficou acometida de apatia e indiferença a tudo , a começar em relação ao próprio Richard, pelo qual no momento não sentia nada que pudesse parecer com o amor apaixonado, normalmente inspirado pelo marido .

Por vezes, Ericso sacudia de si aquele estranho estado de espírito. Nestes momentos ela tinha vontade de ir embora do castelo, pois o hindu lhe despertava medo e quase aversão. Mas esses momentos eram passageiros e a imagem de Adumanta começou a persegui-la com maior freqüência . Ela pensava nele e deixava-se fascinar pela sua original e encantadora personalidade.

Certa vez foi organizada um grande caçada. A perseguição a um maravilhoso cervo prolongou-se mais do que habitual. Ericso participava ardorosamente da caçada e, sem o perceber, afastou-se dos outros caçadores e finalmente viu que estava perdida.

Deixando o cavalo a passo, ela tentou orientar-se. A tarde estava maravilhosa. Passando por uma pequena trilha e aspirando com prazer o ar puro da estepe, Ericso saiu numa grande clareira , no fundo da qual, entre os seculares carvalhos, brilhava a superfície lisa de um lago. Nesse recanto iluminado pelos raios róseos do sol poente reinava uma profunda paz.

Ela estancou o cavalo e ficou pensativa, olhando para lago, perto do qual se viam algumas ruínas. O silêncio ao redor fazia bem ao seu espírito cansado . De repente ela longe o som de guizos e logo, já bem próximo dela, ouviu-se o relinchar de um cavalo. Ericso voltou-se rapidamente e viu Adumanta Odear aproximar-se a cavalo.

O hindu tirou o chapéu e o seu belo e pálido rosto estava animado .

- Eu estava certo, baronesa! A senhora se perdeu e o meu instinto infalível trouxe-me até aqui.

- Melhor dizendo , foi a sua ciência - observou Ericso sorrindo. – Mas como este lugar é maravilhoso! Decidamente, eu nem lamento ter-me perdido . Felizardo! Em todas as partes do

mundo o senhor possui um cantinho do paraíso; além disso é um grande mago!

- Será? - fez o hindu, com um sorriso meio triste, meio irônico. - A senhora o diz e eu até desejaria sê-lo para conquistar-lhe o coração, pois eu a amo, Ericso, e não consigo mais esconder isto – acrescentou ele, inclinando-se e olhando-a nos olhos com seu olhar apaixonado e imperioso.

Ericso nada respondeu. Seu coraçao batia tão forte, a ponto de estourar. Ela sentia-se sob o poderoso encanto daquele olhar . Adumanta nunca lhe pareceu tão belo. Como se através de uma névoa, ela via o hindu estendendo-lhe a mão . O brilho da safira ofuscou a e os braços de Adumanta seguraram-na pela cintura.

Ericso não opôs resistência . Uma sensação de tristeza e paixão, embriaguez e medo paralisava-a. Somente uma vez, mais precisamente durante o casamento, quando lhe apareceu Amenhotep , sentiu ela algo parecido com o que sentia no momento . Quando ele se inclinou sobre ela , sua cabeça pendeu sem forças. Ao beijá- la nos lábios, ela perdeu a respiração e sentiu um choque ardente correr-lhe pelas veias.

Momentos após , o hindu endireitou-se. Um sorriso de felicidade e triunfo iluminava as suas orgulhosas feições. Confusa e envergonhada , Ericso estava cabisbaixa .

- Vamos voltar! Eu lhe indico o caminho – disse Adumanta , alegre e despreocupado , como se nada tivesse acontecido.

Vendo-a esporear o cavalo, o hindu tomou a dianteira a galope.

De volta ao castelo, Ericso recusou o jantar e , alegando cansaço, recolheu-se ao leito. Ela estava muito preocupada e inquieta . A imagem de Adumanta perseguia-a. Sua original beleza oriental, a poderosa força que transpirava todo o seu ser e a misteriosa e estranha auréola que o envolvia, tudo isso a encantava e seduzia. Sonhadora, ela se esqueceu de Richard a tal ponto que ficou aborrecida com a sua chegada, fingindo estar dormindo para evitar conversa. Naquele instante, ela não só não amava o marido , como ele era-lhe quase detestável.

No dia seguinte, Ericso acordou bem mais calma. Subrepticiamente, da intensa paixão que tinha por Adumanta começou a surgir uma suspeita hostil . O que significaria a sua indiferença em relação ao marido , amado com tanta sinceridade? O que, senão vergonha e desonra , poderia trazer aquela ligação secreta com o misterioso homem que lhe agradava e ao qual, ao mesmo tempo, temia? Não, era preciso sair dali o mais rápido possível ! Além do mais , eles já estavam abusando da hospitalidade do hindu .

Tomando esta decisão, Ericso no mesmo dia comunicou ao pai e ao marido o seu desejo de voltar para casa. Mas o conde e Leerbach não quiseram nem ouvir falar do assunto. Seu retorno estava previsto para dali a uma semana e tal fuga sem motivo

parecia-lhes ridícula e insultante para com o amável dono da casa. Ericso teve de ceder, mas decidiu evitar de todas as maneiras ficar a sós com seu perigoso anfitrião .

Passaram-se alguns dias após aquele incidente. Ericso cumpria à risca a sua decisão, evitando o nababo. Tomada, porém, por um tal estado de nervos e sensação doentia , e por vezes de imensa vontade de ver Adumanta, experimentar novamente os seus beijos, ela, decididamente, já não sabia o que fazer. Irritava-a, sobretudo, a dualidade mórbida de seus sentimentos que se alteravam constantemente, inundando o seu coração ora de paixão ora de desconfiança em relação ao hindu. Ela até recomeçou a procurar nele Amenhotep.

O castelo começou a ficar vazio. Os ingleses e os oficiais austríacos foram embora. No dia seguinte, o conde e a família também deveriam abandonar o hospitaleiro lar do nababo.

À tarde Ericso encontrava-se sozinha em seus aposentos, depois de alegar uma enxaqueca para não comparecer ao almoço.

O conde estava ocupado com cartas de negócios ; o professor sofria de gota. O hindu, conforme disseram, havia viaja do a Gmunden e Richard saiu para andar a cavalo.

Deitada no sofá em seu boudoir predileto , Ericso sonhava. Seu olhar vagava pelas flores, obras de arte e todo o mobiliário mágico com que a cercou o amor do nababo . Aqui, cada objeto lembrava-lhe Adumanta e por vezes fazia-a mergulhar numa

espécie de torpor nervoso, durante o qual ela tinha uma vontade louca de ver o hindu; simultaneamente , de forma inesperada e com força redobrada, dela se apossavam as torturantes desconfianças e a melancolia. No meio deste mart´rio moral, ela teve uma vontade incontrolável de penetrar nos aposentos do hindu, enquanto ele estivesse ausente, para achar algo que pudesse confirmar ou afastar definitivamente as suas dúvidas e desconfianças.

Os aposentos do nababo estavam localizados no lado oposto do castelo. Mesmo sem nunca ter estado lá, ela conhecia o caminho. Tomada por uma curiosidade mórbida, Ericso praticamente foi correndo até lá. Seu único receio era encontrar algum dos criados no caminho, mas tal receio não se confirmou.

Atravessando sem dificuldades algumas grandes salas imersas na penumbra em função das cortinas baixadas, ela entrou num imenso quarto, também na pemumbra.

A julgar pela grande quantidade de pergaminhos e de estranhos instrumentos que se amontoavam sobre uma mesa, o quarto devia ser o gabinete de trabalho de Adumanta.

Ela percorreu curiosa todo o quarto, quando de repente viu uma espécie de grande armário que estava num profundo nicho. Era inteiramente coberto de sinais cabalísticos e hieróglifos; sua porta estava entreaberta.

Ericso abriu cuidadosamente a porta mais um pouco, olhou para o interior e recuou horrorizada, apesar de não ser nada assustador aquilo que ela viu.

O armário parecia não ter a parede de fundo. Esta parecia ser mais uma janela aberta, através da qual se avistava um distante panorama. Na azulada e transparente lonjura estendia-se um deserto, em cujas areias se elevava uma grande pirâmide e a esfinge de Gizé. Os dois grandes e misteriosos monumentos do antigo mundo pareciam reais, só que em miniatura. De repente ela estremeceu ao perceber que a porta secreta entre as patas da esfinge estava aberta e, junto à entrada da pirâmide, na penumbra, estava se movimentando uma pequena figura humana, vestida de branco e com klafta na cabeça.

Uma idéia maluca passou pela mente excitada de Ericso. Sua mão começou a procurar apressada, por entre as dobras do penhoar de seda, o punhal sagrado de Amenhotep, que ela tirou. O cabo quente do punhal indicava que a arma mágica havia feito um contato com um estranho e poderoso encantamento. Mas ela permaneceu surda a este aviso. Esticando o braço, com a ponta do punhal ela empurrou a pequena porta que conduzia para o interior da pirâmide, fechando-a a seguir.

Um feixe de centelhas cobriu a lâmina da faca mágica e, no mesmo instante, Ericso sentiu a terra tremer sob os seus pés. Um furacão suspendeu-a no ar e começou a girá-la no espaço. Aos seus

pés abriu-se um deserto, enquanto a esfinge e a pirâmide adquiriram suas dimensões gigantescas reais. Tudo em volta se movia, tremia, ressoava e, aos poucos, foi submergindo numa densa escuridão. Ela sentia como se uma força a levasse com incrível velocidade e a jogasse dentro de um mar de chamas. Uma dor infernal por todo o corpo fê-la perder os sentidos.

Quando voltou a si, viu-se deitada no quarto contíguo ao gabinete de trabalho de Adumanta. Os menores movimentos causavam-lhe dores insuportáveis. Ela tentou examinar a si própria e viu que seu braço, ainda apertando convulsivamente a arma mágica, estava coberto de queimaduras. Ela convenceu-se horrorizada de que estava praticamente nua e que somente alguns farrapos meio queimados de seda e cambraia pendiam em seus ombros e na cintura. Só então ela se deu conta de ter mexido incautamente com as terríveis e desconhecidas leis — e desmaiou novamente.

O som vago de vozes e a terrível dor fizeram com que a jovem abrisse os olhos. Seu pai, Ber e duas camareiras estavam cuidando dela. Já lhe tinham trocado o penhoar, envolveram-na num cobertor e cuidadosamente levaram-na ao dormitório, onde a puseram na cama. Enquanto esperavam pelo médico que mandaram buscar em Gmunden, estavam tentando prestar-lhe os primeiros socorros.

O conde e Ber estavam terrivelmente nervosos. O ribombar do trovão, que estremeceu até os alicerces toda a casa, inicialmente

atribuído a uma explosão de pólvora, alargnou a todos os habitantes do castelo. Em meio ao pânico, ninguém conseguia localizar em que parte do castelo aconteceu o acidente. Um dos criados, todo pálido, foi o primeiro a explicar, com voz trêmula, que a explosão acontecera no gabinete do seu amo. Ele estava levando um livro e uma revista para o quarto contíguo ao gabinete, quando um terrivel golpe o aturdiu. E ali ele viu horrorizado como a porta se escancarou e através dela veio voando, tombando no chão, um objeto branco todo coberto de centelhas. Do gabinete ouviu-se claramente o crepitar de incêndio; todo ele parecia estar envolto em chamas.

Quando o conde e Ber, junto com os criados, chegaram ao local da catástrofe, encontraram Ericso deitada exânime, coberta por queimaduras. No gabinete já não havia fogo, mas tudo — a mobília, as cortinas, os livros — praticamente tudo fora consumido pelas chamas. Nas paredes nuas, entretanto, não havia qualquer sinal de fumaça, mas no nicho, onde estava o armário misterioso, a parede rachara em toda a sua espessura.

Passado o primeiro susto, o conde perguntou pelo nababo, querendo avisá-lo sobre o acontecido. Ele imaginava que o hindu ainda estava em Gmunden. Qual foi a sua surpresa ao saber, horrorizado, que uma hora antes do acidente Adumanta havia retornado para casa, trancando-se no gabinete, onde ninguém podia eñtrar sem autorização especial.

Debalde procuraram por todo o lugar o jovem anfitrião. Ele simplesmente desaparecera. Restava a suposição de que ele havia morrido sem deixar pistas. O conde e Ber, estupefatos, estavam parados no gabinete, calados e cabisbaixos, quando veio a notícia de uma outra desgraça.

O cavalariço que acompanhava Richard retornou para casa trazendo, atravessado na sela do cavalo, o corpo imóvel do barão. Ele contou que ambos iam de volta para casa, quando ouviu algo semelhante a tiro de canhão e viu o cavalo do barão empinar-se nas patas trazeiras. Pareceu-lhe até que o chão cuspiu fogo. O seu cavalo também mordeu os freios e ele teve muito trabalho em dominá-lo, feito o que, ele voltou ao local e encontrou Leerbach caído e imóvel no chão, enquanto Salamandra desaparecera sem deixar rastros. O médico, recém-chegado, constatou que o barão estava morto e disse que o estado de Ericso era muito delicado. A jovem começou a ter febre. Em seu delírio ela chamava pelo marido ou pelo nababo, que ninguém conseguia encontrar.

Quando à noite o conde e o professor ficaram sozinhos junto ao leito de Ericso, que se agitava e gemia, o primeiro observou:

- Não há dúvida de que ela tocou inadvertidamente em algum instrumento mágico, provocando aquela desgraça e a morte do pobre Richard.

- Se ao menos pudéssemos perguntar-lhe e saber o que ela havia feito e como fora parar no laboratório do mago — ajuntou

Ber, comovido até as profundezas d'alma, com lágrimas nos olhos, pois devido ás longas viagens na companhia de Leerbach afeiçoara-se muito ao barão.

Passaram alguns dias. Adumanta não aparecia e Ericso permanecia no mesmo estado crítico. Uma investigação empreendida pelas autoridades nada revelou. Fizeram uma reunião e decidiu-se que o professor levaria o esquife de Richard para o castelo de Kronburg, o conde ficaria junto da filha, enquanto ela não melhorasse o suficiente para poder ser transportada para lá.

Para grande espanto geral, o corpo do barão, apesar de já terem passado cinco dias, não apresentava qualquer sinal de decomposição. Seus membros continuavam flexíveis e sua aparência era de um homem dormindo um sono profundo. O professor aventou a possibilidade de que Richard entrara somente num sono letárgico e decidiu mantê-lo sob observação, sem sepultá-lo até que aparecessem sinais evidentes da decomposição.

O corpo de Richard foi colocado numa caixa com grandes orificios para ele não se asfixiar ao acordar. E assim, o professor foi embora e o conde ficou.

O estado de saúde de Ericso piorava; parecia que os remédios dos médicos lhe faziam mais mal do que bem. O conde estava desesperado. Ele se sentia muito mal naquela casa estranha e sem dono. Entre a perturbada criadagem começaram a surgir estranhos boatos.

O cavalariço que acompanhava o barão e cuidava de Salamandra contou que o cavalo voltava todas as noites para a sua baia. Ele ouvia seu relinchar e até chegou a apalpá-lo, mas o animal permanecia invisível. Assustado com tudo isso e achando que estava lidando com o capeta, ele pediu a conta.

O conde chamou-o para conversar e tentou convencê-lo de que aquilo era tão-somente o fruto de sua imaginação e que seria melhor que ele esperasse até que, de uma forma ou outra, ficasse explicado o desaparecimento do amo ou chegassem os seus herdeiros.

Nada será explicado, senhor conde — replicou o cavalariço —, pois o nosso amo era um feiticeiro! Eu mesmo não acreditava nisso e ria da cara do Clemente, quando ele tentava me convencer de que o nosso amo aparecia, às vezes, Deus sabe de onde, como por exemplo, de um canto da sala onde não havia porta. Além disso, ele sempre tinha conhecimento do que acontecia nos quartos dos criados e ouvia coisas que nenhum cristão consegue ouvir. Um dia ele mandou Clemente buscar urgente alguma coisa no pavilhão de caça, mas este começou a discutir com o guarda-florestal e atrasou-se. Quando voltou, o amo lhe disse: "Como você se atreveu a perder tempo fazendo um escândalo com o guarda-florestal, enquanto eu fiquei aqui esperando"! Não, Vossa Excelência, não importa o que me diga, mas o senhor Adumanta vendeu sua alma ao diabo e foi o próprio que apareceu em chamas para levá-lo! O que se refere ao cavalo, eu juro que disse somente a verdade! Quando, pela primeira

vez, eu escutei à noite o seu relinchar e o tropel, eu não desconfiei de nada e pensei comigo que Salamandra havia achado o caminho da cocheira. Fui até lá todo contente e, enquanto procurava por fósforos, passei a mão pelo seu dorso e pescoço; o cavalo, como de costume, esfregou a cabeça na minha mão. Eu resolvi examiná-lo para ver se ele não havia se ferido, acendi a lanterna e... imagine o meu susto, quando vi que na baia não havia nada! Desde aquele dia, aquela criatura do diabo vem a cada noite, relincha, funga e tropeia, mas não dá para vê-la. Não! Diga o que quiser, mas eu estou indo embora! Não quero perder minha alma!

- Mas, meu amigo, isso tudo é uma alucinação!

- Não, Vossa Excelência, eu não fui o único a ver essas coisas de demônio. E digo mais, Salamandra nunca foi um cavalo comum. Por vezes ele olhava de uma maneira estranha e o seu relinchar era idêntico ao riso humano. Aquilo não era um cavalo, mas um demônio.

Não havia argumentos que o dissuadissem e o cavalariço foi embora no mesmo dia. Uma parte da criadagem seguiu-lhe o exemplo. Como entre os desertores havia também uma das camareiras de Ericso, o conde teve de contratar uma enfermeira para cuidar da enferma.

No dia seguinte àquela conversa, no castelo chegou um homem que declarou ter sido incumbido pelo nababo para

administrar a propriedade e mostrou um documento que o autorizava para tanto.

Ele era alto e magro, do tipo oriental, de tez brônzea. Falava um inglês perfeito, mas tinha dificuldade com alemão. Em conversa particular com o conde, ele informou que Adumanta Odear estava vivo e em perfeita saúde e que ele, graças a um feliz acaso, deixara o castelo um quarto de hora antes da explosão, causada por negligência da baronesa que por curiosidade infantil tocou num aparelho elétrico de enorme força, descarregando-o. Ele acrescentou que a notícia da morte do irmão mais velho obrigou Adumanta a viajar urgente à India, mas que ele implorava ao conde usufruir de sua hospitalidade, pondo à disposição dele o castelo inteiro, enquanto a baronesa não ficasse totalmente recuperada.

A partir daquele dia, tudo voltou ao normal no castelo. O novo administrador alojou-se nos quartos que ocupava o seu amo — e tudo voltou à antiga rotina. Mesmo assim, o conde decidiu voltar logo para casa. Ber lhe escreveu que o corpo de Richard permanecia na mesma situação e que em seu corpo não havia o menor sinal de decomposição. Ele foi colocado na cripta da família, mas o professor tomou todas as medidas para socorrer Leerbach se ele acordasse.

Ericso continuava se sentindo muito mal. Agora, além das dores físicas, acrescentaram-se-lhe dores morais. Por conversas com a camareira e a enfermeira, ela soube da morte de Richard e

do desaparecimento do nababo. Os remorsos torturavam-na e ela recriminava-se amargamente pela negligência que provocara tanta desgraça. Inquirido, o conde contou-lhe todos os pormenores do acontecido e, delicadamente, censurou-a por ter tangido os mistérios, cuja força e significado ela desconhecia.

O estado de saúde de Ericso teve uma ligeira melhora. A febre baixou e ela deixou de delirar, mas os ferimentos e as queimaduras continuavam a doer insuportavelmente, tanto que, apesar de todo o seu autocontrole, ela não conseguia conter os gemidos.

Certa noite Ericso não conseguia adormecer: seu corpo ardia, os lábios estavam secos e uma terrivel sede torturava-a. A enfermeira dormia tão profundamente no quarto vizinho, que a doente não conseguiu chamar ninguém. Pensamentos lúgubres oprimiam-na. Ela pensava na morte de Richard e melancolicamente se convencia de que apesar dos pesares a situação não era tão ruim assim como parecia ser, pois entre ela e o caixão de Richard surgia a imagem de Adumanta, transpirando aquele estranho encanto que dominava seus sentidos e fazia seu coração bater mais forte.

Debalde ela tentou afastar os pensamentos que consiacrava criminosos, tentando concentrar-se em Richard e esforçando-se para sentir inteiramente a sua irreparável perda. Tudo em vão. Em sua memória projetava-se constantementc o hindu com seu sorriso enigmático e o olhar dominador dos seu grandes olhos negros — e

ela esquecia de tudo, até da dor que a dilacerava, pensando somente no mago.

O ruído da porta se abrindo fê-la estremecer e Ericso viu espantada o reposteiro abrir-se, sem ninguém entrar no quarto. Ericso estremeceu e um suor frio cobriu-lhe a testa quando ouviu o barulho de passos firmes, tão familiares. Alguém parou junto ao seu leito e uma mão macia, com longos e finos dedos, pousou-lhe na testa.

Ela tentou gritar, mas a voz lhe faltou e ela, como paralisada, continuou deitada imóvel.

- Sua louca! O que você fez? — ouviu, como se ao longe, a voz de Adunanta. — Eu deveria deixá-la morrer ou subtmetê-la a longos e merecidos sofrimentos. Mas tive pena de você, pois eu a amo. Eu vim aliviar os seus sofrimentos, pois acho que você já foi punida o bastante.

Ericso sentiu que sobre o seu corpo dolorido foi colocada uma fria e úmida compressa que desprendia um agradável frescor. Em seguida, aquelas mesmas mãos invisiveis enxugaram seu rosto e levaram aos seus lábios taça de bebida aromática. Ela sentiu imediatamente que as suas forças aumentaram. Agora os dedos finos de Adugnanta tocavam-lhe a testa. Uma sensação de paz, um indescritível bem-estar e uma felicidade infinita invadiram todo o seu ser. Uma agradável sonolência rapidamente para um sono profundo.

Quando Ericso acordou, ficou surpresa ao saber que havia dormido por mais de dez horas. Durante o sono, o estado de saúde da enferma sofreu incríveis mudanças para melhor. Os ferimentos cicatrizaram-se, as queimaduras empalideceram e a dor já não era acentuada. Os médicos ficaram perplexos com essa inesperada melhora.

A partir desse dia, sua saúde começou a melhorar rapidamente. Ela já podia levantar-se e passar para o sofá do boudoir. O conde, que só estava aguardando o momento de poder partir rapidamente, tentou convencê-la de que a viagem para casa já não era mais perigosa, mas Ericso recusava-se, alegando estar ainda demasiadamente fraca, que qualquer movimento rápido e qualquer agitação causavam-lhe dores e, sendo assim, era necessário aguardar mais um pouco.

O verdadeiro motivo que a mantinha no castelo resumia-se no crescente sentimento de paixão que Adumanta lhe incutia, mesmo permanecendo invisivel. Ericso já não chorava por Richard. Por vezes, ela até se esquecia de que um dia ele existiu. Agora ela vivia somente à espera do hindu, que vinha ao seu encontro todas as noites, assim que ela ficava sozinha.

Ericso ouvia de longe os seus passos aproximando-se, sentia nos lábios o seu beijo e o afago suave de seus cabelos. Ele respondia às suas perguntas, mas permanecia invisível. Em vão Ericso implorava-lhe que aparecesse e tentava agarrá-lo — seus

braços agarravam somente o ar e para todos os seus pedidos o hindu respondia invariavelmente com uma voz suave e triste:

- Eu não posso! Você mesma é culpada disso. Você me colocou nesta situação difícil!

Certa vez Adumanta faltou e depois disso deixou de aparecer por uma semana. Ericso ficou inquieta. Para ela sua falta era um terrivel suplício. Ao recuperar a saúde, ela também recuperou a habitual energia e o caráter rebelde.

Finalmente certa noite, quando ela, ardendo de impaciência, desfolhava um magnífico buquê enviado de manhã pelo administrador em nome de seu amo, um aperto da mão familiar fê-la estremecer.

- Adumanta! — exclamou ela, alegremente.

Em seguida, recompondo-se, levantou-se e perguntou num tom imperioso e impaciente:

- Você me ama? — Sim ou não?

- Eu a amo, minha bela Ericso e entendo o desespero da sua pergunta: você quer que eu seja novamente visível aos seus olhos! Eu mesmo não desejo outra coisa senão realizar a sua vontade, mas foi você mesma, com seu ato impensado, que me colocou nesta situação.

- Eu não admito tal desculpa — disse Ericso, tremendo de perturbação. — Confesso que errei e peço-lhe desculpas. Mas você

é demais sábio e poderoso para não conseguir consertar o mal que cometi, se é que você quer.

- Você tem razão! Meus conhecimentos me apontam um meio de quebrar o encanto, mas você iria querer utilizá-lo? Ericso, será que você me ama o suficiente para me acompanhar, cortar os laços de ligação com este mundo e entrar como minha esposa no meu palácio em Delhi? Sendo um sábio e mago eu não posso permanecer por muito tempo neste mundo vazio e vulgar, que, além do mais, é-me repugnante. Mas que lhe importará o mundo se nós vamos pertencer um ao outro, se vou lhe dar todas as alegrias do amor, todos os prazeres da riqueza e todo o poder criado pela minha ciência.

A voz trêmula e apaixonada de Adumanta soava como um delicioso afago aos ouvidos de Ericso. O hálito quente tocava seu rosto e a mão invisível brincava com os cachos de cabelos dourados, caídos sobre a sua testa. Ela foi tomada de uma certa fraqueza e torpor. Dentro dela o sentimento de amor enfrentou por um momento a desconfiança, mas mesmo esta acabou por desaparecer.

- O que devo fazer para que você fique novamente visível para mim? Diga! Eu vou segui-lo, pois estou cansada de lutar. Por vezes não entendo o sentimento que você desperta em mim, mas não consigo me libertar de sua influência.

- Essa influência é o amor — murmurou o hindu, e Ericso sentiu em seus lábios um beijo ardente. — E agora, minha amada, ouça-me com muita atenção! Você deve retornar ao castelo de seu pai. Lá, no jazigo familiar, repousa o corpo do barão Leerbach. Ele, como pressupõe com muita razão o professor, não está morto e se encontra num estado letárgico devido a um forte choque elétrico. Você deve pegar o punhal mágico que roubou de Amenhotep, entrar no jazigo entre onze horas e meia-noite e enfiar o punhal no peito de Richard. No instante em que o sangue dele purpurear as suas mãos, eu me tornarei visível para você e a levarei comigo. Mas agora devo me despedir! Se quiser me ver, deve proceder como lhe expliquei e até então — adeus!

Após estas palavras, tudo ficou silencioso. Ericso, constrangida, cobriu nervosamente o rosto com as mãos e desatou a chorar.

No dia seguinte ela comunicou ao pai que desejava voltar para casa. O conde, que há muito tempo ansiava por isso, ficou felicíssimo e em vinte e quatro horas estava pronto para partir.

Ericso adentrou o castelo paterno, pálida, pensativa e desolada. Feito uma alma penada, ela vagava pelos quartos, atormentada pelos sentimentos mais contraditórios. A vontade de ver Adumanta atormentava-a e, ao mesmo tempo, a idéia de fulminar o corpo do marido com o punhal deixava-a aterrorizada. Diariamente, de manhã, ela tomava a firme decisão de cumprir a

tarefa de libertação, mas, à tarde, tremia só de pensar em descer ao jazigo. Por vezes, a perspectiva de enclausurar-se para sempre no palácio do hindu enchia o seu coração de angústia.

Finalmente, a inquietação que a consumia chegou ao auge. Desde cedo Ericso não sabia o que fazer. Uma certa vontade de alguém, mais forte que a sua própria, incitava-a para a ação. Quando o relógio bateu onze da noite, ela saiu do gabinete onde seu pai jogava xadrez com o professor e, com passos indecisos, dirigiu-se à biblioteca. Lá, num pequeno armário, estavam guardadas as chaves da capela e do jazigo.

Pegando as chaves, Ericso atravessou silenciosamente o corredor que passava por quartos destinados a hóspedes, ora vazios, e sorrateiramente desceu para o jardim.

O vento frio e úmido de outono agitava o seu leve penhoar branco. Apesar de tremer de frio, ela prosseguiu o seu caminho quase correndo pelas alamedas vazias. Finalmente, à sua frente, delineou-se na escuridão a silhueta gótica do túmulo. Após algumas tentativas infrutíferas de abrir a porta, Ericso enfim viu-se no quarto escuro do jazigo. Tremendo febrilmente, ela dirigiu-se decidida para um canto, onde sabia que sempre havia velas e fósforos.

Ericso acendeu a vela, desceu pela escada e entrou o jazigo. A alguns passos da porta estava o caixão de Richard, coberto apenas por um tecido. Ao lado do caixão sobre a mesa, estava acesa

uma lâmpada de cabeceira, iluminando uma taça de vinho coberta com uma tampa, e um aparelho elétrico, cujos fios estavam ligados ao quarto do professor para soar um forte alarme no caso do defunto se mexer, o qual, segundo Ber, achava-se em estado letárgico. Apesar de todos os médicos afirmarem que o barão estava morto, o teimoso professor não lhes dava ouvidos.

Ericso colocou a vela sobre a mesa, retirou o tecido e olhou para o rosto de Richard fracamente iluminado pela luz bruxuleante da lâmpada. Richard passaria por adormecido, se não fosse levada em conta a palidez cérea do seu rosto. Ericso não o via desde aquela fatídica manhã, quando ele a abraçou pela última vez, antes de ir ao passeio do qual não voltaria vivo.

Dos olhos da jovem correram lágrimas ardentes. Debruçada sobre o corpo, ela fitava avidamente as feições daquele a quem tanto amava. Todos os sentimentos que a tinham perturbado recentemente desapareceram, permanecendo apenas uma profunda afeição por Richard. Sua alma era invadida por somente um desejo: fazê-lo voltar à vida, destruir o terrível encantamento que acorrentara o defunto vivo àquele jazigo. O que aconteceria depois e o que aconteceria a ela — isso já não lhe importava. Ela ergueu decidida o punhal mágico e o cravou no peito de Richard.

- Ressuscite! Desperte, meu amado, e nunca mais me deixe! — murmurou ela com olhar faiscante.

Algo vermelho, fumegante — sangue ou não — espargiu do peito do defunto e irrigou as mãos da jovem. No mesmo instante, Richard levantou-se, abriu os olhos e um grito de liberdade partiu de seus lábios.

Ericso sentiu a cabeça girar e cambaleou. Um sopro de aroma sufocante bateu-lhe no rosto e prendeu-lhe a respiração. Uma fraqueza mortal tomou conta de todo seu ser. Como se através de uma névoa, ela viu Richard estender-lhe as mãos e ouviu-o gritar:

- Ericso! Minha querida!

- Com o último clarão de consciência, ela quis correr para ele, mas uma mão férrea agarrou-a pela cintura. Pareceu-lhe estar caindo num abismo escuro — e ela desmaiou.

Uma terrível dor e a sensação de tocar num ferro em brasa despertaram o barão do sono letárgico. Ele endireitou-se e ao abrir os olhos viu Ericso. Um grito de felicidade, amor e reconhecimento, soltou-se de seu peito. Mas no mesmo momento, Richard recuou e seu olhar deteve-se estarrecido na figura alta de Amenhotep, que surgiu atrás de Ericso e puxou-a para junto de si. A visão do inimigo fez Richard recuperar rapidamente a presença de espírito. Ardendo de fúria e ciúmes, ele saltou do caixão e quis atacar o egípcio, mas este levantou a mão e Leerbach ficou paralisado, sem conseguir se mexer.

- Ingrato! Você me retribuiu o bem que lhe fiz, roubando-me a única mulher que amei — disse o mago com desprezo. — Eu

poderia aniquilá-lo, mas não quero. Viva e rega-le-se com a sua existência desprezível até que a natureza assim o quiser. Você jamais voltará a ver Ericso!

Com estas palavras, Amenhotep levantou-a feito a uma pena, voltou-se rapidamente e desapareceu na escuridão do jazigo.

Richard ficou imóvel. Parecia-lhe ouvir o ranger da porta e depois o tropel dos cavalos pela alameda. Ele não conseguia distinguir se aquilo era real ou uma alucinação de seus sentidos perturbados. Com um esforço sobre-humano, ele sacudiu-se do torpor e, agarrando a vela acesa deixada por Ericso, correu para fora do jazigo. Tudo estava deserto e em volta reinava um silêncio sepulcral. Um sopro de vento frio e penetrante apagou a vela. O barão dirigiu-se rapidamente para o castelo, na medida que lhe permitia uma sensação de fraqueza que voltou a dominá-lo. Mal entrou no hall, os dois criados que se preparavam para apagar as velas fugiram gritando em desabalada carreira, jogando no chão tudo que carregavam. O terceiro, que Richard encontrou no corredor, seguiu imediatamente o exemplo dos dois primeiros.

Os gritos atraíram a atenção do conde e de Ber que estavam jogando xadrez. Surpresos com o barulho, o conde levantou-se para saber o que estava acontecendo e neste instante a porta se abriu e Richard, abalado e pálido feito um verdadeiro fantasma, apareceu na soleira.

- Não se assustem, sou eu! Despertei do sono letárgico — sussurrou ele em voz débil.

O conde e Ber abraçaram-no felizes um por um e depois começaram a perguntar-lhe dos detalhes da inesperada ressurreição.

- Fui despertado por Ericso. De que maneira, não sei. Mas, meus amigos, temo que a perdemos para sempre —disse Richard com a voz embargada pelas lágrimas. E contou o que aconteceu no jazigo.

- Mas como? Então esse criminoso feiticeiro ousou roubar novamente a minha criança? — vociferou o conde possesso.

E, agitando os punhos, acrescentou com ferocidade:

- Mas eu vou obrigá-lo à força a devolver a minha filha!

Ber ficou cabisbaixo. Enxugando uma lágrima, ele disse em tom triste:

- Como o senhor planeja tirar de Amenhotep a mulher que ele ama? Como vai enfrentar um gigante que comanda as forças da natureza, perto do qual não passamos de desprezíveis pigmeus. Meu coração me diz que nunca mais veremos a pobre Ericso. Vamos tentar pelo menos conservar o que o destino nos deixou — e ele apontou para Richard que, sem forças, deixou-se cair numa poltrona. — No presente momento, ele precisa de todos os cuidados.

Richard foi levado para o quarto do professor para ser cuidado por Ber; o conde ficou com a sua dor. O professor fez o barão beber um vinho quente e examinou-o, pois este se queixava de uma forte dor no peito. Ber horrorizado quando viu no peito do barão a marca do triângulo encimado por uma cruz. Só que o misterioso símbolo tinha a cor vermelha e não negra, como no peito de Tea.

X.

Ericso voltou a si sentindo-se quebrada e com a cabeça pesando. Finalmente ela abriu os olhos e, surpresa, olhou ao seu redor. Estava deitada numa cama, cercada de travesseiros. Em vez da camisola de cambraia, enfeitada de rendas, vestia uma túnica curta, bordada a prata; seus pequeninos pés calçavam sandálias douradas e em seus pulsos tilintavam pesados braceletes.

O que significava aquilo? Onde ela estava?

Sacudindo o torpor, ela endireitou-se e timidamente começou a examinar o ambiente. Estava num grande quarto com colunas esmaltadas. Junto às paredes, dispunham-se baixos sofás de tecido purpúreo. No meio do quarto havia uma piscina de lápis-lazúli, onde jorrava um chafariz. Flores raras e perfumadas em vasos esmaltados estavam distribuídas pelo recinto, formando lindos arranjos. Uma imensa porta, ornada com um tecido caro, saía para uma ampla galeria com arcada da qual alguns degraus de mármore branco levavam ao jardim, cuja densa e escura folhagem se antevia através da arcada. A lua cheia inundava o quadro mágico com a sua luz brilhante e ao mesmo tempo delicada iluminando as rosas, os ornamentos das colunas e os arcos entalhados feito renda.

Como num sonho, Ericso levantou-se, saiu para a galeria e murmurou:

- Oh, como aqui é lindo!

Ela deliciava-se em aspirar o aroma das rosas e dos lírios e uma brisa refrescante e perfumada acariciava-lhe o rosto moreno. Mas de repente ela soltou um forte grito, pôs as mãos na cabeça e com o corpo tremendo deixou-se cair sobre um banco de mármore. Sua memória voltou e ela compreendeu claramente a existência infeliz a que estava condenada.

Ericso sequer lançou um olhar para a grandiosidade mágica a sua volta. Para que essas rosas que encobrem a parede e o luxo imperial deste palácio desértico, onde ela foi sepultada para sempre! Ela ansiava ser livre, ter uma vida ativa à qual já estava acostumada, viver com a pessoa amada num mundo vivo e real, enquanto aquela vida monótona e infinita a que estava destinada parecia uma terrível sentença de morte. Um grito de desespero soltou-se de seu peito. Encostando a cabeça em brasa no mármore frio, ela fechou os olhos.

A tempestade que se desencadeou em sua alma absorveu-a a tal ponto que ela não percebeu que, no fundo da galeria, apareceu a figura alta e esbelta de Amenhotep, e nem ouviu quando ele se aproximou dela. E só quando ele ficou de joelhos junto ao banco de mármore e abraçou-a apaixonadamente, ela estremeceu, abriu os olhos e surpreendida e horrorizada olhou para ele. Ericso tremia ao ver aos seus pés aquele que ela sabia ser seu senhor. Era terrível

ouvir aqueles lábios severos, habituados a comandar as forças da natureza, implorar-lhe agora pelo menos uma gota de amor.

O rubor febril que sempre ardia no rosto pálido do mago, a sua respiração entrecortada, o olhar apaixonado e as novas e estranhas palavras, ditas por lábios trêmulos — tudo indicava que os anseios da alma, por tanto tempo contidos pelo trabalho e ciência, acordaram finalmente do seu sono secular e clamavam desesperadamente: "Homo sum! " Eu também estou sujeito a todas as fraquezas humanas!

Que lei terrível e inconcebível derrubou o sábio que parecia ter vencido tudo? O que levou este gigante do poder e da força ao papel de pedinte? O que despertou neste espírito rebelde o anseio de usar seus direitos humanos que ele sempre rejeitou?

- Ame-me, Ericso! Dê-me uma partícula daquela felicidade da qual usufrui toda criatura; e por este momento de amor, bem-aventurança e esquecimento eu lhe darei tudo o que pedir.

- Tudo? — balbuciou Ericso, e por dentro remexeu-se uma ponta de pena daquele homem extraordinário, tão estranhamente vencido pelo destino. Mas este sentimento imediatamente deu lugar ao ódio e amargura que lhe invadiu a alma.

- Tudo? — repetiu ela, e uma fugidia faísca cintilou em seu olhar. — Você me dará tudo o que eu pedir?

Percebendo que Amenhotep empalideceu e atrapalhou-se, ela acrescentou:

- Não tema! Não vou pedir que você me devolva a ele.

- Neste caso, minha amada, eu lhe darei tudo o que estiver a meu alcance. Estou a sua disposição! Minha ciência e o meu amor estão aos seus pés.

- Dê-me, então, para isso o juramento do mago e eu esqueço o passado e o futuro! Vou pensar somente no bem que você me deu, vou amá-lo e lhe darei as horas de felicidade que me pede.

Amenhotep endireitou-se. Seus olhos faiscaram e a sua voz soou firme quando ele levantou a mão e pronunciou: Juro pela minha estrela de mago cumprir tudo o que você me pedir! — e sobre a sua fronte espargiu-se uma chama ofuscante — testemunha de seu juramento.

Ericso, com um grito de felicidade, caiu em seus braços, passou as mãos em seu pescoço e beijou-o calidamente nos lábios.

Embriagado e cego de paixão, ele não percebeu o impiedoso sorriso que passou por seus lábios.

Feliz, como se tivesse nascido de novo, Amenhotep sentou no banco junto a Ericso e começou a falar-lhe de seu amor, dos sofrimentos que passou por causa de ciúmes e do futuro deles, repleto de felicidade, que ele tanto sonhou.

Ela, surpresa, ficou examinando-o. Ele parecia ter remoçado e ficado mais bonito: a severa rigidez dos traços foi substituída por uma expressão feliz, despreocupada e delicada. Ele tirou dos ombros a carga dos seculares trabalhos, pesquisas e triunfos sobre a natureza e si mesmo, para voltar a ser o mesmo homem que era antes de passar pela fatídica porta da pirâmide.

- Vamos! Vamos comemorar a nossa união! — exclamou feliz Amenhotep, arrastando Ericso para um grande quarto contíguo.

Ali, uma mesa farta e luxuosa aguardava-os para o jantar de duas pessoas. Ela não conseguia parar de se espantar quando viu o asceta abstêmio, que se limitava somente a ingerir uma colher de arroz, legumes e um copo de leite, beber taças e mais taças de vinho, que como uma torrente de fogo se espalhava por suas veias, pelas quais até então corria apenas um líquido submisso à sua vontade, da mesma forma como ele. Seria ele o mesmo trabalhador incansável, cujo descanso diário consistia exclusivamente de dois banhos refrescantes e que agora perdia o seu precioso tempo num banquete e em diversões amorosas?

Novamente um sentimento de pena e participação instalou-se no coração de Ericso e mais uma vez a amargura e a sede de vingança venceram. Será que ela estaria ficando louca ao sentir pena dele — ele, que nunca teve isso por ela, que lhe subtraiu a

infância e nunca antes se dignara em oferecer-lhe o amor, e agora, quando ela amava e pertencia a outro, ele se impingia para ela.

Que tipo de vida se pode ter dentro das paredes deste calabouço? E não era para Amenhotep que ela queria viver e ser linda!

Não! Ela ia obrigá-lo a pagar caro pelas horas de amor que ele arrancou dela. E quanto mais rápido chegasse a hora da vingança, tanto melhor!

Quando Amenhotep se levantou da mesa, Ericso seguiu-lhe o exemplo e deixou-se levar para o quarto nupcial. Uma pesada cortina desceu atrás deles...

Quando Amenhotep e Ericso saíram para o terraço, o sol nascente invadia o horizonte de púrpura, transformando em milhões de diamantes as gotas do orvalho oscilantes nas flores e folhas. Ela estava branca como a sua túnica; ele radiante de felicidade. Por um momento ambos ficaram em silêncio e, em seguida, o mago perguntou com um sorriso alegre e despreocupado:

- E então, minha amada, por que não pergunta sobre o pagamento pelo prazer que você me proporcionou? O que devo fazer? O que imaginou o seu pequeno coraçãozinho? O que deseja que eu lhe dê?

- Ericso estremeceu e voltou-se, medindo-o com olhar lúgubre.

- O que eu quero de você?... A morte! — respondeu ela, sublinhando cada palavra.

Perplexo, Amenhotep cambaleou e deu um passo para trás. A respiração sustou-se e um suor gelado cobriu-lhe a testa.

- A morte? — repetiu ele. — O que está exigindo, sua louca? Você sabe o que é a morte?

- Sim, eu sei — sustentou Ericso e um rubor febril coloriu o seu rosto. — A morte é a destruição desta matéria que eu carrego por séculos sem ver alegrias e sem viver uma verdadeira vida humana. A morte é o retorno ao infinito, onde você, tirano impiedoso, não vai mais me subjugar, pois o seu poder termina no limite da cova. Então apresse-se em me devolver a liberdade! Ou você vai ousar quebrar a sua palavra de mago, seu desprezível?

Amenhotep ficou calado e cobriu o rosto com as mãos. A respiração pesada, rouca e resfolegante, que soerguia alto o seu peito, testemunhava a tempestade desencadeada em sua alma. Passaram alguns minutos, que para Ericso parecia uma eternidade. Em seguida ele endireitou-se. Estava mortalmente pálido e o seu olhar embaçado parecia ter se apagado.

- Somente uma mulher poderia imaginar tal vingança e sacrificar no ódio o bem mais valioso do ser humano — disse ele

com voz surda. — Mas se a vida comigo para você é pior do que a morte, eu lhe devolvo a liberdade. Vá, volte para o seu marido, que lhe é tão caro e... seja feliz! O carcereiro não mais irá meter-se em sua vida e de longe irá abençoá-la pelo momento de felicidade que você me proporcionou.

Ericso estremeceu e ficou muda de surpresa. Olhou para o rosto desolado e como se envelhecido de Amenhotep. Ela imediatamente pesou e avaliou a dádiva inesperada — e, de repente, a vida pareceu-lhe indescritivelmente vazia e sem sentido; o futuro, com a sua inevitável perda de tudo que lhe era caro, era um escuro abismo, cheio de lágrimas e sofrimento. Diante dela, erguia-se a velhice, com seu rosto enrugado, cabelos brancos e costas curvadas — e ela, que sempre foi jovem e bonita, ficou horrorizada com a idéia.

Não! Ela queria morrer no auge de sua beleza, queria ser chorada pelo próprio Amenhotep e viver eternamente como uma feliz aparição nas lembranças de Richard.

Não — objetou ela, balançando a cabeça pensativamente —, dê-me a morte! Eu cansei, anseio pelo descanso e quero bater, finalmente, as minhas asas espirituais e voar para o infinito. Será que você, Amenhotep, que esteve no mundo desconhecido, tentará me convencer a não voltar para lá?

Um rouco suspiro escapou do peito do mago. Sem dizer nada, ele voltou-se e vagarosamente se dirigiu ao laboratório, afundando-se sem forças na poltrona junto à mesa.

Ele refletiu por algum tempo, apoiando a cabeça no braço. Seu coração estava destruído por um golpe mortal, mas o poderoso e disciplinado espírito foi aos poucos readquirindo o autocontrole habitual.

Quem com ferro fere, com ferro será ferido! A saga sobre o calcanhar de Aquiles é eternamente justa — murmurou. — Eu deixei que uma paixão desordenada dominasse a minha razão, fiquei cego e não percebi quando na cabeça desta mulher surgiu essa diabólica idéia. Mas agora é tarde: devo cumprir a minha palavra.

Ele puxou para si uma taça, encheu-a até a metade com vinho e acrescentou algumas gotas de um líquido incolor. Em seguida, voltou vagarosamente ao terraço. Quando passou pelo quarto, onde ainda ontem ele era tão feliz, a taça parecia-lhe pesada como uma rocha.

Ericso aguardava-o, encostada na coluna. Ela olhava pensativamente o nascer do sol, cujo poente ela já não veria. Ao ouvir os passos de Amenhotep, ela voltou-se. O mago adquiriu a sua habitual aparência severa e orgulhosa. Uma profunda ruga cortava a sua testa pálida e o seu olhar era como sempre brilhante

e indevassável. Sua mão tremeu quando ele estendeu a taça à Ericso e disse com voz surda:

- Pegue! Isto lhe dará a morte, que você exige como pagamento pelo seu amor. Está pago!

Ela fitou-o surpresa. Depois, vagarosamente, estendeu a mão e pegou a taça. Por um momento seu olhar vagou pensativamente pela paisagem mágica que a cercava e parou em Amenhotep, que encostado na coluna olhava para ela soturno. Ela levou rápido a taça aos lábios e tomou tudo de um só gole.

Um tremor gélido correu por todo o seu corpo e ela empertigou-se toda, os olhos esbugalharam e pela face espalhou-se um rubor febril. Os raios do sol brincavam nos seus dourados cabelos soltos e no bordado prateado da túnica, envolvendo-a por inteiro com uma luz dourada. Nunca ela esteve tão maravilhosamente bela como neste minuto. De repente, ela empalideceu, seu rosto adquiriu uma cor acizentada e ela tombou sobre as lajotas de pedra. Um minuto após, Ericso aparentava uma estátua incolor.

Amenhotep debruçou-se sobre ela e deu um sopro: levantou-se uma nuvem de pó cinzento e o vento matinal espalhou-o.

- Onde está você, alma que habitava este invólucro perecível? — murmurou o mago, pegando um punhado dos restos mortais que representavam o corpo de Ericso.

Abatido pela dor, ele soltou um gemido e sentou nas lajotas de pedra.

Quanto tempo passou naquele torpor, cheio de desespero, nem ele mesmo poderia dizer. O toque de uma mão fê-lo voltar a si; uma voz perguntava-lhe curiosa:

- Quem é você, velho? Como ousou penetrar aqui? Amenhotep endireitou-se e reconheceu Viaskhagan um de seus discípulos. Mas por que ele não o reconheceu? Amenhotep levantou-se maquinalmente e deixou-se conduzir para os portões do jardim. Nem bem o discípulo desaparecera nas sombras das árvores, Amenhotep saiu do estado de entorpecimento que selara os seu lábios e, voltando rapidamente ao palácio, trancou-se no laboratório.

Ao parar pensativo, ele apertou a cabeça com as mãos. Depois, com gesto decidido, puxou a cortina e olhou-se num grande espelho.

Quem é você? — ele poderia também repetir as palavras de Viaskhagan, ao ver um ancião de cabelos grisalhos, curvado e enrugado — uma imagem repugnante de um organismo corroído e destruído pelo tempo.

- O que foi que eu fiz? — exclamou, recostando-se, sem forças, na poltrona e cobrindo o rosto com as mãos trêmulas.

Amenhotep, o sábio asceta, cuja alma vivia somente nas puras esferas do trabalho e da ciência — resistia à ação do tempo, mas no momento em que esta alma foi dominada pela sedução da carne, foram suficientes algumas horas de felicidade e amor, desilusão e infelicidade, ou por outra — de fortes sensações da vida humana —, para destruir o baluarte secular... e a inflexível lei cósmica vingou-se.

Amenhotep entregou-se à paixão, tocou numa mulher que pertencia ao homem mundano e os fluidos vulgares e materiais com os quais este homem impregnou Ericso envenenaram o organismo puro, virginal e harmônico do mago, transformando-o num ancião numa única noite.

E claro que ele podia viver, podia com a sua ciência manter em seu corpo desgastado a chama da vida, mas ele já não podia voltar a ser jovem, não podia tirar as rugas do rosto, nem dar aos seus membros a flexibilidade e a força da juventude. Enfim, ele não podia destruir os vestígios de seu contato com a vida mundana. Com passo cansado, Amenhotep dirigiu-se até uma grande janela aberta, sentou-se na poltrona e, debruçando-se no parapeito da janela, mergulhou em pensamentos obscuros.

O que ele fez? Para que lhe serviram os estudos das leis de existência? Para cair numa armadilha em que somente um ignorante cairia!

Qualquer esbanjador da vida se torna seu próprio algoz; a partir do momento em que ele experimenta o prazer, ele quer ter este prazer eternamente e não mais consegue frear seus desejos.

No entanto, ele, Amenhotep, um sábio e um mago, que durante séculos conservou aquela mulher, tal qual um avaro guarda seu ouro, para possuí-la no momento determinado, via agora que o destino escarnecia dele. Tudo saiu errado e o momento de prazer, obtido a tal preço, custou-lhe demasiadamente caro. O que ele faria agora? Voltar ao trabalho, estudar os infinitos mistérios da natureza e durante os séculos vindouros ficar evitando a morte? A idéia dava-lhe aversão. O que, de fato, lhe proporcionou uma longa vida e todos os tesouros da ciência adquiridos? Estaria ele satisfeito com aquilo? Mais próximo do objetivo? Não! Após um longo caminho de vida percorrido, diante dele ainda se estendia uma escada, tão infinita como o Ser Superior, ao qual aspira o homem em sua lenta evolução.

Amenhotep levantou o olhar cansado para o céu. A noite descia e o firmamento escuro brilhava em bilhões de estrelas feito diamantes. Ele olhava pensativamente e triste para o manto imperial do Eterno. Desvendando mistérios com a insaciável sede de saber e perseguindo os objetivos distantes, por todo lugar trabalhavam, lutavam e sofriam os espíritos humanos. E quando, fatigados, trôpegos e cobertos de suor, eles, aparentemente, estavam prontos para agarrar a tocha ardente do conhecimento

absoluto, esta parecia afastar-se para uma escuridão indevassável e novamente atrair para si.

- Afinal, onde está o fim do caminho? — murmurou Amenhotep.

Sua cabeça pendeu pesadamente sobre o peito. Um cansaço mortal e uma invencível sede de paz e esquecimento apoderaram-se dele.

- Quero morrer. Talvez no mundo invisível eu encontre novas forças para trabalhar e novamente tenha a coragem e a energia que me faltam agora — disse ele, levantando-se. — Mas quero morrer junto à minha pirâmide no deserto. Que ninguém saiba que eu sucumbi; que ninguém saiba onde eu desapareci! "Eles", que por ora estão distantes desta derrota, só dariam de ombros — acrescentou — e uma chama faiscou em seu olhar.

Amenhotep vestiu uma capa escura, pegou o seu cajado de viagem e, saindo do palácio, desapareceu na escuridão da noite. O caminho não oferecia perigos que ameaçavam os simples mortais. Ele aplacava tempestades e as ondas, por sobre as quais ele andava como em terra firme, levavam o corpo leve do mago, mal molhando suas sandálias e as pontas da capa.

Assim, sem ser notado, Amenhotep chegou à pirâmide dentro da qual passou séculos inteiros. Sentando-se na poltrona no seu gabinete de trabalho, ele examinou demoradamente os objetos tão queridos e conhecidos.

- Adeus, testemunhas mudas de meu trabalho, e você, meu abrigo de paz onde eu me esquecia do tempo. Do interior de suas paredes, eu levarei o mais precioso dos meus poderes: o romper voluntário dos laços que me prendem ao corpo. O mago pode morrer quando assim o deseja... — murmurou, e um sorriso orgulhoso da consciência da própria força iluminou-lhe o rosto.

Amenhotep passou para o quarto contíguo, tomou um banho e vestiu uma fina e alva túnica de linho. Prendeu no peito uma insígnia dourada, em cujo centro refulgia a estrela de cinco pontas — simbolizando todos ramos de conhecimento adquiridos por ele. Em seguida, tirou do escrínio uma coroa de maravilhosas flores, tão frescas como se tivessem sido recém-colhidas, e colocou-a sobre a cabeça. Apanhando o cajado mágico, dirigiu-se para a saída.

Ainda era noite quando Amenhotep saiu da pirâmide. A sua volta estendia-se o deserto, mergulhado na escuridão e silêncio. Não se ouvia o menor ruído, nenhuma voz. Nada constrangia o profundo e majestoso silêncio, como se a natureza e os animais entendessem que o grande obreiro fosse se retirar para o descanso e prestassem a homenagem ao mistério.

Amenhotep andou uns cem passos, parou e voltou-se para a pirâmide. Concentrou-se por um instante e, sob a força de sua poderosa vontade, dominadora dos elementos, parecia que ele havia readquirido as forças e a aparência jovem. A alta figura

endireitou-se, as rugas desapareceram e no olhar fulgiu uma chama. Pela última vez a carne curvava-se e obedecia, feito cera macia, à sua poderosa força motora — a vontade.

Erguendo as mãos para o alto, Amenhotep entoou um canto cadenciado, realizando encantamentos numa linguagem desconhecida. Um instante após cintilou uma luz verde.

A luz começou a crescer, adquiriu uma coloração púrpura e envolveu o mago como uma ampla aura. De todos os lados, ouviu-se o crepitar e o assobio de tempestade. Depois, de todas as partes, como se surgissem da terra e do ar, começaram a aparecer criaturas estranhas. Umas tinham asas, outras rastejavam; era impossível descrever a diversidade de suas formas, coloração e aparência. Vieram como uma nuvem e cercaram o mago, curvando-se diante dele.

E então soou a vibrante voz de Amenhotep: Espíritos elementais, meus servos fiéis, executores da minha vontade! Saiam da terra, do ar, da água e do fogo! Convoco-os para libertá-los do juramento que me prestaram! Espalhem-se livres pelo norte, sul, leste e oeste ou vão servir a outro senhor!

Gritos penetrantes e dilacerantes ouviram-se em resposta. As massas etéreas estremeceram, agitaram-se e moveram-se em sua direção, como se quisessem atacá-lo, mas Amenhotep levantou o braço, armado com o cajado mágico e exclamou:

- Para trás, espíritos elementais! Dêem passagem para o mago!

As criaturas inferiores recuaram e desapareceram na escuridão. A luz verde apagou-se e foi substituída por uma delicada luz dourada. Amenhotep abaixou-se sobre um joelho e sobre o outro quebrou o seu cajado mágico.

O leve estalido do cajado quebrado foi acompanhado por um distante ribombar do trovão. Um raio cintilante cortou o céu negro, iluminando, como uma clarão de incêndio, o deserto e a velha pirâmide. De repente, no fundo purpúreo delineou-se uma gigantesca figura masculina, envolta numa capa branca de brilho ofuscante. Estava cercada por sete espíritos que brilhavam. Amenhotep caiu de joelhos e seu rosto inundou-se de uma felicidade celestial. Estendendo as mão para a fulgurante visão, ele murmurou:

- Hermes! Meu mestre e tutor! Você concedeu a honra de aparecer nesta hora solene ao seu indigno discípulo!

Um sorriso de infinita bondade iluminou as feições do grande iluminador do Egito; inclinando-se sobre Amenhotep, ele tocou-lhe com a mão a fronte e disse:

- Você trabalhou com disposição, meu discípulo!

Retorne agora ao mundo invisível para libertar-se das remanescentes fraquezas humanas.

Uma luz ofuscante jorrou da mão transparente de Hermes, transformando em cinzas o corpo carnal do mago.

A alma de Amenhotep elevou-se para o éter, seguindo o seu grande mestre. Uma fileira de espíritos brilhou por um instante no espaço e tudo pareceu desvanecer-se na névoa cinzenta, prenúncio do amanhecer.

Passaram-se três dias depois do despertar de Richard e do desaparecimento de Ericso. O barão estava bem fisicamente, mas o estranho e terrível drama que ele havia vivenciado desabou feito uma nuvem de chumbo sobre o espírito de três homens e isto repercutia negativamente para todos os habitantes do castelo.

Anoiteceu. O conde, o barão e o professor, atormentados pela dor da desgraça, reuniram-se em silêncio na biblioteca. A lâmpada sob um escuro abajur iluminava fracamente seus pálidos e abatidos rostos. Todos pensavam em Ericso. O que poderia ter feito a ela o seu misterioso e terrível raptor?

De repente, pancadas secas nas paredes e no teto fizeram-nos estremecer a todos. No mesmo instante, um bafejar de vento frio, que parecia vir da janela aberta, percorreu o recinto e apagou a lâmpada.

Todos permaneceram sentados petrificados. Eles sentiam a presença de algo misterioso que lhes provocava gélidos arrepios.

- Olhem para a mesa! — sussurrou Richard, com a voz embargada.

Todos olharam para a grande mesa redonda abarrotada de livros e papéis.

Acima da mesa girava no ar uma esfera branca, de matiz azulado, como se feita de algodão. A sua rotação era acompanhada por uma nuvem de faíscas emitidas pela esfera, que estalavam feito uma descarga da garrafa de Leyden.

De repente tudo se apagou, ouviu-se o farfalhar de papéis, a queda de um objeto sobre a mesa — e a lâmpada acendeu-se novamente.

Atônitos e com a respiração contida, todos permaneceram sentados imóveis em seus lugares. Richard foi o primeiro a recuperar-se; correu para a mesa e viu sobre ela um bolo de papéis.

Ele voltou apressadamente para a luz da lâmpada e debruçou-se sobre o manuscrito, cuja caligrafia lhe era familiar.

- São notícias de Almeris! — exclamou contente.

Mas ao ler as primeiras páginas ele deu um forte grito, empalideceu mortalmente e recostou-se na poltrona.

- Ericso faleceu! — sussurrou, surdamente.

Um som delicado, feito um lamento de harpa eólica, interrompeu o silêncio que se fez após as palavras de Richard. No meio do quarto surgiu uma sombra transparente com a aparência de uma mulher viva, vestida de branco e com longos cabelos dourados cobrindo-a numa espécie de capa.

- Estou livre! Adeus, até o encontro em nossa terra natal.

A aparição sorriu e acenou com a mão em sinal de despedida. Depois, oscilando levemente, elevou-se e pareceu dissipar-se no ar.

Algumas horas mais tarde, quando todos estavam mais calmos, Richard pegou o manuscrito e com a voz embargada de lágrimas leu o relato detalhado sobre a morte de Ericso e a última cena entre ela e Amenhotep, que já descrevemos ao leitor.

Passou-se um ano e meio. Encontramos Richard e o professor no castelo Leerbach, onde o barão se refugiou, após a morte do sogro, em conseqüência de um choque apoplético. Ambos estavam sentados diante de uma grande escrivaninha, sobre a qual repousava uma esfinge entre os retratos de Almeris e Ericso.

O barão envelhecera muito. Os seus cabelos negros apresentavam fios prateados e o rosto estava marcado por uma profunda e sombria tristeza. Aparentemente, as extraordinárias aventuras das quais ele fora protagonista deixaram profundas marcas tanto na sua alma como no corpo.

Neste momento ele folheava pensativo um grande livro em luxuosa encadernação, que trazia na capa o título: "Os segredos da pirâmide de Gizé"

- E mesmo assim, Richard, ainda acho que cometemos uma tolice, publicando as nossas aventuras. Ninguém vai acreditar nisso observou o professor.

- Não importa! Já se duvidou de tanta coisa que mais tarde se revelou verdade! — considerou o barão, sorrindo. Não acreditaram nem em Galileu! E eu sigo o exemplo dele e digo — "e pur si muove".